

CARINA SARTORI

**ENTRE A FRANÇA E O BRASIL:
O ITINERÁRIO ATLÂNTICO DE MICHEL-MARIE DERRION (1803-1850)**

LA ROCHELLE/ASSIS

2019

CARINA SARTORI

**ENTRE A FRANÇA E O BRASIL:
O ITINERÁRIO ATLÂNTICO DE MICHEL-MARIE DERRION (1803-1850)**

Tese apresentada à Universidade de La Rochelle em
cotutela com a Universidade Estadual Paulista (UNESP)
para obtenção do título de Doutor em História (Área do
Conhecimento: História Contemporânea).

Orientadores: Laurent Vidal e Tania Regina de Luca

Bolsista do Ministère de l'enseignement supérieur et de la
recherche - France.

LA ROCHELLE/ASSIS

2019



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



**ENTRE A FRANÇA E O BRASIL:
O ITINERÁRIO ATLÂNTICO DE MICHEL-MARIE DERRION (1803-1850)**

Tese apresentada à Universidade de La Rochelle em cotutela com a Universidade Estadual Paulista (UNESP) para obtenção do título de Doutor em História (Área do Conhecimento: História Contemporânea).

Orientadores: Laurent Vidal e Tania Regina de Luca

Bolsista do Ministère de l'enseignement supérieur et de la recherche - France.

La Rochelle/Assis

2019

S251e Sartori, Carina
Entre a França e o Brasil: O itinerário Atlântico de
Michel-Marie Derrion (1803-1850) / Carina Sartori. --
Assis, 2019
253 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Laurent Vidal
Coorientadora: Tania Regina de Luca

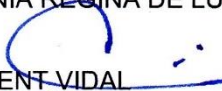
1. Michel-Marie Derrion. 2. Biografia. 3. Itinerário
Atlântico. 4. Imigração Francesa. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE CARINA SARTORI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS.

Aos 07 dias do mês de março do ano de 2019, às 14:00 horas, no(a) Université de La Rochelle - Paris/França, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. TÂNIA REGINA DE LUCA - Orientador(a) do(a) UNESP/ASSIS, Prof. Dr. LAURENT VIDAL do(a) Université de La Rochelle - Paris/França, Profa. Dra. MARIA STELLA MARTINS BRESCIANI do(a) UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas, Prof. Dr. GUY MARTINIÈRE do(a) Université de La Rochelle - Paris/França, Prof. Dr. JOHN MERRIMAN do(a) Yale University - USA, Prof. Dr. MICHEL RIAUDEL do(a) Université de Paris IV Sorbonne Nouvelle - França, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de CARINA SARTORI, intitulada **ENTRE FRANCE ET BRÉSIL : L'ITINÉRAIRE ATLANTIQUE DE MICHEL-MARIE DERRION (1803-1850)**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. TÂNIA REGINA DE LUCA
Prof. Dr. LAURENT VIDAL
Profa. Dra. MARIA STELLA MARTINS BRESCIANI
Prof. Dr. GUY MARTINIÈRE
Prof. Dr. JOHN MERRIMAN
Prof. Dr. MICHEL RIAUDEL

Defesa realizada através de Convenção de Cotutela entre a UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Brasil e a Université de La Rochelle - Paris/França (Processo nº 1469/2014)

Orientadores:

Profa. Dra. Tânia Regina de Luca
UNESP/Assis - Brasil

Prof. Dr. Laurent Vidal
Université de La Rochelle - Paris/França

Um pouco de toda esta aventura é para você Miss Bê ...

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer:

Ao Governo francês e à *Université de La Rochelle* por todo o apoio financeiro - *Contrat docotral du Ministère de l'enseignement supérieur et de la recherche* ;

A todos os empregados do Archive National de France (Pierrefitte-sur-Seine) et da Bibliothèque Nationale de France - Bibliothèque de l'Arsenal - que me receberam com muito carinho, paciência e, sobretudo, dedicaram um tempo considerável do seu trabalho para fotocopiar, em alta qualidade, as cartas escritas por Michel Derrion;

Ao Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em especial a funcionária Adriana do setor de *Obras raras*;

A Université de La Rochelle e o Laboratório CRHIA pelo apoio financeiro durante os cinco anos de realização desta tese que representa um estudo Atlântico;

A toda a equipe de l'*Ecole Doctorale*, Isabelle, Jennifer, David e Karim;

Especialmente a Isabelle Marchesseau, pela sua atenção, dedicação, colaboração e o excelente trabalho realizado como secretária do Laboratório, mas, também, como uma grande amiga que nas horas finais da tese soube dizer palavras doces e sempre servidas com café! Muito obrigada Isa!!!

A Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho - Assis.

Um agradecimento especial à Sueli pela paciência com todos os documentos e desafios burocráticos vividos entre as duas instituições;

A todos os colegas de Assis que me acolheream durante o período de Cotutela;

A Laura Pecourt e toda a sua família, pela afeição e amor fraternal durante este longo caminho entre La Rochelle, Loiré sur Nie e o Brasil;

A Elo e as suas importantíssimas taças de vinho na casa de seus pais à Ile de Ré;

A Laurence Destemberg e Pepe pelo Natal em família de 2014;

A Jean-Sébastien, Thibault e Laurence pelas viagens e os finais de tarde próximo das cores apaixonantes do mar;

A Rémy e a todos os colegas do departamento LEA-La Rochelle Université;

A todos os brasileiros (presque rochelais), Juninho, Jana e Lívia, que me obrigavam a sair da minha *Tour Rochelaise* para descontraír um pouco da difícil escrita;

E, é claro, a duas pessoas que estiveram ao meu lado desde o início: Thomas depuis de 2013 e Priscilla de 2004. Obrigada meus amigos por estarem a cada minuto comigo e, sobretudo, pela paciência e os cafés da tarde. A vocês dois, muito obrigada mesmo.

A minha família, que mesmo estando do outro lado do Atlântico, sempre soube encontrar uma maneira estranhamente engraçada de me “xaropiar”;

Em último, mas não menos importante:

A Laurent Vidal, pela confiança, paciência e sabedoria;

A Tania Regina de Luca, pela força, carinho e, acima de tudo, as questões pertinentes que visavam melhorar a tese.

« (...) celui qui devient biographe s'oblige au mensonge, aux secrets, à l'hypocrisie (...), car il est impossible d'obtenir la vérité biographique » Freud.

« ...peut-être parce que je ne crois pas en l'écriture, l'écriture fausse tout, vous les écrivains vous êtes de faussaires. Ou peut-être parce que chacun doit emporter sa vie dans sa tombe. Je veux dire la vraie vie, celle qu'on vit à l'intérieur ». Tabucchi.

SARTORI, Carina. *Entre a França e o Brasil: O itinerário Atlântico de Michel-Marie Derrion (1803-1850)*. 2019. Tese (Doutorado em História). – Universidade de La Rochelle, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

Michel-Marie Derrion nasceu em Lyon no penúltimo ano da República Consular. Durante sua juventude, ele viveu em meio às lutas proletárias no bairro Croix-Rousse e participou de conferências sobre os pensamentos de Saint-Simon e Charles Fourier, quando não trabalhava na oficina de seda de seu pai. Em 1834, publicou sua primeira brochura sobre a formação de um fundo social para a organização do comércio justo e solidário. Nos anos seguintes, fundou em Lyon a primeira cooperativa chamada *Le Commerce Véridique et Social*. O estabelecimento entrou em colapso em 1837 e ele decidiu deixar Lyon para viver em Paris. Na capital, ele se relacionou com outros fourieristas e, em 1841, fundou a *União Industrial*. Esta última, uma comunidade estruturada no pensamento de Charles Fourier, se estabeleceu no sul do Brasil. O projeto da colônia, que começou em dezembro de 1841, não teve sucesso. Michel Derrion morreu em 12 de março de 1850, no Rio de Janeiro. A história de vida de Michel-Marie Derrion oferece um estudo de caso relevante para a questão da imigração francesa no Brasil na primeira metade do século XIX. Assim, este projeto, que faz parte de uma abordagem biográfica, tem por objetivo esboçar as experiências vividas por Michel Derrion (de Lyon - Paris - Brasil), as suas relações, as suas redes profissionais e as suas convicções políticas; como também visa estudar o seu deslocamento baseado num ideal, num contexto de trocas Atlânticas entre a França e o Brasil.

Palavras-chaves: Michel-Marie Derrion, Biografia, Itinerário Atlântico, Imigração, Fourierismo, Saint-simonismo.

SARTORI, Carina. *Entre France et Brésil : L'itinéraire Atlantique de Michel-Marie Derrion (1803-1850)*. 2019. Thèse (Doctorat en Histoire) – Université de La Rochelle, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUME

Michel-Marie Derrion naît à Lyon l'avant-dernière année de la République consulaire. Durant sa jeunesse, Michel Derrion *fils* vit au milieu de luttes prolétariennes dans le quartier de la Croix-Rousse et assiste à des conférences sur les pensées de Saint-Simon et Charles Fourier, lorsqu'il ne travaille pas dans l'atelier de soie de son père. En 1834, il publie sa première brochure sur la formation d'un fond social destiné à l'organisation du commerce juste et solidaire. Les années suivantes, il fonde la première coopérative industrielle à Lyon appelée *Le Commerce Véridique et Social*. L'établissement s'écroule en 1837 et Michel Derrion quitte Lyon pour aller à Paris. Là-bas, il fait de nouvelles connaissances et fonde en 1841 l'*Union Industrielle* avec d'autres sociétaires. Cette dernière est une communauté structurée selon les idées de Fourier et Saint-Simon qui a pour objectif de s'établir au sud du Brésil. Le projet de colonie débute en décembre 1841 mais s'avère être un échec pour des raisons politiques. Michel Derrion décède le 12 mars 1850, à Rio de Janeiro. L'histoire de Michel-Marie Derrion offre un cas d'étude pertinent pour la connaissance des migrations françaises au milieu du XIX^e siècle. Il s'agit d'une part, du mouvement qui pousse de jeunes hommes provinciaux vers Paris à la recherche d'un travail et d'une autre liberté, et d'autre part, de celui qui conduit au-delà de l'Atlantique, au Nouveau Monde. Ainsi, ce projet, qui s'inscrit dans une démarche biographique, cherche à esquisser les expériences de vie de Michel Derrion tout au long de son existence (de Lyon à Paris et au Brésil), ses relations, ses réseaux professionnels, ses convictions politiques ; comprendre son mouvement de migrant, dans un contexte d'échanges atlantiques entre la France et le Brésil.

Mots-clés : Michel-Marie Derrion, biographie, itinéraire transatlantique, immigration, fouriérisme, saint-simonisme.

SARTORI, Carina. *Bettween France and Bazil: The atlantic itinerary of Michel-Marie Derrion (1803-1850)*. 2019. Thèse (Doctorat en Histoire) – Université de La Rochelle, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

ABSTRACT

Michel-Marie Derrion was born in Lyon in the penultimate year of the Consular Republic. During his youth, Michel Derrion fils lived in the midst of proletarian struggles in the Croix-Rousse district. He used to attend conferences about Saint-Simon and Charles Fourier thoughts, when he was not working in his father's silk workshop. In 1834, he published his first brochure about the formation of a social fund for the organization of fair trade. In the following years, he founded the first industrial cooperative in Lyon called *Le Commerce Véridique et Social*. This establishment collapsed in 1837 and Michel Derrion left Lyon to go to Paris. There, he made new acquaintances and founded the Industrial Union with other members in 1841. The latter was a community structured according to the ideas of Fourier, which objective was to settle in southern Brazil. The colonial project began in December 1841 but proved to be a failure for political reasons. Michel Derrion died on March 12, 1850, in Rio de Janeiro. The story of Michel-Marie Derrion offers a relevant case study to develop the knowledge of French migration in the mid-19th century. It comprised the migration that pushed young provincial men to Paris looking for work and freedom but also the migration that led across the Atlantic to the New World. This biographical project aims to investigate the Michel Derrion's life experiences (from Lyon to Paris and Brazil), his relationships, his professional networks, his political convictions and his migration, in a context of Atlantic exchanges between France and Brazil.

Keywords: Michel-Marie Derrion, Biography, Transatlantic itinerary, Immigration, Fourierism, Saint-simonism.

SUMÁRIO

Lista de imagens	13
-------------------------------	-----------

Lista de abreviações	14
-----------------------------------	-----------

Introdução

Um certo Michel Derrion.	17
Em busca do método	18

1. Capítulo

1. Les mots.	37
1.1. Servo de um ideal	39
1. 2. Acasos: as vezes Michel, outras Derrion.....	40
1.3. Ao Pai	43
1.4. Memórias: uma tulipa de pedra.....	66
1.4.1. Puzzle: os amores em cinco peças.....	83
1.5. Um sentimento Fourierista.	86
1.6. Mon destin.....	94

2. Capítulo

2. Personnage atlantique.....	97
2.1. Entre dois mundos.....	99
2.2. As borboletas perdidas e o Imperador.....	110
2.3. Os <i>quiproquos</i>	122
2.4. As terras no Sul do Brasil: o Sahy.....	133
2.5. Puzzle: Jamain, Derrion e Mure.....	141
2.6. De um porto ao outro	145
2.7. « Pour l’amour de la Concorde ».....	151
2.7.1. Puzzle: uma peça chamada Jamain	166
2.8. Admirável perseverança.....	169
2.9. « Malgré les bonnes intentions ».....	175
2.10. Les tentatives d’une vie.....	182

3. Capítulo

3. Un peu de moi-même, Michel.....	185
3.1. Reencontros.....	186
3.2. Destino e destinos.....	188
3.2.1. Puzzle: Lucie e Michel.....	202
3.3. Derrion: « Au nom de Fourier qui m’entend ».....	210
3.4. Epitáfio	221
3.5. <i>Deus qui non mortem</i>	222
3.6. Petulante decadência	231
3.6.1. Puzzle: algumas peças a mais.....	234
3.7. Miche-Marie Derrion	239

Conclusão	241
------------------------	------------

Bibliografia	248
---------------------------	------------

LISTA DE IMAGENS

Fig. 1: FERAT, Intérieur d'un canut en 1831, gravure.....	44
Fig. 2 : Plan du pennonage de la Grande Côte, AML.	46
Fig. 3 : Monument en hommage au Commerce Véridique Social, 2013.	71
Fig. 4 : LEYMONNERY, <i>Rue de la Vannerie (actuelle avenue Victoria)</i> , 4ème arrondissement. Paris. Dessin, 17,6x6,7cm, 1853.....	88
Fig. 5 : RODRIGUEZ, Eugenio, Pianta della città di S. Sebastiano di Rio de Janeiro, Nápoles, Itália, Real Litografia Militare, col., 42 x 64, 1844.....	188
Fig. 6 : Hôtel Pharoux, s/d.....	197

LISTA DE ABREVIACÕES

Arquivo Municipal de Joinville - **AMJ**

Archives Municipales de Lyon - **AML**

Arquivo Público do estado de Santa Catarina - **APESC**

Bibliothèque National de France - **BMF**

Bibliothèque Municipale de Lyon - **BML**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - **BNRJ**

Introdução

Um certo Michel Derrion

Sentada na borda do mar, eu passei algumas horas a observar o meu Sahy e suas cores verde, amarela e marrom que se fundiam pouco a pouco durante o ano. Ali, eu também escutei histórias de homens, mulheres e crianças que haviam atravessado o mar, em meados do século XIX, para erigirem naquela mata uma comunidade socialista. Nada deu certo... De todos, um número confuso em minha memória, apenas me lembro de ter me apaixonado por um deles. O seu nome era Michel e ele tinha nascido em Lyon.

Daquelas tardes na beira do mar, tu nunca quiseste me conhecer. Talvez pela diferença de idade, pela língua ou mesmo pela cultura... Eu não sei... Entretanto, eu não deixei de te conhecer. Eu conheci apenas o que foi possível e não reclamo. O que é mais importante é que o que foi possível conhecer de você, me permitiu escrever sobre você.

Hoje eu não olho para o meu Sahy e as suas cores. Hoje eu olho para a tua Croix-Rousse e todas as cores das casas, das ruas e dos invernos que tu deixaste. Eu não posso sentir o que tu sentiste e eu não quero. Entretanto, na busca de teus rastros eu posso viver as minhas ilusões sobre você. Eu posso, a bem da verdade, é afanar a sua vida e tragar teus erros e sonhos...

M. Derrion, estas páginas são sobre você. E eu quero que tu saibas que a história da tua vida será narrada por mim. Aquela que tu não quiseste conhecer nas tardes da beira do mar mas, que foi a única que te escutou quando ninguém mais te olhou...

Em busca do método ou percurso metodológico ou percurso da pesquisa:

« Biografia - 1. Narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem. 2. O suporte físico (livro, filme, texto teatral, disco ótico etc.) onde se insere uma biografia »¹.

Em Portugal, no ano de 1997, o escritor José Saramago publicou o livro *Tous les mons*². Na obra, o ganhador do prêmio Nobel de literatura (1997) narra a vida do sr. José, um empregado modelo do estado, que tem por mania colecionar fichas e dados para compor as histórias de vida de pessoas famosas. Numa noite de desventuras pelos arquivos, o sr. José apanha, por engano, a ficha de uma mulher desconhecida. É a partir da história incompleta da vida desta desconhecida que o personagem encontra, finalmente, a sua saga, ou o seu « fio de Ariadne ».

Em 2004 foi lançado nas salas de cinema o filme *The final cut*³, realizado pelo cineasta Omar Naim. Classificado como drama e *science-fiction*, a trama do filme gira em torno de Allan (Robin Willians), um homem solitário, devoto ao seu trabalho, e do novo objeto tecnológico - o implante cerebral - *Zoe* - que registra e edita toda a vida das pessoas.

Francisco Goya, entre os anos de 1819 e 1824, concebeu uma série de quatorze pinturas, nomeadas pelos críticos de arte de Pinturas Negras. Utilizando a técnica de óleo *al secco* - pintura sobre a superfície de reboco de parede - os quadros, que não foram nomeados pelo pintor, estavam distribuídos nos dois andares da casa *Quinta del Sordo*. Das quatorze telas que compõem as Pinturas Negras, *Las Parcas* é a que chama a atenção devido a representação do mito grego das Moiras, ou seja, das três irmãs que tecem o destino: Clotho, Lachésis e Atropos⁴. Apoiando-se no mito das fiandeiras gregas e na ideia de destino, o pintor espanhol, muito provavelmente, teve a intenção de representar todas as vidas - homens, mulheres, crianças - que desapareceram durante o governo absolutista de Fernando VII na Espanha.⁵

¹HOUAISS, Antonio, *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

²SARAMAGO, José, *Tous les noms*. Paris: Seuil. 1999.

³NAIM, Omar, *The final cut*. Lions gate film. Canada, EUA, Allemagne, 2004.

⁴Na cena de Goya tem-se as imagens de « Atropos, a la derecha, con sus tijeras era la encargada de cortar el hilo de la vida; Cloto, a la izquierda, porta una especie de figurilla que podría simbolizar el alma; en el centro aparece Laquesis que mira a un objeto identificado como una lente o un espejo, símbolo de lo transitorio » e, ainda, de uma quarta figura « con las manos atados a la espalda sería posiblemente el ser humano que es llevado por las Parcas a su destino ». Cf. FORADADA, Carlos, La tortura en el rostro: Las Parcas de Goya en las fotografías de Laurent. In.: *Revista Estudios de arte*. Asociación Aragonesa de críticos de arte, nº28, setiembre 2014. Disponível em: <http://www.aacadigital.com/contenido.php?idarticulo=1007> Consultado: janeiro de 2016.

⁵FORADADA, C., *op. cit.*.

No ano de 1996, o historiador Serge Gruzinski dedica cerca de quatrocentas páginas a história da cidade do México, cujo percurso escolhido foi o de partir das ruas da cidade e suas relações com o cinema, as artes, as pessoas e a política entre os idos de 1990, passando pelo tempo da conquista espanhola e suas mestiçagens e terminando nos anos 1980. Em sua cronológica para narrar a vida da cidade do México, o historiador francês busca « *mettre un semblant d'ordre dans le chaos de nos mémoires* ». ⁶

Tera bytes cerebrais capazes de editarem vidas; um homem solitário que passa a viver a história de vida de uma desconhecida no ensejo de amenizar os amores e as angustias; a pintura que emerge dos mitos gregos para retratar as inúmeras vidas que foram perdidas por ideais; uma cidade que teve a sua história narrada a partir de seus mitos e imagens. Palavras, memórias e representações que evocam mitos gregos e lendas, como metáforas, para narrar histórias de vida. Então, qual é o encanto ou mesmo o poder que o ato de escrever uma vida exerce sobre os pesquisadores na história?

**

« Biografia – (...) 3. A história da vida de alguém. 4. Compilação de biografias de homens célebres. 5. Gênero literário cujo objetivo é o relato da aventura biográfica de uma pessoa ou de uma personagem. 6. Ciência relativa a uma espécie de descrição » ⁷.

A palavra biografia tem sua origem na língua grega e significa « escrever a vida ». Como estudo de vidas, segundo Sabina Loriga, o termo apareceu somente, em meados do século XVII « *pour désigner une œuvre véridique, fondée sur une description réaliste, par opposition à d'autres formes anciennes d'écriture de soi qui idéalisaient le personnage et les circonstances de sa vie* » ⁸. Nos séculos seguintes, entre o XVIII e XIX, os estudiosos que se consagraram à biografia tentaram buscar um equilíbrio entre verdade histórica e a literária. Entretanto, é somente em meados do século XX que o escrever a história de uma vida sofreria consideráveis

⁶GRUZINSKI, Serge. *Histoire du Mexico*. Paris: Fayard. 1996. p. 7-9.

⁷HOUAISS, A. *op. cit.*.

⁸LORIGA, Sabina. *Le petit x: De la biographie à l'histoire*. Paris: Seuil. 2010. p. 17.

alterações, tanto na maneira de abordar os fatos quanto na composição do seu estilo narrativo. Assim, de uma escrita « *superficielle, anecdotique, platement chronologique*⁹ » e quase sempre dedicada a reis, religiosos e heróis, a biografia passou a se preocupar em estudar fragmentos do cotidiano ou experiências específicas de personagens ditos ordinários.

Esquecidos ou mesmo silenciados, devido às divergências ocorridas entre os pesquisadores na maneira de conceber o banal na história ou pelo simples fato da ausência de dados nos arquivos, os estudos destes casos podem permitir uma análise acerca da cultura, do pensamento e do homem em seu meio num determinado momento e espaço vividos¹⁰. Estas vidas, às vezes fragmentadas e outras compostas por múltiplas experiências, incitam os pesquisadores a novos questionamentos, análises e, é claro, a elaborar distintas metodologias para compor a narrativa biográfica. Acerca desta composição e elaboração, tanto no campo da história como na sociologia, inúmeros foram os pesquisadores que publicaram artigos e livros. Na Europa, por exemplo, há: Pierre Bourdieu, Jacques Le Goff, François Dosse, Jean-Claude Passeron, Giovanni Levi, Carlo Ginzburg, Ivan Jablonka e Sabina Loriga¹¹. No Brasil, mesmo se a biografia esteve muito tempo nas mãos dos jornalistas, como Fernando Moraes, alguns intelectuais se arriscaram a trabalhar arduamente: Antônio Candido, João José Reis, Mari Del Priore e Lilian Moritz Schwarcz¹². Na grande maioria dos trabalhos produzidos, especificamente nestes dois lados do Atlântico, os pesquisadores quase sempre se depararam com os desafios de escrever uma biografia e suas relações com a história e a literatura. Neste debate, em que ainda existe questões a serem analisadas, os temas da « *l'illusion biographique*¹³ » e sua aceitação de um « *postulat du sens de l'existence racontée*¹⁴ » ; « *l'utopie biographique*¹⁵

⁹LE GOFF, Jacques. « Comment écrire une biographie aujourd'hui ? ». In.: *Le Débat*, n° 54, mars-avril, 1989.

¹⁰VALENTI, Catherine. « La biographie historique en France: un essai d'historiographie ». In.: *Cercles : revista d'història cultural*. Universitat de Barcelona, n° 17, 2007. p. 145-161 ; ELEY, Geoff. *A crooked line: From Cultural History to the History of Society*, University of Michigan Press. 2005.

¹¹BOURDIEU, Pierre. « L'illusion biographique ». In.: *Actes de la recherche en sciences sociales*. vol. 62-63, juin 1986. p. 69-72.; LE GOFF, Jacques. *Saint Louis*. Paris: Gallimard. 2013.; DOSSE, François. *Le pari biographique. Écrire une vie*. Paris: La Découverte. 2005.; PASSERON, Jean-Claude. « Biographies, flux, itinéraires, trajectoires ». In.: *Revue française de sociologie*, XXXI. 1989. p. 3-22.; LEVI, Giovanni. « Les usages de la biographie ». In.: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*. 44^e année, n° 6. 1989. p.1325-1336.; GINZBURG, Carlo. *Les fromages et les vers: l'univers d'un meunier du XVI^e siècle*. Traduit par Monique Aymard. Paris: Aubier. 2009.; JABLONKA, Ivan. *Les vérités inavouables de Jean Genet*. Paris: Éditions du Seuil. 2014.; LORIGA, Sabin. *Le petit x: De la biographie à l'histoire*. Paris: Seuil. 2010.

¹²CANDIDO, Antonio. *Um funcionário na monarquia: Ensaio sobre o segundo escalão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2007.; MORAES, Fernando. *Chatô : o rei do Brasil*, São Paulo: Cia das Letras. 1994.; REIS, João José. *Domingos Sodré um sacerdote africano - Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras. 2008.; DEL PRIORE, Mary. « Biografia: quando o indivíduo encontra a história ». In.: *Topo*. v. 10, n° 19, jul-dez. 2009.; SCHWARCZ, Lilian M.; STARLING, Heloísa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

¹³BOURDIEU, P., *op. cit.*, p. 69.

¹⁴*Ibidem*.

¹⁵PASSERON, J-C., *op. cit.* p. 5-6.

» e o risco de se acreditar numa totalidade do narrado, sem pressupor a crítica e « *pourquoi et comment écrire une biographie historique*¹⁶ » ainda consome uma importante parte das introduções de livros e artigos. Para além destas querelas acerca dos desafios metodológicos da narrativa biográfica, das possibilidades e dos seus limites, a escrita de uma vida deve ser observada como uma maneira de restituir as complexas relações humanas, políticas e culturais de homens e mulheres cujas histórias foram colocadas a margem dos estudos. Entre limites e possibilidades, para iniciar esta pesquisa, uma questão deve ser colocada: Quais são os fois condutores que podem dar conta das escolhas e dos acasos que deram uma cor específica à vida de Michel Derrion?

*

Os primeiros momentos de uma pesquisa são quase sempre consagrados a compor o corpus documental de livros e documentos sobre o tema escolhido. No caso de Michel Derrion, a organização deste primeiro passo foi tomada a partir da decisão de escrever uma biografia. Quer dizer, conhecer os livros, as publicações e os pesquisadores que trabalharam com este gênero de produção nos dois lados do Atlântico - Brasil e França. A partir desta resolução, o passo seguinte foi o de visitar os arquivos em Lyon, Paris e Brasil para poder catalogar e se apropriar dos documentos deixados pelo personagem em questão. Entre uma investigação e outra, também foi realizado uma enquete na internet utilizando o nome e as variações do nome de Michel Derrion. O objetivo deste trabalho foi o de identificar os locais, os estudos e os possíveis pesquisadores que se dedicaram a conhecer o percurso de vida do lionês.

Em 1935, durante as comemorações do centenário da primeira *épicerie sociale*, também chamada de *Commerce Véridique et Social*, fundada por Michel Derrion e Joseph Reynier em Lyon, Jean Gaumont publicou a biografia de Derrion. Mesmo sendo uma leitura obrigatória para qualquer pesquisador que anseie escrever sobre Michel-Marie Derrion, a decisão de ler a obra foi protelada para depois que os arquivos na França e no Brasil tivessem sido catalogados. O motivo para esta leitura tardia baseou-se em dois pontos: o primeiro, dizia respeito à minha

¹⁶LE GOFF, J., *op. cit.*, pp. 15-34, 1013-1023.

idealização com relação ao homem que foi Michel Derrion, que conheci ainda criança no idos de 1992. O segundo, estava diretamente ligado à escolha metodológica da pesquisa. De minha parte, acreditei que ler a biografia de Jean Gaumont antes de começar as minhas próprias pesquisas poderia interferir na minha trajetória e, conseqüentemente, na minha vivência com os acervos e as fontes. É claro que tal decisão não foi tomada sem reflexão, mas deu-se a partir das leituras de Jacques Le Goff e Sanjay Subrahmanyam¹⁷. Enquanto o primeiro afirma que « *l'historien n'a pas avec le sujet d'une biographie le même rapport qu'avec d'autres problèmes historiques* »¹⁸ o segundo constata que a ideia de escrever uma biografia deve, às vezes, seguir um lado empírico ou casual pois, será desta maneira que o pesquisador aprenderá a elaborar seus próprios métodos¹⁹. Tendo em mente estas observações, a existência de uma biografia e da minha delicada relação com o sujeito, outras decisões deveriam ser tomadas para que os rumos da pesquisa fossem traçados. Desta forma, para tecer uma outra vida para o lionês, eu tive de optar por uma trajetória que fosse constituída de arquivos e acervos e, a partir destes dados, esboçar questões-chaves para decidir como escrever a biografia de Michel Derrion.

O começo de uma pesquisa biográfica é quase sempre o mesmo. Ela nasce com os primeiros dados do personagem, que são os números e os nomes que constam na certidão de nascimento e as três ou quatro linhas impiedosas da certidão de óbito. De maneira precisa e sem qualquer floreio, os dois documentos, que não devem ultrapassar mais de duas folhas de papel, resumem e traçam a trajetória de uma vida. No entanto, entre o nascimento e a morte existem eventos que foram experimentados pelo biografado. E estes momentos, que não são um sistema de coordenadas matematicamente pré-definidos ou mesmo certidões-modelos prontas para serem preenchidas e carimbadas pela burocracia, é que se encontram os pequenos detalhes que formam a história de uma vida. Desta maneira, se a vida significa existência e esta é um estado de atividades incessantes comum aos seres, num período compreendido entre o nascimento e a morte, então, como escolher qual o melhor momento a ser narrado? No caso de Michel Derrion, as palavras que devem contar a sua vida não poderiam conter apenas uma metade, quer dizer, narrar unicamente as experiências deste personagem em determinados momentos, sejam eles no Brasil ou na França.

Constituir o corpus documental para esta pesquisa, sabendo que a biografia deveria abranger os dois lados do Atlântico, exigiu uma dose de ousadia e, principalmente, de paciência. Michel-Marie Derrion não foi nenhum herói, homem religioso ou mesmo um importante

¹⁷LE GOFF, J., *op. cit.*, p. 15-34 ; SUBRAHMANYAM, S., *op. cit.*, 2014.

¹⁸LE GOFF, J., *op. cit.*, p. 1013-1031.

¹⁹SUBRAHMANYAN, S., *op. cit.*, p.25-48.

político. Logo, para encontrar rastros sobre a sua vida em arquivos careceu definir alguns pontos-chaves para que a pesquisa não contasse somente momentos decepcionantes a cada nova empreitada. Quer dizer, buscar os indícios deste personagem impôs, primeiramente, procurar referências e documentos que abordassem as suas vivências ideológicas e, a partir destas, encontrar outras possibilidades, tais como: relações de trabalho, moradias-viagens, círculo de amizades, amores, filhos, família etc. Desta forma, no Brasil, as pesquisas estiveram centradas no Michel Derrion enquanto um societário na Colônia francesa do Sahy, região da cidade de São Francisco do Sul - estado de Santa Catarina. Na França, em Lyon, a busca foi vinculada à causa militante nos meios saint-simonianos e fourieristas do bairro da Croix-Rousse.

Os primeiros arquivos que foram catalogados estavam no sul do Brasil e depositados nas cidades de Joinville, Florianópolis, São Francisco do Sul, Garuva e Curitiba. É importante destacar que a experiência da Colônia fourierista do Sahy, devido à extensão das terras doadas pelo Império brasileiro, compreendia territorialmente a parte norte do estado de Santa Catarina, na divisa com o Paraná. No que tange à gestão política, a Colônia estava a cargo da capital da Província de Santa Catarina – Florianópolis, então denominada Desterro. Porém, os arquivos referentes aos franceses do Sahy encontravam-se em Joinville. Nesta cidade, no Arquivo Público, foram registradas quatro correspondências assinadas por Michel Derrion e que foram encaminhadas ao Governo da Província de Santa Catarina. Todos os documentos estão disponíveis no *Fundo Carlos Ficker*, pasta Colonização do Sahy. Nas cartas escritas pelo personagem, em que o tema principal era estruturação da Colônia, pode-se encontrar relatórios, solicitação de apoio financeiro ao Império, alguns dados acerca do número crianças, idade e a profissão exercida naquele momento.

Na hemeroteca da Biblioteca do Estado de Santa Catarina, um dos trabalhos mais árduos, em função da inexistência de edições digitalizadas dos jornais, foi o classificar os periódicos entre os anos de 1840-1846 e os do início da década de 1990, que pudessem conter quaisquer dados da Colônia e, talvez, qualquer referência à Michel Derrion. É de se destacar que no ano de 1992 ocorreu a comemoração dos 150 anos do Falanstério do Sahy. Neste ano, além de um calendário de festividades concebido para o Distrito do Sahy, foi também encenado uma peça. O grupo de teatro TEU - Teatro de Expressão Universitária - representou a história dos franceses em *Sahy dos Sonhos, versão 1.0*. Logo, o nome de Derrion e de todos os demais franceses seriam evocados.

No Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, as pesquisas estiveram centradas nos Relatórios do Império e nas falas dos presidentes das províncias. Foram consultados também, os arquivos da Cúria de Florianópolis, Joinville e Curitiba - registros de batismos, casamentos

e falecimentos. Até o término desta pesquisa, nenhum dado acerca de Michel Derrion ou sua família foi encontrado.

Na biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, ao todo, existem um pouco mais de cinco estudos, entre teses, dissertações, trabalho de conclusão de curso e artigos. A grade maioria destes trabalhos abordam o lado utópico da Colônia, ou seja, uma discussão um tanto teórica das ideias de Saint-Simon e Charles Fourier. Aqui, é importante ressaltar que uma parte considerável das pesquisas realizadas em Santa Catarina foram produzidas nos anos de 1990. Momento em que o Brasil saía do seu período de Ditadura, o que explica a busca por uma memória socialista acerca da presença francesa na região. As obras de Raquel S. Thiago e Antônio Carlos Güttler são um bom exemplo desta perspectiva acadêmica.

Obras literárias foram igualmente produzidas. Em 1952, por exemplo, tem-se a publicação do texto « ... e ouviram um tiro na floresta » de Arsênio da Gama, também conhecido como Carlos da Costa Pereira. Num jornal de circulação local, em São Francisco do Sul, foi encontrado um pequeno texto intitulado *Falanstério do Sahy*, escrito por Arnaldo S. Thiago, que apresenta uma versão romântica da história do casal francês Ledoux.

Entre as narrativas literárias e as pesquisas políticas, em 2002, a pesquisadora Ivone Gallo defendeu a sua tese de doutorado acerca do doo socialismo de Fourier em Santa Catarina. Em sua tese, a vida de Michel Derrion aparece em algumas páginas. Já na França, em 2014, é a vez de Laurent Vidal retratar a vida de alguns dos franceses do Sahy. Em seu livro, Michel Derrion também se faz presente.

No distrito do Sahy e na cidade de São Francisco do Sul realizaram-se três visitas de campo cujo objetivo era o de encontrar reminiscências - memórias - da Colônia francesa ou de seus participantes. Alguns dos trajetos realizados durante as pesquisas de campo no Sahy foram baseados nas leituras das cartas deixadas pelos falansterianos e que se encontram arquivadas no *Fundo Carlos Ficker*.

O segundo passo da pesquisa foi o de catalogar na internet os dados sobre Michel-Marie Derrion. Neste momento, foram usadas algumas variantes do nome do personagem, tais como: Michel Derrion, M. Derrion, Derrion e até mesmo Derreon. O objetivo era o de poder acessar um maior número possível de dados. Nos quase seis mil resultados, entre as repetições e os absurdos, estavam: o livro de Denis Bayon, o sítio *Les Cahiers de Charles Fourier*, dados acerca do *Colloque Michel-Marie Derrion*, referências no *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, o livro *L'Echo de la Fabrique : naissance de la presse ouvrière à Lyon* e a brochura escrita em 1834 pelo próprio Michel Derrion. As leituras destes documentos possibilitaram constituir uma base de dados sobre os jornais operários publicados na Croix-

Rousse, entre os anos de 1832 a 1837, que possuíam artigos e algumas cartas publicadas pelo lionês. Já, a pequena publicação de autoria de Michel Derrion, dividida em duas partes, tem como tema principal a organização de um *Commerce Véridique et social* formado por e para os operários. Nas páginas iniciais, o lionês esboça algumas questões políticas da época acerca do trabalho e do comércio, apresenta alguns dos grupos formados a partir de ideologias, bem como descreve os efeitos das duas *Révoltes de Canuts* para os operários da Croix-Rousse. Já a segunda parte, é totalmente dedicada a descrever a organização de um estabelecimento social concebido a partir de inscrições e que objetivava « *contrôler démocratiquement les opérations de commerce, d'assurer l'approvisionnement des produits de qualité aux ouvriers et constituer un fond social dont l'utilisation est débattue démocratiquement* »²⁰.

Das publicações catalogadas na internet e as leituras realizadas para poder ampliar o corpus documental sobre o personagem, houve duas que chamaram a atenção: o *Colloque Michel-Marie Derrion* e o livro Denis Bayon. Estas, que tinham por fim um enaltecimento Cooperativista da *épicerie sociale*, aberta por Derrion entre os anos de 1835 e 1837 na Montée de la Grand-Côte, faziam breves e insistentes referência a dois homens: Charles Gide e Jean Gaumont. Ao leitor distraído, estes dois senhores seriam apenas mais dois estudiosos da causa Cooperativista, porém, havia algo mais...

O passo seguinte era conhecer a cidade de Lyon, mais precisamente a região da Croix-Rousse, e todos os arquivos. O primeiro lugar visitado foi a região onde Michel-Marie Derrion havia nascido e crescido - a Croix-Rousse. Dois trajetos foram realizados. O primeiro itinerário foi constituído com base nos fragmentos de leituras em alguns dos documentos disponibilizados na internet, que traçavam as ruas em que Michel Derrion morou e trabalhou, bem como os monumentos erigidos em sua homenagem. O segundo percurso seguiu os caminhos predelimitados pelas cartas turísticas, tais como: *Le parcours autor de la Maison des Canuts*, *Le miniguide de la soie* e *Le plan des artistes, créateurs et artisans d'art*. Pesquisas na biblioteca municipal, nos arquivos municipais e nos arquivos do Rhonês também foram realizados. Nesses acervos, pouca coisa foi encontrada sobre a vida do lionês e de sua militância saint-simoniana e fourierista. Sem resultados precisos, foi necessário centrar os estudos na história da história da Croix-Rousse entre os anos de 1803 a 1840. Assim, registros escolares, dados dos espaços físicos, estudos urbanísticos e evolução dos movimentos sociais e políticos compuseram o panorama. Mesmo se ausência do personagem, nestes acervos, é evidente; todas

²⁰BAYON, Denis. Le commerce véridique et social de Michel Marie Derrion (1835-1838). In.: *Cahiers de Charles Fourier*. n. 16, décembre 2005. Disponível: <http://www.atelierdecreationlibertaire.com/Le-commerce-veridique-et-social-de,446.html> Acesso: março de 2014.

estas referências foram essenciais para a composição histórico-social do lugar em que Michel Derrion viveu. Nestas investigações, uma considerável parte relacionava o a vida no interior da Croix-Rousse com os movimentos saint-simonianos e fourieristas. A partir desta constatação, foi indispensável constituir um quadro de leituras que abordassem o espaço operário em Lyon, mais especificamente na Croix-Rousse. Assim, os livros, os artigos e as pesquisas de Ferdinand Rude, Jean Gaumont, Ludovic Frobert, Yves Lequin, M. Villermé, Charles Gide, Jean-Baptiste Monfalcon, Jacques Rancière, George Sheridan, Robert Bezucha, Pierre-Yves Saunier e Raphael Perret foram realizadas para compor o contexto político e social do período.

Após este primeiro percurso, dados provenientes dos arquivos de Santa Catarina, levantamento feito pela internet e estudos acerca da Croix-Rousse e da cidade de Lyon, uma questão se colocou: ainda seria possível encontrar pequenas surpresas acerca da vida de Michel-Marie Derrion? Ainda faltavam os acervos de Paris e Rio de Janeiro.

Os acervos da cidade de Paris e Rio de Janeiro foram os últimos a serem visitados pois, na capital francesa, estava arquivada a biografia que Jean Gaumont escreveu e, no Rio de Janeiro, havia uma parte das correspondências entre o Império e a Província de Santa Catarina, sobre a Colônia francesa, além de alguns jornais escritos pelos fourierista brasileiros.

Na cidade do Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional, as pastas referentes à imigrantes e estrangeiros no Império, com legitimação de vistos e permanências de estrangeiros, foram consultadas. Não foi encontrada qualquer referência ao nome de Michel Derrion. No entanto, para surpresa, foi na pasta Séries Interior (Negócios Provinciais) que um dado relevante se apresentou. Entre as inúmeras correspondências trocadas entre a Província de Santa Catarina e o Império brasileiro, sobre a Colônia Industrial do Sahy, e os relatórios da Colônia, que descrevem a situação dos franceses naquelas terras, havia uma carta, datada de 9 de setembro de 1844, que propunha aos franceses falansterianos de se estabelecerem nas terras catarinenses - região do Sahy - desde que estes comprovassem viver da agricultura. Infelizmente, não se tem os nomes de todos os franceses que solicitaram o direito de aí viver. Tudo o que se pode dizer é que, nesta mesma época, Michel-Marie Derrion decide viajar para o Rio de Janeiro, onde se instala até a sua morte, em 1850.

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, as Salas de Cartografia, Hemeroteca e Obras raras foram consultadas. Na primeira, planos da cidade, bem como um mapa arquitetural contendo descrições detalhadas dos comércios e dados de estrangeiros - imigrantes - nas regiões do centro da cidade, entre os anos de 1843 a 1850, foram digitalizados. Na segunda, o microfilme do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro (anos de 1841 a 1848) foram pesquisados e as notícias referentes à Colonização do Sahy e às cartas publicadas por Michel-Marie Derrion

foram catalogadas. Nos jornais *Diário do Rio de Janeiro* (1846 - 1850), foram encontradas notas sobre os cursos de música ministrados por Michel Derrion e a nota de saída pelo Porto do Rio de Janeiro de Luzia Derrion e filho (companheira de Derrion); no *Journal Le Nouvelliste* (1846 - 1848), as notas de Michel Derrion sobre educação; no *Jornal Sciencia* (1847 - 1848), um requerimento em apoio à implementação da Escola Homeopática no Rio de Janeiro; e no *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (1845 - 1849), dados referentes a moradia e trabalho do, então, professor de música Michel Derrion e de sua participação na *Société de Bienfaisance française*. Na terceira e última sala, o Jornal *O Socialista*, da Província do Rio de Janeiro foi minuciosamente estudado pois, segundo leituras realizadas, ele continha artigos escritos por Michel Derrion.

Nos últimos arquivos, em Paris, o itinerário de pesquisa foi organizado de forma que se pudesse coletar informações das experiências saint-simoniana e fourierista de Michel Derrion. Na *Bibliothèque National de France*, no *Fonds Enfantin*, foram localizadas cinco correspondências escritas por Michel Chevalier e enviadas ao grupo saint-simoniano de Lyon e que citavam o lionês. As cartas deixam claro o engajamento de Derrion com a sua família, bem como as atividades pelas quais era responsável. Das missivas escritas por ele, foi possível encontrar apenas duas e todas dirigidas ao Père Enfantin. Uma terceira carta, assinada por uma viúva cujo nome de família era Derrion, também foi digitalizada. No *Archives Nationales*, *Fonds Considerant*, foram identificadas 5 cartas, sendo 2 escritas por Michel Derrion e enviadas do Rio de Janeiro para Paris, 2 de sua companheira - já em Paris - e uma última escrita por C. Huger sobre a morte deo lionês. Para fechar a pesquisa, nos arquivos do *CEDIAS - Centre d'études, de documentation, d'information et d'action sociales*, a importância não estava na sua história de Museu e Arquivo responsável pelos documentos dos estudos Mutualistas e da Cooperação. Na verdade, o 2º andar do número 5, rua Las Cases, no 7ème arrondissement, estava a biografia de Michel-Marie Derrion, escrita por Jean Gaumont. Ao digitalizar a obra, a última de toda uma trajetória de pesquisa que começou em 2011 na região do Sahy e Joinville; viajou até Lyon no ano de 2013; voltou ao Rio de Janeiro em 2014; e terminou em Paris no mês de fevereiro de 2015; o que dominava era a sensação de enfim a pesquisa encontrava-se completa. Entretanto, um novo começo se anunciava e ele estava imbricado às reflexões acerca dos desafios, das possibilidades, dos limites e do contexto empírico da pesquisa biográfica.

Neste novo contexto, uma nova escolha devia ser feita: Quais leituras fazer para estabelecer uma aproximação entre a vida do personagem e a maneira de escrever a sua biografia? Para este caso, o mais coerente era examinar os livros e as pesquisas que abordaram a escrita de vida de homens e mulheres ordinários engajados em Lyon, Paris e no Brasil ; a

historia de imigrantes franceses no Brasil e sua relação com os dois países; e, sem dúvida alguma, as obras que buscaram narrar as vidas Atlânticas na primeira metade do século XIX. Partindo destes recortes temáticos, três livros e um artigo foram privilegiados, são eles: Serge Wollikow, Catherine Lavenir, François Massa e João José Reis.

Em 1994, Serge Wollikow²¹ organizou via *Institut d'histoire contemporaine*, Université de Dijon, um livro em que diversos pesquisadores abordavam a história operária a partir dos relatos de vida de homens e mulheres ordinários, franceses, que viveram entre os séculos XIX e XX. Apoiado-se nas pesquisas do mundo operário desenvolvidas por Claude Pennetier²², a riqueza da obra de Wollikow encontra-se na análise dos documentos e na forma como as vidas daqueles personagens, outrora esquecidos, foram narradas. Entre a leitura de uma página e outra, foi possível compreender que um dos maiores desafios encontrado pelo grupo de pesquisadores foi o de encontrar nos arquivos documentos que abordassem « *l'homme obscur* »²³. Mesmo se existiam dados, em muitos casos eles estavam vinculados « *a rapports de police et de publications de la presse ouvrière* »²⁴. Estas duas fontes oferecem, na maior parte do tempo, informações biográficas incompletas ou imparciais. Quanto a história das mulheres, elas também deixadas um pouco a margem nos arquivos, a pesquisa de Catharine-Bertho Lavenir aborda « *la faisabilité d'écrire une biographie culturelle sur la vie d'une femme* »²⁵. Sua personagem, que fazia parte da grande burguesia industrial no norte do Québec, século XX, deixou cartas, um diário pessoal, diários de viagens e um *scrapbook*, no qual ela conta as relações familiares. Catharine, historiadora e socióloga, encontrou os desafios de uma escrita biográfica ao reintegrar as fontes no contexto cultural e analisá-los para poder estudar as relações de gênero na época. Mesmo se a pesquisa gerou apenas um artigo, a importância do trabalho da historiadora reside em como ela concebeu a escrita da vida e a relacionou com a perspectiva cultural sabendo « *associe pratiques et représentations au sein d'un groupe humain donné, et, d'autre part, de la dimension culturelle de l'expérience vécue dans la société [...] où certaines activités précises (la lecture, la musique, le théâtre)* »²⁶.

²¹WOLIKOW, Serge (dir.). *Écrire des vies - Biographie et mouvement ouvrier, XIX^e-XX^e siècles*. Dijon: Éditions universitaires de Dijon, 1994.

²²PENNETIER, C. (dir.). *La part des hommes*. Éditions de l'Atelier.

²³WOLIKOW, S. (dir.), *op. cit.*, p. 23.

²⁴*Idem*.

²⁵LAVENIR, Catherine Bertho. Regard sur les autres, regard sur soi: les journaux-lettres d'Anne-Marie Palardy (1907-1923). In. : *Revue de Banq.* n° 3. 2011. p. 34-47. Disponível: http://www.banq.qc.ca/a_propos_banq/publications/revue_banq/

²⁶LAVENIR, Catherine Bertho. La biographie en histoire culturelle. In.: *Globe : revue internationale d'études québécoises*. v. 15, n° 1-2. 2012. p. 183-199. Disponível: <http://id.erudit.org/iderudit/1014631ar>

Continuando nos caminhos biográficos, mas numa perspectiva da imigração, tem-se a pesquisa de Françoise Massa que foi publicada na obra coletiva *Les français au Brésil: XIX^{ème}-XX^{ème} siècle*²⁷. Ao estudar a trajetória de vida de Alexandre Bréthel, um breton que deixou a França rumo o Brasil, em meado do século XX, « *avec l'espoir de sortir de sa misérable condition*²⁸ », a pesquisadora questiona as cartas enviadas pelo homem ao seu tio com o objetivo de analisar as experiências de vida de um imigrante na região perdida de Carangola. No Brasil, mas num contexto Atlântico, em 2010, João José Reis dirigiu com Flavio Gomes e Joaquim Carvalho o livro *O alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro (1822-1853)*²⁹. A narrativa, que é centrada no contexto do tráfico negreiro e da escravidão no espaço Atlântico no século XX, estuda a história de vida do liberto Rufino José Maria. A biografia deste homem oferece aos o leitor um quadro complexo do comércio de cativos a partir de uma perspectiva de espaço do micro para o macro. Os pesquisadores, que iniciaram as suas buscas ao *Alufa*, a partir de documentos judiciais, percorrem uma gama de temas, tais como: religião, cultura, política e a presença árabe no meio escravo brasileiro, para contar a história de vida de Rufino e compreender como ele se relacionava com o seu tempo e meio.

Como se vê, nos exemplos acima citados, a escrita de uma vida de personagens ordinários pode *induit un nombre important de questions qui vont de la forme de l'écriture à la perspective de la recherche biographique*. Assim, mais do que percorrer todos estes debates, sobre as « *frontières entre histoire et littérature et ses défis*³⁰ », a biografia permite aos pesquisadores novas maneiras de interrogar os arquivos, as fontes e as leituras. Quanto a metodologia de pesquisa, na biografia, ela pode dialogar com os estudos « *individuelle et collective, locale et transnationale, micro-historique et globale* »³¹. Isso quer dizer que, ao decidir escrever uma biografia, o pesquisador deve ter em mente que será necessário efetuar inúmeras escolhas que estarão diretamente ligadas com « *d'élaborer une démarche que corresponde à ses sources, son objet, le contexte* »³². Nesta perspectiva, « *chaque auteur ou presque construit et justifie une démarche qui lui est propre* » e, é claro, compõe « *une chronologie propre*³³ » para dar a biografia a ideia de experiências de vidas. Se todas estas

²⁷MASSA, Françoise. Alexandre Bréthel (1862-1901) et les Français au Carangola. In.: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (dir.). *Les français au Brésil : XIX^{ème}-XX^{ème} siècles*. Paris: Rivages des Xantons. 2011. p. 377-391.

²⁸*Idem*.

²⁹REIS, João José; GOMES, Flavio dos Santos; CARVALHO, Marcos Joaquim. *O alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro (1822-1853)*. São Paulo: Cia das Letras. 2010.

³⁰Cf. LORIGA, S., *op. cit.*; BOURDIEU, P., *op. cit.*; LE GOFF, J., *op. cit.*, 2013.; DOSSE, F., *op. cit.*.

³¹JABLONKA, I., *op. cit.*, p. 421-428.

³²*Idem*.

³³*Ibidem*.

leituras permitem escolhas, que podem se basear no empirismo e que devem seguir o rigor de uma pesquisa acadêmica.

*

« (...) je pouvais explorer la manière dont un homme évolue entre différents régimes politiques, différents ressources culturelles et sociales, comment il les démêle et les sépare afin de survive, de découvrir, d'écrire, de nouer des relations et de penser à la société et à lui-même »³⁴.

No ano de 2012, a historiadora francesa, Cécile Vidal, publicou um artigo, *Pour une histoire globale du monde atlantique ou des histoires connectées dans et au-delà du monde atlantique*³⁵, em que ela debate o processo de construção de um conceito para a História Atlântica³⁶. Segundo Cécile, além dos estudos atlânticos não serem recentes, eles datam dos anos 1950 e só se popularizaram nos idos de 1990, os pesquisadores devem aprender a analisar o lugar Atlântico como um espaço que se formou « *par connexions et les réseaux d'échange entre l'Europe, l'Afrique et les Amériques du XVe au XIXe siècle* »³⁷. A pesquisadora, que crítica a forma de se pensar a história a partir dos vencedores para os vencidos ou dos colonizadores para os colonizados, defende que *les atlanticistes* busquem conectar fenômenos de uma parte e outra do oceano. O objetivo desta pesquisa é o de « *cherche à expliquer les transformations, les expériences et les événements dans un lieu donné* »³⁸.

³⁴DAVIS, Natalie Zemon. *Léon l'Africain: un voyageur entre deux mondes*. Paris: Payot & Rivages. 2014. p. 11-25.

³⁵VIDAL, Cécile. Pour une histoire globale du monde atlantique ou des histoires connectées dans et au-delà du monde atlantique. In.: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 67^e année, 2012/2. p. 391-413.

³⁶Cf. CABANTOUS, Alain. Résistance de principe ou lucidité intellectuelle ? Les historiens français et l'histoire atlantique. In.: *Revue historique*, 2012/3 (n° 663), p. 705-726.

³⁷VIDAL, C., *op.cit.*.

³⁸GAMES, Alison. Teaching Atlantic history. In.: *Itinerario*. 23-2. 1999. p. 162-174. Disponível: <https://www.cambridge.org/core/journals/itinerario/article/teaching-atlantic-history/B77911DE968A1C998C27ECB797FB37AA> Acesso: dezembro de 2016.

Das escalas dos estudos Atlânticos para o Global³⁹, em 2014 aparece o livro *The transformation of the word : A global history of the nineteenth century*, de Jürgen Osterhammel⁴⁰. Escrito originalmente em alemão, no ano de 2009, o autor convida os pesquisadores a refletir sobre uma questão fundamental: « *How does the historian, in interpreting a historical phenomenon, combine the individuality given by his sources with the general, abstract knowledge that makes it possible to interpret the individual in the first place? And how does the historian arrive at empirically secure statements about larger units and processes of history?* »⁴¹. A resposta de Jürgen, que é um simples conselho, se apoia na ideia de que o pesquisador deve ter a preocupação de não cair nos fascínios das generalidades e deve se preocupar em começar seus estudos a partir de uma análise exaustiva das fontes, conhecer o seu indivíduo e buscar explorar os fenômenos no contexto da época e em âmbitos globais até poder compara-los. Mesmo que Jürgen não lide com o individual, a biografia, o seu livro constrói o retrato de uma época partindo de temas *Approches, Panorama and Themes* e dos fenômenos da « *productivity of human labor* », « *frontiers* » e « *armed forces – innovation et technology* »⁴². Nesta mesma perspectiva da *Histoire Globale* mas, no campo biográfico, Brice Cossart publicou, em 2013, um breve artigo na revista *Entremons* intitulado *Global lives: Writing Global History with biographical approach*⁴³.

Baseando-se nas leituras de Carlo Ginzburg, Arnaldo Momigliano, Giovanni Levi e Francesca Trivellato, o pesquisador parte da reflexão « *how it is possible to conciliate the individual and the global in order to write global history with a biographical approach* »⁴⁴. Em sua perspectiva, que conta com as recentes publicações de Sanjay Subrahmanyam, Natalie Zemon Davis e Linda Colley⁴⁵, o autor, que utiliza o termo *global lives*⁴⁶, chama a atenção para a existência de indivíduos que viveram diversas experiências em várias partes do mundo. Estas

³⁹Cf. SUBRAHMANYAN, Sanjay. *Aux origines de l'histoire globale : leçon inaugurale au Collège de France*. Paris: Fayard. 2014; IRYE, Akira. Réflexions sur l'histoire globale et transnationale. In.: *Cahiers d'Histoire*. avril-juin, n. 121. 2013. p. 89-106.; DOUKI, Caroline; MINARD, Philippe. Histoire globale, histoires connectées : un changement d'échelle historiographique? In.: *Revue d'histoire moderne et contemporaine*. n° 54, 2007/5. p. 7-21.

⁴⁰OSTERHAMMEL, Jürgen. *The transformation of the word: A global history of the nineteenth century*, Princeton: Princeton University Press, 2014.; DELEURMOZ, Quentin ; KONIG; Mareike. Entretien avec Jürgen Osterhammel. In.: *Revue d'histoire du XIXe siècle*. n.45, 2013. Disponível: <http://rh19.revues.org/4451> Acesso: dezembro 2016.

⁴¹OSTERHAMMEL, J., *op. cit.*, p. XV-XXII.

⁴²*Idem*, p. 902-919.

⁴³COSSART, Brice. *Global lives: Writing Global History with biographical approach*. In.: *Entremons. UPF Journal of World History*. Barcelona: Universita Pompeu Fabra, n.5, 2013. p. 01-14.

⁴⁴*Idem*, p. 02.

⁴⁵SUBRAHMANYAN, S., *op.cit.* ; DAVIS, Natalie Zemon, *Léon l'Africain : un voyageur entre deux mondes*, Paris, Patite bibliothèque Payot, 2014 ; COLLEY, Linda, *The Ordeal of Elizabeth Marsh (1735-1785)*, Pantheon, 2007.

⁴⁶COSSART, B., *op. cit.*, p. 8.

vidas, que foram moldadas pelos aspectos econômicos e políticos de uma determinada época, carregam em si fragmentos dos aspectos sociais e culturais de todas as localidades e países cujos quais se relacionaram. Segundo Brice Cossart, nestas vidas errantes, a ideia de *racine* deve ser repensada pois, ela seve tanto para se relacionar aos novos lugares como para afastar. O autor também elenca a questão dos silêncios construídos que em determinados momentos são utilizados sabiamente para sobreviver nas sociedades em que a base política é a religião. Em todas estas histórias de vida, além delas constituírem « *a kind of narrative trick which gives a more "human" face to global history*⁴⁷ », elas permitem o pensar o « *global micro-histories* ». Este último, termo emprestado dos estudos de Francesca Trivellato⁴⁸, indica que ao manter o foco em um indivíduo, em particular, e inseri-lo numa escala global, a partir de sua história de vida, é possível conceber novas metodologias, confrontar as diversas fontes e acervos, questionar o poder dos arquivos europeus e destacar, mais claramente, o funcionamento das conexões e interações humanas entre o novo e velho mundo ou entre o Ocidente e o Oriente. Vidas globais e ou atlânticas. Homens e mulheres errantes ou imigrantes. Todavia, se falamos Entre um porto e outro ou uma cidade e outra, também existem tempos que podem ser pensados como esperas.

Ao pensar o oceano como espaço de trocas e não mais como um lugar de passagem e, sobretudo, refletir sobre as inúmeras vivências que se dispersaram neste espaço, no ano de 2011 a equipe de professores, formada por Laurent Vidal, Dominique Vidal e Alain Musset, publicaram o projeto *Sociétés, mobilités, déplacements : les territoires de l'attente. Le cas des mondes américains (d'hier à aujourd'hui)*⁴⁹. Neste, além dos pesquisadores estudarem os fenômenos de mobilidade e deslocamento que se afirmaram no contemporâneo, eles analisam as questões que ocorrem no interior destes momentos. Ou seja, tendo origens diversas, estes movimentos devem ser observados pois « *loin d'être fluides, homogènes ou linéaires, ces déplacements sont ponctués de temps, plus ou moins longs, d'attente* »⁵⁰. E exatamente neste ponto « de espera » que reside a questão base do projeto. O período da espera, vivido por grupos ou individualmente, é uma maneira de analisar « *ces territoires de l'attente et la multiplicité de formes qu'ils revêtent, en établir leurs dimensions, (...), leurs articulations avec l'espace*

⁴⁷Idem.

⁴⁸TRIVELATTO, Francesca. *The Familiarity of Strangers: The Sephardic Diaspora, Livorno, and Cross-cultural Trade in the Early Modern Period*, Yale University Press. 2009.

⁴⁹VIDAL, Laurent Vidal; MUSSET, Alain; VIDAL, Dominique. *Sociétés, mobilités, déplacements, les territoires de l'attente : Le cas des mondes américains (d'hier à aujourd'hui)*. In.: *Confins - Revue franco-brésilienne de géographie*. 2011. Disponível: <http://confins.revues.org/7274>. <10.4000/confins.7274>. <hal-00752549> Acesso: janeiro de 2014.

⁵⁰Idem.

*environnant, leurs temporalités spécifiques (...) »*⁵¹. Logo, ao pensar em escrever uma biografia atlântica, além de refletir nas relações sociais, econômicas e culturais, deve-se também considerar o tempo de espera que estas vidas levaram para chegar de um porto ao outro. Ou seja, quais foram as prováveis angústias que viveram, o que faziam no barco ou, ainda, imaginar a realização de sociedades societárias. Nestes espaços de espera, tão bem estudados pelo grupo de pesquisadores, certamente, existe espaço para se pensar nos ideais ou no tempo que o indivíduo cede, de si mesmo, para que algum dia ele possa atingir a sua realização. Este, no entanto, é um tempo de espera que pode não ter fim.

De todos estes estudos realizados (*de l'Atlantique au Global ; du global micro histoires, l'histoire de vie d'un individu et ses rapports avec les phénomènes de son temps ; une immigration conçue par des idéaux ; l'attente de la réalisation d'un régime sociétaire ; l'Océan comme espoir de transformation ; les modes d'interaction avec les différentes cultures rencontrées et vécues ; la façon de s'intégrer dans les sociétés et de se voir soi-même ; les tentatives créées dans les nouveaux contextes pour pouvoir survivre ; les moyens de se recréer - imposteur*⁵² - *pour établir nouvelles relations politiques et culturelles ; relations d'appartenance et le silence*), cada um deles auxiliou na composição das páginas desta pesquisa. É claro que os desafios também estiveram presentes. E de todo este emaranhado biográfico, o que restava para a pesquisa era tomar decisões coerentes que estivessem diretamente conectadas com as fontes encontradas. Ou seja, era preciso constituir um método adequado ao contexto e personagem. Alain Corbin, quando escreveu *Pinagot*, disse que a escolha do seu personagem estava ligada a curiosidade de conceber uma investigação baseada no excepcional. A partir de quaisquer indícios, ele pode « *d'écrire tout ce qui a gravité, à coup sûr, autour de l'individu ; puis à fournir au lecteur des éléments qui lui permettent de recréer le possible et le probable* »⁵³. Michel Derrion, em contrapartida, não era um desconhecido como *Pinagot*. Ele foi um homem que deixou alguns rastros de sua vida e que, de uma certa maneira, estiveram impregnados da época em que viveu, da cidade que morou, do bairro onde viveu e toda uma rede de relações sociais e de trabalho que o circularam. Além disso, a sua personalidade, que levou a assumir uma postura engajada nos movimentos saint-simonianos e fouriersitas, lhe afastou do destino traçado pelos seus pais - de assumir a *Maison de soie*. Observando este contexto, ou seja, de um homem ordinário com uma história nada banal, é que se pode, então,

⁵¹*Ibidem*.

⁵²SUBRAHMANYAN, Sanjay. *Commente être un étranger de Goa-Ispahan-Venise, XVIème-XVIIIème*. Paris: Alma éditeur. 2013. p. 21-56.

⁵³CORBAN, Alain. *Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot - Sous les traces d'un inconnu (1798-1876)*. Paris: Flammarion, 2008. p. 7-15.

decidir os caminhos metodológicos da pesquisa e *d'esquisser la vie de Michel Derrion à partir de ses expériences liées à ses idéaux en France et au Brésil*. Evidentemente, que a ausência de fontes e os silêncios vividos durante toda a investigação, tal como vivera Alan Corbin com *Pinagot*, obrigaram a pesquisa ser construída a partir de hipóteses que ficarão sem respostas até o momento que outras fontes e arquivos sejam descobertos ou reestudados. É importante ressaltar que é exatamente neste ponto, nas hipóteses, que reside um dos limites desta pesquisa. Alguns outros limites também existiram e pouco a pouco, durante a leitura desta tese, os leitores as encontrarão. Será na conclusão que alguns destes limites serão debatidos, pois, eles foram fundamentais para a concepção deste trabalho.

Em relação a problemática, que compõe o coração desta pesquisa, ela foi, inevitavelmente, concebida a partir de um diálogo entre a metodologia e os limites encontrados na pesquisa biográfica acerca de um homem ordinário que viveu uma experiência Atlântica na primeira metade do século XIX. Logo, a questão concebida foi: Que importância pode ter o universo de vidas reencontradas pelo lionês Michel-Marie Derrion seja na construção do seu pensamento como nas escolhas de vida que fez entre a França e o Brasil na primeira metade do século XIX?

As respostas a esta pergunta serão encontradas gradualmente nas páginas desta tese e que foram divididas em três partes: *Serviteur d'un idéal*, *Entre deux mondes* et *Rencontres*. Por uma questão de metodologia, seguida pelas universidades francesas - esta tese foi concebida a partir de um acordo de cotutela entre La Rochelle Université e Unesp-Assis -, é preciso destacar que em cada um dos capítulos escritos foi acrescida uma breve introdução e conclusão. Estas, cujo objetivo é de inserir o leitor nos debates desenvolvidos em cada momento da tese, por uma escolha pessoal, estão em língua francesa. Um último detalhe importante. O homem chamado Michel-Marie Derrion nem sempre estará presente em todos os capítulos. Haverá momentos em que o personagem desaparecerá para dar espaço a outros homens e mulheres que, de certa forma, tentaram contar um pouco de suas próprias experiências. Neste *puzzle* inacabado de pessoas desconhecidas que cruzaram a vida de Michel Derrion é que ele reaparece para se tornar o herói da sua própria história.

CAPÍTULO 1

« Serai-je le héros de ma propre histoire ou quelque chose autre y prendra-t-il cette place ? » DIKENS, *David Copperfield*, 1894.

1. Les mots :

Les livres qu'ont été lus pour esquisser les premiers mots de ce chapitre, début 2015, ont été *La nuit des prolétaires* et *La parole ouvrière*, Jacques Rancière, et puis *Les ouvriers ne seront plus des oranges-outangs*, Raphaëlle Perret⁵⁴. Au départ, nous avons eu la certitude que le personnage de cette recherche était un homme très engagé dans la cause ouvrière de son quartier et dès qu'il est arrivé au Brésil, la dissidence qu'il a vécue était causée par l'égoïsme du Dr. Mure. Pourquoi avons-nous ces deux points très clairs sur mes réflexions ?

Au Brésil, il a eu un mouvement de commémoration, en 1992, sur l'histoire de la Colonie du Sahy. Dans cette histoire racontée, le Dr. Mure a été toujours le personnage le plus important parce qu'il a été un médecin lié aux études homéopathiques. C'est-à-dire, le groupe responsable pour raconter la présence française au Sahy avait décidé de donner une version plus fiable à partir de la parole d'un homme éduqué et scientifique. En revanche, Michel Derrion, qui a toujours été décrit comme dissident et ouvrier, né à Lyon, n'a pas eu sa chance de raconter sa version de l'histoire. Or, nous pouvons bien comprendre le rapport que les mots « médecin » et « dissident ouvrier » pouvaient jouer sur la narration établie dans les années 1992. Michel Derrion a été créé comme un rebelle et donc, lire les livres sur les insurrections à Lyon et le rôle que la presse ouvrière a joué pendant le temps où il a vécu à la Croix-Rousse a été assez évident. Cependant, avec ces premières lectures et les études de quelques sources disponibles sur le site de la Bibliothèque Municipale de Lyon, des autres questions se sont posées.

Michel Derrion a vraiment connu les Révoltes des Canuts, en 1831 et 1834, et dans les rues de la Croix-Rousse il a appris les concepts de « justice sociale », « amélioration de l'industrie et du commerce » et, bien évidemment, il a écouté les doctrines sur les pensées de Saint-Simon et Charles Fourier. C'est-à-dire qu'il a vécu dans un lieu où les paroles ont circulé assez facilement. Cependant, même s'il faisait partie de cet espace ouvrier, surtout le quartier, cela ne voulait pour autant pas dire qu'il a été un *Canut* ou un rebelle. Bien au contraire, d'une certaine façon, Michel Derrion venait d'une famille où son père avait une petite Maison de soie, il a pu faire quelques études et quand le moment plus opportun arriverait, il deviendrait le responsable. Michel Derrion, en vrai, n'a jamais travaillé sur un métier Jacquard ou est resté plus de dix heures à l'intérieur d'un atelier de soie. Il était responsable pour vendre le travail

⁵⁴RANCIERE, Jacques. *La nuit des prolétaires*. Paris: Pluriel. 2012.; PERRET, Raphaël. *Les ouvriers ne seront plus des oranges outangs: paroles ouvrières de Canuts*. Clermont-Ferrand: Editions CNT-RP, 2015.

des *Canuts*, de négocier le temps et l'œuvre produit par ces hommes. Néanmoins, même si son destin chez sa famille semblait être tracé, devenir le chef de la Maison, les rues de la Croix-Rousse, les nouvelles paroles, les journaux, le contexte économique et son envie d'apprendre ont causé un dérangement dans sa vie. Ce bouleversement, peut-être, l'a poussé à continuer la recherche de nouveaux chemins et de nouvelles réalisations. Michel Derrion n'était sûrement pas un ouvrier de la Croix-Rousse mais, son envie de devenir un réalisateur d'un commerce plus juste, le fait de rêver avec une société idéalisée, a fait de son chemin quelque chose d'assez extraordinaire.

Dans ce chapitre, qui s'ouvre avec la vie de Michel Derrion à Lyon et ses premiers constats avec les mouvements ouvriers et les paroles saint-simoniennes et fouriéristes, nous verrons un homme qui a poursuivi ses idéaux de Lyon à Paris et, en quelque sorte, nous comprendrons un peu sur la mémoire qui s'était construite au milieu du Coopérativisme français et dans la Croix-Rousse. Ici, les limites de la recherche sont à peu près triples : la première décision n'a pas été de retracer la vie de Michel Derrion depuis son enfance mais, de commencer dès le moment où il s'engage dans les mouvements à Lyon ; la deuxième, le temps qu'il a vécu à Paris, entre les années 1838 et 1840, et qui est assez faible en sources, est centrée sur ses rapports avec les études fouriéristes ; la troisième, c'est la faute d'une comparaison entre les mémoires construits à Lyon et la présence du personnage à Santa Catarina. Pour ce dernier point, nous avons décidé de ne pas travailler avec la mémoire du côté brésilien parce que celle-ci aborde un autre contexte de la présence française et de Michel Derrion. Cependant, en France, surtout à Lyon, nous avons consacré quelques pages.

1.1. Servo de um ideal:

O verão de 1850, no Rio de Janeiro, foi impetuoso. O corpo, doente, parecia querer desistir. A sua mente ainda continuava a pensar nos sentimentos falansterianos. Numa de suas últimas cartas, enviadas das terras brasileiras, ele escreveu que « *Heureusement que je ne me fatigue pas facilement* »⁵⁵. Pelas ruas, mesmo depois de tantos anos escutando as palavras pronunciadas de formas anasaladas e com sílabas abertas, ele seguiu defendendo o seu sentimento excelente no ritmo da pulsação do velho francês engajado que aprendeu na Croix-Rousse aos 27 anos. Porém, naquele ano, ele começou a se cansar. Talvez, o peso do destino que ele escolheu para si exauriu pouco a pouco a sua vida. De seu túmulo, num local desconhecido, o « dissidente », « *frère* », « *socialiste phalanstérien* », « *obscur expérimentateur social* » e « *excelente ami* » seria evocado do seu silêncio Atlântico.

**

⁵⁵Lettre de Michel Derrion à Victor Considerant, Rio de Janeiro, 31 novembre 1847. ANF.

1.2. Acasos: às vezes Michel outras Derrion

Em 1903, Justin Godart⁵⁶, advogado militante do partido radical de esquerda e pesquisador do movimento operário em Lyon, foi convidado para ministrar uma conferência na *École des hautes études* cujo tema estava vinculado « *l'Etude géographique, historique et critique des faits sociaux* »⁵⁷. Sendo um lionês de origem, Godart decidiu consagrar a sua apresentação à « *Les origines de la coopération lyonnaise* » em que o texto, que deu origem a sua conferência, seria publicado um ano depois na *Revue d'histoire de Lyon*.

Os primeiros passos da pesquisa, segundo o próprio Justin Godart, começaram nos arquivos da cidade e com a leitura do livro de M. Eugene Flotard⁵⁸. Com os primeiros dados em mãos, o pesquisador apresenta uma breve análise dos motivos que levaram o meio operário da cidade de Lyon, sobretudo a Fábrica da seda na Croix-Rousse, a se tornar sensível aos diversos discursos que abordavam reformas sociais durante os séculos XVIII e XIX. Para o autor, a existência e a circulação de tais ideias reformistas só foram possíveis porque, além de uma importante concentração de trabalhadores, estes também sofriam constantes injustiças por parte da política despótica da seda. Logo, num meio bastante propício, não seria nada incomum encontrar pelas ruas entusiastas que divulgavam as ideias de reforma social a partir dos escritos de Saint-Simon e Charles Fourier. Neste mesmo meio, mas paralelamente a estes discursos, alguns trabalhadores organizavam quaisquer « *initiatives spontanées, tout un ensemble d'associations inspirées par les besoins locaux* »⁵⁹ e é exatamente neste ponto que Justin Godart centra a sua análise. Ou seja, como se constituíram na Croix-Rousse as associações que buscavam melhorar a vida dos inúmeros trabalhadores da seda e quais eram as suas relações de

⁵⁶Justin Godart nasceu no dia 26 de novembro de 1871 em Lyon. Criado por sua mãe, pois seu pai morreu quando ele tinha dois anos, ele estudou no Lycée Ampère e, em 1891, ingressou na Faculdade de Direito, onde obteve o seu doutorado com a famosa tese sobre *L'ouvrier en Soie. Monographie du Tisseur Lyonnais - Etude Historique, Economique et Sociale*. Nos anos seguintes, Justin Godart envolveu-se na vida política - prefeito de Lyon, deputado e senador do Rhône - com base no movimento radical-socialista. Em 1918, fundou a *Ligue contre le cancer*, que foi presidente até 1956, e l'Union internationale contre le cancer (UICC). Ele faleceu em 13 de dezembro de 1956 à Paris. Cf. WIERVIORKA, Annette (dir.). *Un homme dans son siècle (1871-1956)*. Paris: CNRS éditions. 2004. ; BILANGE, François. Justin Godart, une âme de fond. In.: *Revue d'Histoire de la Shoah*. Editeur mémoire de la Shoah, 2007/2, p. 341-373. Disponível: <https://www.cairn.info/revue-revue-d-histoire-de-la-shoah-2007-2-page-341.htm> Acesso: julho de 2015.

⁵⁷GODART, Justin. Les origines de la coopération lyonnaise. In.: *Revue d'histoire de Lyon*. Lyon, 1904. pp.334-348 ; 409-426.

⁵⁸FLOTARD, Eugene. *Le Mouvement coopératif à Lyon et dans le Midi de la France*. Paris: Librairie des sciences sociales. 1867.

⁵⁹GODART, J., *op. cit.*.

força com o poder local. Em meio as suas leituras acerca « les Frères Tailleurs, l'échevin Brac, l'Ange, Fourier, les Mutuelistes, Les Travailleurs Unis et les Castors, les Coopérateurs de 1848⁶⁰ » o advogado militante teve acesso ao livro de memória de Joseph Reynier⁶¹. É através das páginas desta autobiografia que o pesquisador conhece a « *Société du Devoir Mutuel*⁶² », que atuou em Lyon entre os anos de 1828 e 1832, e descobre que aquele último fundou, em 1835, « *avec un nommé Michel, une épicerie coopérative, montée de la Grand-Côte (...) suivant la théorie de Charles Fourier, le grand économiste : Travail, Capital, Talent* »⁶³. Se a pesquisa inicial de Justin Godart estava pensada para explicar as origens do cooperativismo operário em Lyon e compreender como este estivera vinculado com as ideias reformistas, os novos dados acerca da existência de uma *épicerie coopérative* e o seu fundador o incitaram a fazer algumas alterações no texto inicial da sua conferência. Assim, um resumo foi anexado com o título « *Note sur le Commerce Véristique et Social* »⁶⁴, bem como, uma nota de rodapé que se lê « *Dans une étude que nous préparons sur la participation des Lyonnais à la création et au développement de colonies sociétaires en Amérique, nous aurons l'occasion de parler à nouveau de Derrion, qui fut un des fondateurs de l'Union Industrielle en 1841* »⁶⁵. Não se pode saber se estas duas referências foram lidas na conferência. No entanto, desde que o texto foi publicado na *Revue d'histoire de Lyon*, ele certamente despertou a curiosidade de um grupo de estudiosos do cooperativismo. Seria deste mesmo meio que apareceria, durante as décadas de 1920 e 1940, inúmeros artigos e uma biografia sobre o, então, « *nommé Michel* » e sua relação com o movimento cooperativista à Lyon nos anos de 1835 e 1837.

Do outro lado do Atlântico, em 1992, no Brasil, a comunidade da Vila da Glória, região do Sahy, estado de Santa Catarina, consagrou inúmeras atividades com o objetivo de festejar os 150 anos da Colônia Francesa do Sahy, também chamada de Falanstério do Sahy. O responsável pela organização foi o sr. Aurélio Ledoux, bisneto do casal francês Rose e Leon Ledoux⁶⁶. Os antepassados do sr. Aurélio, junto com alguns outros compatriotas, desembarcaram nas terras do Sahy, em 1842, para constituir uma sociedade mais justa. A Colônia não deu frutos. No entanto, ela e todos os seus personagens deixaram inúmeros rastros que, naquele ano de 1992, seriam narrados através de encenações teatrais, recitais,

⁶⁰*Idem.*

⁶¹REYNIER, Joseph. *Mémoires-Ancien Tisseur*. Lyon. 1898.

⁶²*Idem.*

⁶³*Idem*, p.13.

⁶⁴GODART, J., *op. cit.*, p.422-426.

⁶⁵*Idem*, p.424.

⁶⁶FLORES, Maria Bernardete R., SARTORI, Carina, CAMPOS, Emerson C.. Les traces de la présence française dans le terres du Sahy: les cas de la famille Ledoux. In.: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania R. de (dir.). *Les Français au Brésil (XIXe - XXe siècles)*. Paris: Rivages des Xantons. 2011. p. 481-497.

inauguração de monumento, debates e publicações diversas. O ato de rememorar a história dos franceses societários havia começado. Em todo este farfalhar, alguns nomes eram frequentemente citados devido à querela que dividiu a Colônia em duas, eles eram: o dr. Mure, Jamain e Derrion. Das narrativas produzidas no ano de 1992, o nome de Derrion, assim chamado pelos detentores da memória local, aparecia timidamente do lado do francês Jamain e, em inúmeras vezes, foi considerado um dos principais responsáveis pelo fracasso da Colônia. Quase dois anos depois dos 150 anos do Sahy, mais precisamente entre os anos de 1994 e 1995, duas novas pesquisas, uma de mestrado e outra de doutorado, surgiram para debater, a partir dos arquivos, a Colonização Francesa no Sahy⁶⁷. Nelas, o duo Jamain-Derrion não aparece mais como o único culpado pelo insucesso societário. Para estes pesquisadores, a causa do infortúnio estava baseada numa disputa ideológica entre os ex-saint-simonianos convertidos ao fourierismo, Derrion - Jamain, e o fourierista-homeopata, dr. Mure.

Cooperativistas, memorialistas e idealistas, todos, de uma certa maneira, encontraram Michel Derrion a partir de outros personagens que cruzaram a sua vida. Acostumados a chamá-lo de Derrion, enquanto ele próprio assinava o seu nome como M. Derrion, a vida deste lionês passou a ser desenhada por fragmentos Atlânticos. Enquanto uma parte, oriunda da França, apresenta um homem cooperativista e visionário, a outra, composta no Brasil e nas terras do Sahy, expunha um lado dissidente e, por vezes, fracassado. Destes dois extremos em que estas duas distintas gerações de pesquisadores encontraram o personagem lionês, tanto uma como a outra buscou tecer, de uma certa maneira, a vida de um homem-militante ordinário da primeira metade do século XIX. Mesmo sendo um encontro de acasos provocado por outras memórias, Michel-Marie Derrion, M. Derrion ou somente Derrion saiu das margens.

**

⁶⁷Cf. GÜNTLER, Antônio Carlos. *A Colonização do Saí (1842-1844). Esperança de Falansterianos expectativa de um governo*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em História, UFSC. 1994.; GÜNTLER, A. C.. *Derrion no Brasil: As colônias do Saí e do Palmital*, 2002.; THIAGO, Raquel S., *Fourier: esperança e utopia na península do Saí*. Blumenau: ed. Furb, ed. UFSC, 1995.

1.3. Ao pai :

« Elle était habitée surtout par des négociants et des fabricants en soie. Dans l'une de ces maisons, sise non loin de la vieille église Saint-pierre, au numéro 12, du côté droit en allant de la Saône au Rhône, maintenant en bordure de la rue de la République qui a enlevé la maison voisine portant le numéro 14 et une partie de celle portant le numéro 16, habitait au début du siècle un fabricant du nom de Jacques Derrion »⁶⁸.

Era 29 de março de 1803, quando a vida lhe foi dada. Jacques Derrion e Marguerite Merlin moravam na rua Bât-d'Argent, quartier des Terreaux, conhecido pela importante presença dos negociantes de seda e apenas a alguns minutos da Croix-Rousse. O pai, um « *fabricant d'étoffes de soie*⁶⁹ » e a mãe, « *son épouse*⁷⁰ », decidiram homenagear o parente militar dando ao primogênito o seu nome, Michel-Marie Derrion. Da sua infância até os seus 28 anos, momento em que Michel-Marie Derrion se reconhece quanto um « *réformiste pratique du commerce et du travail*⁷¹ », não existe quase nenhuma informação. Tudo o que sabe é que em 1806 a pequena Louise-Françoise viria ao mundo, 1811 foi a vez de Marie Augustine Derrion e que nos idos de 1830 a família era locatária de dois imóveis⁷² na rue de la Vielle-Monnaie, « *sur la pente de la colline de la Croix-Rousse* »⁷³. Se os quase vinte e oito anos de da vida de Michel-Marie Derrion são desconhecidos, o detalhe da mudança de endereço e a locação dos dois imóveis deixam transparecer alguns pequenos detalhes da vida da família e da relação destes com o comércio da seda em Lyon.

A *fabrique à métier*⁷⁴ de Jacques Derrion, certamente, se tornou reconhecida nos idos de 1830. A sua devoção ao tecido, mesmo que tenha lhe custado uma parte de seus anos, permitiu que a sua família gozasse de um certo conforto tendo, então, separado o espaço do trabalho da vida familiar. Jacques havia alugado um apartamento que continha quatro peças, grandes janelas e estava localizado no primeiro andar do número 12, na rua de la Vielle-Monnaie⁷⁵. Quanto ao seu local de trabalho, ele estava instalado no segundo andar do n. 7, da

⁶⁸GAUMONT, Jean. *Le commerce Vêrdique et Social (1835-1838) et son fondateur Michel Marie Derrion*. Aminiens: Imprimerie Nouvelle. 1935. p. 8.

⁶⁹Acte de naissance de Michel-Marie Derrion, n°503, dix germinal ans onze de la république. AML.

⁷⁰*Idem*.

⁷¹Lettre de Michel Derrion à Enfantin, Lyon, 27 juin 1834. BNF.

⁷²Recensements annuels, Jardins de Plantes, Capucins – René Leynaud (rue), Lyon, 1831-1832. AML.

⁷³GAUMONT, J. *op. cit.*, p. 8-9.

⁷⁴Recensements annuels, Jardins de Plantes, Capucins – René Leynaud (rue), Lyon, 1831-1832. AML.

⁷⁵*Idem*.

mesma rua. Se os Derrion se encontravam em tal posição econômica, isso quer dizer que Michel, Louise e Marie tiveram, de certo modo, acesso a uma modesta educação. No entanto, isso não garantia aos três filhos o luxo de se dedicar às artes, às letras e tampouco, quando adultos, viverem apenas dos proventos dos pais. Nos dias de juventude, muito provavelmente, tanto Michel quanto as meninas dividiam o seu cotidiano em dois momentos: ora em família, ora na *Maison* auxiliando Jacques nos afazeres. Neste tempo partilhado pelos filhos, não se pode deixar de suspeitar que Michel, sendo o único herdeiro homem da família, era o mais requisitado pelo pai. Jacques e Marguerite sabiam que, se a morte chegasse a bater em suas portas, o filho devia estar preparado para assumir todas as responsabilidades da « *fabrique à métier* ». Vencer no espaço da fábrica, ou da indústria da seda, na cidade de Lyon, não era nada fácil. Jacques Derrion o conheceu muito bem.

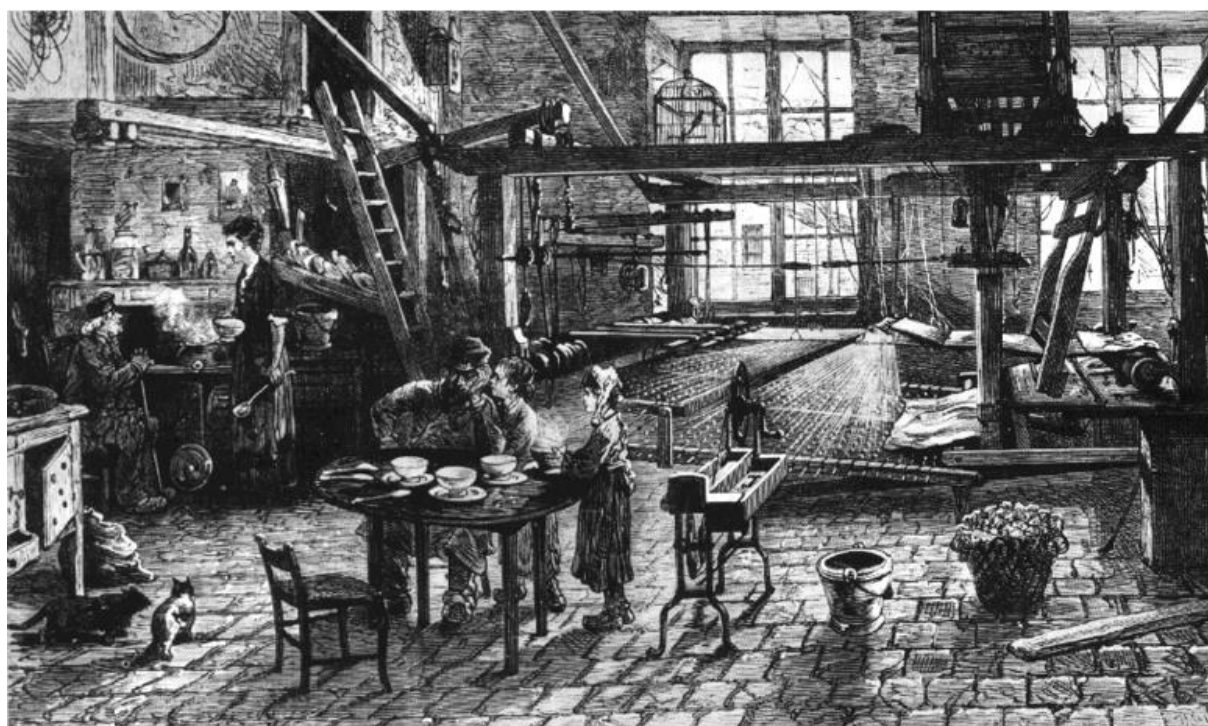


Fig. 1: FERAT, *Intérieur d'un canut en 1831*, gravure.

Um estrangeiro oriundo de Villar-Benoit, vindo para Lyon em busca de trabalho, Jacques Derrion começou como um operário *aux tissages de soie* ainda jovem. Em 1789, sob a regrada supervisão do M. Jean Prule⁷⁶, ele obteve a autorização para se tornar « *apprenti* » no ateliê daquele. Somente no começo do século XIX, já casado com Marguerite⁷⁷, é que Jacques conseguiu abrir o seu próprio negócio. Muito provavelmente, a união com a filha dos Merlin,

⁷⁶Registres de la grande Fabrique de soie, Lyon, 1784-1791. AML.

⁷⁷Mariages, Lyon, Division de l'Ouest, 19 février 1800. AML.

também negociantes da cidade, é que permitiu ao futuro patriarca dos Derrion crescer. Assim, se o matrimônio pode lhe aportar um amor e um outro destino no meio dos pequenos negociantes da seda, as amizades e as relações estabelecidas durante todo o tempo em que fora desde um simples operário até um aprendiz, também lhe assegurou uma boa rede de contatos. Para comprovar estas tessituras, na certidão de casamento de Jacques e Marguerite, pode-se ler que, dentre as testemunhas presentes, haviam cerca de quatro « *negotiants* », um « *militaire* » e o antigo chefe de Jacques.

A ascensão ao posto de negociante no meio da fábrica era algo que exigiu, além de boas relações, conhecimento e agilidade para poder gerir os pedidos. Jogando o papel de intermediário entre os grandes fabricantes, os ateliers e todos os demais trabalhadores, o negociante tinha um trabalho que consistia « *entrepose la soie grège achetée en écheveaux aux 'tireurs' ou aux 'dévideurs', la confie por la préparation 'd'organsinage' ou de 'moulinage' aux 'moulineurs', puis aux teinturiers, puis aux maître-tisseurs, qui en font des étoffes et la revend ensuite toute préparée (...) aux magasins des détaillants* »⁷⁸. Isso quer dizer que Jacques transitava entre todos os grupos que compunham a hierarquia da seda e que, sem dúvida alguma, havia aprendido a dialogar com todos.

A fábrica da seda fez com que o fluxo de trabalhadores, oriundos das mais diversas regiões da França, se dirigissem até os arredores da cidade em busca de emprego. A colina da Croix-Rousse, uma comuna que só seria anexada a Lyon por decreto em 1852, havia se tornado o ponto principal de chegada de inúmeros homens, mulheres e crianças. Para poder acompanhar o crescimento promovido pela indústria da seda, naquele começo do século XIX, o poder público se viu obrigado a estabelecer mudanças urbanas para receber os operários e permitir que o comércio da seda obtivesse uma boa fluidez. Desta maneira, entre as décadas de 1810 e 1830, os terrenos que outrora pertenceram a Igreja e compunham parte do traçado da Croix-Rousse foram adquiridos pela prefeitura para que prédios, de quatro ou cinco andares, fossem construídos. Os conventos que se localizavam naqueles arredores também sofreram reformas e, em muitos casos, eles se transformaram em ateliês, estabelecimentos e pequenos apartamentos para acolher os trabalhadores e quaisquer famílias. Novas ruas foram abertas e praças construídas. A região da Place Sathonay, *au bas des pentes et à l'ouest des Capucins*, ao ser construído, foi definido como um espaço em que comércios populares pudessem coexistir com apartamentos residenciais espaçosos. O quartier des Capucins, *situe dans la partie inférieure des Pentes, à proximité du quartier des Terraux et du centre des affaires*, o contrário do

⁷⁸GAUMONT, J., *op. cit.*, p. 16.

Sathonay, era a região onde se encontravam os mais importantes marchants-fabricants. Era, também, naquelas ruas e nos grandes e espaçosos apartamentos em que quase todas as negociações da seda, deste o preço da mão-de-obra até à venda, ocorriam. Se o Sathonay e o Capucins eram bairros que praticamente decidiam os caminhos econômicos da seda, a Montée de la Grande Côte era onde se encontrava o trabalho e quase toda a produção.

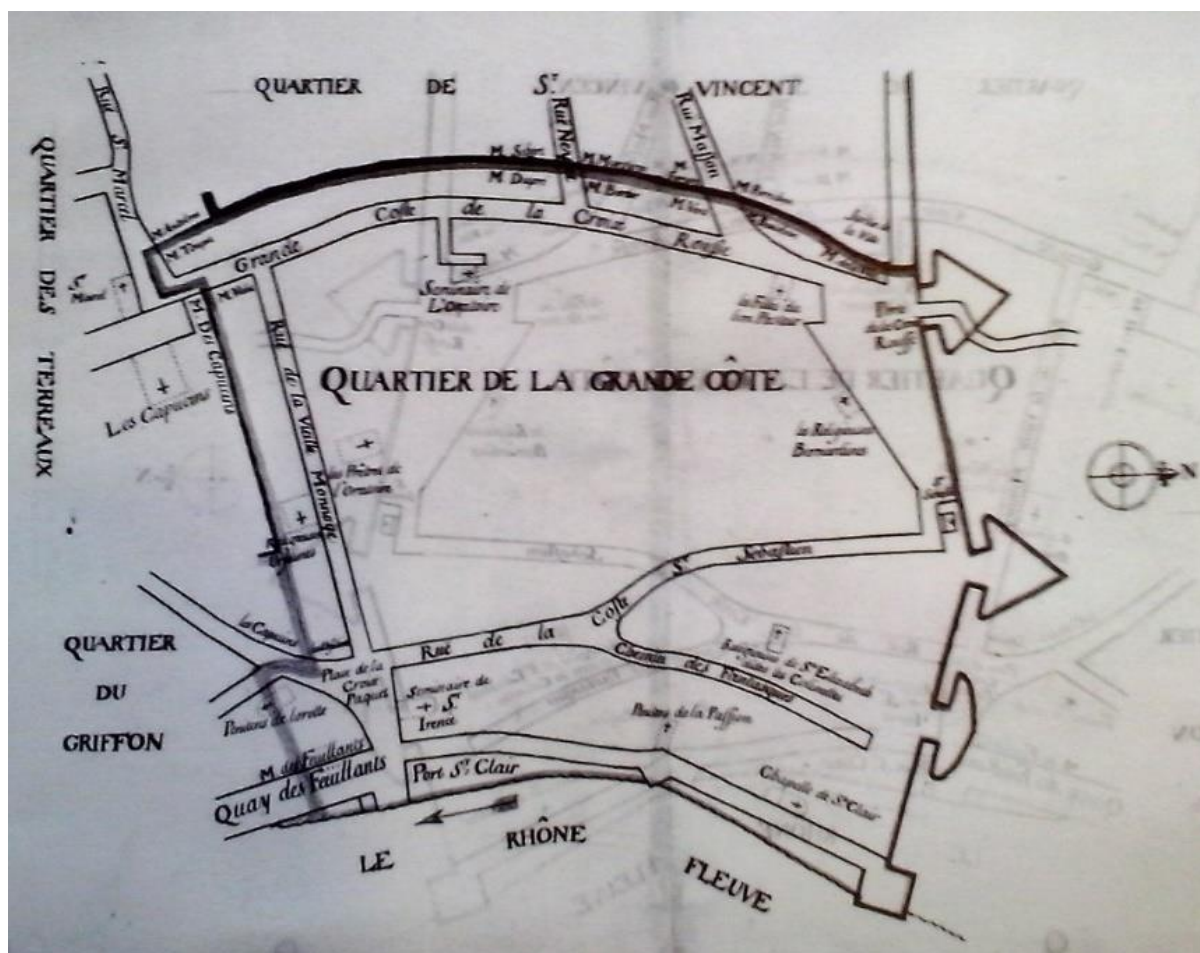


Fig. 2 : Plan du pennonage de la Grande Côte, AML.

A Montée de la Grande Côte e as suas pequenas ruelas eram diariamente tomadas por homens e mulheres que se dirigiam todos os dias para os ateliês. Quase sem instrução e com condições de vida precárias, os operários da seda subiam e desciam les pentes de la Croix-Rousse com um único objetivo em mente: tecer. Os ateliês, geralmente localizados no primeiro andar dos prédios de cinco andares, encontravam-se instalados ao longo da Montée e nos arredores da colina. Com grandes janelas, para permitir o aproveitamento máximo da luminosidade, o interior destes espaços de trabalho era em peça única e com altura suficiente

para acolher três ou quatro métiers Jacquard⁷⁹, que mediam cerca de seis metros cada um⁸⁰. Nos atelies em que a família dividia o espaço com o trabalho, era possível encontrar um mezanino, de três metros, que servia de quarto e era construído fora do alcance das janelas. A cozinha, sempre localizada nos fundos do ateliê, era o único cômodo que possuía uma boa isolamento. A seda, tecido extremamente delicado, podia sofrer alterações se houvesse qualquer contato com os odores e fumaças. Enquanto os banheiros, instalados nas escadas dos prédios, eram comuns a todos os trabalhadores e moradores. Para completar a estrutura espacial da seda, nos edifícios em que estavam instalados os ateliês, não era raro encontrar « *les traboules* » ou as estreitas passagens que permitiam os trabalhadores proteger a seda da umidade e da chuva durante o transporte.

O ritmo era quase sempre o mesmo, o *bistanciac*. As quase 14 horas em frente ao tear, só eram interrompidas quando a pausa para o almoço era anunciada. No resto do tempo, todos os operários ficavam sob os olhos atentos do *Compagnon*, braço direito do *chef d'atelier*, e que tinha a obrigação de assegurar a qualidade da produção e a ordem no ateliê. Já o proprietário dos métiers, ora chamado de *chef* ora de *maître tisseur*, cabia o papel de manter os teares funcionando todo o tempo. Quer dizer, ele era o responsável pelas negociações dos fios de seda, dos prazos a serem respeitados e, sobretudo, do valor pago pelas peças. Em alguns casos, quando a *Maison* era reconhecida, o *chef d'atelier* tinha a autonomia de contratar o seu próprio desenhista que, conhecendo bem a delicadeza da seda, criava motivos para dar toda a originalidade ao trabalho. Toda esta negociação, geradora de desentendimentos no que tange aos valores e prazos, passava pelas mãos dos grandes *marchands-fabricants*, conhecidos por « *les soyeux* ». Estes últimos, oriundos de famílias abastadas, além de serem os responsáveis pela distribuição dos fios, também eram os que mais empregavam operários e, sem surpresa, os proprietários das grandes lojas de vendas de seda. No entanto, entre o *chef d'atelier* e o grande fabricante havia o « *petit marchand-fabricant* », que produzia e vendia por sua própria conta. A sua *Maison*, geralmente administrada com a ajuda da família, contava com três ou quatro métiers, alguns poucos operários e um *Compagnon*.

Em meio a toda esta ordem estabelecida e a tantos personagens que se cruzavam através das linhas tecidas da seda, enquanto alguns poucos davam as ordens, os mais numerosos

⁷⁹Criado por Joseph Marie Jacquard em 1801, o tear é controlado por uma série de cartões perfurados. Este último permitia registrar uma espécie de programa e assim guiar os ganchos que levantavam os fios. A invenção deveria constituir uma revolução técnica e social na profissão e, é claro, passar por algumas melhorias no ambiente da classe trabalhadora. Cf. DEMOULE, Philippe. *L'atelier du Canut Lyonnais au XIX^e siècle*. CVMT, 2002.

⁸⁰BARRE, Josette. *La colline de la Croix-Rousse : Histoire et géographie urbaines*. Lyon: éditions Lyonnaises d'Art et Histoire, 1993.

sentiam o soberbo peso da seda em seus ombros. Estes, comumente chamados de *Canuts*, cuja a origem do nome desperta inúmeros debates⁸¹, apareciam representados na parte mais baixa da hierarquia social. Portanto, eram eles que habitavam os pequenos apartamentos nos últimos andares dos prédios, cujo primeiro andar estava destinado aos mais abastados. Uma triste ironia do destino.

Jacques Derrion conheceu todos os degraus de trabalho na fábrica. Para poder estruturar o seu próprio negócio, ele mesmo teve que aprender a tecer as suas relações pessoais com as econômicas. Ao que tudo indica, no interior da indústria da seda havia uma organização bastante particular que para se obter permissões para a formação de aprendizes, *maîtres d'ateliers* e, até mesmo, as autorizações de abertura de novos atelies, tudo devia passar por estratégias de vínculos. Estes últimos podiam ser estabelecidos, em muitos casos, a partir de casamentos, ascendência familiar e, até mesmo, de algumas relações de trabalho. Num meio como este, não se pode deixar de pensar que a concorrência também jogava um papel importante. Era devido a presença desta última que inúmeras estratégias foram criadas, principalmente por alguns dos pequenos comerciantes, para que eles pudessem existir numa estrutura social hierárquica endurecida pelos mais ricos. Já com suas disputas internas, os homens da seda também tinham que aprender a gerir o mercado externo da compra e venda. As questões acerca da taxação da produção e da mão de obra empregada também atuavam na delicada balança econômica da fábrica⁸². Nos idos de 1830, por exemplo, no momento que a família Derrion mantinha o seu pequeno negócio, a Croix-Rousse e a fábrica contavam com cerca 16000 homens e mulheres que trabalhavam diariamente dentro e fora dos ateliês. Neste contexto da seda lionesa, mesmo sendo um estrangeiro como tantos outros, Jacques Derrion, havia vencido. O seu tempo de trabalho na Croix-Rousse, seus contatos, bem como, a sua seriedade, respeito e competência, fizeram com que ele tenha conseguido se tornar respeitável. Para provar tanta dedicação, alguns dias após o seu falecimento, o jornal *La Gazette Lyonnais* publicou o seu nome na lista de « *décès des plus notables* »⁸³.

O comércio de Jacques Derrion não fazia parte da lista dos grandes fabricantes ou negociantes. A sua porta de trabalho estava aberta no número 12 da rue de la Ville-Monnaie,

⁸¹Cf. PIGUET, Marie-France. Désignation et reconnaissance: le concours pour « chercher un terme appellatif qui remplace celui de canut » dans l'Echo de la fabrique. In.: FROBERT, Ludovic (dir.). *L'Écho de la Fabrique: Naissance de la Presse Ouvrière à Lyon*. ENS Editions/ Institut d'histoire du livre, 2007. p. 15-28.

⁸²Acerca deste tema, inumeras pesquisas foram publicadas e, sendo assim, para esta tese foi tomada a decisão de não debater a questão social de l'Industrie de soie à Lyon. Cf. RUDE, Fernand. *Les Révoltes des canuts, 1831-1834*. Paris: Maspero. 1982.; FROBERT, Ludovic. *Les canuts, ou la démocratie turbulente, Lyon 1831-1834*. Tallandier. 2009.; FROBERT, Ludovic. *Vivre en travaillant ou mourir en combattant - Les révoltes des canuts (1831, 1834)*. In.: *Histoire des mouvements sociaux en France, de 1814 à nos jours*. La Découverte, 2014.

⁸³GAUMONT, J., *op. cit.*, p. 09.

primeiro andar, até os idos de 1836. Provavelmente instalado num espaço que continha apenas uma divisória, a dedicação que manteve durante uma boa parte da década de 1830, sobretudo durante as duas Revoltas de Canuts (1831 e 1834), aliada a um círculo de encomendas de seda muito bem costurado, foi a receita do seu sucesso. De uma certa maneira, o futuro de Michel-Marie Derrion parecia traçado enquanto filho de um negociante reconhecido. No entanto, as ruas inclinadas da Croix-Rousse pareciam desviar os rumos da certeza da vida na « *fabrique à métier* » de Jacques.

*

Se nos primeiros anos da década de 1830 a *Maison* da família Derrion havia obitido alguns louros pelo bom trabalho desenvolvido com a seda, Michel-Marie Derrion, certamente, já se encontrava trabalhando com seu pai. Com menos de trinta anos e sem ter vivido todas as experiências profissionais de seu pai, a sua rotina de trabalho e de vida foram, de certa maneira, menos indigestas.

Os dias de Michel Derrion deviam começar quase sempre da mesma maneira. Pela manhã, com o seu pai, ele se dirigia até a *Maison* que se encontrava instalada a alguns metros da casa onde morava, na Vielle-Monnaie. Neste breve percurso, talvez, o silêncio não tivesse vez. Os homens deviam discutir acerca dos pedidos a serem produzidos e, é claro, partilhar as responsabilidades. Jacques, por ser o mais experiente, devia se encarregar de negociar os pedidos e os valores com os grandes fabricantes para, em seguida, distribuir as encomendas com os *chefs d'ateliers*. Em todo este processo, que se iniciava com os pedidos e só terminava com o tecido entregue nas lojas, Jacques devia ter o discernimento de saber a qual *maître tisseur* ele podia confiar as solicitações e, em alguns casos, a quais trabalhadores, que atuavam fora dos ateliês, confiar a primeiras tramas dos fios. Michel Derrion por sua vez, devia ficar com a responsabilidade da distribuição dos fios, da correta entrega dos tecidos e, quando Jacques lhe autorizasse, participar de algumas das negociações, bem como, controlar as contas da *Maison*. Nestas atribuições, enquanto o pai era o homem que transitava entre alguns dos mais importantes negociantes da cidade, o filho era quem caminhava pelas ruas escutando os burburinhos acerca das ideias reformistas e mutualistas. Quem sabe, foi em meio a entrega de

um pedido que Michel Derrion recebeu, das mãos de algum desconhecido, os panfletos que questionavam a sociedade e incitavam os trabalhadores a comparecer nas reuniões para conhecer as proposições de Saint-Simon e mesmo de Charles Fourier. Talvez, as inúmeras vozes sem nome que questionavam as taxações do trabalho com a seda é que impulsionaram a curiosidade de Michel Derrion. Como filho de um negociante e futuro responsável da *Maison*, ele deve ter compreendido a necessidade de se informar acerca dos movimentos existentes no meio operário, dos problemas em relação as condições de trabalho e os valores diversos dos tributos. Mesmo se Jacques mantinha a sua cabeça centrada na entrega regrada dos seus pedidos, devido a sua experiência, quando as ruas da Croix-Rousse começavam a criar suas efervescências, uma revolta não tardaria a chegar. Naqueles dias, nos idos de 1830, era importante se manter informado.

No final do século XVIII, quase quando Jacques havia chegado em Lyon, a cidade já havia conhecido algumas revoltas. O motivo de tais eventos era o processo de mecanização dos ateliês, a chegada do *métier Jacquard*, e a discordância dos tributos pagos pelos *les soyeux* aos *maîtres tisseurs*⁸⁴. Na virada do século, mais precisamente nos anos de 1811 e 1826, os *maîtres tisseurs* conseguiram acordar com os grandes fabricantes uma tarifa mínima pelo trabalho. No entanto, se na década de 1830 o *métier Jacquard* encontrava-se bem instalado no cotidiano do operariado e a produtividade dos ateliês havia aumentado consideravelmente, os fabricantes decidiram romper com o antigo acordo e incentivar no seio dos *chef's d'atelier* a livre negociação. Quer dizer, uma concorrência injusta havia sido implementada e, através do novo sistema, permitia-se « *la fixation du salaire est libre, en fonction du marché, afin de respecter le droit de propriété individuelle des entrepreneurs* ».⁸⁵ Numa tal situação, os ânimos acirraram-se entre os *maîtres tisseurs* e os demais operários na Croix-Rousse. Naquele mesmo ano, para impulsionar ainda mais os debates acerca do trabalho e dos direitos do cidadão, eclodiu na capital francesa a *Révolution de 1830*⁸⁶ e em Lyon, apareceu o primeiro jornal destinado aos operários - *L'Echo de la Fabrique*⁸⁷. Em meio a tais eventos, pelas ruas da Croix-Rousse,

⁸⁴Cf. RUDE, F., *op. cit.*; FROBERT, L. *op. cit.*

⁸⁵Cf. FOUR, Pierre-Alain. Lyon et la soie: la naissance d'une conscience de classe. In.: *Millénaire*, 2007. Disponível: <https://www.soierie-vivante.asso.fr/PDF/revoltesmillenaire3.pdf> Acesso: 15 de março de 2017.; VERNUS, Pierre. Relations contractuelles, tarifs et usages dans la fabrique lyonnaise de soierie au XIXème siècle. In.: *Laboratoire de recherche historique Rhône-Alpes*. Lyon, Disponível: [http://www.static.lyon.fr/vdl/contenu/arrondissements/1ardt/Histoire%20de%20la%20fabrique%20\(3\).pdf](http://www.static.lyon.fr/vdl/contenu/arrondissements/1ardt/Histoire%20de%20la%20fabrique%20(3).pdf) Acesso: 26 de julho de 2018.

⁸⁶CARPENTIER, Jean; LEBRUN, François (dir.). *Histoire de France*. Paris: Editions du Seuil. 2000. p. 269-277.; GRIBAUDI, Maurizio. *Paris, Ville ouvrière - Une histoire occultée 1789-1848*. Paris: la Découverte. 2014. p. 285-331.

⁸⁷*L'Echo de la fabrique* é conhecido por ter sido o primeiro jornal na França a estabelecer-se como a voz da classe trabalhadora. Criado em outubro de 1831, por um grupo proletário, o jornal contava com a direção dos *chefs*

trabalhadores e *chefs d'atelier* encontravam pequenos folhetos que chamavam a todos os interessados a participarem das reuniões que abordavam as ideias de Charles Fourier e Saint-Simon. Aqueles meses de 1830, as ruas se tornaram um espaço onde tudo se escutava e tudo se dizia.

Michel e Jacques Derrion não eram *Canuts* e tampouco faziam parte dos grandes fabricantes da seda. Ambos mantinham uma função intermediária nesse comércio. Isso quer dizer que, mesmo se ocorresse qualquer tipo de mobilização por parte dos operários e dos ateliês, o trabalho dos dois era o de garantir a entrega dos pedidos a eles confiados. No entanto, isso não quer dizer que os Derrion fossem contrários às reivindicações dos trabalhadores ou mesmo contrários à ideia de concorrência proposta pelos grandes negociantes. A posição de Jacques em meio a estas questões, não se pode saber. Seu filho, em contrapartida, que adquiriu o conhecimento de seu pai e das experiências diárias com o trabalho nas negociações, conhecedor dos valores e da mão-de-obra necessária para produzir o tecido, começa a refletir acerca dos interesses envolvidos na concorrência. Para sanar suas dúvidas e angústias, é de se considerar que Michel Derrion tenha recorrido a leituras que estivessem ao alcance de suas mãos, como os jornais e os folhetos. Sobre a circulação de livros e quais os principais temas abordados naquele meio operário da Croix-Rousse, o pouco que sabe provem de algumas breves citações encontradas nas rubricas *Lectures proletaires* contidas nas folhas do *L'Echo de la fabrique*⁸⁸. Entretanto, um detalhe é certo, nos idos de 1830 os estudos do comércio e da concorrência começaram a chamar a sua atenção e a discussão sobre a existência de uma tal *amélioration de l'industrie et du commerce*.

*

d'atliers, que contratavam redatores para escrever os textos acerca do mundo do trabalho. As contratações eram essenciais pois, os fundadores do *L'Echo* sabiam que, mesmo se as páginas narravam a questão do trabalho e dos trabalhadores, a concepção de um jornal exigia competências e conhecimentos especiais, tais como: familiaridade com a escrita e um nível de leitura e educação que a maioria deles não possuía. Cf. FROBERT, Ludovic (dir.). *L'Écho de la Fabrique: Naissance de la Presse Ouvrière à Lyon*. ENS Editions/ Institut d'histoire du livre, 2007.

⁸⁸A circulação de livros na região da Croix-Rousse, sobretudo no meio operário, ainda é um tema que merece atenção. Segundos os estudos de Sarah Mombert, as publicações literárias, geralmente na rubrica « *Lectures proletaires* », reduziam-se a pequenas histórias ligadas a um contexto moral. Tal gênero de leitura se difundiu no seio do operariado devido a dois pontos: o primeiro dizia respeito a lei de 8 abril 1831 que regulava as publicações da imprensa e o segundo, ao hábito da não leitura aliado a falta de tempo que os operários tinham. Cf. MOMBERT, Sarah. *La muse de la Fabrique: Les rubriques littéraires de l'Echo de la fabrique*. In.: FROBERT, L., *op. cit.*, p.177-191.

Os primeiros saint-simonianos chegaram em Lyon nos idos de 1831⁸⁹. Oriundos de Paris, da média e pequena burguesia, eles se organizaram em torno do Père Enfantin, Amand Bazard, Olinde Rodrigues e de Michel Chevalier, após a morte de Saint-Simon⁹⁰ em 1825. Preocupados em difundir a doutrina, Prosper Enfantin, Saint-Amand Bazard, Rodrigues, Michel Chevalier e outros discípulos concebem uma estrutura para difundir os pensamentos e os estudos do Mestre. Todos sabiam que era importante difundir a ideia de *transformer la société en considérant l'amélioration de la classe la plus pauvre - un rapport entre la technologie, le travail et la production*. Organizados e certos do seu destino, em 1830, eles investem na compra do *Journal Globe*, fundam no Hotel de Gesvres o Collège Saint-Simonien e passam a assumir a alcunha *frères*. Juntos, eles também constituem um cotidiano baseado em rituais para que todos pudessem se sentir inseridos na nova sociedade que estava centrada « un ordre et une hiérarchie d'industriels, de savants et de prêtres »⁹¹. O pequeno grupo, agora mais organizados, conseguem ver, a então Igreja Saint-simoniana, tomar certa envergadura.

« Nous sommes sûr à limite de deux mondes (...) Nous voyons nettement, d'une part, la doctrine de Saint-Simon qui correspond à la philosophie de Socrate, et d'autre part, nous apercevons confusément la vérité, la religion correspondant à celle du Christ, dans laquelle la doctrine se résoudra. (...) La religion ne peut disparaître du monde »⁹².

Os primeiros sinais de prosperidade para o movimento finalmente começaram a despontar em meados do ano de 1830. Sem qualquer apoio do estado francês, os saint-simonianos contavam unicamente com o auxílio financeiro dos *frères*, sobretudo os que tinham a profissão de banqueiros. A frente do trabalho da gestão das contas e, também, responsável pela criação de uma teoria econômica que dialogasse com os preceitos do Mestre, estava o *frère* Olinde Rodrigues. Conhecido pelo seu caráter de « conserver pure la pensée du Père⁹³ », ele não era nada favorável aos possíveis sincretismos entre os pensamentos saint-simonianos e fourieristas e tão pouco aos novos preceitos amorosos, libertários e religiosos propostos por

⁸⁹Cf. BUFFENOIR, Maximilien. Les saint-simoniens à Lyon. In.: *Revue politique littéraire* (Revue bleue). n° 18, 2° semestre. 1909.; REGNIER, Philippe. Les saint-simoniens à l'épreuve des « événements de Lyon » : un approche communicationnelle. In.: FROBERT, L., *op. cit.*, p. 327-343.

⁹⁰Cf. BOISSIER, Gaston. *Saint-Simon*. Paris: Librairie Hachette et C^{io}. 1892.; PETRE-GRENOUILLEAU, Olivier. *Saint-Simon: l'utopie ou la raison en actes*. Paris: Payot & Rivages. 2001.; DESANTI, Dominique. *Les socialistes de l'utopie*. Paris: Payot, 1970.

⁹¹REGNIER, Philippe. Louis Vinçard, dit Vinçard aîné : une autobiographie trop exemplaire. In.: MILLOT, Hélène; SHAPIRA, Marie-Claude (dir.). *La poésie populaire en France au XIXe siècle: Théories, pratiques et réception*. Tusson: Du Lérot. 2005. p. 347-362 apud REGNIER, Philippe. Les saint-simoniens à l'épreuve des « événements de Lyon » : un approche communicationnelle, In.: FROBERT, L., *op. cit.*, p. 327-343.

⁹²DESANTI, D., *op. cit.*, p. 95-134.

⁹³*Idem*.

Enfantin. Após a morte de Saint-Simon, que conseguiu reunir os diferentes ideais que compunham o movimento, Prosper Enfantin e Saint-Amand Bazard foram nomeados *Pères* pelas mãos de Rodrigues. No entanto, mesmo se ambos partilhavam o título máximo, as diferenças entre os dois causaram acaloradas discussões no seio da Igreja⁹⁴ acerca da concepção hierárquica religiosa do movimento e do misticismo sexual. Rodrigues e Bazard viam que Prosper Enfantin denegria os preceitos do Mestre ao propor tais liberdades. Assim, no final do ano de 1831, a ruptura entre os dois *Pères* foi inevitável e Rodrigues não tardaria a se retirar. Se as disputas internas faziam parte do crescimento intelectual, Michel Chevalier, em contrapartida, mostrava-se um tanto preocupado com a pouca presença operária no seio do movimento. Ao que se sabe, somente em 1839, quando ocorreu uma importante adesão de pequenos artesões e fabricantes de Paris no grupo, sob a tutela de Louis Vinçard, é que os *frères* menos abastados passaram a ter um pouco mais de espaço na Igreja.

Vinçard, um artesão residente em Paris, decide encorajar os operários a escreverem o seu próprio jornal. Tornando-se o editor e responsável pelo periódico saint-simoniano de base, ele funda o *La Ruche populaire*⁹⁵. Este jornal popular se tornaria, muito provavelmente, uma das fontes de leitura de Michel Derrion quando este decidiu se estabelecer na capital em meados de 1837. Ao que tudo indica, fora por meio de um *frère*, o maquinista Jamain, que o lionês conheceu o periódico. Mesmo não se identificando mais como saint-simoniano, naquele momento específico, nada impede de supor que tanto Derrion quanto Jamain faziam parte de um pequeno grupo que discutiam as fusões das ideias de Saint-Simon com Charles Fourier. É preciso destacar que, no mesmo período em que o *La Ruche* circulou, os dois *frères* já se encontravam bastante envolvidos nas leituras de Fourier e, vez ou outra, publicavam pequenas notas no conhecido jornal fourierista - *Le Nouveau Monde*⁹⁶. No entanto, Jamain não deixou de contribuir com Vinçard e o seu jornal⁹⁷; já sobre Michel Derrion, nada se pode dizer. De toda maneira, aos olhos do Père Enfantin, estas trocas não deviam ser consideradas uma blasfêmia.

Enquanto a Igreja Saint-simoniana se estruturava em Paris, na Croix-Rousse, em 1831, os primeiros seguidores de Saint-Simon buscavam constituir uma base operária. A doutrina encontrou, primeiramente, o seu espaço numa pequena parcela mais abastada da sociedade da

⁹⁴*Ibidem*.

⁹⁵REGNIER, Philippe. *La Ruche populaire et la poésie des ouvriers*. In.: MILLOT, H.; SHAPIRA, Marie-Claude (dir.). *La poésie populaire en France au XIXe siècle: Théories, pratiques et réception*, Du Lérot, Tusson, 2005. p. 101-118 Apud REGNIER, P., *op. cit.*, p. 327-343.; *Le siècle des saint-simoniens: Du nouveau christianisme au canal de Suez*, Exposition Bibliothèque de l'Arsenal, Paris, novembre 2006 à février 2007.

⁹⁶*Faits divers*, Journal Le Nouveau Monde, Paris, 21 mars 1840. BNF.

⁹⁷Em 1841, a caminho do Brasil com Michel Derrion e outros falansterianos, Jamain envia uma nota ao jornal de Vinçard anunciando a realização da obra de Charles Fourier. Ver capítulo 2 de tese.

seda. Entre os grupos estavam, alguns médicos e importantes personalidades que trabalhavam com o comércio da seda, respectivamente. François e Peiffer⁹⁸ e Arlès-Dufour⁹⁹. Este último, conhecido por ser um político ativo e um respeitado negociante, contribuía para a divulgação da doutrina, escrevendo artigos acerca de « *la libre concurrence, la passion du travail productif et le goût des vastes entreprises inséparables d'un fort sentiment de solidarité sociale* » para *L'Echo de la fabrique*. No entanto, era nas páginas do jornal *Le Précurseur*¹⁰⁰ que as pregações saint-simonianas tiveram maior espaço. Nas edições de maio de 1831, o dito periódico não hesitou em publicar os longos discursos que foram proferidos nas reuniões. Quanto presença operária, objetivo principal dos saint-simonianos em Lyon, ela não ocorreu naturalmente. Os longos textos publicados e as palavras um tanto complexas não permitiam que a doutrina adentrasse no círculo dos trabalhadores. O problema residia no cansaço, no pouco tempo de intervalo e nas extensas jornadas nos ateliês, ao que se somava o nível de educação existente entre os Canuts. Os responsáveis à Ménilmontant¹⁰¹ sabiam que para chamar a atenção daquele desafortunado público era preciso captar e manter a atenção dos ouvintes nos primeiros momentos. Assim, para a doutrinação, Michel Chevalier e o Père Enfantin decidiram enviar alguns dos seus mais ilustres oradores para constituir um núcleo forte na Croix-Rousse. As palavras de Chevalier, numa proclamação publicada mais tarde nas páginas do *Globe*, foram bem claras quanto a isso:

« *Nous quitterons Paris, la ville de la consommation et du luxe... Nous irons là où un million de bras se meuvent quatorze heures par jour dans un même but, produire. Là où 500 000 têtes n'ont qu'une seule pensée : produire... (...) Allons vers Lyon, le géant des travailleurs* »¹⁰².

⁹⁸Infelizmente não existem dados mais específicos sobre estes dois responsáveis da Igreja Saint-simoniana de Lyon.

⁹⁹Fundador do *Crédit Lyonnais*, ele foi um dos mais importantes empresários saint-simonianos do século XIX. François-Barthélémy Arlès-Dufour nasceu em Sète, Hérault, no dia 3 de junho de 1797 e faleceu em Vallauris, Alpes-Maritimes, em 21 de janeiro de 1872. Instalado à Leipzig, em 1821, uma das mais importantes feiras da Europa, ele aprendeu inglês e alemão e estudou os livros de Smith e Stuart Mill. E em Francfort que ele conhece Prosper Enfantin, o futuro profeta saint-simoniano. Em 1825, ele se instala em Lyon como *commissionnaire en soie et soieries*, um banqueiro de l'Industrie textile. Cf. DEBAT-CANTON, Jacques. *Un homme d'affaires lyonnais : Arlès-Dufour (1797-1872)*. Thèse doctorale, Université Lumière Lyon 2, Lyon. 2000.; JEANMICHEL, Lucien. *Arlès-Dufour: Un Saint-Simonien à Lyon*. Lyon: Éd. Lyonnaises d'Art et d'Histoire. 1993.

¹⁰⁰Le précurseur a été un interprète du libéralisme. Morin, le gérant, permettre la publication d'une grande partie des conférences saint-simoniennes et il ouvre aussi ses colonnes à toute discussion relative à la doctrine. Cf. BUFFENOIR, M., *op. cit.*.

¹⁰¹A propriedade de Ménilmontant, Paris, era o centro espiritual do saint-simonismo e o berço de sua doutrina. Atualmente é chamado *Square de Saint-Simoniens*.

¹⁰²CHEVALIER, Michel, Proclamation du 23 novembre 1832.

Enquanto a Igreja Saint-simoniana seguia na sua brava conquista, Michel Derrion, ao que tudo indica, lia as publicações do respeitado Arlès-Dufour. No meio da fábrica da seda, este senhor era uma figura ilustre e Michel, filho de um pequeno negociante, não devia achar nada incomum se inspirar em alguém como Arlès. Logo, é de se supor que a sua aproximação com o movimento ocorreu a partir destas leituras. Se isso foi mesmo o princípio de seu engajamento, pode-se dizer que Michel Derrion frequentou as reuniões saint-simonianas ocorridas na *salle de la Loterie*, praça Saint-Clair¹⁰³, sob a supervisão de Laurent, Jean Reynaud e Pierre Leroux, sendo o primeiro o chefe da missão. Nos cursos e conferências, que se inspiravam nas ideias de Saint-Simon, o discurso era o de estabelecer uma nova « *société laborieuse et pacifique* »¹⁰⁴.

*« Toutes les institutions sociales doivent tendre à l'amélioration progressive, sous le rapport moral, intellectuelle et physique, de la classe plus pauvre et la plus nombreuse ; voilà le but. Tous les privilèges dus au hasard de la naissance doivent être successivement abolis ; et alors chacun doit être classé suivant sa capacité et rétribué suivant ses œuvres : voilà les moyens. Et de cet ensemble, mis en pratique par les hommes, du jour où comme nous ils sauront l'aimer, naîtra une association universelle fondée sur un échange d'amour et de travail »*¹⁰⁵.

Em meio a tantas descobertas, as palavras « *association universelle, amour, travail* », « *amélioration* », « *libre concurrence* » e « *solidarité sociale* », certamente, despertaram a atenção de Michel Derrion. Se tudo lhe parecia novo e possível de se realizar, ou seja, tornar o comércio mais justo, os burburinhos de uma revolta por entre as ruas da Croix-Rousse aumentavam. Morando na casa de seus pais, na rue de la Vielle-Monnaie, a dois passos de la Montée de la Grand Cote e do quartier des Capucins, o filho de Jacques conheceria um pouco mais da realidade injusta do comércio e da sua concorrência. Naquele ínterim, não seriam as palavras do seu pai que Michel-Marie Derrion buscaria acalmar os seus questionamentos acerca daquele novo mundo que lhe cercava. Mesmo se Jacques tinha o conhecimento de uma vida em seus ombros, foram as cartas poéticas trocadas com o Père Enfantin que capturaram a sua imaginação.

Naquele ano de 1831, os seus dias seriam divididos entre dois homens e para Michel-Marie Derrion, talvez, ambos eram seus pais.

*

¹⁰³Atualmente é a Place Louis Chazette.

¹⁰⁴BUFFENOIR, M., *op. cit.*.

¹⁰⁵*Séance Saint-simonienne*, Le Précurseur, Lyon, 9 et 10 mai 1831, Bibliothèque Municipale de Lyon.

As primeiras conferências saint-simonianas ocorreram no mês de maio de 1831. Para encorajar a participação operária, os oradores decidiram que Jean Reynaud seria o interlocutor. Seu conhecimento de *l'École* e a sua capacidade de falar em público, certamente, auxiliaria a chamar a atenção daquele público¹⁰⁶. Já nos primeiros cursos, Reynaud expunha as ideias acerca da propriedade, dialogando com as miseráveis condições de vida dos trabalhadores e a incapacidade da Igreja em auxiliar os verdadeiros necessitados. Em suas explanações, o número de presentes chegou a aproximadamente 1500. De todos os ouvintes, uma grande maioria era apenas formada de curiosos que ansiavam saber o que era toda aquela agitação. Nesta massa, Michel Derrion se fez presente. Não porque ele era um bisbilhoteiro como muitos, mas porque, ele já havia tido acesso aos textos publicados nos jornais *Le Precurseur* e *l'Echo*. Se a máxima entre os saint-simonianos estava se opor « à concurrence et association, et limitent le rôle de la concurrence à la concurrence “entre les choses” (c'est-à-dire une concurrence pour le perfectionnement des instruments de travail, donc l'innovation), en rejetant la concurrence “entre les hommes” »¹⁰⁷, discurso que chamou a atenção Michel Derrion; já para outros lioneses, isso era obra do demônio¹⁰⁸ ou de algum grupo jacobino disfarçado¹⁰⁹. Enquanto uns escutavam atentamente as pregações e outros as contestavam com veemência, o fato é que um pequeno grupo de militantes se formou na Croix-Rousse. Com o retorno dos oradores à Paris, foi o médico Peiffer que assumiu a responsabilidade de organizar a Igreja e os discípulos. Assim, naquele mesmo ano, na rua Saint-Dominique todos que acreditavam no pensamento do Mestre podiam se reunir e conceber ações práticas para a realização da sociedade industrial laboriosa.

« Le petit nombre d'adeptes dont je suis entouré est encore peu capable d'agir. Deux d'entre eux sont pleins de zèle, mais Derrion est encore retenu par sa timidité »¹¹⁰.

Se o grupo estava formado e Michel já era um dos integrantes, Jacques devia participar das reuniões que eram organizadas pelos *chefs d'atelier* com o objetivo de renegociar a tarifa

¹⁰⁶VIDALENC, Jean. Les techniques de la propagande saint-simonienne à la fin de 1831. In.: *Archives de sociologie des religions - Socialisme et religion*, n.10, 1960. pp. 3-20. Disponível: http://www.persee.fr/doc/assr_0003-9659_1960_num_10_1_2691 Acesso: maio de 2015.

¹⁰⁷BELLET, Michel. La critique saint-simonienne de la secte des économistes: un positionnement original. 2014. Disponível: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00956451/document>

¹⁰⁸CABUCHET, M. T., *Première lettre à un Saint-Simonien*. Lyon: Louis Babeuf Librairie. 1832.

¹⁰⁹*Cri du peuple*, Nouvelle Gazette du Midi, Lyon, 9-26 mai 1831. BML.

¹¹⁰Lettre de Peiffer à Pereire, Lyon, 8 novembre 1831, BNF.

mínima para o trabalho. Em meio a tantas reviravoltas, uma greve geral foi chamada e no mês de novembro de 1831 a *Révolte de Canuts*¹¹¹ eclode.

« *Vivre en travaillant ou mourir en combattant* ».

A insurreição começou no coração da Croix-Rousse e os grevistas, em 19 de novembro, entraram em confronto com *la Garde Nationale*. Esta, formada por um número considerável de *chefs d'atelier*, se dividiu entre a responsabilidade perante a ordem e a causa operária. Dois dias se passaram e os insurgentes tomam o centro da cidade de Lyon com a sua bandeira negra. A esta altura, *la Garde Nationale*, que já se encontrava apoiando a causa, e os *Canuts* toman o poder, destituem o prefeito e decidem organizar um comité que será responsável por reestabelecer a ordem e tomar as decisões políticas. Ao saber da acupação da cidade de Lyon, o rei Louis-Philippe envia uma tropa de quase 20.000 soldados com objetivo de dissipar a insurreição. Resistindo até onde podiam, mas sem experiência política, tão pouco organizacional, os *Canuts* saem derrotados. Um julgamento, dos que haviam se envolvido na revolta, se arrastaria até os idos de 1832. Alguns saint-simonianos foram perseguidos durante o processo. Mesmo se a presença do grupo foi um tanto caótica¹¹², enquanto alguns militantes participavam ativamente chegando a pegar em armas, outros se mantinham favoráveis a um movimento pacífico, tais como François, Peiffer e Michel Derrion. Preocupados com a repercussão da revolta no seio da família saint-simoniana, o grupo de Paris decide enviar novos oradores a Lyon afim « *d'organiser la Société pacifique des travailleurs, d'élever la voix au milieu du découragement et du désordre, pour combattre la concurrence et l'égoïsme* »¹¹³. Em dezembro, enquanto os novos oradores ainda não se faziam presentes, Michel Derrion começou a deixar de lado a sua timidez para iniciar a sua verdadeira atuação no seio da Igreja saint-simoniana. Naquele mesmo mês, após as semanas sangrentas vividas na Croix-Rousse, Michel Derrion finalmente assume o seu engajamento na Igreja e escreve uma longa carta au Père Enfantin.

« *Père, j'aime à répéter souvent que je suis Saint-Simonien et je voudrais pouvoir faire comprendre à tous ce que cette vie qui nous est commune et dont je sens si bien le prix. Mais ma langue ne sait plus obéir à ma volonté et l'expression me manque pour satisfaire ce besoin d'expansion qui me dévore. Mon être comprimé par je ne sais quelles entraves, voudrait s'épanouir et ne*

¹¹¹Cf. FROBERT, L., *op. cit.*, 2009.; FLOBERT, L., *op. cit.*, 2014.

¹¹²Cf. RUDE, F., *op. cit.*, 1982.; BUFFENOIR, M., *op. cit.*.

¹¹³BUFFENOIR, M., *op. cit.*.

le peut. Continuez, je vous prie, d faire arriver jusqu'à moi la parole féconde où je puisse chaque jour de nouvelles forces. Car je ne veux pas être un membre stérile de la famille d'avenir »¹¹⁴.

Em menos de um ano escutando as conferências, lendo as notas de jornais e partilhando algumas horas de estudos com os demais *frères*, Michel-Marie Derrion se deixou levar pelo conhecimento fecundo dos ensinamentos de « *l'Amour Universelle* ». Esta devoção, que se utiliza de termos apaixonados, é algo que não estava puramente ligada a uma idolatria de sua parte. Talvez, Michel Derrion tivesse uma necessidade de conhecimento para poder saciar as suas dúvidas. Aqui, é possível supor que esta carência em sua personalidade venha da impossibilidade de poder continuar os seus estudos quando era ainda muito jovem. Quer dizer, em algum momento de sua vida, mesmo sabendo que herdaria a *Maison* e a profissão de seu pai, ele deve ter ansiado seguir outros caminhos que lhe permitissem estudar o seu contexto e a vida. É claro que esta reflexão, acerca de seu conhecimento não passa de uma hipótese, já que, não existem dados que permitam aprofundá-la. Entretanto, ela deve ser considerada pois, quando se observa o período em que ele esteve engajado com a família saint-simoniana, existe uma clara evolução em sua escritura e no seu pensamento. Nos primeiros meses, vê-se um jovem admirado pelas possibilidades de transformar a sociedade. Já nos dois anos seguintes ao seu engajamento, os seus textos e cartas passam a ser mais densos e, de uma certa maneira, utilizam o conhecimento prático aprendido com o seu pai e a teoria de um comércio industrial lida nas páginas do *Journal Le Globe* e, quiçá, demais livros. Em todo caso, entre os anos em que esteve vinculado a Igreja saint-simoniana, Michel Derrion, certamente, trocou correspondências com o Père e Michel Chevalier. Se este amor despertou um lado devoto do homem Michel, em sua família, aquela que lhe deu a vida, qual deve ter sido a reação de Jacques ao ver que seu único filho vinculado a uma causa que deveria lhe parecer abstrata? A resposta a esta questão, talvez, não tenha tanta importância. Porém, é quando o seu engajamento se torna público que Michel Derrion deixa a casa dos seus pais para se instalar no local de trabalho da família, no número 7 de la Vielle-Monnaie. Entre as duas famílias que tinha em seu coração, o que se pode dizer é que a partir de 1832, Michel passou a dividir seu tempo de trabalho entre a *Maison* de seu pai de sangue e a Igreja de seu pai em conhecimento. Era um novo caminho que se iniciava.

A *Révolte de Canuts* de 1831 deixou algumas marcas no grupo saint-simoniano. Depois de trabalharem com os feridos, nos dois campos adversários, e tentarem acalmar quaisquer

¹¹⁴Lettre de Michel Derrion à Enfantin, Lyon, 19 décembre 1831. BNF.

insurgentes, François e Peiffer se tornam menos ativos. Assumindo, aparentemente, a responsabilidade, Michel Derrion começou a lecionar e a encorajar os demais trabalhadores a participarem do movimento. Arlès-Dufour, em contrapartida, tinha o papel de disseminar os sentimentos da sociedade pacífica e industrial no seio da burguesia lionesa¹¹⁵. Com as funções distribuídas no interior da estrutura da Igreja de Lyon, seguidas de perto por Michel Chevalier, Michel Derrion acabou assumindo a contabilidade daquela. Ao que tudo indica, o grupo não estava assim tão bem organizado. Foi a partir do trabalho de Michel Derrion que, em alguns meses, as dívidas foram liquidadas¹¹⁶. Com as questões financeiras equilibradas, tarefa que não lhe parecia muito difícil, o jovem saint-simoniano teve que, muito rapidamente, aprender confrontar os textos caluniosos que circulavam nos jornais de Lyon acerca da dissolução da Igreja de Paris e o processo contra o Père e Michel Chevalier acerca « *association illicite et outrage aux mœurs* »¹¹⁷. É neste delicado momento para a todos os saint-simonianos que Michel Derrion assume o papel público de defensor da doutrina do Père Enfantin passando a escrever cartas aos jornais locais, *Le Précurseur* e *l'Echo*.

« Oui, répondrai-je, nous reconnaissons dans Enfantin l'homme supérieur en qui sont les destinées de l'humanité ; cet homme sur lequel ceux qui ne le connaissent pas versent à pleines mains la calomnie et l'injure, nous l'appelons 'Père', nous ; car c'est lui qui nous a donné une nouvelle vie (...) a voix nous a montré la route que nous devons suivre, le but que nous devons nous proposer ; et maintenant, comme lui, nous voulons dans l'avenir l'émancipation du prolétaire et de la femme »¹¹⁸.

As opiniões contrárias às pregações saint-simonianas sempre existiram. Lyon, além de uma cidade operária, era fervorosamente católica. Quando os oradores de Paris chegaram, em 1831, não foram poucos os textos que os criticaram chamando-os de demônios ou jacobinos. Todavia, Michel Derrion tinha a sua devoção para com o Père. Logo, o seu dever era de proteger tanto o conhecimento como o homem que haviam possibilitado conhecer a nova sociedade industrial. Sem hesitar, ele toma a frente do grupo da Croix-Rousse e responde às acusações feitas contra o Père e a Igreja. No entanto, Michel Derrion era um jovem militante e as suas bases acerca das predicções não lhe eram suficientes responder às acusações de maneira aprofundada. Mesmo se a sua intenção tenha sido valorosa pela fidelidade, a sua escrita era,

¹¹⁵Lettre de Michel Chevalier à Arlès-Dufour, Ménilmontant, 24 octobre 1832. BMF.

¹¹⁶ Lettre de Cognat à Enfantin, Lyon, 6 août 1832. BMF.

¹¹⁷*Religion Saint-Simonienne - Procès en la Cour d'assises de la Seine, les 27 et 28 août 1832*. Paris: Librairie Saint-Simonienne, Chez Johanneau, 1832.

¹¹⁸*Au rédacteur du Précurseur*, lettre de Michel Derrion, Le Précurseur, Lyon, 17 août 1832. BML.

ainda, um pouco imatura. O texto das cartas enviadas aos jornais locais eram, na verdade, uma mera repetição dos jargões que se sustentaram em frágeis exemplos do cotidiano vivido por ele. Naquele momento de enfrentamento, mesmo se Michel Derrion era um dos mais ativos militantes, a sua escrita mostra que as suas leituras acerca da doutrina eram, ainda, muito pouco refinadas. Vendo uma alma tão pura, não é de se duvidar que os mais experientes interlocutores, alguns jornalistas engajados e intelectuais católicos, possuidores de leituras mais perspicazes, se divertissem com tamanha ingenuidade. Em todo este contexto, o fato é que Michel Derrion não desistiu de sua tarefa ou se acovardou. A prova disso é que meses mais tarde, em dezembro de 1832, ele e o *frère* Cognat organizaram um evento na cidade para receber os novos oradores saint-simonianos. O único problema é que antes de conceber a importante ocasião, Michel Derrion devia se preocupar em constituir uma defesa para o processo que fora acusado. Os dados acerca deste episódio não são conhecidos. Entretanto, como Michel Derrion fazia parte da Igreja Saint-simoniana, pode-se supor que ele fora denunciado por alguma atividade ocorrida no interior desta. Após a *Revolte de Canuts*, o poder público lionês intensificou a vigilância a toda e qualquer sociedade ou reunião operária. Os *frères* de Paris, reconhecendo o árduo trabalho de Michel Derrion, solicitam a Arlès-Dufour.

*« Il faut que vous ayez la bonté de veiller au procès intenté contre Derrion. Il me paraît impossible que le parquet l'abandonne. Vous sentez qu'il y aura un bon parti à tirer d'un procès en cour d'assises »*¹¹⁹.

A resposta d'Arlès à correspondência não é conhecida. Também não se sabe se Michel Derrion foi realmente julgado ou se o grande irmão interviu a seu favor. Todavia, as reuniões que ocorriam na rua Saint-Dominique foram proibidas por ordem do prefeito. Michel Derrion e todos os demais passaram a se encontrar, para dar continuidade aos estudos, num alojamento disponibilizado pelos próprios militantes nos arredores da Place Sathonay. Cognat, que era visto frequentemente com Michel Derrion, decidiu abrir cursos gratuitos de matemática e contabilidade para homens e mulheres. Após as reuniões, mesmo sendo rigorosamente vigiadas pela polícia e prefeito, ocorriam pequenos festejos que visavam evidenciar que todos faziam parte da grande família saint-simoniana. Nestas simples celebrações, banquetes com danças, cantos ocorriam ao mesmo tempo que preleções. Tudo era ser organizado por todos, sem distinção do sexo. Quanto à recepção, a cidade de Lyon viu, no dia 25 de novembro de 1832, a força que a Igreja possuía:

¹¹⁹Lettre de Michel Chevalier à Arlès-Dufour, Ménilmontant, 28 octobre 1832. BMF.

« Les apôtres saint-simoniens, Hoart, (...) et Bruneau (...) sont rentrés (...), dans notre ville, de retour de leur mission du Midi, accompagnés de Granal, Arnaud (...), qui les ont suivis dans leur course apostolique. La famille de Lyon, qui dès huit heures du matin s'était portée à leur rencontre, est venue au-devant de Hoart et Bruneau, ayant à sa tête ses chefs Cognat et Derrion (...), on s'est mis en marche en chantant l'appel et autres chants religieux. le cortège a ainsi traversé en ordre les faubourgs, le pont de la Guillotière, les Brotteaux »¹²⁰.

A longa caminhada finalizou com um banquete, servido pelos próprios apôtres, aos presentes. Segundo o jornal, cerca de cem pessoas estiveram presentes, entre homens, mulheres e crianças. Nesta cena, quase religiosa e que fora concebida pelos militantes Michel Derrion e Cognat, a presença de Hoart em Lyon tinha dois objetivos: o primeiro, era o de continuar as conferências acerca da doutrina e defender o pensamento Père e de Saint-Simon; o segundo, tão importante quanto o primeiro, era o de entregar o hábito aos dois lioneses.

« L'intention du PERE est que vous [Hoart] repassiez par Lyon, où vous donnerez l'habit à Cognat et à Derrion seuls »¹²¹.

L'habit saint-simomien, que devia ser utilizado por todos os apóstolos era composto « aux trois couleurs nationales dont le gilet, en signe de solidarité, se boutonnait dans le dos »¹²². A entrega era feita em meio a um ritual ao som de cânticos e muitos brindes em homenagem ao Père e aos mais novos responsáveis. Quanto aos demais que fizeram parte do movimento, um pequeno medalhão lhes devia ser oferecido como mérito pelo trabalho realizado. Se todo este ritual realmente existiu para Michel Derrion e Cognat, em Lyon, nada pode ser afirmado. Todavia, com ou sem *l'habit saint-simonien*, Michel Derrion parecia ter encontrado a sua família.

« Chaque jour, sur divers points de la cité, retentit la parole d'avenir. Nous n'excluons personne, car il n'est personne qui n'ai besoin de savoir ce que nous avons à enseigner »¹²³.

Os anos de 1831 e 1832 haviam mudado a vida Michel Derrion. Antes de conhecer os preceitos saint-simonianos, ele era um homem que dividia a sua vida entre o trabalho e a vida

¹²⁰Banquet Saint-simonien, L'Echo de la fabrique, Lyon, 9 décembre 1852. BML.

¹²¹Lettre de Michel Chevalier à Hoart, Ménilmontant, 28 octobre 1832. BNF.

¹²²La cérémonie de "prise d'habit", revêtant le fameux uniforme bleu, blanc, rouge dont le gilet se boutonne dans le dos, symbolisant l'entraide nécessaire. Cf. *Le siècle de saint-simoniens - Du nouveau christianisme au canal de Suez*, Exposition Bibliothèque de l'Arsenal, Paris, nov 2006.

¹²³Discours de Michel Derrion apud BUFFENOIR, M., op. cit..

com sua família. As palavras, as leituras e a participação no movimento lhe permitiram observar o seu pequeno mundo na Croix-Rousse de uma outra maneira. Com os saint-simonianos, além de um outro vínculo familiar criado, ele também pode expandir sua própria personalidade de militante e pensador ao tomar para si as responsabilidades da Igreja e auxiliar os seus *frère* nas adversidades.

*

O ano de 1833 havia chegado e as notícias acerca do processo contra o Père Enfantin e Michel Chevalier deixaram a grande família saint-simoniana órfã. Na Igreja, mesmo se os *frères* continuaram a manter o objetivo, *de transformer la société en considérant l'amélioration de la classe la plus pauvre - un rapport entre la technologie, le travail et la production* -; os integrantes do movimento demonstravam muito pouca união. Assim, entre tantas dificuldades, enquanto alguns *frères* se dirigiam para os Estados Unidos e outros para o oriente, na busca de uma nova terra, a única Igreja que persistia com suas reuniões e banquetes era Lyon. Nest movimento de dispersão, a chegada de Barrault, Hoart e Félicien, todos oriundos de Paris, deu ao grupo saint-simoniano da Croix-Rousse um pouco mais de força. Porém, se Hoart se mantinha fiel ao ensino industrial, o *frère* Barrault decidiu seguir as suas próprias ideias. Em Lyon, ele cria, então, a *l'Association des Compagnons de la Femme* que « *annonce aux Lyonnais la venue prochaine de la femme 'libératrice du prolétaire'* »¹²⁴.

« (...) la seule manière possible de faire triompher les revendications féminines était la suivante : découvrir la Femme-Messie qui révélerait aux femmes leur véritable mission, et, réunie à l'apôtre suprême, Enfantin, imposerait sa loi au monde »¹²⁵.

O discurso de Barrault, aparentemente, não entusiasmou Michel Derrion. Neste período em que a *Mère* se tornou o centro da vida da Igreja, o silêncio do lionês é quase ensurdecedor.

¹²⁴BUFFENOIR, M., *op. cit.*.

¹²⁵Cf. ABENSOUR, Léon. Le féminisme sous la monarchie de Juillet. Les essais de réalisation et les résultats. In.: *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tome 15, n°2. 1911. p. 153-176. Disponível: https://www.persee.fr/doc/rhmc_0996-2743_1911_num_15_2_4631 Acesso: maio de 2017.

Até o momento, não foi encontrado nenhum documento que aponte qualquer ligação de Michel Derrion com os escritos ou a reuniões de Barrault. Talvez, devido às intensas perseguições do poder local aos saint-simonianos, o engajado Michel tenha decidido se retirar um pouco de cena. Quem sabe ainda, ele tenha começado a se interessar pelas demais publicações, que circulavam nas páginas do *Le Précurseur*, acerca da teoria de Charles Fourier. De toda maneira, a partida de Barrault para Constantinopla, na busca pela *Mère*¹²⁶, deixou Hoart e a Igreja numa situação desconfortável. Este, que decide ficar em Lyon e auxiliar os demais, sofre com a vigilância intensa das autoridades e a fraca divulgação da doutrina nas páginas dos jornais. Sem muita opção, Hoart se viu obrigado a reunir os poucos *frères* para anunciar a separação definitiva. Em suas palavras finais, o fiel saint-simoniano solicitou aos presentes que cada um deles continuassem « *identifiés dans un seul sentiment: amour pour le Père, espoir dans la venue de la Mère* »¹²⁷. Em meio aos poucos militantes corajosos, é de se supor que Michel Derrion tenha participado do evento. Os poucos anos a frente da Igreja e descobrindo leituras acerca do pensamento de Saint-Simon haviam despertado novos questionamentos em sua vida. O final, um pouco dramático do grupo saint-simoniano lionês, deve ter deixado Michel Derrion um tanto sem rumo no que tange as suas atividades de militante. No entanto, esse vazio que fora criado pela ausência dos *frères* seria preenchido pelo outro movimento que pouco a pouco se formava nas ruas da Croix-Rousse. O pensamento de Charles Fourier começou a ganhar espaço nos jornais no segundo semestre de 1833. Um pequeno grupo de seguidores se formou para organizar as primeiras conferências acerca das ideias do *Maître*. Michel Derrion, ainda, não fazia parte daqueles fiéis, porém ele não foi insensível as novas ideias.

Em 1833, nas páginas do jornal *La Réforme industrielle*, órgão difusor do pensamento fourierista à Paris, Charles Fourier consagrou um longo artigo¹²⁸ em que debate a *Révolte de Canuts*, ocorrida em Lyon no ano de 1831, a postura da fábrica da seda e a violenta repressão por parte do governo francês. Suas palavras, não são uma crítica destrutiva ao movimento operário ou à política francesa, muito pelo contrário, elas questionam o risco destas duas ações no seio da sociedade e na sua própria concepção da teoria societária¹²⁹. Segundo Fourier, para evitar uma desestruturação de todo o sistema, que já se encontrava em decadência devido à violência imposta por ambas as partes envolvidas no movimento de 1831 em Lyon, a resposta

¹²⁶Cf. BARRAULT, E., *1833 ou L'année de la mère*. Lyon: Chez Mme. S. Durval. 1833.; WEILL, Georges. *L'école saint-simonien - son histoire, son influence jusqu'à nos jours*. Paris: BnF éditions. 1896.

¹²⁷BUFFENOIR, M., *op. cit.*.

¹²⁸La Phalange ou La Réforme industrielle, Publication de l'Ecole Sociétaire, Paris, 16 novembre 1833. Bibliothèque nationale de France.

¹²⁹TRANSON, Abel. *Théorie sociétaire de Charles Fourier ou l'art d'établir en tout pays des associations domestiques-agricoles de quatre ou cinq cents familles*. Paris: Au bureau du Phalanstère. 1832. BNF.

devia se centrar na criação de « *soit l'associations syndicale, le mutuellisme, soit l'association coopérative de production, "atelier sociétaire"* »¹³⁰. Foi a partir destas proposições, chegadas aos jornais de Lyon pela pluma de Rivière Cadet, *un imprimeur sur étoffes*, também vinculado ao grupo republicano, que uma boa parte dos antigos saint-simonianos lioneses viram um novo recomeço para as suas lutas no meio operário.

Em 1833, as páginas do *L'Echo des Travailleurs*¹³¹ começou a publicar textos acerca da doutrina de Charles Fourier. O envolvimento dos saint-simonianos com a *Révolution de Canuts* de 1831, as demais perseguições ocorridas contra a Igreja em Paris e a proibição de reuniões, fizeram com que uma parte dos editores dos jornais de Lyon tomassem a decisão de não apoiar, cegamente, uma única doutrina. Nesta perspectiva, o editor chefe do *L'Echo des Travailleurs*, Marius Chastaing¹³², publicou artigos acerca das principais ideias da concepção societária proposta por Fourier, tais como « *l'association* » e a garantia « *à chaque sociétaire d'un minimum en toute chose: nourriture, logement et moyens de travail* »¹³³, como também, não hesitou em apresentar quaisquer críticas aos excessos. Em contrapartida, o *L'Echo de la fabrique*, aderiu ao movimento fourierista publicando artigos e convocando todos os seus leitores para participarem das conferências, ministradas por Adrien Berbrugger, no mês de setembro de 1833. As palestras, totalizando quatro naquele mês, em Lyon, foram organizadas por um pequeno grupo composto por Fleury Imbert, Joseph Reynier e Rivière Cadet. Elas ocorreram nas salas do Palais Saint-Pierre, no entorno da Place des Terreaux. O eloquente orador fourierista, Berbrugger, abordou os aspectos econômicos da teoria de Fourier que tinha por base o sistema de associação industrial reorganizado a partir da introdução da « *répartition équitable en capital, travail et talent* »¹³⁴. Devido à aclamação no meio lionês, as conferências logo foram publicadas¹³⁵ e, três meses mais tarde, uma segunda série de debates ocorreu. Desta vez, o tema esteve centrado no « *Système de colonisation agricole inventé par Fourier* »¹³⁶. Michel Derrion, um dos órfãos do movimento saint-simoniano, muito provavelmente participou

¹³⁰BEECHER, Jonathan. Le fouriérisme des canuts. In.: FROBERT, L., *op. cit.*, p.111-139.

¹³¹*L'Echo des travailleurs* é um jornal que foi fundado por Marius Chastaing em 1833, depois de ter sido demitido da redação do *L'Echo de la fabrique*. Marius imediatamente reivindica a história operária d'*Echo de la fabrique* e nas páginas do novo jornal ele mantém as mesmas rubricas. Cf. *L'Echo de travailleurs*. In.: *L'Echo de la fabrique et la petite presse ouvrière lyonnaise des années 1831-1835*. Disponível: <http://echo-fabrique.ens-lyon.fr/sommaire.php?id=3987&format=et>

¹³²Marius Chastaing foi um dos primeiros acionistas do *L'Echo de la fabrique*. Conhecido em Lyon, pela sua relação com a pequena burguesia, ele se torna o editor chefe doo jornal quando Antoine Vidal, un homme des lettres, falece em 1832. Cf. POPKIN, Jeremy. « Marius Chastaing et la presse ouvrière à Lyon ». In.: FROBERT, L., *op. cit.*, p. 29-52.

¹³³BOUFFENOIR, Maximilien. Le fourierisme à Lyon. In: *Revue d'Histoire de Lyon*, Lyon, 1913. BML.

¹³⁴*Conférences de M. Berbrugger, disciple de Fourier*, *L'Echo de la fabrique*, Lyon, 29 décembre 1833. BML.

¹³⁵BERBRUGGER, Adrien. *Conférences sur la théorie de Charles Fourier*. Lyon: Babeuf, 1833.

¹³⁶BOUFFENOIR, M., *op. cit.*, 1913.

de algumas das reuniões e tenha, talvez, comprado a brochura com as transcrições das conferências. Se Michel Derrion participou de todo um contexto que se desenrolava na Croix-Rousse, nada impede de supor que a sua forma de refletir e agir passou a ser alimentada por todas aquelas correntes de pensamento. Em uma carta destinada ao Père Enfantin, junho de 1834, Michel Derrion, além de reafirmar seus sentimentos de filho, deixa transparecer que um pouco desta mistura de ideias, bem como, anuncia um novo projeto:

« Père,
 (...) un de vos fils d'entre le plus obscurs méditait une réforme pratique du commerce et du travail en les prenant tels qu'ils existent dans cet Occident qui vous méconnaît encore. **Je me suis efforcé d'adapter nos idées à l'état actuel de l'opinion publique** [grifo nosso] »¹³⁷.

A obra que estava sendo pensada e rabiscada pela pluma de Michel Derrion, certamente, contou com os discursos saint-simoniano, fourierista e associativo que circularam na Croix-Rousse, bem como, contou com a sua experiência de negociante de seda na Maison de seu pai. No entanto, se tudo parecia ser uma reconstrução, os primeiros meses do ano de 1834 trouxeram algumas mudanças no coração do militante.

¹³⁷Lettre de Michel Derrion à Enfantin, Lyon, 27 juin 1834. BNF.

1.4. Memórias: uma tulipa de pedra

No final do século XIX, a cidade de Lyon, os seus intelectuais e quaisquer políticos viram um certo interesse em debater um pouco mais a sua própria história. Num discurso centrado na « *petite patrie* » e na (re)descoberta de aspectos locais, tais como *archéologiques, historiques, littéraires, économiques et scientifiques*, este fenómeno marcou a criação de *sociétés savantes, mais aussi par une activité éditoriale forte sous forme de livres, brochures et revues*. Assim, em 1902, a *Revue d'histoire de Lyon* foi criada. Seu objetivo era evidente : *créé et avec elle un nouvel espace pour débattre les personnages, les politiques et d'autres sujets de la vieille Lyon*. Paralelo as páginas da *Revue d'Histoire de Lyon*, houve também a formação de um outro grupo que era composto de pesquisadores oriundos das áreas do Direito, Economia e História. Preocupados em estdar as causas da economia social e o surgimento das *Coopératives Socialistes*, o grupo criou em 1912 la *Fédération Nationale des Sociétés Françaises de Consommation*¹³⁸. Entre as atividades previstas, além da valorização de *la Mémoire de la recherche économique et sociale en France*, havia a preocupação de criar uma revista para propagar as ideias sociais. Assim, em 1921, encabeçados por Charles Gide et Bernard Lavergne, *les Coopérativistes* publicam, finalmente, *La Revue des études coopératives*.

« *Au flanc du vase seront sculptés les médaillons de Joseph Reynier et Michel Derrion, fondateurs, dès 1835, du premier magasin coopératif de vente* »¹³⁹.

Em 1920, um comité de « *souscription des coopérateurs et des amis de la coopération* » solicitaram ao prefeito de Lyon uma autorização para erigir um monumento em homenagem a primeira cooperativa criadas na cidade. Um ano após o pedido, as páginas da *Revue des études coopératives*, órgão difusor do grupo de pesquisadores franceses cooperativistas, sob a presidência Justin Godart, anunciou que uma escultura em homenagem à Michel Derrion e Joseph Reynier seria instalada na Croix-Rousse. Estando cientes que para tal realização o comitê precisaria de fundos, Jean Gaumont¹⁴⁰, responsável pelo empreendimento, requisitou a

¹³⁸BAYON, Denis. *Le commerce véridique et social de Michel-marie Derrion, Lyon, 1835-1838*, 2002. p.12.

¹³⁹Communication. In.: *Revue des études coopératives*. Lyon: Imprimerie des presses universitaires de France. 1921. s/p.

¹⁴⁰« Jean Gaumont est né le 21 janvier 1876 à Précy-sous-Thil (Côte-d'Or) et mort le 16 mars 1972 à Saint-Maur-des-Fossés (Val-de-Marne). Il a été fonctionnaire à l'Assistance publique de Paris ; syndicaliste ; socialiste ; coopérateur ; historien de la coopération ». Cf. Portrait de Jean Gaumont. In.: *CEDIAS – Musée Social*. Disponível: http://www.cedias.org/index.php?lvl=notice_display&id=75285

« *tous les amis de la Coopération* » uma pequena prova de contribuição moral e financeira. O então presidente em exercício, Godart, apoiando totalmente a iniciativa, afirmou que a cidade de Lyon já havia acordado uma pequena subvenção, bem como cedido o local - « *sur les pentes du plateau de la Croix-Rousse* »¹⁴¹. Alguns meses mais tarde, naquele mesmo ano, Jean Gaumont anunciou no « *8º Congrès national des coopératives de consommation* », ocorrido à Lyon, que:

« (...) *comme on vient de vous rappeler, que nous inaugurons, ou plutôt que nous posons demain la première pierre du monument commémoratif du fondateur, du pionnier de la coopération française* »¹⁴².

Três anos mais tarde, foi inaugurado na rua Lucien Sportisse, Croix -Rousse, um Vase sculpté « *ronde en pierre, se composant de deux éléments ; un vase de forme tulipe sur un pied, sculpté de cannelures et de feuilles d'acanthes (...) portant sur la panse deux médaillons opposés, l'un frappé des profils de Derrion et Reynier* »¹⁴³. A peça, uma obra criada pelas mãos da artista Jeanne Bardet, também contém os seguintes dizeres:

« *Partie sud du vase – Derrion et Reynier, 1835* ».
« *Erige en 1923 par souscription des coopérateurs et des amis de la Coopération avec concours de la municipalité de lyonnaise. À la coopération en 1835 Michel Derrion et Joseph Reynier fondèrent le 'Commerce Véridique et Social' et ouvrirent le premier magasin coopératif de vente Montée de La Grande Cote à Lyon* »¹⁴⁴.

Se o monumento foi, finalmente, instalado e a homenagem aos dois personagens que abriram a primeira *épicerie sociale* em Lyon devidamente registrada no espaço público e nos anais da história da cidade de Lyon, o que dizer acerca da intenção dos responsáveis de tal iniciativa, Jean Gaumont e Justin Godart?

Para erigir o monumento em Lyon, é natural que os dois *coopérateurs* tenham enfrentado problemas, a exemplo: a falta de dinheiro para efetuar todos os pagamentos da fabricação¹⁴⁵ e, até mesmo, a mudança do local determinado para a localização da obra. Mesmo

¹⁴¹Communication. In.: *Revue des études coopératives*. Lyon: Imprimerie des presses universitaires de France. 1921. s/p.

¹⁴²Fédération nationale des coopératives de consommation (France), 8º Congrès national à Lyon, mai 1921. p. 100.

¹⁴³Monument à la Coopération, Croix-Rousse, Lyon, 1923. Archives Municipales de Lyon.

¹⁴⁴*Idem*.

¹⁴⁵Na ocasião do 10º Congrès national des cooperatives de consommation, tido à Bordeaux, um dos responsáveis pelo evento anunciou que « (...) *nos camarades de la Fédération lyonnaise ont élevé un monument aux précurseurs de la Coopération, Michel Derrion et Joseph Reynier. Ce monument, nous l'avons inauguré au Congrès de Lyon. Il reste une petite note à payer, elle n'est pas très élevée. Nous amis sont en déficit et font un appel aux sociétés*

com essas adversidades, o grupo de Lyon sabia que era de extrema importância concretizar a homenagem. O acaso pode ter feito Justin Godart cruzar com Michel quando aquele primeiro lia as páginas escritas por Joseph Reynier. No entanto, esta casualidade tomou corpo na concepção de um mito cooperativista.

Entre os anos de 1903 e 1920, cerca de 7 artigos integrais sobre Michel Derrion foram publicados nas *Revue d'histoire de Lyon*, *Revue d'études coopératives* e *Revue littéraire*. Outros tantos textos, acerca do movimento operário e do contexto sócio-político de Lyon, citaram indiretamente o nome de Michel Derrion, sempre fazendo menção ao comércio social justo e comprometido com a causa cooperativista. Justin Godart, ele mesmo, não escreveu nenhum texto específico sobre os dois lioneses do século XIX. Porém, a chegada de Jean Gaumont no grupo assegurou a continuidade dos estudos dos personagens lioneses e as suas ligações com o dito movimento. Em 1920, por exemplo, por ocasião de uma cerimônia comemorativa dos *Coopérateurs à Lyon*, observa-se:

« Bien que cet homme ait joué un rôle dans la vie ouvrière, politique et sociale de la Cité lyonnaise, c'est à peine si son nom est connu de quelques chercheurs curieux d'histoire locale et de ceux d'entre vous qui fréquentent le Siège Social de votre grande Coopérative l'Avenir Régional, qui a déjà justement placé son nom à son tableau d'honneur à côté de celui de son ami Michel Derrion. (...) cet homme inconnu, cet ouvrier ignoré, ce « canut » sans réputation, nous estimons, nous coopérateurs, qu'il est digne de figurer à côté de plus grands et des plus illustres
(...)
L'initiateur véritable de ce Commerce Véridique et Social, celui qui en eut l'idée et auquel doit revenir le mérite de la pensée créatrice, fut Michel-Marie Derrion »¹⁴⁶.

Ou seja, o grupo composto por Jean Gaumont e Justin Godart passou a utilizar a história de Michel Derrion para conceber uma memória histórica do cooperativismo lionês a nível nacional. Esta composição, que se baseou numa constante publicação de textos, na organização de congressos sobre a história do cooperativismo e na fabricação de um monumento, foi essencial para criar uma identificação coletiva. Aliado a todos estes eventos e trabalhos, deve-se considerar o fato de haver uma preocupação de enaltecimento de vidas ordinárias que realizaram, pelas suas próprias forças e ideais, pequenas mudanças na sociedade francesa. Em meio a este discurso, é de se supor que o grupo de Gaumont e Godart estava buscando promover

pour qu'elles veuillent bien leur envoyer quelques billets de cent francs ». Fédération nationale des coopératives de consommation (France), 10^o Congrès national à Bordeaux, mai 1923. p. 115.

¹⁴⁶GAUMONT, Jean. *Le mouvement Ouvrier - d'association et de coopération*. Lyon: L'Avenir Régional. 1921. p.151-163.

uma política de encorajamento para a nação. É preciso lembrar que, na década de 1920, ainda estavam presentes as rusgas da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa. Logo, enaltecer a imagem do operário¹⁴⁷, do construtor e do idealista era uma maneira de impulsionar os homens e mulheres a aceitarem o seu papel na sociedade enquanto agentes transformadores de uma nação mais justa. Esta ideia parecia ser algo importante ao grupo, pois, em grande parte dos textos publicados pode-se encontrar a preocupação em difundir os nomes destes homens transformadores que « *doivent entrer dans les traditions populaires, car c'est à ces hommes de large foi sociale et haut idéalisme que l'humanité devra sa délivrance le jour où tout le bien matériel et moral inclus dans la coopération* »¹⁴⁸. Esta idealização e imagem de um homem simples e *coopérateur* construídos pelo grupo pode não ter sido aceito em toda a França naquela primeira metade do século XX. Todavia, a presença de um certo Michel Derrion, desenhado pelas mãos dos cooperativistas, deixou reminiscências.

Em 1935, Jean Gaumont escreveu a biografia¹⁴⁹ cronológica do fundador da primeira *épicerie sociale* da França e da Europa, ele destacou frequentemente a importância das ruas da Croix-Rousse, da fábrica da seda e do movimento fourierista na vida do personagem. Em sua escrita, além de afirmar a ideia de que Lyon era uma cidade operaria e adepta do cooperativismo, ele vincula toda a história de vida de Michel Derrion com a fundação da *épicerie sociale*. A frequente repetição do conceito de comércio social com Derrion, inevitavelmente, limitaram a vida do personagem ao círculo de estudos cooperativistas o que levou o lionês a cair no esquecimento após o falecimento de Jean Gaumont em 1972. Entretanto, mesmo permanecendo na fronteira entre o esquecimento e a memória cooperativista, a cidade e o bairro em que Michel Derrion cresceu não apagaram os rastros deixados pelo grupo de Gaumont e Godart. A chegada das décadas de 2000 e 2010, a outrora esquecida construção imagética cooperativista de um homem ordinário, voltou a tomar força.

Em 2000, Mimmo Puciarelli um pesquisador interessado nos estudos utópicos, operários e nas experiências cooperativistas na Croix-Rousse, conhece a história de Michel Derrion a partir dos escritos de Jean Gaumont. Claramente engajado no debate socialista¹⁵⁰, o

¹⁴⁷Depois da década de 1960, a história operaria conta com um importante espaço de difusão que se chama *Le Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, cumumente chamado de *Le Maitron*. Este, fundado por Jean Maitron, falecido em 1987, conta com a presidência de Claude Pennetier. O dicionário está disponível em <http://maitron-en-ligne.univ-paris1.fr/> Cf. AGULHON, Maurice. « Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français Jean Maitron ». In.: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*, 29^e année, n°6, 1974. p. 1574-1575.

¹⁴⁸GAUMONT, J., *op. cit.*, 1921. p.151-163.

¹⁴⁹GAUMONT, J., *op. cit.*, 1935.

¹⁵⁰« Colloque Derrion: regain d'énergie pour l'utopie ». In.: *RECMA - Revue Internationale de l'Economie Sociale*. 2000. p. 6-7. Disponível: http://www.recma.org/sites/default/files/recma278_cdf.pdf Acesso: maio de 2016.

pesquisador decide reeditar uma parte dos escritos do « *obscur expérimentateur social*¹⁵¹ » por vias do *Atelier de Création Libertaire*¹⁵². Concomitantemente, ele organiza um Colóquio em Lyon que, sem dúvida nenhuma, levou o nome de « *Michel-Marie Derrion, pionnier coopératif* »¹⁵³. Além destas atividades e da publicação, um grupo concebe, na Croix-Rousse, a biblioteca *CEDRATS* (*Centre de Documentation et de Recherche sur les Alternatives Sociales*) que tem como imagem Michel-Marie Derrion.

« En empruntant le nom de cet utopiste croix-roussien du XIX^{ème} siècle, le CEDRATS souhaite établir un trait d'union entre les multiples et diverses tentatives de créer des alternatives sociales visant à l'émancipation individuelle et collective que nous avons connue depuis deux cents ans. Cependant, avec l'ouverture du CEDRATS, si d'un côté nous voulons maintenir vivante et enrichir cette mémoire et ce patrimoine historique et social, de l'autre nous voulons contribuer à réfléchir et encourager les expériences actuelles qui continuent à creuser des nouveaux chemins visant toujours ce même objectif : s'engager dans le quotidien pour que nos sociétés soient les plus libres, égalitaires et démocratiques possible »¹⁵⁴.

Destes tantos socialistas que redescobriram a vida de Michel Derrion, no final dos anos 2000, a própria Croix-Rousse também vai se apropriar de uma imagem do lionês *coopérateur*. Todavia, enquanto Mimmo tinha o objetivo de abordar o socialismo a partir da experiência de vida de Michel Derrion, o bairro, por sua vez, tomou as vias capitalistas. Redesenhando o seu espaço urbano, com pequenos tijolos comemorativos que indicam personalidades e eventos importantes, a Croix-Rousse vai se valer do seu passado revolucionário e da fábrica da seda para vender uma certa imagem aos turistas. Michel Derrion não fugiu desta nova cartografia. Nos pequenos pedaços de papéis, que comportam trajetos específicos aos turistas, Derrion aparece em meio ao « *mini guide de la soie* » onde se pode se identificar o local onde fora instalada a primeira *épicerie sociale*. Seguindo o mapa, o caminhante, além de visualizar a praça onde está instalada a tulipa de pedra, também encontra no número 95 da Montée de la Grande Côte, uma pequena placa cinza, instalada bem no alto do primeiro andar do prédio. Nesta se pode ler:

« Ici fut fondé en 1835
Par Michel Derrion et Joseph Reynier
La Première Coopérative Française de Consommation

¹⁵¹BAYON, Denis. *Le commerce véridique et social de Michel Marie Derrion (1835-1838)*. Lyon: Atelier de création libertaire, 2002.

¹⁵²Cf. Les éditions Atelier de création libertaire. Disponível: <http://www.atelierdecreeationlibertaire.com/Colloque-Michel-Marie-Derrion-1803.html>

¹⁵³*Un colloque por l'économie solidaire à Lyon*, Lyon matin, juin 2000.

¹⁵⁴Centre de Documentation et de Recherche sur les Alternatives Sociales. Disponível: <http://www.cedrats.org/about.php>

Le Commerce Véridique et Social »

Monumentos e esquecimentos. Esta foi a vida criada para Michel Derrion a partir das penas de Justin Godart, Jean Gaumont, do movimento de Coopérateurs, de Mimmo Puciarelli e de la Croix-Rousse. Sua vida, nas mãos destes senhores e instituições foi, de certa maneira, um « *pretexte à presenter, interroger les utopies économiques, celles d'hier, d'aujourd'hui et de demain* »¹⁵⁵. Também não se pode negar que ela foi, numa analogia ao tempo e ao meio em que Michel Derrion viveu, pedaços de tecidos costurados pela mão de cada grupo e de cada pessoa que contou a sua vida em Lyon, no interior da Croix-Rousse do século XIX. Entretanto, se todos estes retalhos buscavam encaixar Michel Derrion num tecido único, o que ele diria de si mesmo? De toda maneira, Michel Derrion foi acordado de seu silêncio.



Fig. 3 : Monument en hommage au Commerce Véridique Social, 2013.
Archives Carina Sartori

*

¹⁵⁵BAYON, D., *op. cit.*, 2002.

A segunda *Révolte de Canuts*¹⁵⁶ eclodiu, na Croix-Rousse, no começo do mês de abril de 1834. Os grandes-fabricantes haviam decidido baixar o salário dos operários mesmo se a fábrica da seda vivia um bom momento econômico. Os *Canuts*, que decidem por uma greve geral no mês de fevereiro, são rapidamente reprimidos pelo poder público. Em meio ao ato de resistência contra a baixa da tarifa salarial, inúmeros dirigentes de associações, mutualistas e operários são presos e levados a julgamento. Enquanto as primeiras audiências ocorreriam, dois meses após a greve, a *Chambre de pairs* discutia uma lei¹⁵⁷ que coibia a atuação das associações republicanas, mutualistas e operárias no seio da sociedade. Os *Canuts*, ao verem os seus companheiros serem julgados e seus direitos de organização serem atingidos, decidem se rebelar e ocupar a cidade. Na ação, cerca de 6000 trabalhadores montaram barricadas na Croix-Rousse para fazer face aos militares que receberam ordens de atirar. O final da *sanglante semaine* foi drástico para os operários, pois « *en avril 1835, à Paris, 163 insurgés faits prisonniers jugés au cours d'un procès monstre; ils sont condamnés à la déportation ou à de lourdes peines de prison* »¹⁵⁸. Enquanto toda a cena ocorria pelas ruas da Croix-Rousse, Michel Derrion, assim como fizera na primeira revolta em 1831, preferiu não pegar em armas e nem mesmo se aproximar dos revoltosos que defendiam os direitos que lhes eram revogados. O saint-simoniano, dito pacifista, então leitor de Fourier, assistiu a tudo do ateliê de trabalho de seu pai onde se encontrava alojado, na rua *de la Vielle-Monnaie*. Um espectador indireto da semana sangrenta, por escolha própria, ele dedicou o seu tempo na concepção de um projeto.

« *C'est un premier pas vers l'avenir que je voudrais aider à faire* »¹⁵⁹.

Em 1834, alguns meses após a revolta, Michel Derrion publicou uma brochura que tinha o objetivo de propor uma « *organisation pacifique de l'industrie et du commerce* ». Em suas

¹⁵⁶Cf. RUDE, F., *op. cit.*.

¹⁵⁷« Art. 1er. Les dispositions de l'art. 291 du code pénal sont applicables aux associations de plus de 20 personnes, alors même que ces associations seraient partagées en sections d'un nombre moindre, et qu'elles ne se réuniraient pas tous les jours ou à des jours marqués. L'autorisation donnée par le gouvernement est toujours révocable. ; Art. 2. Quiconque fait partie d'une association non autorisée, sera puni de deux mois à un an d'emprisonnement, et de 50 fr. à 1,000 fr. d'amende. (...) Les délits politiques commis par lesdites associations, seront déférés au jury, conformément à l'article 69 de la charte constitutionnelle. Les infractions à la présente loi et à l'art. 291 du code pénal seront déferées aux tribunaux correctionnels. Les dispositions du code pénal auxquelles il n'est pas dérogé par la présente loi, continueront de recevoir leur exécution. ». Cf. PARANT, M. *Lois de la presse en 1834*. Paris: Firmin Didot Frères, Librairies. Novembre 1834. p. 178-181.

¹⁵⁸*Les insurrections des Canuts*. In.: Laboratoire social 19^e S. Disponível: www.gadagne.musees.lyon.fr Acesso: novembro de 2014.

¹⁵⁹DERRION, M., *op. cit.*, p.09.

linhas, que abordam a ideia da liberdade na sociedade francesa¹⁶⁰, o papel dos chefes de estado¹⁶¹ e os reflexos das revoltas operárias na Croix-Rousse, o lionês concluiu que a sociedade se encontrava doente devido a « *désordre avec lequel s'opèrent la production et la répartition des richesses* ». Nesta desarmonia, a solução não devia se centrar unicamente na produção e no trabalho, mas na transformação do comércio a partir da distribuição:

« *Je sais bien que beaucoup d'améliorations sont nécessaires dans l'atelier, soit pour rendre le travail attrayant excessif, et cependant plus productif ; (...) il ne faut s'occuper d'organiser l'industrie que dans les rapports avec le commerce, parce que quoique chose difficile, elle est plus praticable encore que l'autre moyen et ses résultats seront bien autrement rapides et importants que ne le seraient ceux obtenus par des ateliers gênés dans leur développement et dépendant de la concurrence du négoce* »¹⁶².

Michel Derrion propunha encorajar os consumidores a tirar o máximo de proveito do seu poder de compra e, assim, modificar o sistema injusto de venda. Nesta ação, ele diz que é preciso criar um « *réseaux d'établissements de distribution, magasins de vente en détail d'objets de consommation courante: épicerie, boulangerie, soieries et nouveautés*¹⁶³ », promover uma real publicidade nas operações do comércio e estabelecer uma partilha social, justa e eficaz dos benefícios. Nesta construção do novo comércio, Michel Derrion, muito provavelmente, se apoiou nas leituras e análises de Charles Fourier acerca da agiotagem, especulação, fraudes e trabalhos industriais. Sem evidenciar que tais leituras fizeram parte do seu projeto, o termo por ele empregado para nomear o seu projeto, « *commerce véridique et social* », é uma referência a expressão « *d'entrepôt concurrent* » criada por Fourier¹⁶⁴. Se entre uma linha e outra Michel Derrion seguia discutindo acerca da concepção de um comércio mais justo, chegando mesmo a escrever um estatuto e descrevendo as cotas necessárias para uma participação individual, em

¹⁶⁰Segundo Derrion, a sociedade na qual viviam os homens confundiu a independência com a liberdade. Para ele, esta confusão, ou melhor, este desequilíbrio, causou a existência nas cidades de homens ricos, que não trabalhavam e tudo tinham; e os pobres, que nada tinham e sempre trabalhavam. Cf. DERRION, M., *op. cit.* p. 08-09.

¹⁶¹Acerca da presença do chefe de estado, Michel Derrion argumenta que este devia existir e ser mantido, desde que seu papel fosse o de « *d'employer le budget et la force publique qui lui est confiée, à faire exécuter les lois qui garantissent à chacun le libre usage de sa propriété* ». Quanto ao uso da propriedade, o chefe de estado também deveria « *conservation de l'honneur national, soit par l'attaque que soit par la défense, cette mission est belle et glorieuse, aussi le peuple accorde honneur et reconnaissance à qui sait la remplir dignement* ». Cf. DERRION, M. *op. cit.* p.21-23.

¹⁶²*Idem*, p.34.

¹⁶³BEECHER, J., *op. cit.*, p.130-131.

¹⁶⁴Segundo Jonathan Beecher, « *la proposition de Michel Derrion sur le commerce véridique a une grande ressemblance avec le projet de Fourier appelé l'entrepôt concurrent. Ce dernier est un réseau de magasins coopératifs où la circulation et évaluation de des marchandises s'effectuent sans avoir un propriétaire ou un intermédiaire* ». Cf. BEECHER, Jonathan. *Fourier, le visionnaire et son monde*. Paris: Fayard. 1993. p.78-79 ; *Amélioration industrielle*, 5^e article, L'Indicateur, Lyon, 18 janvier 1835. BML.

porcentagem para a instalação de uma *épicerie sociale*, as suas orientações políticas, ideológicas e pessoais se apresentavam um tanto esquizofrênicas.

No final do ano de 1833, no momento que os fourieristas se afirmavam quanto movimento na Croix-Rousse, além de ter tido acesso as leituras produzidas pelo grupo, Michel Derrion se aproximou do antigo *Canuts* Joseph Reynier. Com este último, é de supor que ele tenha procurado dividir uma parte de suas inquietações acerca das concepções econômicas de Charles Fourier. Não seria por acaso que, em 1835, ambos fundaram a primeira *épicerie sociale*. No entanto, se o círculo fourierista parecia ter aceito intelectualmente Michel Derrion, a sua postura, nos meses que se seguiram a segunda *Révolte de Canuts* e após a concepção da sua brochura, foi a de afirmar categoricamente que « (...), *je ne suis d'aucun parti politique, j'ai partout des amis, partout des affections, mais je ne suis lié à aucune société exclusive, (...) je suis MOI... dévoué tout entier à la grande famille humaine* »¹⁶⁵. Entre tais atitudes, é preciso lembrar que no mês de junho de 1834, Michel Derrion escreveu ao Père Enfantin para reafirmar a sua devoção e avisá-lo da concepção de um projeto baseado nas ideias de Saint-Simon. Quanto à sua posição política, no que tange ao poder francês, se os dois movimentos questionavam a estrutura social e a forma de governo, o engajado lionês, em contrapartida, não parecia muito inquieto:

« *Je l'ai dit, je ne ferai pas d'opposition ; mais en me voyant aborder des questions aussi de la politique, on a peut-être de mes intentions. On a tort, et je le répète, je ne touche, ni ne veux toucher en aucune manière à l'ordre de chose politique (...). Le travailleur s'est trompé jusqu'à présent, lorsqu'il a voulu s'en prendre au gouvernement, et lui attribuer la cause de ses misères. Depuis Juillet 1830, il doit être convaincu que les gouvernements constitués à l'antique, ne peuvent que se ressembler tous. Un trône serait renversé dix fois en dix ans (...), il aurait causé dix perturbations commerciales, dont la conséquence serait une augmentation énorme de l'impôt (...)* »¹⁶⁶.

No que tange ao papel dos operários, diante do difícil cotidiano enfrentado por estes e a falta de instrução, Michel Derrion parece se posicionar da mesma maneira como fizera com o poder público.

« *J'avouerai même qu'au point de vue où je me place en écrivant ceci, je ne compte avoir l'approbation que d'un nombre très limité de personnes accoutumées à réfléchir. Pour ne pas être déçu dans un espoir qui me rendrait trop heureux, je me dis que l'ouvrier lui-même, pour qui je travaille plus particulièrement, ne me comprendra qu'à peine ou, pour mieux dire, ne me lira pas* »¹⁶⁷.

¹⁶⁵DERRION, M., *op. cit.*, p.09.

¹⁶⁶*Idem*, p.21.

¹⁶⁷*Idem*, p. 08.

Mesmo sabendo da parca educação no meio em que trabalhava, o lionês foi enfático ao dizer que considera de extrema importância respeitar a individualidade do homem na sociedade. Segundo ele, se este mínimo detalhe for preservado, a sociedade, outrora competitiva e injusta, se tornaria mais harmônica. No entanto, o que ele esqueceu de dizer em seu estudo acerca da concepção de um *commerce véridique et sociale* e de uma sociedade harmônica é que a educação, inevitavelmente, fazia parte da libertação individual. Ao que tudo indica, para conceber a sua brochura e apresentar a ideais acerca da sociedade e da concepção de um comércio social e verdadeiro, Michel Derrion ainda se apoiava em suas experiências como negociante responsável da *Maison* de seu pai e das quaisquer leituras realizadas sobre os princípios básicos saint-simonianos e fourieristas. Aqui, o que se vê, além da clara existência de uma efervescência de ideais nas ruas de Lyon, sobretudo na Croix-Rousse, pode-se dizer que Michel Derrion ainda se encontrava num processo de construção do seu futuro pensamento socialista que o encorajaria a travessar o Atlântico anos mais tarde. Porém, o seu ponto de vista, com relação aos governos e a atuação destes, aparentemente, não sofreria grandes alterações.

A brochura de Michel Derrion circulou nas ruas da Croix-Rousse entre os meses de abril de 1834 e março de 1835. A publicidade para a sua venda não deve ter sido insignificante, pois, como um bom negociante, deve ter utilizado todo os seus contatos para promover a divulgação. Um claro exemplo disto, foi a aparição de uma nota crítica acerca da sua brochura no jornal *Les conseiller de femmes* em 19 de julho de 1834. A responsável pelo texto foi, nada mais nada menos, que a própria diretora do jornal, Eugene Niboyet¹⁶⁸. Conhecida pela sua importante atuação entre as mulheres operárias, a educação e a sua postura contra a escravidão, Niboyet também fez parte do grupo saint-simoniano e, posteriormente, se tornou fourierista. Em Lyon, depois de 1833, ela fundou o jornal *Les Conseiller des femmes* que tinha o objetivo de levar o conhecimento tanto aos operários quanto aos burgueses da cidade: « *Nous n'écrivons pas pour les esprits étroits qui veulent borner la femme aux soins du ménage. Les femmes n'ont plus à acquérir leur liberté, mais à l'exercer* ». Michel Derrion, certamente, conheceu a engajada Eugene quando passou a frequentar as reuniões fourieristas na Croix-Rousse. Valendo-se da ligação com a militante, ele deve ter solicitado uma crítica positiva de sua obra. A recepção do livro de Derrion no meio operário feminino não pode ser claramente detalhada. Entretanto, quando o lionês abriu as primeiras *souscriptions* para realizar na prática o que escrevera na sua brochura, abrir uma *épicerie sociale*, o número de mulheres operárias era quase o mesmo que

¹⁶⁸RIOT-SARCEY, Michèle, Histoire et autobiographie: Le Vrai Livre des femmes d'Eugénie Niboyet. In.: *Romantisme: Images de soi - autobiographie et autoportrait au XIXème siècle*, n°56. 1987. p. 59-68. Disponível: https://www.persee.fr/doc/AsPDF/roman_0048-8593_1987_num_17_56_4941.pdf Acesso: setembro de 2018.

o de homens. Se este dado tem uma relação direta com a nota de apoio escrita por Eugene Niboyet ou a simples existência de um maior número de mulheres no seio da fábrica da seda, são meras suposições¹⁶⁹. O único dado real nesta breve publicidade no meio feminino é que Michel Derrion não se centrou em apenas um grupo. Alguns meses mais tarde, mais precisamente entre dezembro de 1834 e abril de 1835, o lionês passou a escrever uma série de artigos acerca *d'amélioration industrielle*, que se baseavam nas ideias de sua brochura, para propagar o *Commerce véridique et social* entre os operários da Croix-Rousse. Michel Derrion sabia que a sua brochura estava restrita a poucos compradores. Logo, o jornal seria uma maneira de fazer com que seu pensamento chegasse de forma mais rápida nas diversas camadas sociais criadas pela Fábrica da seda. Caso conseguisse atingir um bom número de pessoas, a partir das suas ideias publicadas no jornal, ele poderia abrir muito em breve a primeira *épicerie sociale*. Assim, utilizando-se mais uma vez do seu círculo de conhecidos, desta vez contatando os antigos editores do *L'Echo de la Fabrique* que haviam fechado as portas após o desastrosos evento de 1834, ele passou a publicar os seus artigos nas páginas do jornal *L'Indicateur*¹⁷⁰.

« C'est donc dans l'intention de tirer tout le parti possible de la société telle qu'elle existe avec sa lutte industrielle et sa concurrence écrasante, que nous avons dû signaler ainsi, que nous continuerons de faire toutes les tentatives qui pourraient avoir des conséquences funestes pour les travailleurs. (...) Nous, travailleurs, nous obéissons à ses lois quant au travail : pourquoi donc la récompense ne nous parviendrait-elle pas ! Ah ! c'est, dit-on, parce qu'un arrangement commercial et industriel s'y oppose. Eh bien ! il nous faut attaquer cet arrangement corps à corps et avec résolution. (...) Courage donc, travailleurs ! »¹⁷¹.

Os textos de Michel Derrion, estavam centrados numa discussão sobre o injusto sistema criado pelo comércio e nas relações comerciais que se pautavam num tipo de insubmissão e regime de concorrência opressiva. Segundo o lionês, esta prática somente conseguiu subsistir porque se constituiu a partir de três classes sociais que viviam num estado constante de luta e hostilidade. A primeira, formado pela imensa maioria dos homens, era composta pelos « *producteurs, des travailleurs de tout rang (...) tous ceux qui emploient leur temps, leurs forces,*

¹⁶⁹Cf. GAUMONT, Jean. Le commerce véridique et social - De 1835 et ses souscripteurs. In.: *Revue des études coopératives*. Lyon, n.4, 1925. p.290-301.

¹⁷⁰Cinq mois après l'insurrection d'avril 1834, *L'Indicateur. Journal industriel de Lyon* apparaît comme l'organe qui diffusera, surtout, le mutuellisme. Pendant quelques semaines, le journal sera dirigé par Eugène Dufaitelle, un républicain transfuge de *La Glaneuse*, que sera l'auteur, en 1832, de la brochure sur *Les doctrines républicaines absoutes par le jury lyonnais*. Toutes les éditions du Journal *L'Indicateur* sont disponible en : <http://echo-fabrique.ens-lyon.fr/>. Sur la presse ouvrière à Lyon est indiqué la lecture FROBERT, L. (dir.), *op. cit.*

¹⁷¹*Amélioration industrielle*, *L'Indicateur*, Lyon, 20 décembre 1834. BML.

*leur intelligence à créer des richesses »*¹⁷². Na segunda estavam todos os « *marchands, négociants, trafiquants de tout espèce ; depuis le simple étalagiste de l'échoppe jusqu'à l'opulent banquier* ». Era este grupo, composto por alguns poucos homens, que se encarregava de distribuir os produtos que todos os trabalhadores criavam. Já a última, era aquela dos « *consommateurs : elle est donc formée par la totalité des deux autres classes ; les producteurs et les distributeurs ; les travailleurs et les marchands* »¹⁷³. Nestas três classes havia um personagem, o comerciante, que sabia muito bem se utilizar do desequilíbrio para gerir o mercado. Este homem do meio aplicava « (...) *des spéculations qui arrêtent le travail de la production et de la consommation (...) en forçant le travailleur par une baisse exagérée dans les salaires* »¹⁷⁴ para se manter numa posição favorável de controle. O intuito de Michel Derrion era explicar a todos os interessados onde cada um se encaixava e qual era o papel que representavam naquela injusta rede. Além disso, a ideia dele também era a de acabar com a presença de intermediários e encorajar os trabalhadores a controlar os seus próprios investimentos. A esta determinada atuação, Michel Derrion nomeou de « *la conquête de l'industrie* ». Acerca das palavras utilizadas pelo lionês, no conjunto dos seus textos, é comum encontrar termos que remetem as teorias do fourierismo, como por exemplo: o jargão de « *trois pivots du mécanisme social* ». Este que fora empregado por Charles Fourier para se referir as três classes que compunham a sociedade francesa da época. No entanto, se Michel Derrion tinha a preocupação de alertar a todos acerca da prática injusta do comércio e não mediu esforços em suas leituras fourieristas e, porque não, saint-simonianas para compor o seu projeto, não se pode negar que este tipo de texto não era nada fácil de difundir no meio operário da Croix-Rousse.

Os artigos certamente exigiam um certo tempo de leitura e até mesmo de associação com a realidade vivida pelos trabalhadores. Como se sabe, o tempo de pausa nos ateliês e o momento de repouso na vida privada dos *Canuts* era algo bastante restrito. Isso quer dizer que, muito provavelmente, os textos de Michel Derrion não foram tão bem recebidos neste meio. Mesmo se a linguagem utilizada pelo lionês, para desenvolver as suas explicações, pode ser considerada bastante simples, a pouca instrução dos operários também limitava o acesso a essa leitura. Michel Derrion sabia de todos esses problemas e para melhor difundir seu pensamento e projeto, entre um parágrafo e outro e um texto e outro, ele utilizou frases de efeito para chamar a atenção dos mais simples. Esta maneira de conceber os textos, além de ser algo bastante corriqueiro entre os militantes, é também uma forma de se aproximar e sensibilizar os leitores.

¹⁷²*Amélioration industrielle*, 2^e article, L'Indicateur, Lyon, 28 décembre 1834. BML.

¹⁷³*Idem*.

¹⁷⁴*Amélioration industrielle*, 3^e article, L'Indicateur, Lyon, 4 janvier 1835. BML.

No entanto, estas limitações existiam não impediram que os artigos, que se valiam de termos fourieristas, recebessem severas críticas por parte de alguns leitores. Michel Derrion chegou a ser chamado de messias por querer, de certa forma, impor uma nova prática para o comércio. Um dos mais severos críticos do novo doutrinador era Gauthier, um operário como tantos outros, que passou a enviar correspondências¹⁷⁵ aos jornais que circulavam na Croix-Rousse para questionar a validade e a praticidade da proposta criada por Michel Derrion.

Se as suas ideias, postura doutrinaria e o espaço ocupado para a divulgação do *Commerce véridique et sociale* causavam descontentamentos, nada disso o impediria de realizar a proposta. Assim, em 8 de fevereiro de 1835, pode-se ler o convite para participar da « *Souscription gratuite pour la fondation d'une vente sociale d'épicerie devant commencer la réforme commerciale* ». Ao lado de Michel Derrion estava, agora, o Joseph Reynier. Este foi, sem dúvida, um dos maiores apoiadores do projeto e um dos amigos mais próximos, que soube confortá-lo quando nada mais parecia dar certo.

« *Quoiqu'il en soit, nous faisons aujourd'hui un appel positif à tous ceux qui nous aiment. A tous les partisans de l'amélioration industrielle nous disons : ayez confiance dans l'avenir, et préparez-le par votre coopération active à l'entreprise de réforme commerciale* »¹⁷⁶.

*

As primeiras subscrições para apoiar a abertura da *épicerie sociale* apareceram nas páginas *L'Indicateur*. Depois de dois meses de propaganda nos jornais e, provavelmente, nas ruas conversando com os conhecidos, o valor que fora arrecadado ainda não era suficiente para abrir as portas do primeiro comércio. Nas listas publicadas, entre os principais *souscripteurs* encontravam-se os pequenos fabricantes, *chefs d'atelier*, alguns *compagnons* e pouquíssimos médicos, jornalistas, professores, sendo que a grande maioria, cerca de duzentas pessoas, pertencia ao meio operário. Estes últimos, devido às humildes origens, contribuíram de maneira bastante modesta. Com um número bastante abaixo do esperado, somente 919 dos 100.000

¹⁷⁵Au rédacteur, La Tribune prolétaire, Lyon, 12 avril 1835. BML.

¹⁷⁶Aux partisans de l'Amélioration industrielle, L'Indicateur, Lyon, 15 mars 1835. BML.

francs necessários¹⁷⁷, Michel Derrion propôs fidelizar os *souscripteurs* garantindo a participação « *d'un quart du bénéfice (...), distribue sous la forme de ristournes, proportionnellement aux achats effectués* »¹⁷⁸. Quanto as demais partes dos proventos, o lionês decidiu dividi-las entre o capital da empresa e, é claro, na composição de um fundo social para todos. No entanto, mesmo com tantos encorajamentos e publicidade, Michel Derrion foi obrigado a solicitar o apoio financeiro de Joseph Reynier, que se tornou sócio, e até mesmo utilizar uma parte do seu próprio dinheiro oriundo da *Maison* de seu pai. Assim, no dia 24 de junho de 1835, no n.6 da Montée de Grande Côte (hoje o número 95) foi aberta a *Société Derrion et Compagnie* que propunha a « *conquête pacifique de l'industrie et une modification de la propriété sans secousse et sans froisser aucun intérêt* »¹⁷⁹ a partir da « *vente au détail de comestibles et articles de ménage avec participation de l'acheteur dans le bénéfice annuel* »¹⁸⁰. Meses mais tarde, na Croix-Rousse, na rua Henri IV, um outro comércio foi aberto. Naqueles primeiros momentos, a primeira gestão da sociedade foi concebida por um grupo de pessoas não eleitas chamadas de *comité de sages*. Responsáveis por produzir relatórios regulares acerca das primeiras movimentações financeiras em pouco tempo, devido a participação de alguns *chefs d'atelier*, que também compunham o conselho de prud'hommes, ex-saint-simonianos, fourieristas e mutualistas, eles se tornaram o *comité de surveillance*. O papel deste novo grupo, então eleito, era o de assegurar a regularidade do *Commerce Véridique*, caso houvesse futuros problemas com a administração pública da cidade, bem como, garantir a « *harmonisation et la conciliation de toutes les classes* »¹⁸¹. No entanto, mesmo com toda a organização na parte administrativa, Michel Derrion teve que responder a algumas questões para a Polícia de Lyon.

Em janeiro de 1836, o procurador geral de Lyon enviou uma carta ao Ministro do Interior para comunicar a existência « *d'un genre de commerce inusité qu'elle considère comme le masque d'associations illicites* »¹⁸². A preocupação do poder local estava diretamente ligada a insurreição de 1834 e a aprovação da lei que proibia a existência de associações ou qualquer outro tipo de ajuntamento de mais de 20 pessoas por ser considerado um risco para a ordem pública. Enquadrado nesta lei, com a justificativa de se tratar de um ajuntamento falansteriano, o comércio de Michel Derrion passou a ser rigorosamente observado pela polícia até o momento

¹⁷⁷GAUMONT, J., *op.cit.*, 1935. p.64.

¹⁷⁸DERRION, M., *op. cit.*, p.21.

¹⁷⁹*Idem*, p.16-17.

¹⁸⁰*Idem*.

¹⁸¹*Ibidem*.

¹⁸²*Parquet de la cour Royale de Lyon*, Lyon, le 14 janvier 1836, Archives nationales, apud FESTY, Octave, « Le commerce véridique et social et les pouvoirs publics 1836 », In : *Revue d'histoire de Lyon*, Lyon, 1909. p.224-227.

que uma decisão fosse tomada. Entre correspondências e relatórios, a atuação saint-simoniana de Michel Derrion, entre os anos de 1831 e 1832, foi também elencada como justificativa para intervir no seu comércio. As instâncias locais e nacionais não conseguiram chegar a um denominador comum e, para resolver de uma vez a situação, no final do mês de janeiro de 1836, o sub-secretário de estado do Ministério decide que:

« Vous examinerez si, dans l'intérêt de l'ordre public, M. le Procureur général n'aurait pas à recevoir une direction particulière »¹⁸³.

O prefeito e seus adjuntos acordam que o *Commerce Véridique* não passava de um « jonglerie, prélude d'escroquerie qui ne tardera pas d'être démasquée et qui, par conséquence, elle n'a d'avenir »¹⁸⁴. Estaria o prefeito prevendo o futuro do Comércio de Michel Derrion ou apenas uma opinião elencada ao acaso? De toda maneira, a investigação por parte da prefeitura fora colocada de lado e, no segundo semestre daquele mesmo ano, o *Commerce Véridique et Social* já tinha atingido os 190.899 francs « pour un bénéfice net de 1379 francs distribué en quatre part égales »¹⁸⁵. Ou seja, a ideia de Michel Derrion acerca do comércio social e toda a sua estrutura, concebida durante a *semaine sanglante* e aprimorada nas páginas do jornal *L'Indicateur* estava dando seus primeiros sinais de sucesso. No entanto, nem tudo foi assim tão fácil.

Em meados de junho de 1836, Michel Derrion foi obrigado a se apresentar no tribunal de Lyon, sob os olhos atentos do M. Durieu. O fundador do *Commerce véridique et social* havia prestado queixa contra um de seus funcionários, François Duclos, por este ter, aparentemente, cometido o delito:

« (...) d'avoir retenu le prix d'une cruche d'huile, que M. Derrion avait charge de porter à une pratique ; on lui impute aussi d'avoir dérobé à un nommé Jean Martin, son camarade, une somme de 45 fr. de gages »¹⁸⁶.

Os dados gerais do processo não são conhecidos, mas, segundo a nota do jornal, o M. Duclos provou que Michel Derrion lhe devia os 60 francs e que o senhor Martin não tinha ligação com o fato em si. Logo, sem muitos questionamentos, o juiz Durieu acordou a absolvição de Duclos da acusação de roubo. Quanto a Michel Derrion, não se sabe se ele teve que pagar as demais

¹⁸³Le Commerce Véridique et Social à Lyon apud BOURGION, Les rapports du préfet du procureur royal de Lyon sur le Commerce Véridique et Social. In.: *Révue des études coopératives*, n.10, jan-mars. 1924. p.165-170.

¹⁸⁴FESTY, O. *op. cit.*, p.224-227

¹⁸⁵BAYON, D., *op. cit.*, p.23

¹⁸⁶*Cour d'assises du Rhone*, Audience du 21 juin, Le Censeur - Journal de Lyon, Politique, Industriel et Littéraire, Lyon, 22 et 23 juin 1836. BML.

custas do processo. Porém, o mais grave foi a dívida moral que a disputa judicial criara no meio dos operários e na Croix-Rousse em relação ao *Commerce Véridique* e o seu gerente principal. Michel Derrion, certamente, teve a sua imagem de “o bom defensor dos trabalhadores” afetada negativamente.

No ano seguinte, apesar de todos os problemas, o *Commerce Véridique et Social* conseguiu estabelecer um grupo de quase sete lojas espalhadas pela Croix-Rousse e arredores e o fundo social, proposto pelo projeto, passou a ser a principal fonte de publicidade para angariar novos associados. Ao que tudo indica, tanto Michel Derrion quanto Joseph Reynier haviam, finalmente, vencido os empecilhos com a lei, a impopularidade no meio operário e os problemas com as finanças. Neste breve momento de êxito, Michel Derrion, outrora se dizendo um homem sem ligações ideológicas, começou a participar ativamente do grupo fourierista *Correspondence harmonienne*¹⁸⁷. Composto por inúmeros fourieristas franceses, que se encontravam espalhados pelo território, por meio deste tipo de comunicação eles buscavam encorajar o estabelecimento de ações práticas para a realização da sociedade pensada pelo *Maître*. Michel Derrion, agora, muito mais habituado a escrever longos textos carregados de jargões e a utilizar argumentos retirados da teoria de Charles Fourier, anunciou aos seus novos *frères*:

« *Moi aussi, j'aurai un projet pratique à développer pour servir à ceux qui voudront tenter des transitions dans leur localité, combattre la concurrence illimitée, organiser sur plusieurs points le commerce et l'industrie d'après les principes du Maître. Voilà ce que je tente depuis plus de deux ans par la fondation d'un commerce véridique établi à Lyon* »¹⁸⁸.

Porém, o que o lionês não deixou evidente em sua bela narrativa era que a cidade de Lyon, mais especificamente a fábrica da seda, havia entrado numa crise econômica no final do ano de 1836 e que se agravaria no ano seguinte. As encomendas de tecidos e demais derivados da seda caíram drasticamente em todo o território francês e mesmo fora dele. A concorrência com o algodão e as produções Americanas afetaram o mercado da seda lionesa. As famílias e demais operários que trabalhavam neste círculo foram os primeiros a serem atingidos pelo o desemprego e a miséria¹⁸⁹. Sem muitas condições ou apoio financeiro de qualquer gênero, seja

¹⁸⁷La collection de la Correspondance harmonienne comprend trente-deux numéros lithographiés d'au moins quatre pages, quelque fois de six et huit, avec suppléments, du 15 août 1837 à février 1840. Cf. GAUMONT, J., *op. cit.*, 1935, p. 63.

¹⁸⁸Lettre de Michel Derrion, 30 août 1837, Correspondance harmonienne, n.2, 1^{ère} septembre 1837 apud GAUMONT, J., *op. cit.*, 1935, p. 67.

¹⁸⁹VILLERME, Louis-René. *Tableau de l'état physique et moral des ouvriers dans les manufactures de coton, de laine et de soie*. Paris: J. Renouard, 1840. p. 341-399.

por via de associações ou de outras instituições, estes inúmeros desafortunados só podiam contar com os escassos socorros fornecidos pelas irmandades e, aos que se vincularam ao *Commerce Véridique*, solicitar a sua parte do fundo social. Ao contrário do que prevera o prefeito, ou seja, que o estabelecimento tipicamente fourierista de Michel Derrion desapareceria por se tratar de uma fraude, foi a crise econômica e o fundo social, destinado a auxiliar os trabalhadores em situação de risco, que fizeram Michel Derrion e Joseph Reynier decretar falência no começo do ano de 1838.

« (...), il est parlé d'une lettre de Derrion à son ami Reynier où celui-ci prie de voir l'avoué chargé des intérêts de la liquidation des entreprises Derrion et de suivre un procès en cours »¹⁹⁰.

As portas do *Commerce Véridique* não foram fechadas por Michel Derrion, mas por seu frère Joseph Reynier. Acerca do processo, mencionado por Gaumont, nada se sabe. Nenhum documento que possa esclarecer a origem, até o momento, foi encontrado. O único fato deste final, um tanto doloroso, é que Michel Derrion não teve forças para ver a decadência da sua realização pois, em meados de 1838, ele já se encontrava em Paris.

O pensamento, que misturava as doutrinas saint-simonianas e fourieristas, deu origem à brochura escrita em abril de 1834. Naquele momento, Michel Derrion não se reconhecia, ainda, como um fourierista. Entretanto, os artigos publicados no jornal *L'Indicateur* estavam cada vez mais próximos da doutrina de Charles Fourier. Isso quer dizer que, entre a escrita da sua brochura e a série dos seis artigos, Michel Derrion continuou as suas leituras sobre os preceitos fourieristas sem, portanto, aceitá-los abertamente, como fizera com o saint-simonismo em 1831.

No grupo fourierista de Lyon, Michel Derrion certamente criou relações que permitiram ampliar o seu conhecimento acerca da teoria de Fourier e a colocar em prática a ideia da sua brochura, ou seja, abrir o *Commerce Véridique et Social* ou *l'épicerie sociale* na Croix-Rousse. Entre os nomes fourieristas mais próximos de Michel Derrion estavam Eugene Niboyet e Joseph Reynier. Com estes novos frères e num novo caminho, pouco a pouco, o ex-saint-simoniano passou a ter acesso a novos contatos que não se restringiam mais à sua velha Lyon e a escutar os oradores enviados da capital. As *Correspondece harmonnienne*, de uma certa maneira, lhe permitiram movimentar-se para outra parte do território francês e viver novas possibilidades de realização das ideias de Charles Fourier. Com tantas transformações nas suas concepções, ao que se somava a perda do seu comércio e os novos contatos estabelecidos graças às cartas, a sua Lyon, muito provavelmente, lhe pareceu pequena demais. Sendo assim, era preciso mudar,

¹⁹⁰GAUMONT, J., *op. cit.* 1935. p. 69.

era preciso conhecer novos mundos. Se os Mestres, Saint-Simon e Charles Fourier, desejaram conquistar Lyon pelo seu ar operário e de luta, Michel Derrion saiu, de certa maneira, derrotado por estas duas forças. A única opção que lhe restara era, de certa maneira, fazer exatamente o caminho inverso - conquistar Paris.

« Plus les efforts seront divers, plus l'action sera forte et le mouvement rapide ; (...) il faut absolument une tentative positive, une expérience pratique, (...) Aux uns tels que Considérant et ses collaborateurs, la propagation par la voix retentissante d'un journal ; à d'autres la propagation plus intime et non moins utile d'une correspondance franche et amicale. A quelques-uns l'inspiration de projets d'organisation pratique ; à d'autres la témérité de l'application. A tous, aide et assistance ; à tous reconnaissance et honneur. - Et c'est ainsi que nous marcherons en avant »¹⁹¹.

*

1.4.1. Puzzle: amores e cinco peças

O ano de 1835 havia começado um pouco diferente para Michel Derrion. Sua primeira filha havia nascido. A mãe da pequena era uma trabalhadora, dita *dévideuse*, e prestava serviços aos ateliês de seda. Ao que tudo indica, o encontro dos dois não fora em uma sala de reuniões ao som das doutrinas de Saint-Simon, mais sim, fruto de um acaso ocorrido durante as jornadas de trabalho na *Maison* de Jacques. Michel Derrion, depois de 1834, não se encontrava mais morando com os pais e as irmãs no apartamento localizado na rue de la Vielle-Monnaie. Honorée Michel era uma jovem de apenas 24 anos e habitava na mesma rua da família Derrion. Diferentemente de Michel Derrion, ao que tudo indica, Honorée mantinha um quarto alugado no último andar de um dos prédios. Na hierarquia da seda, este era o espaço destinado aos menos afortunados.

¹⁹¹Lettre de Michel Derrion, 30 août 1837, Correspondance harmonienne, n.02 apud GAUMONT, J., 1935, p.667

Imigrante tal como muitos trabalhadores na Croix-Rousse, acerca da sua vida - se sabia ler ou escrever, se frequentava os grupos saint-simonianos ou fourieristas - somente se pode fazer suposições. Os únicos dados que comprovam a sua existência veem de dois simples documentos que estão ligados a vida de Michel Derrion. O primeiro é a certidão de nascimento de sua filha, Silvie Derrion¹⁹², datado de 22 de maio de 1835 e no qual consta o nome e a assinatura de Michel Derrion. Já o segundo é o seu atestado de óbito, registrado no dia 9 de setembro de 1835. Entre o nascimento da pequena e a morte de Honorée passaram-se somente quatro meses. Ao que tudo indica, a jovem *dévideuse* não tinha ninguém de sua família por perto. E, certamente, Michel Derrion já não era mais o seu companheiro. No relato de sua morte, feita pelas freiras do hospital e assinada por estas, Honorée foi descrita como « *dévideuse à Lyon, rue de Vielle-Monnaie n. 9, celibataire, (...)* »¹⁹³.

Honorée Michel não chegou a conhecer sua filha. Silvie Derrion, mesmo sendo reconhecida como filha legítima de Michel Derrion, não foi educada nem por ele nem pela sua família. Muito provavelmente, alguém próximo de sua mãe tenha se responsabilizado pela pequena. Silvie Derrion faleceu no dia 13 de abril de 1838¹⁹⁴, aos três anos de idade. Michel Derrion, que morava em Lyon, não foi o declarante e tampouco compareceu ao enterro de sua filha.

*

Foi nos idos de 1836 que a jovem de 18 anos, chamada Césarine Gavinet, surgiu na vida de Michel Derrion. A Croix-Rousse era o espaço de trabalho, de engajamento e de vida familiar para Michel Derrion. Seus dias, depois que a Igreja saint-simoniana foi colocada de lado, foram ocupados pela sua devoção ao *Commerce Véridique* e as leituras acerca do pensamento de Charles Fourier. Naquele ano de 1836, seu pai, Jacques Derrion, havia morrido. A *Maison* ficou, muito provavelmente, sob a responsabilidade de uma das suas irmãs e do seu marido. Michel Derrion, talvez por querer consolar sua mãe, ainda visitava de quando em quando, os negócios

¹⁹²Acte naissance n° 1830 du 22 mai 1835 de Silvie Derrion. AML.

¹⁹³Acte de décès n° 3531 du 9 septembre 1835 de Honorée Michel. AML.

¹⁹⁴Acte de décès n°1601 du 13 avril 1838 de Silvie Derrion. AML.

deixados pelo pai. Naquele ano, Michel Derrion e Joseph Reynier eram chefes de uma *épicerie* na Croix-Rousse. Césarine deve ter aparecido num destes momentos, entre o trabalho, as reuniões acerca do fourierismo e as vistas feitas a casa de sua mãe. Entre tantas possibilidades de encontros, tudo o que sabe é que Michel e Césarine viveram quase dois anos juntos, em Lyon, nunca se casaram e tiveram Lucie¹⁹⁵ e Léonie¹⁹⁶.

A primeira pequena nasceu no dia 14 de janeiro de 1837. Na certidão de nascimento, o pai foi o declarante e registrou que o casal morava no nº26, da Place Sathonay. No ano seguinte, no mês de abril, a família, que se encontrava no nº11 da Place Croix-Paquet, perdeu Lucie de causa desconhecida¹⁹⁷. Césarine estava grávida de oito meses e ao que tudo indica, Michel Derrion ficou ao lado de sua companheira, pois, na certidão de óbito o seu nome não consta. Foi o sócio Joseph Reynier quem se ocupou do desastroso relato. No entanto, alguns dias depois da perda, 21 de maio, Léonie nasceu. Neste feliz evento, tanto Michel Derrion quanto Joseph Reynier foram os declarantes. Entretanto, acerca do futuro de Léonie, nada se sabe. De sua mãe e companheira de Michel, nenhum rastro pode ser encontrado.

Entre os anos de 1836 e 1838, Michel Derrion cruzou com o amor duas vezes e teve três filhas. Do primeiro amor, uma paixão que durou muito pouco, a pequena Silvie nasceu. Este pequenino fruto somente contou com a bondade de dois empregados do Hospital de Caridade na hora de seu enterro. Seu pai, Michel Derrion, um homem que defendeu a liberdade das mulheres nos jornais de Lyon, não esteve presente em nenhum momento. O motivo real que causou esta distância entre pai e filho, não é conhecido. Porém, quanto homem e responsável pelos seus atos, é de se perguntar: qual foi o papel que Michel-Marie Derrion teve naquela vida que também foi concebida por ele? Enquanto a sua primeira filha agonizava, sozinha, num hospital nos idos de 1838; ele consagrava o seu tempo, uma parte do seu amor e da sua própria vida, à jovem Césarine e às duas crianças que teve com ela, Lucie e Léonie. A perda de Silvie parece não ter tocado, em nada, no seu ritmo de vida. Todavia, assim que os primeiros indícios de falência da sua *épicerie* apareçam, a sua dedicação a Césarine e Léonie mudaram. Michel Derrion partiu rumo à Paris em algum momento do segundo semestre de 1838. Assim que chega na capital, talvez ele ainda estivesse em união com Césarine, Lucie cruzou o seu caminho...

¹⁹⁵Acte naissance n°167 du 14 janvier 1837 de Lucie Derrion. AML.

¹⁹⁶Acte naissance n°2224 du 21 mai 1838 de Léonie Derrion. AML.

¹⁹⁷Acte de décès n°3627 du 30 avril 1838 de Lucie Derrion. AML.

1.5. Um sentimento fourierista:

Os movimentos ritmados de braços e pernas que comandavam o mecanismo dos fios, na trama da seda, que produziam o conhecido *bistanciac*, os números escritos nos cadernos de encomendas, a busca por desenhistas que pudessem dar originalidade ao tecido e as severas datas de entregas, tudo havia ficado para trás. Pelas ruas da Croix-Rousse, Michel Derrion se tornara conhecido por ser filho de um pequeno negociante e ter fundado uma *épicerie sociale* e concebido um fundo social para os trabalhadores. As autoridades locais de Lyon também o conheciam, não por ele ter feito parte das insurreições de 1831 e 1834, mas por seu engajamento saint-simoniano e os textos publicados no jornal acerca de alguns ideais fourieristas. No entanto, em Paris, naqueles idos de 1838, ele era somente mais um homem entre tantos outros. Um migrante lionês fugido da crise na fábrica da seda e um militante que buscava realizar as ideais societárias em que acreditava.

A chegada de Michel Derrion à capital francesa coincidiu com o momento em que o discurso acerca de uma nova organização do trabalho se difundia no meio operário. Respeitando as particularidades de cada profissão, o debate se centrava em dois pontos principais: « *la nécessité de casser la spirale néfaste du “libre marché” pour devenir maître de leur propre travail*¹⁹⁸ » e a constituição de um modelo associativo de produção. O jornal *L'Atelier*, concebido exclusivamente para informar toda a classe operária, pregava a criação de associações industriais que deveriam ser administradas por um certo número de trabalhadores¹⁹⁹. O grupo comunista, do jornal *La Fraternité*, acreditava que a associação devia ser concebida como um meio para alcançar a união dos trabalhadores. Já o conhecido *La Ruche populaire*, do saint-simoniano Vinçard, propunha um « *projet d'association entre les travailleurs destiné à mettre l'industrie et le capital aux mains du producteur* »²⁰⁰. Se estas ideias, de associação e rompimento com o mercado, passaram a ser melhor difundidas no cotidiano operário, seja pelos jornais ou através das novas correntes ideológicas que pululavam na capital francesa naqueles idos de 1839 e 1840, no meio fourierista e saint-simoniano, elas já eram presentes depois de 1830. Michel Derrion, ele mesmo, já havia rabiscado e até mesmo

¹⁹⁸GRIBAUDI, M., *op. cit.*, p.335-382.

¹⁹⁹*De l'association et de la communauté*, La Fraternité, 1 novembre 1841, n. 7 apud GRIBAUDI, M., *op. cit.*, p. 360-373.

²⁰⁰*Projet d'association entre les travailleurs*, La Ruche populaire, Paris, septembre-octobre 1847 apud GRIBAUDI, M., *op. cit.*, p. 360-373.

posto em prática alguns destes princípios quando concebeu a sua brochura, os seus textos e abriu a sua *épicerie sociale*. Isso não quer dizer, entretanto, que o lionês foi um homem que esteve a frente do seu tempo, já que abordou tais questões entre os idos de 1834 e 1837. A verdade é que o meio no qual Michel Derrion viveu e trabalhou era um espaço bastante propício para a divulgação das doutrinas e demais proposições acerca da realidade do mercado sobre o trabalho. Como se sabe, o bairro da Croix-Rousse sofreu consideráveis transformações urbanas para acolher a fábrica da seda e todos os que nela atuavam. Logo, para divulgar ou encorajar qualquer manifestação bastava estimular a região onde se encontravam as vítimas das injustiças sociais, os *Canuts*. Já em Paris, devido ao traçado urbano horizontal despolarizado e à composição social em que burgueses e operários coabitavam e atuavam nos mais variados ofícios, o movimento se constituía de maneira dispersa e heterogênea. Mesmo em toda esta diversidade e espaço críticos, as ruas da capital viveram algumas das principais insurreições entre os anos de 1830 e 1834, tais como os *Troix Glorieux* e as insurreições republicanas²⁰¹. Nos anos seguintes, mais precisamente entre 1839 e 1840, todas estas experiências de movimentos sociais que marcaram a sociedade e a própria administração pública da capital ganharam uma outra amplitude. A onda de publicações destinada ao público operário, oriunda de diversas correntes ideológicas e que abordava uma nova organização do trabalho, ganhou um considerável espaço. No entanto, mesmo se os jornais estavam fazendo o papel de difundir tais debates para organizar um movimento de classe, isso não quer dizer que pequenas greves gerais e demais distúrbios não ocorressem nas ruas da capital. A partir de relatórios policiais²⁰², sabe-se que o poder público reprimiu com certa violência os movimentos dos anos anteriores, procurou informar-se acerca de tudo que se passava nas ruas. Foi neste contexto de efervescências e controles que Michel Derrion encontrou em Paris.

Instalado próximos de seus compatriotas, no entorno da rua *Saint-Merri*, região que foi palco da « *terrible insurrection de 1834*²⁰³ » e conhecida por ser um pequeno reduto saint-simoniano, Michel Derrion, certamente, assistiu algumas das primeiras greves ocorridas entre os anos de 1839 e 1840. De suas experiências em Lyon, na Croix-Rousse, ele sabia se aqueles movimentos localizados no centro da capital poderiam gerar grandes greves ou até mesmo revoltas. Ele também tinha ideia do quanto os discursos engajados e a circulação de jornais podiam alterar os rumos das organizações operárias. Todavia, mesmo estando mais uma vez no

²⁰¹GRIBAUDI, M., *op. cit.*, p. 306-330.

²⁰²Bulletins de Paris apud GRIBAUDI, M., *op. cit.*, p. 333-335.

²⁰³GAUMONT, J., *op. cit.*, 1935. p.71.

coração das manifestações, assim como aconteceu em Lyon, a sua postura foi a de não se envolver.

No ano de 1840, Michel Derrion encontrava-se instalado, com a nova companheira, Lucie, « à la rue de la Vannerie »²⁰⁴. A vida que ele levava era bastante diferente daquela que ele conheceu em Lyon. Em sua cidade natal ele tinha alguns privilégios, tais como: um apartamento em que a sua vida privada era separada do trabalho e um certo apoio financeiro que vinha de sua família. Na capital, além de exercer pequenos trabalhos que não correspondiam ao seu ofício, como « *enseignant mimographe* »²⁰⁵, ele viveu em pequenos apartamentos destinados aos operários. Se a vida cotidiana lhe parecia dura, o aprendizado fourierista se desenvolvia a cada novo dia.

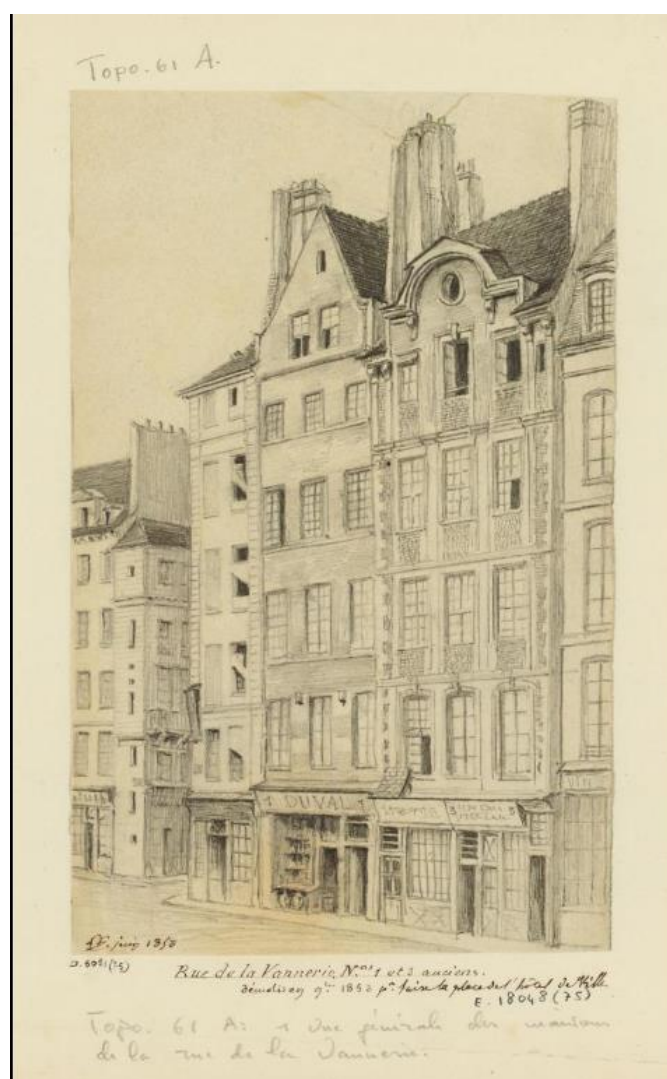


Fig. 4. LEYMONNERY, Léon. Rue de la Vannerie (actuelle avenue Victoria), 4ème arrondissement. Paris. Dessin, 17,6x6,7cm, 1853. Musée Carnavalet.

²⁰⁴ *Almanach Social pour l'année 1841*, Paris: Librairie Sociale. p. 157-175.

²⁰⁵ *Idem*.

Por entre as ruas da capital, Michel Derrion conheceu outros tantos fouriersitas. Entre uma conversa e outra, é de se supor que ele tenha compreendido que os *frères*, mesmo compartilhando os ideais de Fourier, tinham suas diferenças internas. Em 1836 a Escola societária²⁰⁶ se dividiu em duas. De um lado encontravam-se os ortodoxos, seguidores de Victor Considerant e responsáveis pelo jornal *La Phalange*²⁰⁷ e, do outro, os dissidentes, representados por Eugene Tandonnet, Edouard Ordinaire, Huges Doherty et Henry Fugère, que fundaram o Instituto Societário²⁰⁸. O motivo do rompimento fora a postura de Victor Considerant em relação aos demais associados e a maneira como ele divulgava as ideias do *Maître*. Para o grupo de Tandonnet, o objetivo da Escola devia se pautar pela difusão dos preceitos societários a partir de conferências e publicações, bem como manter uma postura contrária ao envolvimento de qualquer um de seus seguidores em partidos políticos ou política. Se a divisão estava selada, e o próprio Charles Fourier acompanhou o processo ocorrido entre ortodoxos e dissidentes, a sua morte, em 1837, trouxe uma espécie de calma para a Escola.

Para homenagear o *Maître*, os grupos decidiram oferecer *Banquetes* no dia do seu nascimento e morte. Não é preciso dizer que, mesmo que a ideia tenha sido aclamada, ortodoxos e dissidentes organizavam-se de formas distintas. Enquanto o grupo do Instituto realizava uma peregrinação ao túmulo do *Maître*, onde todos recitavam poemas e cânticos e, em seguida, se reuniam em grande banquete, tudo gerido a partir de um módico pagamento; os ortodoxos, que respeitavam a individualidade, recolhiam-se num ato de silêncio e depois encontravam para o banquete. Contrariamente ao outro grupo, o banquete servido pelos seguidores de Victor Considerant era pago e destinado a um grupo seletivo da sociedade parisiense. Neste meio, e especialmente nestas datas, era possível encontrar os amigos mais íntimos de Considerant e o grupo do jornal *La Phalange*. Para não evidenciar as diferenças e tentar acalmar os ânimos, as páginas dos jornais fourieristas, que relatavam os distintos banquetes, descreviam como « *l'ordre et la décence qui n'ont cessé de régner* »²⁰⁹.

Junto aos *frères* e instalado em Paris, no meio dos operários, Michel Derrion, certamente, conheceu as comemorações do 7 de abril e 10 de outubro, todo o ritual que as

²⁰⁶Cf. BREMAND, Nathalie. L'Ecole sociétaire - Les premiers socialismes. In.: *Bibliothèque virtuelle de l'Université de Poitiers*, mars 2009. Disponível : <<http://premierssocialismes.edel.univ-poitiers.fr/collection/lecolesocietaire>> Acesso: janeiro de 2019.

²⁰⁷Journal de L'Ecole sociétaire. Les éditions sont disponibles sur Gallica <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k941242.image>

²⁰⁸Cf. *Aux phalanstériens. La commission préparatoire de l'Institut sociétaire*, Paris, Impr. de Lottin de Saint-Germain, 1837. Disponível: <<http://premierssocialismes.edel.univ-poitiers.fr/document/fd4345/viewer>> Acesso: janeiro de 2019.

²⁰⁹La Phalange, 15 avril 1839 apud DESMARS, Bernard. Festins harmoniens ou réunions militantes ? Les banquets phalanstériens de 1838-1849. In.: *Romantisme*, n°137, 2007/3. p. 25-35.

compunha e as suas diferenças. Entre os elitistas e o grupo do Instituto, não se pode saber exatamente em qual dos dois o lionês buscou se aproximar. Entretanto, uma coisa é certa, Michel Derrion frequentava o meio composto pelo Instituto, onde conheceu os diretores responsáveis do jornal *Le Nouveau Monde*²¹⁰ e partilhou preceitos societários com o grupo *L'Union harmonienne*, que dirigiam as *Correspondencias harmoniens*. Nestes dois círculos fourierista era possível encontrar trabalhadores, intelectuais e políticos²¹¹. Michel Derrion, muito provavelmente, passou a compreender como o pensamento de Charles Fourier era utilizado diferentemente. Por exemplo, com os « Unionistas », grupo no qual se filou e se manteve atuante, ele estudou a organização da união falansteriana²¹² e assimilou a responsabilidade de forjar « *la famille, que doit féconder l'associations* »²¹³. Estes ensinamentos, todos difundidos nas reuniões de *L'Union hamonienne*, que tinham regras rigorosas no que se refere a participação dos filiados, folhas de presença, número de faltas permitidas e envio de projetos para a aplicação real das práticas societárias, tornaram-se estatutários depois do congresso de Cluny, em 1840. Não se sabe se Michel Derrion participou do evento. Em contrapartida, foi acompanhando estas discussões que ele conheceu o operário Jamain, o doutor Bonnard e Roufinel. Deste encontro, Jamain se tornaria um amigo próximo do lionês e Roufinel um dos societários engajados em atravessar o Atlântico, em 1841, para difundir no globo « *le but unique la réalisation d'un phalanstère* »²¹⁴. Foi também nesta concepção de aplicação prática da sociedade de Charles Fourier que Michel Derrion, e agora Jamain, compreenderam que os seus papéis era o de « *transiteurs* »²¹⁵. Ou seja, eles responsáveis por organizar a transição da sociedade egoísta que viviam para a societária pensada pelo *Maître*. De uma certa maneira, os *frères* que compunham o círculo do Instituto, de *l'Union harmonienne* e do jornal *Le Nouveau Monde* podiam ser considerados como homens obstinados. É claro que nem todos eram extremistas ou engajados a tal ponto. Todavia, ao participar do grupo « Unionista » e assinar o manifesto « *pour la souscription du premier phalanstere*²¹⁶ », Michel Derrion deixou evidente a sua participação no grupo cujo objetivo era consagrar suas vidas e de suas famílias na realização das ideias « *d'œuvre populaire* » aos moldes de Fourier. Entre eles a perspectiva da Escola societária, de que « *la science sociale*

²¹⁰Groupe du Nouveau Monde, *Le Nouveau Monde*, Paris, 1 août 1841. BNF.

²¹¹A lista com o nome de todos os participantes do *Unionismo* encontra-se disponível nas páginas do *Almanach Social pour l'année 1841*. Paris: Librairie Sociale. p. 157-175.

²¹²« Union Harmonienne », *Almanach Social* 1841, p. 148-152.

²¹³*Idem*.

²¹⁴« Bases réglementaires de l'Union », *Almanach Social* 1841, p. 152-156.

²¹⁵ARANTES Urias. « Et l'idée organise le monde. Notes sur les fouriéristes dissidents ». In.: *Cahiers Charles Fourier*, n° 5. 1994. Disponível: <http://www.charlesfourier.fr/spip.php?article118>. Acesso: fevereiro 2017.

²¹⁶*Souscription Universelle*, *Almanach Social* 1841, p. 157-168.

*doit se concilier avec toutes les formes de gouvernements civilisés, [...] ne doit spéculer que sur les améliorations industrielles et jamais sur les changements administratifs, [et] est toute conciliante en ce qu'elle indique l'art d'enrichir la masse sans froisser l'individu »*²¹⁷, devia ser respeitada. Se as normas estabelecidas pareciam não incomodar Michel Derrion e o meio fourieristas de Paris lhe encorajava a aplicar as ideias do Mestre, agora, para completar o trabalho era preciso realizar algo e Jamain poderia fazer parte.

*

Em Paris, os fourieristas tinham seus dias regrados para que o tempo fosse quase todo destinado à causa e à realização da vida societária. Michel Derrion viveu neste meio durante quase três anos. O seu tempo de trabalho e a vida com a nova família seguiam, aparentemente, os moldes da causa.

Em 1840, junto a Jamain e Rouffinel, numa das inúmeras reuniões organizadas pelo jornal *Le Nouveau Monde*, Michel Derrion conheceu o dr. J. B. Mure²¹⁸. Neste mesmo ano, em março, um grupo participante do dito jornal depositou *aux Chambres legislatives* uma petição. O documento, encaminhado por Michel Derrion, foi publicado nas páginas do jornal *Le Nouveau Monde*²¹⁹. Além de um longo discurso acerca dos preceitos fourieristas, o grupo solicitou um financiamento público para a realização de um falanstério nos arredores de Paris. Apesar de este anúncio ser importante, devido à intenção de solicitar o apoio público do Estado francês, não é ele que chama atenção. Neste mesmo dia e no mesmo jornal, mas numa minúscula nota intitulada *Faits divers*, se pode ler:

*« Mouvement de la souscription phalanstérienne - Nous comptons 103 souscripteurs aux bureaux du Nouveau Monde. 449 fr. sont déposés à la caisse d'épargne, sans compter 100 fr destinés à l'exécution du projet de M. Jamain ; Les engagements pour le jour de la réalisation s'élèvent à 27,800 fr. »*²²⁰.

²¹⁷*Caractère de notre propagande*, *Le Nouveau Monde*, n°11, 20 octobre 1839 apud ARANTES Urias. op. cit..

²¹⁸*Almanach social pour 1840*, Paris. Disponível: <<http://premierssocialismes.edel.univ-poitiers.fr/document/fd4536-1840/viewer>>

²¹⁹*Faits divers*, *Journal le Nouveau Monde*, paris, 21 mars 1840. BNF.

²²⁰*Idem*.

Naquele momento, em 1840, haviam dois projetos em que ambos os personagens se encontravam envolvidos. O primeiro é o que foi enviado a *chambre legislative* e contava com aproximadamente 650 assinaturas e era apoiado pelo conjunto do jornal. Já o segundo, menos pomposo, é o encabeçado por Jamain. Muito provavelmente, este foi o projeto que Michel Derrion participou e que deu origem à imigração para o Brasil. Acerca dos dados ou pessoas que participavam do mesmo nada se sabe. No entanto, a hipótese mais provável pode ser aventada.

A *souscription* solicitada por Jamain, muito provavelmente, dizia respeito à concepção de um falanstério. O local onde este seria estabelecido e como se realizaria deveria estar em discussão, ainda inicial, pelo grupo responsável. Como se sabe, Michel Derrion e Jamain já se conheciam das reuniões Unionistas e, frente à resposta desfavorável do governo francês, aquele primeiro deve ter aceitado se engajar na proposição do segundo. Ou seja, o lionês incorporou-se ao grupo constituído por Jamain. No meio fourierista, logo que um projeto é concebido, era bastante normal que em meio as reuniões houvessem momentos em que estes fossem apresentados. Logo, é de supor que ao apresentar sua ideia de concepção de um falanstério, baseado na imigração, cujo destino ainda não estava definido, alguns *frères* interessaram-se pela ideia. Entre os nomes possíveis estava o dr. Benoit-Jules Mure. Jamain, Michel Derrion e Rouffinel eram trabalhadores comuns e todos se conheciam do meio da Escola societária. O dr. Mure, que muito provavelmente já tinha seus interesses nos estudos acerca da homeopatia, deve ter visto na proposta de Jamain uma boa oportunidade para praticar a medicina e promover o regime societário. Deste deliberado acaso é que nasceu a ideia de fundar l'*Union Industrielle de Paris* e um esboço de Estatuto foi assinado em novembro de 1840. O documento existiu, entretanto, não se sabe ao certo quem o assinou e se ele foi realmente votado e aprovado por uma comissão, como mandava os regulamentos societários unionistas. De toda maneira, um acordo entre os quatro franceses existiu. Jamain, Michel Derrion Rouffinel e o dr. Mure também decidiram, após discussões realizadas com os demais fourieristas e reuniões com diversos políticos que frequentavam o meio da Escola, partir para o Brasil. Em 1840, a monarquia brasileira estava encorajando a imigração. Se o grupo, agora intitulado *Union Industrielle de Paris*, tinha por objetivo buscar financiamento para a realização das ideias do Mestre, parecia evidente a necessidade de enviar alguém para estabelecer negociações com o governo. Assim, dentre os que compunham a l'*Union*, o dr. Mure era o mais inclinado a atravessar o Atlântico pois, a sua profissão e, sobretudo, o dinheiro que possuía era fundamental para concretizar o plano. Nos primeiros meses de 1841, Benoit-Jules Mure embarcou para o Brasil. Em suas mãos estavam a carta que fundara l'*Union Industrielle de Paris* e a responsabilidade de conseguir o

financiamento para o futuro falanstério. Jamain, Michel Derrion e Rouffinel deveriam se ocupar de organizar outros detalhes, tais como a escolha dos futuros societários. No entanto, se o dr. Mure aceitou o papel de negociador, os que ficaram na França seguiriam à risca as regras para a constituição de um regimento societário. Ou seja, Jamain e Michel Derrion tomaram para si o papel de escrever um estatuto para reger a imigração para o Brasil, desde que o doutor lhes desse uma resposta favorável.

Jamain e Michel Derrion devem ter iniciado a redação do texto no começo do ano de 1841. A proposta foi publicada no jornal *Le Nouveau Monde*, em junho de 1841, e estava dividida em « *Statut de l'Union Industrielle - Départ des Colons - Devoirs du Gouvernement* ». Sem esquecer as diretrizes do grupo Unionista e os preceitos da Escola societária, Jamain, Michel Derion e, agora, o médico Arnaud, abordaram o papel transitório que eles deveriam assumir e estabeleceram algumas regras: a concepção de sociedade baseada na construção de indústrias e que devia « *à introduire l'emploi d'agents mécaniques, qui, suppléant au travail des bras, créeront rapidement de nombreux produits agricoles*²²¹ » e o trabalho, no interior da sociedade, não podia admitir a « *l'exploitation, ni salariés, ni domestiques, ni esclaves, mais seulement et uniquement des associés*²²² ». Quanto a administração, seria composta por quinze membros, divididos entre três diretores, que no primeiro momento de instalação da Colônia, seriam « *nommés par les cent premiers signataires du présent acte*²²³ » e depois, a cada ano, seria nomeado outros diretores que « *sont fondés de pouvoir par tous les sociétaires coopérateurs qui sont solidairement responsables de engagements*²²⁴ ». Neste primeiro momento, os diretores eleitos foram Jamain, Michel Derrion e Arnaud. Rouffinel também fazia parte dos quinze membros eleitos. Já o nome dr. Mure, que decidiu participar da empreitada e se dirigiu para o Brasil, não figurou nem mesmo entre os demais societários. Observa-se aqui que a recém fundada *Union Industrielle* já dava os primeiros indícios de uma possível dissidência. Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, o dr. Mure, um simples porta-voz, iniciava as suas negociações com o Império brasileiro.

**

²²¹Manifeste et Statuts de l'Union Industrielle, Paris, Siège de la Société, 1841 p.9-16.

²²²*Idem*.

²²³*Idem*, p. 17-30.

²²⁴*Ibidem*.

1.6. Mon destin :

La vie dans la Croix-Rousse est devenue différente dès lors qu'il a connu les paroles de Saint-Simon et Charles Fourier. L'euphorie d'organiser des réunions et des activités en hommage à la pensée d'un homme ; prendre du temps pour discuter un projet pratique pour la société ; la croyance en quelque chose de nouveau ; tous ces moments ont attiré l'attention de notre personnage. Si précédemment Michel Derrion avait une vie un peu ordinaire, dont le quotidien se résumait entre le chemin de la maison de ses parents vers le travail de négociant d'étoffes de soie, nous ne pouvons pas nier que l'arrivée des orateurs saint-simoniens et fouriéristes, de Paris, ont ouvert son monde. Il était admiratif et, peut-être, amoureux de ce partage de connaissances et même de la nouvelle relation qui s'était construite dans le milieu de chaque doctrine « ils sont devenus frères en amour par un idéal ». Avec ce monde qui s'esquissait à la Croix-Rousse, le jeune homme a aussi connu les amours (il a eu deux femmes et trois enfants), et les échecs (la fermeture de l'épicerie). Entre ces événements, la présence de Michel Derrion est assez faible et nous pouvons même dire qu'il n'a pas su gérer ses échecs et ses pertes. Cependant, c'était sa croyance qui l'a fait continuer et aller au-delà du normal, de l'ordinaire, c'est-à-dire, partir à Paris, dans la recherche d'un idéal, d'une réalisation et de traverser l'Atlantique. Est-ce que Michel Derrion était obnubilé par son projet sociétaire ?

CAPÍTULO 2

« E nos lábios do estrangeiro, que aporta ao Brasil, desponta um sorriso irônico e despeitoso - e ele diz consigo, que a terra - da escravidão - não pode durar muito; porque ele é crente, e sabe que os homens são feitos do mesmo barro - sujeitos as mesmas dores e as mesmas necessidades » Gonçalves Dias, Meditação.

2. Personnage atlantique :

Une des lectures intéressantes pour réfléchir sur Michel Derrion était la biographie écrite par João José Reis d'un affranchi appelé Domingos Sodré²²⁵, qui a été mis en prison à cause de sa pratique du *Candomblé* à Salvador.

La recherche de l'historien brésilien a débuté dans les archives judiciaires de la ville de Salvador où il a trouvé le procès avec quelques témoignages. Avec le dossier en main, João José Reis a pu tracer l'itinéraire de vie de Sodré qui a commencé au Laos, lieu où Domingos est devenu un esclave, jusqu'à la fin de sa vie au Brésil. Entre les lectures et les sources, toujours confrontées pour établir de meilleures analyses, l'historien a esquissé une importante étude pour mettre en évidence la présence du *Candomblé*, les réseaux existants entre les esclaves et la société blanche bahianaise. Alors, pourquoi aborder la recherche de la vie de Domingos Sodré dans la vie de Michel Derrion ? Avant de répondre à cette question, nous devons parler un peu du personnage central de cette thèse et sa relation avec le Brésil.

Michel-Marie Derrion a vécu un déplacement, entre la France et le Brésil, par sa propre volonté. Dans cette immigration, où d'autres Français aussi sont venus - Jamain, Mure, Lucie, etc - il y avait un idéal fouriériste derrière. Dès son arrivée au Brésil, avec le soutien financier du Ministre brésilien et puis de l'Empereur, le Lyonnais a dû faire face à une autre culture, langue et politiques, qui lui ont causé pas mal de contraintes, telles que : les quiproquos par rapport à l'administration politique et la conception de « immigrant », « colon » et « sociétaire ». D'une certaine façon, Michel Derrion vivait entre deux mondes, l'un attaché à l'idée de la réalisation d'un idéal sociétaire et l'autre lié à la vie réel d'un immigrant au Brésil dans la première moitié du XIX^{ème} siècle. Cependant, même s'il a expérimenté ses deux espaces, nous ne pouvons pas nier que l'homme engagé qu'il était n'a pas essayé de trouver des réponses pour pouvoir écrire son propre destin. Les échecs, les choix, les hasards, les incompréhensions, les disputes avec les amis ; toutes ces expériences vécues au Brésil ont fait partie d'un objectif supérieur : réaliser l'œuvre du Maître.

Alors, pour répondre à la question posée au tout début de ce texte, le rapport entre Sodré et Derrion, nous devons parler du défi de la recherche de ses vies communes. João José Reis, dans l'introduction de son livre, explique que pour reconstruire la vie de son personnage il a dû

²²⁵REIS, João José, *op. cit.*.

esquisser la société, les lois et les pouvoirs pour comprendre les défis de vivre dans une époque où une petite élite avait la permission de tout faire pendant que les autres devaient se battre. Dans les pages qui suivent, le lecteur trouvera exactement ces conflits mais liés à l'immigrant, l'étranger, arrivé au Brésil dans la première moitié du XIXème siècle.

**

2.1. Entre dois mundos:

« *L'autre jour, les disciples de Charles Fourier le socialiste montaient dans les wagons de Saint-Germain, au milieu d'une foule de voyageurs qui ne se doutaient guère que leurs compagnons de route (...), allaient tout simplement fonder une colonie, une civilisation, une société nouvelle, au-delà des mers, sous le ciel du Brésil. Ceux-ci, bons Parisiens, seront rentrés chez eux le soir même avec les bouques de sauge, de menthe et de dahlia ; ceux-là ne reviendront peut-être jamais* »²²⁶.

A viagem de Paris ao porto de Le Havre, quase um dia de barco, foi feito a bordo do vapor *Diavolo*²²⁷. O trajeto foi programado à partir do trem « *à la rue Saint-Lazare, à Paris ; et en vingt-cinq minutes ordinairement on parcourt les 18,430 mètres qui séparent cette capitale du Pecq*²²⁸ ». Chegando à Pecq, os falansterianos podiam esperar o vapor que lhes era destinado num « *belle terrasse borde la rivière*²²⁹ ». Este último, que deve ter sido provavelmente negociado por algum dos diretores da *l'Union Industrielle*, devia receber todo o grupo, quase 93 falansterianos, e ainda recolher as bagagens. Era final de setembro de 1841. Eles deviam controlar os gastos²³⁰.

Do percurso e das relações que puderam se formar entre aqueles homens, mulheres e crianças quase nada se sabe, pois ainda não foi encontrado nenhum diário de viagem, poema, jornal ou mesmo qualquer outro documento. Porém, nada impede de supor que entre eles se esboçaram afinidades e divergências que iriam para além da concepção que devia os unir - a societária. Este primeiro momento, ali mesmo no convés do barco à vapor, foi vivido em meio a paisagens que se desenhavam pouco a pouco naquele começo de outono de 1841. Eram cidades e vilarejos que apareciam acanhadamente sob tons mais lúgubres, devido à diminuição dos raios do sol. As árvores, outrora pinceladas de cores, perdiam o verde das folhas, enquanto o cheiro do mar tornava o ar mais fresco, húmido e, de certa forma, salubre. Em meio a tal espetáculo, o *Diavolo* e o seu capitão aproveitavam o ritmo das marés para realizar a viagem

²²⁶GOZLAN, Leon. Départ des fourieristes pour le Brésil. In.: *Revue de Paris*. Paris: Bureau de la revue. 1841. p. 240-251.

²²⁷Journal du Havre, septembre 1841, apud VIDAL, L., *op. cit.*, p. 136-144.

²²⁸*Guide du voyageur sur les bateaux à vapeur de Paris au Havre*, Paris, Béthume et Plon, 1841. p. 03-05. Disponível: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k84193p> Acesso: janeiro de 2017.

²²⁹*Idem*.

²³⁰VERGEADE, Suzanne/ « Un aspect du voyageur en chemin de fer : le voyage d'agrément sur le réseau de l'Ouest des années 1830 aux années 1880 ». In.: *Histoire, Economie et Société*, n. 1, 1990. p. 113-134 ; *Guide du voyageur sur les bateaux à vapeur de Paris au Havre*, *op. cit.*.

de maneira tranquila, pois o percurso através do *Seine* era sinuoso e havia os bancos de areia. Olhares mais atentos devem ter admirado o charme que o panorama do barco à vapor proporcionava. Outros, como as crianças, brincavam com os seus *bouts de bois* enquanto as suas mães e algumas outras mulheres, além questionarem sobre a nova vida que estava por vir naquele território chamado Brasil, talvez discutissem a recente aprovação da lei que regulamentava o trabalho infantil e das mulheres²³¹. Elas eram mulheres de chão de fábrica, operárias, e, acima de tudo, engajadas na causa societária junto a seus companheiros. Neste meio feminino, sobretudo em Lyon, eram os jornais *L'Echo de la Fabrique* e *Le Conseiller de Femmes*²³² que as mantinham informadas. Já os homens talvez debatessem sobre os últimos desdobramentos de « la résistance au recensement Humann²³³ » que havia agitado os jornais e as ruas da capital francesa nos últimos tempos. Outros, deviam ler atentamente *La Phalange* e o *Journal le Nouveau Monde*. Era através das páginas destes dois jornais que os fourieristas de toda a França se mantinham informados. Muitos, mesmo com dificuldades, mantinham em dia a sua assinatura para se atualizarem sobre os debates e as novas conquistas do movimento. Dentre os que discutiam sobre o fourierismo, certamente, estava Michel Derrion. Tendo em vista a peculiaridade de seu engajamento, escutar mais que falar, não é fora de propósito supor que ele tenha passado alguns instantes prestando atenção às palavras ditas acerca o sistema societário e os princípios de Charles Fourier. Michel Derrion tinha um engajamento político bastante peculiar, quer dizer, ele se interessava pelas iniciativas que visavam a aplicação das ideias societárias, como a abertura de comércios cooperativos. Ele próprio havia aberto em Lyon, entre os anos de 1835 e 1838, uma *épicerie*. Fora por esta busca de realização prática que ele se aproximou de Jamain e da *Correspondance harmonienne*. Ou, talvez, ele tenha preferido ficar em algum canto, sozinho, para escrever um discurso qualquer que abordasse a nova vida no Brasil, baseado no sistema societário. Estas ocasiões, em que podia ficar consigo mesmo escrevendo, já lhe eram familiares desde os tempos em que passou as noites revoltosas dos *Canuts* na sua antiga Croix-Rousse.

Além das diversas fisionomias que podiam estar observando a paisagem, lendo os jornais, jogando ou escrevendo discursos, ainda é possível especular sobre os papéis que cada

²³¹RIOT-SARCEY, Michèle. *Le Procès de la liberté : une histoire souterraine du XIXe siècle en France*. Paris: La Découverte, 2016.; GUIN, Yannick. Au cœur du libéralisme: La loi du 22 mars 1841 relative au travail des enfants employés dans les manufactures, usines et ateliers. In.: LE CRON, Jean-Pierre (dir.). *Deux siècles de droit du travail : L'histoire par les lois*. Paris: Éditions de l'Atelier, 1998.

²³²VERJUS, Anne. Défendre les intérêts des femmes dans les années 1830: conjugalisme et sexualisme dans *Le Conseiller des femmes* et dans *L'Echo de la fabrique*. In.: FROBERT, L. *op. cit.*, 2010. p.247-275.

²³³Cf. CARON, Jean-Claude. *L'Été rouge. Chronique de la révolte populaire en France (1841)*. Collection historique. Paris: Éditions Aubier, 2002.

um destes homens, mulheres e crianças poderiam representar na nova sociedade harmônica que aos poucos se constituía, tanto em suas relações individuais quanto coletivas, ainda nesta primeira parte da viagem. As crianças, sem muita surpresa, sob os olhos dos adultos, estavam, muito provavelmente, submetidas à nova experiência de viajar. Os mais crescidos, possivelmente, questionavam sobre o destino e aproveitavam para desfrutar da brisa. Em meio à curiosidade naquele espaço um tanto apertado, eles deviam aproveitar para criar alvoroço com os menores, o que contrastava com as atividades sérias dos adultos. As mulheres, além de estarem num número bastante reduzido, apareciam, geralmente, designadas pelo termo « *épouse de (...)* »²³⁴. Seus nomes quase nunca são citados nas de *l'Union Industrielle* e elas também não figuram entre os principais nomes da administração geral. Portanto, no meio societário a designação « esposa » não era aceita e nem mesmo utilizada. Nos jornais fourieristas era frequente se ler o termo « *compagne* ». Para além de seus nomes e designações, a presença feminina ainda podia ser notada na lista de profissões que Michel Derrion apresentou na carta enviada ao Dr. Mure. É ele mesmo quem adverte que « além da lista que vou apresentar, falta ainda tudo, quanto é relativo as profissões das mulheres, de que por ora não pude fazer o cálculo (...) »²³⁵. A elas, talvez, muito pouco tenha sido exigido ou oferecido na sociedade industrial. Entretanto, Charles Fourier escreveu que era preciso « *reconnaitre en principe que la femme est faite pour être le contrepoids et non le valet de l'homme* »²³⁶. A questão da mulher e o seu papel no movimento fourierista sempre foi um debate delicado. Quanto aos homens, não houve nenhuma dúvida que lhes coubia a responsabilidade de portar os documentos de *l'Union Industrielle* e gerir os proventos para toda a viagem. Ainda faltava atravessar o Atlântico e os fundos não eram assim tão farto. Aqui, neste meio masculino e societário, Michel Derrion não foi um mero ouvinte como ocorria nas discussões acerca dos preceitos. Seu papel deve ter sido mais ativo, pois ele foi um dos responsáveis gerais de *l'Union*. Ele e Jamain, o seu *frère* mais próximo, devem ter sido os responsáveis por guardar os documentos que os levariam para o Brasil. Nesta conjuntura, é possível de acreditar que Michel Derrion tenha recebido, ainda, a incumbência de gerir os fundos arrecadados através das contribuições dos societários à *l'Union*. Segundo as funções estabelecidas no *Statuts de l'Union*, o seu nome aparece como diretor geral e responsável contábil. Não é nenhuma surpresa que seus conhecimentos administrativos tenham sido solicitados. Michel Derrion, em 1832, em Lyon, foi o contador da Igreja saint-

²³⁴A não ser nas listas de passageiros dos barcos, na maioria dos relatórios produzidos no Brasil acerca da Colônia Industrial as mulheres, geralmente, não são nomeadas e aparecem sobre o seu estatuto de casada, assim como, as crianças.

²³⁵*Lettre de Derrion à Mure*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1841

²³⁶FOURIER, Charles. *Vers la liberté en amour*. Paris: Gallimard, 1967. pp. 100 - 118 ; 223.

simoniana e, três anos mais tarde, o fundador e responsável contábil de *l'épicerie sociale* juntamente com o seu outro *frère* Joseph Reynier. Mesmo que a cooperativa tenha falido por motivos diversos e ele tenha mudado para Paris, ele possuía o *savoir-faire* da administração.

Durante a viagem, quando as relações de força se estabeleciam, juntamente com as primeiras experiências de grupo, será que entre todos aqueles falansterianos que foram criteriosamente selecionados pelas « muitas comissões de admissão (...) encarregadas de tomar as informações necessárias para poder julgar o valor moral e profissional de cada um deles²³⁷ » não houve discussões, divergências ou até mesmo dúvidas sobre o *Statut de l'Union*? Tudo o que se sabe destes homens e mulheres e suas relações de grupo com a *Union Industrielle*, naquele momento entre Paris e Havre, vem de duas cartas e algumas linhas. A primeira, escrita por Michel Derrion ao dr. Mure, quase um mês antes daqueles embarcarem para o Brasil dizia que os « societários dão, em todas as ocasiões, provas de que sabem juntar ao amor do trabalho o uso da civilidade, que não exclui nem a franqueza nem a cordialidade »²³⁸. Já a segunda missiva, contrariando a « cordialidade » vigente na falange, era de autoria do dirigente chamado Rouffinel. Este, que também escreveu ao dr. Mure, afirmava: « (...) sei que haverá alguns murmúrios, contudo espero que a passagem terá lugar sem desordem, mas vos pergunto de não ceder a nenhum a vossa concessão. Em nome de Deus, vos conjuro, de ficar o tutor; o Mentor »²³⁹.

As diferenças entre os societários começaram a aparecer. As primeiras ranhuras estavam diretamente ligadas as concepções que o grupo portava. Todos sabiam que os fourieristas não eram um grupo unitário e as divergências tiveram suas origens quando o Mestre faleceu. Entretanto, para construir uma sociedade societária, era preciso deixar os interesses individuais de lado. Michel Derrion, Jamain, dr. Mure e Rouffinel não vinham do mesmo grupo fourierista. Além disso, Michel Derrion era lionês e havia uma pequena tensão entre as duas cidades e seus respectivos grupos e concepções. Desta primeira parte do trajeto, o que é certo é que o *Diavolo* ancorou no porto do Havre na área destinada aos barcos à vapor, *le bassin du Roi*, no dia 25 de setembro de 1841.

« 93 [émigrants], y compris les femmes et 13 enfants sont arrivés aujourd'hui au Havre, venant de Paris, par le bateau à vapeur *Diavolo* »²⁴⁰.

²³⁷Lettre de Derrion à Mure, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1841.

²³⁸Idem

²³⁹Lettre de Rouffinel à Mure, 30 septembre 1841, AHJ.

²⁴⁰Journal du Havre, 25 septembre 1841, apud VIDAL, L., op., cit., p. 136-144

A chegada ao porto do Havre deve ter sido vivida numa mistura de curiosidade, ansiedade e cansaço. Certamente todos os societários, as bagagens e os diversos utensílios encontravam-se sob os olhares atentos dos diretores Michel Derrion, Jamain e, agora, do dr. Arnaud. Este último chegara à cidade dias antes para negociar um barco que pudesse transportar toda a falange rumo ao Brasil e assegurar que estivessem em ordem os demais documentos exigidos para que todos pudessem desembarcar no porto do Rio de Janeiro²⁴¹. Os detalhes de cada uma destas negociações não são conhecidos. Porém, sobre o barco, o que se sabe é que o dr. Arnaud conseguiu « *engagée par charte partie*²⁴² » de um « *trois-mâts* » que partiria daquele porto, entre os dias 22 e 24 de setembro, com destino à capital do Império. Com o barco já tratado, agora, era a vez de solicitar os passaportes ou qualquer outro documento que autorizasse a entrada dos falansterianos nos portos brasileiros. Para tal empreitada, antes de se dirigir ao Havre, o dr. Arnaud havia tomado o cuidado de se aconselhar no consulado do Brasil em Paris²⁴³ com os senhores Carvalho de Moraes e Maciel da Rocha²⁴⁴. Por certo que os agentes consulares indicaram o nome do secretário consular brasileiro que trabalhava no Havre e que seria o responsável pelas emissões de passaportes e demais documentos. Fazia pouco mais de um ano que o Brasil estava reorganizando as suas estruturas ministeriais, sobretudo o Ministério das relações exteriores, para melhorar as suas representações nos principais portos europeus. Estes, que deveriam possuir um representante consular brasileiro, deviam fornecer ao ministro, no Brasil, dados referentes a possíveis colonos estrangeiros e produtos que podiam ser negociados. Le Havre, por ser um dos portos mais movimentados da França, devia se tornar um bom exemplo desta nova política que ainda andava aos trancos e barrancos. Em todo caso, o dr. Arnaud parece ter seguido as recomendações do cônsul e, de posse de uma carta, bem como de uma lista contendo os nomes de todos os homens, mulheres e crianças, solicitou às autorizações de viagem para o Brasil. Nestes trâmites é de se acreditar que a *Union Industrielle* tenha pago pelos passaportes e demais documentos. O custo de toda a burocracia deve ter sido consideravelmente elevado. Para desespero daqueles que pagaram os custos, quase dois meses depois desta epopeia, finalmente chega ao Havre a circular do ministério brasileiro, datada de 22 novembre do 1841, dando as ordens: « *que soient délivrés gratuitement les passeports pour les émigrants “industrieux”* »²⁴⁵.

²⁴¹VIDAL, L., *op. cit.*, p. 130-134.

²⁴²*Journal du Havre*, 24 septembre 1841, apud VIDAL, L., *op. cit.*, p. 130-134.

²⁴³VIDAL, L., *op. cit.*, p. 130-134.

²⁴⁴*Almanach royal et national pour l'an 1842*, Paris, Chez A. Guyot et Scribe, 1842. p.29.

²⁴⁵Circulaire aux agents consulaires, 22 novembre 1841, AHI apud VIDAL, L., *op. cit.*, p. 130-135.

Com as autorizações e um barco a espera, toda a falange devia encontrar-se reunida no cais do porto de Le Havre com os olhos atentos e o corpo apreensivo. Uma nova jornada estava por se iniciar. A cidade, naquele ano de 1841, passou a contar com cerca de 27154 habitantes²⁴⁶. O porto encontrava-se em plena expansão depois do mês de maio onde « *le bassin de la Barre débouche le canal de Vauban qui devait joindre Harfleur au Havre*²⁴⁷ » e interligava « *l'ouverture d'une partie de ce canal converti en un magnifique bassin communiquant une écluse avec celui de la Barre*²⁴⁸ ». Naquele momento, o porto podia receber cerca de 200 navios dans les « *bassin de la Barre et du Commerce ; (...) et le troisième, celui du Roi, n'en a que 12800 [mètres] et ne peut contenir que 38 navires* »²⁴⁹. Tal desenvolvimento contava com financiamentos do Estado e até mesmo dos novos negociantes britânicos, que se instalavam aos poucos na região²⁵⁰. Em meio a estas transformações, os societários de *l'Union* puderam observar os trabalhos em curso, pois percorreram uma parte do porto até poderem avistar a barca que refletia a esperança e, também, a insegurança. Como Michel Derrion e seus *frères* teriam vivenciado o instante em que « *le voilier de trois-mâts* » surgiu aos olhos de todos? É claro que não cabe, aqui, fazer um estudo psicológico, mas não é fora de propósito supor quais teriam sido as reações, especialmente de Michel Derrion que havia consagrado uma importante parte de sua vida à busca das realizações societárias. É possível imaginá-lo discutindo fervorosamente com seus « *frères* » diretores, especialmente, Jamain e o dr. Arnaud. Ou ainda, supor que ele se prostrou em silêncio, absorvido em seus pensamentos. Talvez pensasse em seu pai, falecido há quase cinco anos; em sua mãe e irmãs, que ainda habitavam a sempre revoltosa Croix-Rousse; em seu fiel amigo Joseph Reynier; na sua única filha, Léonine, sob os cuidados de um antigo amo deixado para traz em Lyon no ano de 1837; ou nos seus dois filhos pequenos que estavam junto dele e de sua nova companheira. Quiçá, ele em nada tenha pensado e apenas vivido aquele misterioso instante de admiração. Chegara, finalmente, a hora de embarcar...

« (...) *l'embarquement imminent sur le navire La Caroline d'une « centaine d'individus de toutes spécialités industrielles » venus de Paris et « allant au Brésil fonder une colonie phalanstérienne* »²⁵¹.

²⁴⁶Populations et recensements Le Havre, Archives Municipales. Disponível: http://archives.lehavre.fr/delia-CMS/archives/site/article_id/-sstopic_id-/topic_id-830/topic_parent_id-757/population-et-recensements.html Acesso: julho de 2017.

²⁴⁷*Guide du voyageur sur les bateaux à vapeur de Paris au Havre, op.cit..*

²⁴⁸*Idem*

²⁴⁹*Ibidem*

²⁵⁰« Le Havre : La côte », In: *S'écrire au XIXème siècle, Une correspondance familiale*, Disponível: <http://correspondancefamiliale.ehess.fr/index.php?4424> Acesso: février 2017.; *Guide du voyageur sur les bateaux à vapeur de Paris au Havre*, Paris, Béthume et Plon, 1841. p. 324-336. Disponível: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k84193p> Acesso: janeiro de 2017.

²⁵¹VIDAL, L., *op. cit.*, p.130-135.

La Caroline estava atracada no porto de Le Havre entre les « *bassins de la Barre, du Commerce et du Roi* ». Na relação do mar com os seus homens - capitães e marinheiros - as embarcações acabavam por receber, geralmente, nomes femininos. Entretanto, no caso de *Caroline* era um pouco diferente. A origem do seu é de procedência germânica, Karl, que significa aquele que é viril e, provavelmente, o seu batismo de água tenha sido em homenagem à fragata *Caroline*, que esteve à serviço da Marinha francesa durante as Guerras Napoleônicas. Ostentando, assim, todo um imaginário de força e fúria masculina, como convém às embarcações que atravessam os oceanos, o *voilier* de três mastros, descrito por Laurent Vidal como la « *cathédrale maritime sortie tout juste deux ans auparavant des chantiers de Lorient*²⁵² », fora o escolhido pelo dr. Arnaud para transportar as convicções de uma Sociedade harmônica e de uma indústria pacífica, imaginada pelo grupo de *l'Union Industrielle*. Se todos haviam conhecido *La Caroline* e encontravam-se, finalmente, à bordo para iniciarem a viagem rumo ao Brasil, o capitão recebia a notícia de que um período de espera no porto era obrigatório para todos os barcos.

Naquele final de setembro de 1841, os ventos e o mau tempo foram desfavoráveis à partida dos barcos, tanto que o que levaria os franceses societários do porto do Havre, prevista para o dia 25 de setembro, mesmo dia que o *Diavolo* aportou no *bassin du Roi*, foi adiada devido às inconstâncias do clima. O tempo instável persistiu até 20 de outubro e durante esse período de ventos contrários os homens, as mulheres e as crianças teriam que ocupar suas longas horas de espera com algum afazer. E cabe perguntar: qual seria a obrigação do diretor geral Michel Derrion para com o grupo enquanto se esperava pela clemência do tempo? Os primeiros dias desta espera forçada devem ter sido vividos com certa preocupação e, porque não também, descontração. Mesmo com mau tempo e o vento, não se deve excluir uma pequena caminhada pela cidade para acalmar as angústias e as dúvidas sobre a data da partida para o Brasil. Então Le Havre apresentava-se como « *une grande, belle, riche et forte ville maritime, chef-lieu de sous-préfecture, tribunaux de première instance et de commerce, chambre et bourse de commerce (...)* »²⁵³. Os bairros da cidade que se expandiam eram, agora, divididos entre « *le neuf et le quartier vieux* », onde o primeiro « *qui forme plus d'un tiers de la ville, est bien bâti en pierre et possède de belles rues larges et droites*²⁵⁴ » e o segundo « *il y a encore des masures à pans de bois, mais tous les jours on les remplace par de maisons en pierre, assez*

²⁵² VIDAL, L., *op. cit.*, p.141.

²⁵³ *Guide du voyageur sur les bateaux à vapeur de Paris au Havre, op cit..*

²⁵⁴ *Idem*

*élégantes*²⁵⁵». Além da cidade, é possível de supor que, após alguns dias de espera, alguns dos societários tenham tentado buscar algum trabalho para ocupar os seus dias. Se o porto estava em expansão, a mão-de-obra era bem-vinda e os ofícios de alguns eram compatíveis com os postos de trabalho²⁵⁶. Destes dias, sejam eles preenchidos com a cidade, com quaisquer atividades remuneradas ou do simples ato de cuidar das crianças, estes homens e mulheres tiveram a oportunidade de estreitar seus laços de solidariedade e construir redes de sociabilidades. Nos fins de tarde é muito provável que ocorriam reuniões ao redor de uma mesa, seja no barco ou num bar próximo ao porto, onde todos juntos - diretores, societários e, quem sabe novos adeptos, - liam poemas, cantavam e até mesmo discutiam sobre o tal Comunidade Societária que seria implementada no Brasil. Era, então, nestes momentos que se vivia, na prática, a ideia pela qual Charles Fourier tanto havia se batido: a partilha « para a busca e satisfação dos prazeres, e as paixões não deveriam ser evitadas, mas sim diversificadas e ampliadas como uma das condições para se atingir a verdadeira felicidade »²⁵⁷. Talvez, mas há indícios de que nem tudo ia assim tão bem...

O grupo de diretores de l'*Union Industrielle* - o dr. Arnaud, Jamain, Derrion e o próprio Rouffinel -, por certo se reuniam, ao menos uma vez por dia, para discutir sobre a futura viagem, as possíveis despesas durante o período da espera e questões de ordem diversa que envolviam o empreendimento. Nesses debates, é bem provável que Michel Derrion se mantivesse à frente da questão contábil, enquanto os outros se responsabilizavam por informar os bureaux de Paris, Lyon e, até mesmo, o dr. Mure, no Brasil. Desta última atividade, existe um breve relato da pluma de Jamain, publicado no jornal - *La Ruche Populaire* - que dizia: « *un grand nombre d'habitants, touchés par la grandeur de leur oeuvre et du dévouement que chacun y consacre, s'y sont aussi rattachés de tout cœur et ont formé un centre au Havre, pour y organiser eux-mêmes une expédition qui partirait dans deux mois* »²⁵⁸. Se Jamain foi fiel em seu relato, o grupo que se dirigia para o Brasil iria receber muito em breve novos adeptos oriundos de Le Havre. Agora, o que demanda explicações não é o relato em si, mas o local onde foi publicado a nota. Jamain decidiu enviar sua calorosa narrativa ao jornal de seu *frère saint-simonianno* Vinçard, à Paris. Se a decisão foi obra do acaso ou não, proposital ou não, se outros jornais fourieristas receberam ou não a mesma carta é difícil precisar. Mas, a partir desta decisão de

²⁵⁵*Ibidem*

²⁵⁶VIDAL, L., *op. cit.*, p. 145-150.

²⁵⁷BARROS, José D'Assunção. « Charles Fourier, os falanstérios e a crítica à civilização industrial ». In.: *Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas*, Universidad de Santiago de Compostela, vol 15, n.02. 2016. p. 223-238. Disponível: <http://www.usc.es/revistas/index.php/rips> Acesso: julho de 2017.

²⁵⁸*La Ruche Populaire*, octobre 1841, p. 31 apud VIDAL, L., *op. cit.*, p. 146

Jamain, não é difícil entender a preocupação de Rouffinel sobre « certos rumores » que circulavam. Oras, se os *Statuts de l'Union Industrielle* foram escritos com base nos estudos de Charles Fourier, entre os diretores gerais haviam alguns nomes que ainda mantinham uma importante ligação, e quem sabe mesmo intelectual, com os saint-simonianos. Esta peleia entre os saint-simonianos e os fouriersitas não havia começado com a nota de Jamain, pois na mesma carta que Michel Derrion escreveu ao dr. Mure e na qual se referiu à « franqueza e a cordialidade », ele também dizia:

« Admira-me o que me dizeis das lutas que tendes tido que sustentar por nosso respeito; e isto prova até que ponto a desconfiança é capaz de cegar os homens sobre os seus verdadeiros interesses. Receiam que nos sejamos Saint-simonianos! Oh meu deus! Pois pode haver a menor relação entre a nossa associação, toda social, toda positiva, composta de homens de ordem e de trabalho, fundada sobre a justiça e a equidade, e os projetos vagos, incoerentes, contraditórios à natureza, e por consequências impraticáveis daqueles absurdos sectários? »²⁵⁹

Dos rumores à uma certa dose de verdades, o certo é que, agora, as ranhuras começaram a se aprofundar e a evidenciar antigas disputas cravadas entre os discípulos de Charles Fourier e Saint-Simon de Paris e de Lyon.

No dia 20 de outubro os barcos começaram a ser liberados, um por um, do porto do Havre²⁶⁰, pois, « *les vents s'étant calmés, les navires bloques depuis de longtemps se préparent enfin à appareiller* »²⁶¹. *La Caroline*, provavelmente, recebeu a sua autorização para deixar *le Bassin* logo após « *le commandant du port organize l'ordre des sorties* »²⁶². Entre a autorização e o aparelhamento do barco para a partida, que deveria ocorrer o mais breve possível, o capitão do *La Caroline* deve ter emitido notas nos jornais locais, bem como, publicado um comunicado nos quadros de « *départs / arrivées* » do porto. Ele, como o responsável da embarcação, deve ter seguido as regras habituais para notificar, em todos os meios possíveis, a partida iminente do seu *voilier de trois-mâts*. No entanto, ao que tudo indica, a tarefa de reunir sua tripulação de « *industrieux* » não deve ter sido muito fácil, pois, numa nota publicada na *Revue Maritime du Havre*, no dia 22 de outubro, pode-se ler que « *les colons [...] ont été assez vivement recherchés* »²⁶³. Aqui, é que o papel de diretores gerais de l'Union - o dr. Arnaud, Derrion e Jamain – deve ter sido colocado a prova, ou seja, iniciar uma busca acalorada por todos os societários. E é a

²⁵⁹ *Lettre de Derrion à Mure*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1841. BNRJ.

²⁶⁰ *Journal du Havre*, 2 octobre 1841 ; *Journal du Havre*, 15 octobre 1841 ; *Revue Maritime et commerciale du Havre*, 22 octobre 1841, apud VIDAL, L., *op. cit.*, p. 145-151.

²⁶¹ VIDAL, L., *op. cit.*, p. 148.

²⁶² *Idem*.

²⁶³ *Revue Maritime et commerciale du Havre*, 22 octobre 1841, apud VIDAL, L., *op. cit.*, p. 145-151.

partir deste contratempo que se pode compreender que, mesmo se alguns homens e mulheres haviam encontrado trabalho nos arredores do porto e da cidade, « *l'ordre des septes couleurs* », ou a afinidade entre todos, era algo ainda muito efêmero. Os franceses societários, aparentemente, preferiram guardar suas individualidades ou, como diria Fourier, os seus egoísmos. Em todo caso, o embarque foi realizado e, segundo o *rôle d'équipage* do *La Caroline*, dos 93 societários chegados de Paris com destino ao Brasil, em 25 de setembro, foram embarcados 109 dos 113 registrados²⁶⁴. Sob os olhos de Michel Derrion, Jamain e as regras dos *Statuts de l'Union Industrielle*, a segunda parte da viagem começara. O dr. Arnaud deveria voltar à Paris para se ocupar dos próximos societários. Enquanto a Rouffinel, ao que se sabe, não estava a bordo do *La Caroline*...

« *Alors que La Caroline croise la tour François I^{er}, qui signale l'entrée du port du Havre*²⁶⁵ », Michel Derrion, sua companheira, seus dois filhos, Jamain e seu filho e todos os demais societários haviam deixado para trás o período de angustiante de espera para entrar numa nova espera - a espera em alto mar. Esta última, talvez um pouco mais árdua, estava ligada a certos ritmos que, talvez, aqueles homens, mulheres e crianças não conhecessem assim tão bem. Durante quase dois meses, eles deveriam viver um tempo regido pelo sol e o mar; partilhar um território composto pelo convés, corredores dos alojamentos, cozinha e a « sagrada mesa »; observar uma paisagem que seria desenhada pelos matizes do azul-do-mar; e sentir odores quase sempre recobertos de sal; e descobrir as novas pulsações de um corpo que tentava se habituar aos movimentos do barco, das ondas e dos alimentos secos. Estes dias, vividos lentamente um-a-um, foram para todos aqueles franceses momentos de descobertas acerca da união e do desacordo, mas, sobretudo, foram dias vividos com a esperança de uma nova vida. Era ali, entre este tempo lento do mar e suas complexas combinações de homens e sentimentos²⁶⁶, que Michel Derrion e Jamain deveriam, também, aprender a lidar com as responsabilidades de serem os diretores gerais. Seria ali, naqueles dias de espera, dias de mar, que Michel Derrion talvez tenha sido forçado a admitir que haviam incompreensões, *quiproquós*, acerca destes dois mundos que se encontrariam para construir a nova sociedade. Se haviam desafios, o ímpeto de construir uma sociedade societária sobre os preceitos de

²⁶⁴Em sua pesquisa sobre os falansterianos, Laurent Vidal questiona os números. Segundo o pesquisador, os dados podem ter sido um simples erro ou até mesmo a aquisição de novos adeptos para a falange. Cf. VIDAL, L., *op. cit.*, p. 150.

²⁶⁵*Idem*, p. 151.

²⁶⁶A proposta de abordar o tempo lento e a espera durante a viagem que os franceses fizeram da França para o Brasil surgiu das leituras e das discussões ocorridas durante o projeto Terriat, coordenado por Laurent Vidal e Alain Musset. Cf. VIDAL, Laurent, MUSSET, Alain (dirs.), *Les territoires de l'attente Migrations et mobilités dans les Amériques (XIXe-XXIe siècle)*. PUR, 2015.

Charles Fourier, por certo, era o que os movia. Será que Michel Derrion aceitaria as palavras do dr. Mure sobre o Império do Brasil? Talvez...

**

2.2. As borboletas perdidas e o Imperador:

Eles aportaram em terras brasileiras no final do ano de 1841. A viagem da França para o Brasil não foi, em quase nenhum momento, perfeita. Mas, agora, eles estavam atracados no porto do Rio de Janeiro, à bordo do *La Caroline*. Aos poucos, as *pirogas*, conduzidas pelas « gentes de cor », aproximavam-se com homens que davam ordens para que toda a tripulação e o capitão, com o seu diário de bordo, apresentassem-se no convés. Era o momento de averiguar se todos estavam sadios, normas sanitárias do porto, como também de contar e regradar todas as bagagens e os viajantes, normas da alfandega. Enquanto aqueles « homens do porto » entravam e saíam do barco com suas instruções, não é difícil imaginar que alguns franceses se esforçassem para escutar aquela língua de ritmo cantado e carregada de « s, x, ão » em busca de possíveis associações com a língua materna. Mas é pouco provável que deixassem de admirar curiosamente as *pirogas* e os negros seminus que se equilibravam, utilizando toda a força de seus corpos, para suportar o peso das bagagens e controlar a embarcação. Neste mesmo momento, de repente, ali mesmo no convés do *La Caroline*, uma estranha sensação de peso do corpo, ou melhor, de leseira deve ter abatido alguns dos recém-chegados. Era o começo do verão nos trópicos, que tornava os dias mais longos, as temperaturas mais elevadas, entre 35°C e 40°C, e a humidade mais intensa. Estranha mistura de calor, humidade e o ritmo das marés com os ventos que traziam os fortes odores, não tão agradáveis, que emanavam do mar, ao que se somavam as pequenas bestas voadoras, que zuniam nos ouvidos. No entanto, desta espera no *La Caroline* para todas as descobertas aportadas a cada um daqueles homens, mulheres e crianças, talvez, o silêncio tenha sido o mais intenso das sensações. Aqueles franceses industriais que tinham o desígnio de edificar a Colônia Industrial no sul do Brasil, que cantaram e recitaram poemas na partida de Paris, agora, se encontravam em silêncio. Talvez, o medo da realidade daquele novo mundo tenha atingido; quem sabe o cansaço de quase três meses de viagem; ou mesmo, a simples curiosidade de observar aquele burburinho todo que estava diante dos olhos.

Durante o tempo em que a falange permaneceu no *La Caroline* para os tramites alfandegários e de saúde, no cais porto à espera dos recém-chegados é de supor que o dr. Benoit-Jules Mure os esperava. Nesta hipótese é de se acreditar que o médico francês aguardava atentivamente a chegada dos compatriotas. Divagando consigo mesmo, o dr. Mure deve ter se

lembrado de todo o lento e árduo caminho que ele percorrera para obter o contrato da Colônia Industrial, bem como na reação dos seus « *frères* » ao tomarem conhecimento do seu conteúdo. Ele também deveria ser assaltado por dúvidas a respeito dos atuais diretores de l'*Union Industrielle*, os ex-saint-simonianos Michel Derrion e Jamain, afinal, estariam eles dispostos a tolerar o contrato que fora assinado com o Império, em seu próprio nome, alguns dias antes da chegada do *La Caroline*? O dr. Mure estava preparado para uma possível discussão com Michel Derrion e Jamain. Ele acreditava que a peleja não seria nada fácil. Portanto, o encontro era o momento perfeito para esclarecer algumas desarmonias ocorridas por cartas já há algum tempo. Derrion e Jamain deviam explicar o que ocorreu com a « União Industrial [de Paris] que estava em seu princípio e fraca; mas depois tomou forças o recém-nascido (...)»²⁶⁷ » e que foi fundada pelo próprio dr. Mure na casa do Consul do Brasil na França em 21 de setembro de 1840. Eles também deviam esclarecer quais foram os reais motivos que os levaram a organizar uma nova l'*Union Industrielle*, fundada por eles e outros frères em 18 de abril de 1841, e o porquê de terem excluído o seu nome. Afinal, ele havia viajado para o Brasil às suas próprias custas na condição de « inspetor²⁶⁸ », para viabilizar uma Colônia Industrial. Da sua parte, o dr. Mure explicaria que, de certa maneira, fora obrigado a dissimular algumas informações para poder assinar o contrato e adaptar-se às leis e resoluções que o Império impunha acerca da colonização nas terras do Brasil. E, se havia tomado tal decisão foi, apenas, para assegurar o financiamento da Colônia e de todos os seus. O mais importante era que juntos, « *sur la tour d'ordre l'étendant aux sept couleurs*²⁶⁹ », eles pudessem, finalmente, erigir os anseios do grupo do *Journal Le Nouveau Monde*, ou seja, « *l'ordre Phalanstérien dans les déserts du Nouveau-Monde, si l'Europe égoïste et incrédule leur refusait une place au soleil* »²⁷⁰. Mas, ainda havia a possibilidade de uma conciliação entre todos, pois, o dr. Mure explicaria que « (...) o Governo que me concedeu a sua confiança²⁷¹ » e este aguardava ansioso a assinatura de um contrato entre todos os frères. Se era preciso explicar, também seria necessário escutar e muito...

*

²⁶⁷Lettre de Mure au Président de la Province de Santa Catarina, Sahy, 13 février 1842. AHJ.

²⁶⁸*Idem*.

²⁶⁹BONNARD, Arthur de. *Organisation du travail. Organisation d'une commune sociétaire d'après la théorie de Charles Fourier*, Boudonville, chez l'auteur, 1845. p. XV – XXXIX. Disponível: <<http://premierssocialismes.edel.univ-poitiers.fr/document/fd692/viewer>> Acesso: julho de 2017.

²⁷⁰*Idem*.

²⁷¹Lettre de Mure au Président de la Province de Santa Catarina, Sahy, 13 février 1842. AHJ.

A chegada do homem « *grand, couleur claire, yeux bleus, nez et bouche réguliers, visage rond et barbe régulière*²⁷² », médico de profissão, nascido à Lyon e nomeado Benoit-Jules Mure, no porto do Rio de Janeiro, deu-se no final de novembro de 1840. Em seus pertences havia, além do que se espera de um viajante, projeto de colonização societária e cartas de recomendação que deveriam lhe possibilitar contatos políticos naquele dito Império. Enquanto os demais « frères » do *Journal Le Nouveau Monde* dirigiram-se para o Texas e outros para Dijon, o dr. Mure e um pequeno grupo tinham escolhido o Brasil, preferência que não foi obra do acaso.

A primeira metade do século XIX, no Brasil, foram momentos propícios para a produção de relatos de viajantes franceses, pois, o « *Brésil des premiers voyageurs paraissait une terre proche du Paradis terrestre (...)*²⁷³ », quer dizer, « *Il y a donc un revê brésilien au XIX^{ème} siècle, qui nourrit l'imaginaire des Français*²⁷⁴ ». Das primeiras missões artísticas, duas personalidades destacaram-se: « *l'érudit et écrivain Ferdinand Denis, qui restera au Brésil jusqu'en 1819, considéré comme l'initiateur des études portugaises et brésiliennes en France, et l'éminent naturaliste Augustin-César de Saint-Hilaire, qui voyage dans les provinces de Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina et Rio Grande do Sul aux années 1816-1822* »²⁷⁵. Se o Brasil despertava tal curiosidade a ponto de ter livros publicados, não é de se duvidar que o dr. Mure tenha lido algumas destas obras, tais como as de Ferdinand Denis²⁷⁶. Já no meio fourierista, principalmente o grupo do jornal *La Phalange* e os estudiosos da homeopatia, é possível de acreditar que o dr. Mure tenha conhecido algumas pessoas influentes que se interessassem pelas leituras e a prática industrial.

A França, como se sabe, era naquele momento uma das principais destinações de políticos e intelectuais brasileiros para realizar estudos e/ou negócios. Talvez, fora em algumas das reuniões do jornal *La Phalange* que o dr. Mure conheceu o lisbonense Silvestre Pereira Ferreira²⁷⁷. Este jornal, que era apoiado por Victor Considerant, era conhecido por organizar reuniões com homens de negócios com intuito de propagar as ideias do Mestre, bem como,

²⁷²VIDAL, L., *op. cit.*, p. 66-77.

²⁷³BRZOWSKI, Jerzy. *Revê exotique - Imagens du Brésil dans la littérature française (1822-1888)*. Cracóvia: ABRYS Editions. 2001. p.16.

²⁷⁴*Idem.*

²⁷⁵*Ibidem.*

²⁷⁶VIDAL, L., *op. cit.*, p.53 - 77

²⁷⁷ Nascido em Lisboa no ano de 1769, Silvestre Pereira Ferreira se muda com a Corte Portuguesa para o Brasil no ano de 1808. Vivendo no Rio de Janeiro por cerca de 20 anos, ele trabalhou no Ministério do Exterior, atuou como professor de filosofia e, sendo reconhecido como liberal, foi convidado por D. João VI a assumir a chefia do seu governo, após a revolução do Porto, no começo de 1821, ano que regressa a Portuga. Exilado na França após a morte do Monarca, foi no período parisiense que concluiu a sua obra constitucionalista e teórico do liberalismo.

conseguir financiamentos. Silvestre Ferreira, exilado na França devido seu pensamento liberal, durante os anos de 1820 e 1821 exerceu o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros no Brasil. Um conhecedor dos debates industriais, ele mesmo chegou a publicar um livro sobre o melhoramento das classes industriais²⁷⁸. Assim, não é difícil de acreditar que o ex-Ministro e o dr. Mure tenham se encontrado em algumas das reuniões organizadas por Victor Considerant. Na ocasião de tal encontro, é de se supor que eles tenham, de certa forma, trocado informações sobre o Império brasileiro e os incentivos deste « à emigração de gente de moral e industriosa, para cultivar desde já vastos terrenos²⁷⁹ ». Destas reuniões fourieristas ocorridas não tão ao acaso, as palavras do sr. Silvestre devem ter chamado a atenção do dr. Mure. Entre ambos é aceitável que tenha até surgido uma amizade ou, pelo menos, certa proximidade, pois, segundo uma carta escrita pelo médico²⁸⁰, o sr. Ferreira esteve presente quando ocorreu a assinatura « no dia 21 de 7mbro 1840 a **acta** [grifo nosso] da 1^{eira} *l'Union Industrielle de Paris* »²⁸¹. Oras, se o dr. Mure tinha possuía o esboço de um projeto de Colônia societária, uma ata assinada comprovando a existência de *l'Union de Paris* e, naquele momento, o Brasil buscava colonos industriais; tudo parecia destiná-lo a empreender uma viagem ao Brasil.

Já em terras brasileiras, o dr. Mure não deve ter tardado a colocar seu plano em prática: apresentar o seu projeto aos políticos e demais interessados, no Rio de Janeiro. Assim, sem muita demora, ele deve ter entrado em contato com o francês François-Antoine Picot, o diretor geral do *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*. Este jornal era, sem dúvida, um dos mais lidos entre políticos, letrados e demais personalidades na capital, pois, ele havia se tornado um dos responsáveis a divulgar as publicações oficiais do Império. A proximidade entre os dois franceses tornou possível ao dr. Mure de inserir nas páginas do jornal, já no dia 17 de dezembro de 1840, « um projeto de colonização, e desejando fazer conhecidos o fim e os meios da sociedade de mecânicos franceses que formamos em Paris ».

Talvez, o sr. Picot tenha ajudado o dr. Mure nas traduções dos textos, do francês para o português e até mesmo o tenha feito conhecer quaisquer normas burocráticas do Império. De posse das informações do cônsul e do francês Picot, que não deveriam ser assim tão fáceis de assimilar devido aos *adendos*, em janeiro de 1841 o dr. Mure começou sua nova investida: uma viagem pelo litoral do Império, com objetivo de escolher um local favorável a instalação da

²⁷⁸*Projeto de associação para os melhoramentos das classes industriais*. Paris: Ofic. Tip. de Fain & Thunot, 1840, 8º gr de xvi.

²⁷⁹Relatórios Ministeriais do Brasil, Rio de Janeiro, maio 1837. Disponível: http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial/rela%C3%A7oes_exteriores Acesso: junho de 2015.

²⁸⁰Lettre dr Mure au Président de la Province de Santa Catarina, Sahy, 13 février 1842. AHJ.

²⁸¹*Idem*

Colônia e precisar sua localização no projeto. Desta empreitada, sabe-se que não foi feita ao acaso, pois, a Secretaria de Estado e Negócios do Império parece ter lhe recomendado a Província de Santa Catarina: « (...), pela maneira que pôde prestar-se a esta pretensão, recomendando-a [Colônia] ao Presidente da Província de Santa Catharina (...) »²⁸².

Se a recomendação foi feita ao dr. Mure por meio de reunião com o Ministro ou por carta, não se pode precisar. Entretanto, o Império tinha interesse em « povoar » aquela região, já que, no começo do ano de 1840, o engenheiro belga Jules Parigot encontrou minas de carvão nos arredores das Lagunas²⁸³. Certamente, o dr. Mure seguiu a recomendação, pois, em março de 1841 ele retornou à corte com a escolha decidida: a península do Sahy, nos arredores da vila de São Francisco do Sul, Província de Santa Catarina. Se o projeto de uma colônia de industriais - « hábeis obreiros » - estava em mãos e as terras escolhidas, já era tempo de enviar o projeto aos deputados afim de conseguir financiamento público para o empreendimento. Em algum momento do mês de abril, o dr. Mure, finalmente, apresentou a proposta da Colônia Industrial para o recém empossado Ministro e Secretario do Império - o sr. Candido José de Araújo Viana,²⁸⁴ que assumira a pasta em março de 1841. A ele cabia ler e aprovar, no mês de maio, o Relatório Ministerial relativo ao ano anterior. Entre os informes sobre o item « Colonização », o ministro destacou:

« Cabe aqui comunicar-vos que nesta Corte se acha o Dr. Mure, estrangeiro instruído, que na qualidade de Agente de uma associação industrial organizada em Paris com o intuito de estabelecer-se no Império, solicitou a proteção do Governo para lhe franquear os meios de investigar um lugar apropriado para o assento de uma Colônia (...) »²⁸⁵.

Ao que parece, o dr. Mure ganhou importante aliado no âmbito do executivo, entretanto sua popularidade não progredia da mesma forma junto aos parlamentares. É ainda, Araújo Viana quem solicita, não sem um certo toque de elegância, que os nobres deputados olhassem com mais zelo para o projeto:

« Não tendo o Governo aceitado as ultteriores propostas do Dr. Mure para o transporte, e sustentação dos colonos no decurso do primeiro ano da sua emigração, por não estar completamente autorizado por vos, e por depender

²⁸²Relatório Ministerial do Brasil, Rio de Janeiro, 1840. Disponível: http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial/rela%C3%A7oes_exteriores Acesso: junho de 2015.

²⁸³Affaires Provinciales, Fonds Empire du Brésil, Série Intérieur. ANRJ.

²⁸⁴Ele havia assumido o cargo do sr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, em março de 1841.

²⁸⁵Relatório Ministerial do Brasil, Rio de Janeiro, 1840. Disponível: http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial/rela%C3%A7oes_exteriores Acesso: junho de 2015.

este negócio de muito serias investigações; entretanto reconhece que a introdução, de colonos tão importantes, como os que promete o Dr. Mure, será de grandíssimo interesse para o Império »²⁸⁶.

O texto evidencia que o projeto não era muito bem visto por alguns deputados. Talvez, tais dúvidas tivessem origem na falta de dados mais precisos, ou seja, o não reconhecimento dos documentos de *l'Union Industrielle de Paris* frente as leis brasileiras, a ideia de « colonização societária » e suas ligações religiosas eram ainda pouco conhecidas²⁸⁷ e, sem dúvida nenhuma, o financiamento público para os tais industriais provocava reticências. Diante desses primeiros empecilhos, se o dr. Mure chegara esperançoso ao Brasil, logo ele descobriria que o Império brasileiro tinha um parlamento composto por grandes proprietários de terras, escravocratas e favoráveis a uma colonização privada. Nem mesmo as cartas de recomendação, o apoio do sr. Ministro, as terras já escolhidas e a posse de um projeto não eram suficientes para obter um contrato financiado pelo Império, havia que obter as bênçãos das leis do Império, ou seja, do parlamento.

*

Pedro de Alcântara, futuro D. Pedro II, tinha apenas 5 anos quando seu pai, D. Pedro I, abdicou do trono brasileiro no ano de 1831. Até atingir a sua maioridade, aos 18 anos, o Império deveria ser governado por Regências, previstas pela constituição promulgada em 1824. Este período, que durou quase nove anos, foi marcado por uma certa alternância de poder entre os grupos Liberais e Conservadores e ele só se encerrou em julho de 1840 com a « declaração da maioridade » do jovem Pedro de Alcântara, que contava então com 14 anos. A antecipação da coroação de D. Pedro II não foi um acaso do destino ou uma obra divina, muito pelo contrário, ela tinha o intuito de apaziguar as revoltas separatistas e contra a escravidão que eclodiam no território brasileiro; refrear algumas reformas liberais que devam as Províncias poderes administrativos; e, é claro, erigir um discurso de « convertidas em realidades as esperanças da

²⁸⁶*Idem.*

²⁸⁷*Colonisation sociétaire*, Jornal O Brasil, Rio de Janeiro, avril 1841.; *Colonisation sociétaire*, Jornal O Brasil, Rio de Janeiro, 22 et 25 janvier 1842. BNRJ.

Nação [grifo nosso]; uma nova era apontou; seja ela de união e prosperidade »²⁸⁸. Se as Regências tiveram seus momentos de (des)acordos políticos, até aqui nenhuma surpresa em se tratando de poder, é a partir do ano de 1835 que se observa uma preocupação em estabelecer uma política para a colonização²⁸⁹. Mesmo que esta última tenha sido administrada de forma cacofônica, devido à multiplicidade de ritmos e opiniões expressas pela « vocalizante » elite latifundiária dirigente, as séries de leis, decretos e posturas dos deputados mudaram drasticamente os caminhos da questão nos anos seguintes à coroação de D. Pedro II.

Os primeiros anos da década de 1830 foram anos poucos ativos para a questão da colonização. D. Pedro I, que havia se interessado pessoalmente pelo assunto, tomou a decisão de financiar algumas colônias no sul do Brasil²⁹⁰ e chegou a fornecer terras, animais, sementes e subsídios com o intuito de ocupar e proteger o território fronteiriço. Não é preciso dizer que tal decisão provocou um grande alvoroço entre os parlamentares latifundiários e, como resposta ao Imperador, no dia 15 de dezembro de 1830 a Assembleia votou as despesas do Ministério do Império e inseriu o artigo: « Art. 4º Fica abolida em todas as Províncias do Império a despesa com a colonização estrangeira »²⁹¹. No entanto, estes mesmos senhores regulamentaram, três meses antes, « o contrato por escrito sobre prestação de serviços feitos por Brasileiro ou estrangeiro dentro ou fora do Império »²⁹². Ou seja, para a elite latifundiária dirigente, o Império não deveria « chamar os colonos para fazê-los proprietários a custas de grandes despesas, é uma prodigalidade ostentosa, que não se compadece com o apuro de nossas finanças²⁹³ », como já

²⁸⁸A *declaração da maioria de sua Majestade Imperial o senhor D. Pedro II*, Rio de Janeiro, Typografia da Associação do despertador, 1840.

²⁸⁹Aqui, não se pode deixar de supor que a política de colonização defendida no Império, por meio de empresas privadas, estivesse ligada a uma economia atlântica - identificação, recrutamento, transporte e assentamento da nova mão de obra -, além é claro, de ser uma resposta as situações internas do Império que surgiram em razão de fenômenos internacionais, tais como: a proibição do tráfico de escravos e a extinção da escravatura nas colônias britânicas. Cf. MELENDEZ, José Juan Pérez. Reconsiderando a política de colonização no Brasil Imperial: os anos da Regência e o mundo externo. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 34. 2014. p. 35-60.

²⁹⁰*Idem*.

²⁹¹Lei de 15 dezembro de 1830, Câmara dos deputados do Brasil. Disponível: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38056-15-dezembro-1830-565833-publicacaooriginal-89571-pl.html Acesso: julho de 2015.

²⁹²Lei de 13 setembro de 1830, Câmara dos deputados do Brasil. Disponível: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37984-13-setembro-1830-565648-publicacaooriginal-89398-pl.html Acesso: julho de 2015.

²⁹³PETRONE, Maria Theresa. Política imigratória e interesses econômicos ». In.: *Emigrazione europea e popolo brasiliano*, Atti del Congresso euro-brasiliano sulle migrazioni. São Paulo. 1985. Roma. 1987. p. 257-269, apud IOTTI, Luiza Horn. « Imigração e colonização ». In.: ANPUH. São Paulo. 2001. Disponível: <https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Luiza%20Horn%20Iotti.pdf> Acesso: abril de 2016.

afirmava o senador Nicolau de Campos Vergueiro, mas sim, permitir uma contratação « a prestar serviços por tempo determinado, ou por empreitada »²⁹⁴.

Dois após, em outubro de 1832, já no período Regencial, a Assembleia Geral sancionou a resolução que autorizava « a conceder carta de naturalização, sendo requerida, a todo o estrangeiro, que provar²⁹⁵ »: ser maior de vinte e um anos; estar no gozo dos direitos civis « como cidadão do país, a que pertence, salvo se os houver perdido por motivos absolutamente políticos »; declarado residência fixa no Brasil após quatro anos; e que seja « ou é possuidor de bens de raiz no Brasil, ou nele tem parte em fundos de algum estabelecimento industrial, ou exerce alguma profissão útil, ou em fim vive honestamente do seu trabalho »²⁹⁶. Por certo, a lei de naturalização tinha o intuito primeiro de legalizar os estrangeiros que vivam no Império, desde que estes comprovassem prestar trabalho por jornadas, dias trabalhados, mas também serviria para engrossar as fileiras da Guarda Nacional - estabelecida em 1831 - e ainda ocupar, para os que respondessem às exigências legais, funções como a de juiz de paz. No entanto, entre o governo de D. Pedro I e os primeiros anos da Regência, o que se sobressai destes discursos, das leis e decretos publicados pela Assembleia é a imprecisão no uso dos termos « colonos » e « estrangeiros ». O primeiro, colono, aparece nos documentos referentes à contratação de braços para a exploração agrícola e estavam, quase sempre, sujeitos à autoridade de um administrador, sendo designados, no mais das vezes, por livre, branco, (origem) suíço-alemão-italiano e (religião) católico. Já o segundo, estrangeiro, é aquele que era visto como natural de outro país e que tinha, portanto, a possibilidade de se naturalizar. Quanto ao termo imigrante, era raramente empregado e por vezes substituído por « colonos estrangeiros ».

A partir do ano de 1836, os relatórios ministeriais apresentam discussão mais centrada na presença de colonos e Colônias no Império. Por exemplo, o ministro e Secretário do Império, sr. Antonio Paulino Limpo de Abreu, em seu relatório ministerial do ano de 1836, publicado em 1837, argumenta que existiam « ideias sobre os meios que [Império] julga mais convenientes para se aumentar a nossa população »²⁹⁷. Sem citar quais eram as ideias debatidas e por quais meios, o sr. Limpo de Abreu, que utiliza ainda timidamente a palavra « emigração »²⁹⁸

²⁹⁴Lei de 13 setembro 1830, Câmara dos deputados do Brasil. Disponível: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37984-13-setembro-1830-565648-publicacaooriginal-89398-pl.html Acesso: julho de 2015.

²⁹⁵Lei de 23 de outubro, Câmara dos deputados do Brasil. Disponível: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37324-23-outubro-1832-563838-publicacaooriginal-87885-pl.html Acesso: julho de 2015.

²⁹⁶*Idem*

²⁹⁷Relatorio Ministerial do Brasil, Rio de Janeiro, 1836 - 1837. Disponível: <http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial/imperio> Acesso: junho de 2015.

²⁹⁸*Idem*.

» no documento, solicita aos deputados que busquem incentivar « a aquisição de braços livres, que nos tragam indústria, sobriedade, e constante amor ao trabalho (...)»²⁹⁹ », tal como fizera a recém-fundada « Sociedade de Colonização »³⁰⁰. Esta última, de acordo com o mesmo relatório, « progride zelosa no desempenho das obrigações (...), com as vistas de promover o adiantamento do país³⁰¹ », já contava com a inscrição de cerca de mil colonos e outros « quarenta e quatro destes Colonos se acham estabelecidos sem outra garantia, ou hipoteca mais, que o seu próprio trabalho, e indústria »³⁰². Não é preciso dizer que o ministro, e até mesmo os nobres deputados, continuavam a defender a ideia de promover a colonização a partir de empresas privadas - sociedades privadas. Ou seja, o pensamento que Vergueiro defendia, não mais transportar os colonos para fazê-los proprietários a partir das finanças do Império, la nos idos de 1828, era ainda dominante. Em contrapartida ao discurso vigente dos deputados e senadores latifundiários, havia o ministro das Relações Exteriores, o sr. Bento da Silva Lisboa. Em seu relatório anual, ano de 1837-38, ele buscou chamar a atenção do sr. Ministro do Império e demais políticos sobre os « Tratados mais bem calculados, e as leis mais severas produzam o desejado efeito de reprimir o contrabando de Africanos³⁰³ » e, sobretudo, na política de « prestar maior proteção à emigração de Colonos Europeus³⁰⁴ ». O sr. Silva Lisboa destaca que o Brasil precisava incentivar uma « emigração » aos moldes dos Estados da União Americana, pois, « a Colonização só poderá ser verdadeiramente útil ao Paiz, quando a sua direção, desenvolvimento, e sistema, não estiverem sujeitos à regras mesquinhas de empresas, e especulações particulares³⁰⁵ ». O documento do Ministro pode ser tomado como crítica à Sociedade de Colonização, portanto, um dos pontos importantes de seu relatório foi dar destaque ao futuro da escravidão no Brasil e a necessidade de se obter mão-de-obra para a agricultura e a indústria, visando a construção de uma Nação independente. Quanto à Sociedade, não se pode negar que durante a ausência de políticas mais claras para a colonização, era ela que fornecia os dados mais positivos³⁰⁶.

²⁹⁹*Idem.*

³⁰⁰Coleção das leis e decretos do Império do Brasil, sessão de 1836. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio> Acesso: novembro de 2018.

³⁰¹Relatório Ministerial do Brasil, Rio de Janeiro, 1836 - 1837. Disponível: <http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial/imperio> Acesso: junho de 2015.

³⁰²*Idem.*

³⁰³Relatório Ministerial do Brasil para o ano de 1837 e publicado em maio de 1838. Disponível: <http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial> Acesso: agosto de 2015.

³⁰⁴*Idem.*

³⁰⁵*Ibidem.*

³⁰⁶Relatório Ministerial do Brasil, Rio de Janeiro, 1836 - 1837. Disponível: <http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial/imperio> Acesso: junho de 2015.

Fundada em 1836, a « Sociedade Promotora da Colonização do Rio de Janeiro »³⁰⁷ tinha o objetivo de « promover a vinda de Colonos brancos uteis, a saber: pagando a despeza do seu transporte, a sua chegada a este porto - mediante convenção ajuste com os mesmos Colonos - as pessoas com as quais eles tiverem contratado as suas passagens; proporcionando-lhes emprego ou ocupação acomodada as suas faculdades e misteres; aparando-os nas suas necessidades; e protegendo-os nas suas pessoas e fazenda, com sujeição as leis do Império do Brasil³⁰⁸ ». Composta por acionistas e administrada por uma mesa diretora de oito deputados, a saber: « Diogo Soares da Silva de Bivar. - Joaquim Francisco Viana. - Pedro de Araújo Lima. - Francisco Cordeiros da Sila Torres », a sociedade também poderia financiar qualquer estabelecimento rural e fabril « com hipoteca sobre o mesmo estabelecimento, e os outros seus bens, e mediante o juro razoável » desde que fossem produzidos pelos colonos que tivessem assinado um contrato com aquela. Ou seja, o caráter da « Sociedade Promotora da Colonização » não era público, portanto, para atuar no Império seus documentos - quanto entidade promotora de uma imigração de homens brancos industriais - deveriam ser reconhecidos pelo parlamento a partir de fundos privados. Além de toda esta concepção, havia ainda as ideias do espírito associativo que se proliferava nos jornais e até mesmo nos debates parlamentares. Este tal espírito, que buscava « associar os poucos meios de cada um, para com o coletivo de todos obtermos os resultados³⁰⁹ », visava explorar a natureza e colocá-la a serviço do progresso. E evidente que a « Colonização Estrangeira » fazia parte deste projeto. Este que era, também, intensamente debatido pelos editores do periódico *O Auxiliador da Industria Nacional* e pelo grupo da *Sociedade Auxiliadora da Industrial*³¹⁰. Assim, se durante os primeiros anos da década de 1830 o termo « imigrante » era tão raro quanto as políticas de colonização aplicadas pelo Império e o vocábulo « colono » vinculava-se à origem e à religião, cinco anos mais tarde registraram-se algumas mudanças. Agora, « emigrante » aparecia vinculada ao « colono estrangeiro » e, ambos, eles representariam a imagem de um homem branco, braços fortes e industrial - a imagem de uma nova nação.

Imbricado em todos estes discursos, no ano de 1837, um dos fundadores da « Sociedade Promotora da Colonização », oriundo do grupo dos conservadores, o sr. Pedro de Araújo Lima, foi eleito como Regente do Império. E, sem perder tempo, em outubro daquele mesmo ano o

³⁰⁷Cf. CHRYSOSTOMO, Maria Isabel; VIDAL, L., *op. cit.*

³⁰⁸Coleção das leis e decretos do Império do Brasil, sessão de 1836. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio> Acesso: novembro de 2018.

³⁰⁹*O auxiliador da Industria Nacional ou Coleções de memorias politicas*. Rio de Janeiro: Tipografia Imp. e Const. de Seignot-Plancher, 1833. p. 12.

³¹⁰BARRETO, Patricia regina Corrêa. « Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional: oficina de homens ». In: *XIII Encontro de Historia*. ANPUH. Rio de Janeiro.

novo Regente solicita a Assembleia a aprovação da « Lei nº 108, de 11 de outubro de 1837 » intitulada « Contratos de locação de serviços dos Colonos »:

« Art. 1º O contrato de locação de serviços, celebrado no Império, ou fora, para se verificar dentro dele, pelo qual algum estrangeiro se obrigar como locador, só pode provar-se por escrito. Se o ajuste for tratado com interferência de alguma Sociedade de Colonização reconhecida pelo Governo no Município da Corte, e pelos Presidentes nas Províncias, os títulos por elas passados, e as certidões extraídas dos seus livros, terão fé pública para prova do contrato.

(...)

Art. 3º Para este fim, em todos os Municípios, onde houver Sociedades de Colonização, haverá um Curador geral dos colonos, nomeado pelo Governo na Corte, e pelos Presidentes nas Províncias, sobre Proposta das Mesas de Direção das mesmas Sociedades ».

Se o acaso realmente existe, não se pode negar que ele esteve bem presente nas políticas do Império entre os anos de 1836 e 1837, ou seja, desde a fundação da Sociedade Promotora da Colonização, a eleição do Regente, que é o fundador desta última, e a publicação da lei de Contratos de Colonos. Aqui há controvérsia. Veja que essas idas e vindas não tem nada de acaso, pelo contrário, expressam embates políticos bem claros... De toda maneira, todos estes acontecimentos tiveram repercussões fora e dentro do Império. No contexto internacional, a partir de 1840, o Ministro solicitou aos agentes consulares³¹¹, em nome do Império, que prestassem informações junto ao Ministro e Secretário de Estado e Negócios sobre os possíveis distritos e portos que estariam aptos a fornecer « colonos estrangeiros ». Além é claro, de reestruturação no ministério de Relações Exteriores, principalmente, na sua organização burocrática, a exemplo dos funcionários, suas funções e atuações políticas fora do Brasil. Já no território brasileiro, desde que a lei foi publicada, os relatórios imperiais passaram a contar com uma parte chamada « colonização », na qual apresentavam-se dados das administrações - estatísticas de população, origem, educação, religião - e as produções industriais e agrícolas das colônias. No que tange à aplicação efetiva da lei, a vinda dos colonos estrangeiros passava, obrigatoriamente, pela assinatura de um « contrato de locação de serviços (...), pelo qual algum estrangeiro se obrigar como locador, só pode provar-se por escrito » ou por meio de uma « Sociedade de Colonização reconhecida pelo Governo no Município da Corte, e pelos Presidentes nas Províncias ». Para esta última, era necessário possuir documentos - estatutos / contratos - reconhecidos dentro e fora da corte para que qualquer negociação sobre colonização fosse autorizada. Se esta lei sempre foi aplicada de maneira rigorosa em todas as oportunidades,

³¹¹BENTIVOGLIO, Julio. *O império das circunstâncias: o Código Comercial e a política econômica brasileira (1840-1860)*, Tese de doutorado, USP, São Paulo, 2002 apud BENTIVOGLIO, Julio. Políticas e diretrizes econômicas no segundo reinado (1840-1860): Limites e desafios da modernização. In.: Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 2003. p.1-25.

não se pode saber com absoluta certeza. Portanto, das « muito serias investigações » a que se referiu o sr. Araújo Viana no seu relatório de maio de 1841, por certo no que tange à Colônia Industrial do dr. Mure tratava-se da lei de outubro de 1837. O dr. Mure tinha um ponto favorável: seu projeto, que fora publicado no *Jornal O Commercio* do Rio de Janeiro em dezembro de 1840, lia-se:

« reunião de hábeis maquinistas que conosco teremos, e a organização social (...), nos permitirão não só de vencer as dificuldades que detiveram outros colonos, como também de realizar um sem-número de invenções uteis que na Europa ficarão no estado de teorias (...) Quantos milhares de braços ficarão substituídos! Assim ficaria resolvido o grão problema do cativo, e sair-se-ia desse fatal dilema, que de um lado rejeita o tráfico de Africanos, e de outro estabelece a impossibilidade do cultivo das regiões intertropicais pela raça branca »³¹².

E notório que o discurso do dr. Mure dialogava com as ideias do grupo do « espírito associativo » e com os planos do Império de incentivar a procura de « colonos estrangeiros », leia-se aqui homem branco, braços fortes e industriais. De toda maneira, o sr. Araújo Viana enviou pessoalmente o projeto do dr. Mure para a aprovação da Assembleia em julho de 1841, mas somente no dia 11 de dezembro de 1841 o « Contrato de uma Colônia Industrial na Província de Santa Catarina³¹³ » foi, finalmente, assinado. Agora, era a vez do Império do Brasil assistir à revoada das borboletas. Era a vez destas criaturas, que « *se transformé au but de quelques semaines en insecte charmant qui embellit nos campagnes sans leur nuire*³¹⁴ », produzirem indústrias, tal qual a espécie de borboletas que « (...) *qui nous donne dans l'une de ses espèces le plus beau et le plus fort de tous les fils, qui est la soie* ». Portanto, o que é sabido, é que as borboletas vivem cerca de duas a quatro semanas. Seria este o tempo de vida da Colônia societária?

**

³¹²Colonização, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 17 décembre 1840. BNRJ.

³¹³BOITEUX, Henrique, « O Falanstério do Saí ». In.: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis. 1º semestre de 1944. p. 66-68.

³¹⁴*Cités ouvrières - des modifications à introduire dans l'architecture de villes par Charles Fourier*. In.: *La Phalange*. Paris: Librairie Phalanstérienne, 1849. p. 59-64.

2.3. Os quiproquós:

« Acaba o Rio de Janeiro de ser testemunha de um espetáculo cheio de interesse e digno de atrair a atenção dos amigos do Brasil »³¹⁵.

Era o dia 14 de dezembro e o fim da espera no *La Caroline* havia finalmente terminado. O cansaço dos dias no mar e da espera para a liberação no barco devem ter abatido a todos. Os ânimos não deveriam dos melhores e todos precisavam descansar. Michel Derrion e Jamain devem ter sido informados pelo dr. Mure que o jovem Imperador e o sr. Ministro os receberia no palácio nos próximos dias. Uma vez em terra, os falansterianos deveriam ser instalados e como nada, até o momento, havia sido fácil para o dr. Mure, não seria diferente com a questão da acomodação.

No Rio de Janeiro, para receber os colonos, haviam duas edificações³¹⁶ que pertenciam a « Sociedade Promotora da Colonização ». Um dos prédios localizava-se na região do Largo da Lapa do Desterro, enquanto o outro ficava numa antiga fábrica de jogos de cartas³¹⁷. Tendo o apoio direto do deputado paulista Andrada Machado, um crítico fervoroso da Sociedade e que dizia a quem quisesse ouvir que « (...) destes colonos que nos tem trazido a sociedade de colonização, que nos tem enchido de ladrões, e de mulheres más (...)»³¹⁸, a negociação para alojar os seus compatriotas nas dependências daquela deveria vir de alguém mais ponderado. Assim, não é difícil supor que o dr. Mure tenha recorrido ao outro fiel adepto, o sr. Ministro Araújo Viana, para que intervisse a seu favor. De caráter apaziguador e interessado na questão que dizia respeito à sua pasta, é bem possível que o Ministro tenha solicitado aos nobres deputados que faziam parte da direção geral da dita Sociedade, para que cedessem uma das instalações aos franceses³¹⁹. Se este foi o caso, o caminho entre o porto e a acomodação podia ser feito a pé, já que o prédio se situava na região da Lapa. Era neste trajeto que a cidade do Rio de Janeiro, aos poucos, se apresentava aos recém-chegados.

³¹⁵Colonização, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1841. BNRJ.

³¹⁶CHRYSTOSTOMO, Maria Isabel; VIDAL, L., *op. cit.*, p.01-23.

³¹⁷VIDAL, L., *op. cit.*, p.170-174.

³¹⁸Anais da Câmara de Deputados, Sessão 8 de Julho de 1841. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/acamara/documentos-e-pesquisa/diariosdacamara> Acesso: julho de 2015.

³¹⁹VIDAL, Laurent, *op. cit.*.

São Sebastião do Rio de Janeiro, ou simplesmente Rio de Janeiro, fora elevada a município neutro quando o Ato Adicional de 1834, no período Regencial, modificou a Constituição de 1824. Tornando-se a capital administrativa do Império, era ali que se encontravam quase todos os políticos que tomariam as decisões acerca de todas as Províncias; que se regrava o trabalho e o soldo da Guarda Nacional; controlava e, sobretudo, votava as despesas anuais do governo; e, até mesmo, onde se administrava os detalhes íntimos da vida do Imperador. No entanto, era ali, também, naquelas ruas da capital que se assistia aos desregramentos da sociedade brasileira. Os cheiros da cidade - a poeira, o calor, o suor, as comidas nas feiras - se misturavam a falta de estações de esgoto; os homens e mulheres cobriam os seus corpos seguindo as modas inglesas e francesas, aos que podiam pagar; as casas, geralmente de três andares, eram construídas aos moldes *sem eira nem beira*, coladas umas às outras e com pequeninas janelas para não mostrar a vida no interior; os sons, que se escutava, vinham dos ritmos das vozes e das diversas línguas faladas nas ruas, uns eram portugueses, outros italianos e, em menor número, mas reconhecíveis, havia alguns franceses; havia também, as igrejas e suas congregações, que se ramificavam em quase todos os recantos e possuía estreitas relações com o poder. E em meio a toda a matéria que envolvia aquele centro nervoso das freguesias, haviam os corpos escravos que se contrastavam com todo o resto. Suas roupas desgastadas combinavam com os ritmos dos pés descalços que caminhavam diariamente nas ruas, sobre o sol e chuva, para garantir as jornadas aos seus mestres.

A cidade, que progredia respirando e dançando desritimadamente o seu contexto social-político-religioso, veria na presença daqueles societarios industriais uma maneira de irritar aquelas muralhas tradicionais. Enquanto num jornal lia-se « sejam quais forem os princípios sociais dos emigrados, contanto que trabalhem, respeitem a moral e os bons costumes³²⁰ » no outro, as palavras eram mais gentis e cortejavam os « (...) vigorosos industriais com suas mulheres e filhos pela mão - tantos penhores de esperanças e de futuro, concorriam para dar um espectro magnifico e grandioso³²¹ ». Talvez este último relato, escrito pelo colega francês do dr. Mure - o sr. Picot -, não tenha sido assim tão fiel à realidade, pois o número de casais entre os falansterianos não era assim tão grande. E, de certa maneira, esta primeira falange era um pouco mais masculina³²². Em todo caso, o autor tinha um objetivo claro ao escrever o texto, ele

³²⁰ *Colonização*, Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1842. BNRJ

³²¹ *Colonização*, Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1841. BNRJ

³²² Mesmo se a lista de nomes dos franceses que chegaram no Brasil é desconhecida, segundo os relatórios do Prêfidente da Província de Santa Catarina, de 1842, o numero de homens é superior ao de mulheres. Cf. THIAGO, Raquel S. *Fourier: esperança e utopia na península do Saí*. Blumenau: ed. Furb, ed. UFSC. 1995; *Ofícios dos Presidentes da Província (1842-1845)*, Florianópolis, Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.; *Falas do*

queria acalmar as dúvidas sobre a « moral e os costumes » que haviam circulado sobre a concepção religiosa e familiar do projeto apresentado pelo dr. Mure. Nada melhor do que apresentar aqueles franceses unidos e, é claro, lado-à-lado com suas famílias. Se, para os brasileiros, aqueles « imigrantes » eram de se estranhar, eles eram diferentes, para Michel Derrion, talvez, os naturais da terra e a cidade tenham lhe chamado a atenção. As cores das casas, a estrutura das ruas e mesmo a maneira de portar em nada lembravam a sua Lyon ou a agitada Paris e seus bairros operários. Ele deve ter pensado consigo, em silêncio, se aqueles homens do Brasil conheciam a importância do sistema societário e das palavras do Mestre. Neste exato instante a reponsabilidade lhe saltou. Como diretor de *l'Union*, ele tinha o dever de « *procurer à l'homme toutes les satisfactions qui lui manquent et dont il a le droit de jouir sur la terre en recompense d'un travail selon ses goûts*³²³ ». Além disto, mesmo se naquele país havia concepções distantes das da sua velha Europa, para Michel Derrion e seus « frères », o fourierismo « *n'est opposé aux constitutions religieuses, civiles et politiques*³²⁴ », na verdade, eles sabiam dizer « *des choses charmantes au pouvoir, et le pouvoir a laissé passer*³²⁵ ». Quem sabe esta tenha sido a primeira reação de Michel Derrion em relação ao Brasil. Naquele primeiro dia no porto e no caminho até os alojamentos, ele podia pensar que « *le commerce et l'industrie créeront donc au sein du fouriérisme un esprit d'isolement, un amour-propre conservateur, qui sera, sous un autre nom, mais avec les mêmes exigences, la nationalité d'aujourd'hui*³²⁶ ».

O dia do encontro com o jovem Imperador e com o ministro Araújo Viana havia chegado. O dr. Mure e o próprio Ministro, que sem dúvida alguma haviam se tornado muito próximos, devem ter organizado toda a grande cena que ocorreu no Paço Real, a 18 de dezembro de 1841. O discurso estava pronto e foi pronunciado pelo doutor e não por Michel Derrion ou Jamain. Na verdade, não se sabe muito bem como foi realizada a escolha do orador do grupo, mas não surpreende que o homem que havia tratado de todos os tramites no Brasil apresentasse os seus « frères ». Assim, « *sous la chaleur écrasante de ce jour d'été, parés de leurs blouses et de leurs tabliers, équipés de leurs outils de travail, ils ont traversé à pied la grand-place du palais, sous le regard étonné des occupants traditionnels du lieu : gardes, riches négociants (...)*³²⁷ » e em meio a todos estes homens, mulheres e crianças, estava Michel Derrion.

presidente da província de Santa Catarina, Cidade do Desterro, 1842-43-44. Disponível: <http://www.crl.edu/content/brazil/scat.htm>; <http://www.crl.edu/brazil/provincial>

³²³GOZLAN, L. *op. cit.*, p. 240-251.

³²⁴*Idem.*

³²⁵*Ibidem.*

³²⁶*Ibidem.*

³²⁷ VIDAL, L., *op. cit.*, p.09.

Certamente, ele deve ter se calado para observar todo o espetáculo que acontecia naquela sala. Se foram pronunciadas palavras em português, ele não as compreendeu; se havia ritos a serem cumpridos diante das cabeças coroadas, ele provavelmente os seguiu sem pestanejar; se ele portava algum caderno que contivesse os dizeres *Union Industrielle*, não se pode saber; sua roupa com cores escuras e fabricada a mão, talvez pelas suas irmãs que estavam em Lyon, lembrava as pesadas vestes que protegiam do frio na sua velha Europa; se ele ia na frente, ao lado do dr. Mure e do Ministro, ou se os seguia à distância, é impossível precisar. Entretanto, o que se sabe é que as palavras começaram a ser pronunciadas em francês:

« Sir,

Il y a un an, à pareil jour, je vins solliciter de Votre Majesté une hospitalité généreuse pour les enfants de la vieille Europe avides de paix et de bonheur. Grâce à la bienveillance de Votre Majesté, grâce aux sages résolutions prises par son gouvernement, nous voyons les prémices de cette entreprise. Le Brésil ne sera donc pas en arrière des autres nations les plus éclairées du globe qui, en ce moment, prennent Fourier pour guide, cherchent à résoudre le grand problème de l'organisation du travail et de la pacification des intérêts industriels. (...) Ave Caesar ! te morituri te saluant ! Ils viennent, avant d'entreprendre avec une nature gigantesque, une lutte pleine de dangers et de grandeurs, supplier Votre Majesté de bénir leurs armes pacifiques et fécondes. Une parole de la bouche auguste de Votre Majesté centuplera leurs forces et leur courage (...) »³²⁸.

Da reação dos que acompanhavam aquele momento, ou seja, os franceses societarios, o Imperador do Brasil e o ministro, sabe-se por relato publicado na imprensa. O monarca « lançava olhos de curiosidade e de ternura para estes aventureiros, que de tão longe vinham solicitar a felicidade de viver à sombra das suas leis³²⁹ » enquanto o Ministro, « parecia contente da sua obra³³⁰ ». Não é de se duvidar que a harmonia reinava no pequeno grupo. Depois de uma tentativa frustrada de solicitação de financiamento ao governo francês para estabelecer um falanstério em Paris, no ano de 1840, aquele grupo de franceses construiria sua Colônia industrial nas terras do sul do Brasil. No entanto, se tudo era « um aspecto magnífico e grandioso a esta tocante e solene demonstração³³¹ », ainda havia a última parte da viagem - Rio de Janeiro a São Francisco do Sul - e, é claro, algumas explicações sobre o estatuto de *l'Union Industrielle* e o Contrato da Colônia Industrial. Depois da chegada ao Rio de Janeiro dos industriais, os diretores gerais - Michel Derrion, Jamain e o dr. Mure - não devem ter tido muito tempo de conversar. Mas nas reuniões em torno de uma boa mesa, um jantar, é sempre um momento para

³²⁸Colonização, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1841. BNRJ.

³²⁹*Idem*.

³³⁰*Ibidem*.

³³¹*Ibidem*.

recitar poemas, cantar, narrar as aventuras e, se possível, regar as divergências. Os fourieristas, assim como os saint-simonianos, sabiam muito bem disto. Assim, quem sabe foi no último jantar realizado no Rio de Janeiro, antes da viagem para Santa Catarina, houve um momento de busca de Harmonia.

*

A sessão do mês de julho de 1841 da Assembleia dos Deputados começou com debates um tanto acalorados a respeito dos soldos dos militares e de outros delicados detalhes acerca do orçamento do Império para o período 1842-1843. Em meio a tais preocupações, havia as comissões permanentes, que deveriam aprovar os projetos que a serem financiamentos pelo Império. Uma vez aprovados, sob a forma de emendas nas devidas comissões, eles eram então enviados para a comissão de orçamento, que decidia sobre a aprovação final. Naquele ano em especial, a comissão « do Comércio, indústria e artes » recebeu projeto de colonização que teve o aval direto do sr. Ministro. Para a surpresa do dr. Mure, eis que o seu projeto finalmente seria votado. Alguns tramites burocráticos brasileiros deviam ser seguidos, mas, sem muita surpresa, eles seriam rapidamente simplificados devido o apoio direto do sr. Araújo Viana. Entretanto, o projeto de emenda ainda encontrou alguns problemas.

O primeiro projeto enviado à « mesa não se tem prescrito ao governo a obrigação de contractar; ella se limita somente a dar-lhe autorização³³² », quer dizer, o Império podia autorizar a implementação da colônia, mas, não podia « contractar » - assinar um projeto de colonização. Este problema com as palavras - autorizar e « contratar » - deve ter ocorrido devido ao « não anui as condições da companhia, não só por não caber em suas faculdades, como também porque o negócio carece de mais serias investigações »³³³. De forma mais explicita, significa que os documentos fornecidos pelo dr. Mure acerca da fundação de *l'Union Industrielle de Paris* não eram, de fato, suficientes para que o Império pudesse contratá-lo como uma Sociedade colonizadora. Além deste pequenino detalhe documental, deve-se juntar ainda

³³²Anais da Câmara de Deputados, Sessão 6 de Julho de 1841. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/diariosdacamara> Acesso: julho de 2015.

³³³*Idem*.

os rumores que corriam à boca pequena, publicados num jornal da capital, sobre os princípios políticos e religiosos do dr. Mure e de seus conterrâneos.

Não é impossível de imaginar o quanto este tal *de Deus nos acuda* deixou as mãos do sr. Ministro atadas. No entanto, habilmente ele solicitou ao responsável pela comissão do comercio - o deputado Francisco Ramiro de Assis Coelho - que defendesse o projeto de emenda da melhor maneira possível nas duas comissões - a do comercio e de orçamento. Ao que tudo indica, na primeira, o nobre deputado não deve ter tido muitos problemas, pois, já no dia 6 de julho ele apresentou emenda para ser aprovada na comissão de orçamento do Império. Para defendê-la nesta última, o sr. Ramiro de Assis argumentou que « a ninguém pareça eu essa despesa vem ser gravosa ao tesouro público, porque não é donativo, porem apenas uma antecipação, que a colônia pede; ela promete reembolsar o tesouro, e a promessa é garantida por três espécies de caução a que se sujeita³³⁴ », além, é claro, de debater a questão da promoção da indústria e da produção para o desenvolvimento do Império. Sem muitos aplausos ou vaias, o projeto de emenda passou no primeiro dia e somente no dia 8 de julho ele receberia o apoio de outra voz de respeito e peso - o deputado paulista Andrada Machado. Este último, utilizando-se de sua proximidade com o dr. Mure, defendeu e descreveu o proponente como um « homem habilíssimo, muito e muito instruído, como verifiquei nas muitas vezes que tenho conversado com ele », justifica a emenda da contratação assegurando que o Império não podia continuar com « cultura por braças escravas »³³⁵. O segundo ponto evocado na defesa dizia respeito à ideia do sistema associativo, baseado no conceito de Charles Fourier, visto como uma forma de a classe proletária adquirir a sua liberdade³³⁶. Para finalizar o seu engenhoso discurso, o sr. Andrada Machado lembrou que o dr. Mure e seu « ensaio (...) não vai tocar nem com a nossa religião, nem com o nosso governo »³³⁷. O deputado paulista foi astuto na defesa do seu amigo francês e dos interesses do sr. Ministro, além de ter, ao mesmo tempo, desmerecido a política privada de colonização que a « Sociedade promotora » defendia desde 1836. A sessão do dia 8 encerrou-se e, mais uma vez, a emenda ainda não tinha conseguido os votos necessários para aprovação. Talvez, o sr. Ministro devesse recorrer aos seus conhecimentos políticos para atingir seu objetivo.

³³⁴Anais da Câmara de Deputados, Sessão 6 de Julho de 1841. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/diariosdacamara> Acesso: julho de 2015.

³³⁵Anais da Câmara de Deputados, Sessão 8 de Julho de 1841. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/diariosdacamara> Acesso: julho de 2015.

³³⁶*Idem.*

³³⁷*Ibidem.*

No dia seguinte, 9 de julho, aberta a sessão, o sr. Araújo Viana começou seu discurso referindo-se à diversas questões e, é claro, não deixou de, mais uma vez, solicitar, com polidez, que os deputados apoiassem o projeto do dr. Mure:

« Uma emenda foi enviada a respeito da colônia industrial. Logo que entrei para o ministério, apareceu-me o Dr. Mure. Tratei de examinar o negócio, e não so pela conversação que tive com este ilustrado estrangeiro, mas também pelo exame dos papéis, pela recomendação do nosso enviado especial à Paris, pelas pessoas que estão assignadas, homens até conhecidos, alguns discípulos da escola politécnica, alguns mestres e contramestres de grandes fabricas, etc, conheci que a vida desta gente podia ser muito útil para o país. Apesar de conhecer que precisamos mais de colônias agrícolas, entendo que precisamos também desta; por isso disse alguma cousa a seu respeito no meu relatório, e assento que a câmara prestara um serviço ao país votando pela emenda »³³⁸.

Assim que terminou o seu discurso, o deputado Carneiro Leão não tardou em apoiar a referida emenda. No entanto, este último fez um destaque importante:

« Talvez não conviesse declarar que o contrato deva ser celebrado com o Dr. Mure, porque obstáculos talvez imprevistos possam fazer com que se não possa contratar com esse indivíduo; e, então, indo na lei o seu nome, poderá o governo entender que, na falta deste indivíduo que se designa, ele não possa contratar com outro. Assim eu desejaria, se parecesse conveniente a illustre comissão atora da emenda, que a redigisse de modo que autorizasse o governo para contratar com o dr. Mure, **ou com outro indivíduo** [grifo nosso], o estabelecimento de uma colônia de industriais »³³⁹.

Se o *adenddum* solicitado pelo deputado Carneiro Leão tinha algum fundamento nos boatos acerca da questão religiosa e/ou política da colônia e do dr. Mure, não é possível esclarecer. Contudo, a sua solicitação de modificar a emenda e anexar o termo « ou com outro indivíduo » fez com que esta voltasse à comissão do « Comércio, indústria e artes » para ser reescrita e novamente enviada para votação da mesa do orçamento. Um detalhe importante, todo este tramite deveria ser feito antes do dia 15 de julho, pois este era o dia da votação final do orçamento da pasta. Após a solicitação de alteração, uma primeira voz se pronunciou contrariamente ao projeto. O primeiro e, talvez o único com coragem bastante para desafiar o sr. Ministro, foi o sr. Ottoni, que no dia 12 de julho esbravejou:

« Direi agora duas palavras a respeito de uma emenda apresentada pela nobre comissão (...). Sr. presidente, eu penalizo-me de não poder desde já dar o meu assentimento a esta empresa; nós temos na casa diferentes projetos de

³³⁸Anais da Câmara de Deputados, Sessão 9 de Julho de 1841. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/diariosdacamara> Acesso: julho de 2015.

³³⁹*Idem*.

colonização, mas tantas dificuldades tem achado a câmara nesta matéria, que por duas vezes adiou estes projetos e os remeteu a comissão para considerá-los melhor, de tanta transcendência são eles. Agora, porém, quer-se de repente que legislemos sobre colonização, sacrificando já neste próximo ano financeiro uma quantia que não é tão pequena (...) »³⁴⁰.

Provavelmente o deputado Ottoni esteve ausente no dia 6 de julho, quando o sr. Ramiro forneceu todos os dados e explicações acerca do projeto de emenda da colônia industrial. Ou, quem sabe ainda, ele estivesse deveras preocupado com a atuação direta do sr. Ministro em favor do tal projeto. Pois bem, o que importa é que no dia 14 de julho, a comissão do « Commercio, indústria e artes » apresentou o novo projeto de emenda na comissão do orçamento, acatando a alteração do deputado Carneiro Leão. Aquela ficou redigida da seguinte forma:

« Com o estabelecimento de uma colônia industrial na província de Santa Catharina, ficando o governo autorizado a contrata-la com o Dr. Mure, ou qualquer outro individuo em sua falta, desde já, 64:000\$. - Ramiro. - Ferreira Penna. - B. Q. Torção »³⁴¹.

No dia 15 de julho, além de todos os demais deputados, o sr. Araújo Viana e os seus apoiadores - o sr. Ramiro, sr. Andrada Machado e sr. Carneiro Leão - votaram para a aprovação da emenda, que incluía a Colônia industrial no orçamento do Império para 1842-43. Naquela sessão, ao final das votações, o sr. Ministro foi chamado para se pronunciar. Entretanto, ele alegou que não poderia falar restando menos de seis minutos para o fim da sessão.

Pode-se imaginar a satisfação que os resultados do dia 15 de julho de 1841 trouxeram para o dr. Mure. Afinal, ele havia atingido o objetivo de conseguir o apoio para realizar uma « imigração ». Agora, ele tinha quase tudo: as terras na Província de Santa Catarina, que foram doadas pelo Coronel Camacho, os socorros para o primeiro ano da colônia estavam garantidos, bem como, o transporte atlântico pago. Depois de quase sete meses de penúria, ele e seus « frères » poderiam construir no sul do Brasil, em Santa Catarina, uma Colônia Industrial Societária. O termo falanstério havia sido politicamente colocado de escanteio. Tal sucesso pode ser creditado ao seu carisma, inteligência e capacidade de arquitetar uma rede de importantes amizades. Assim que apresentou o plano da colônia, o dr. Mure teve ao seu lado um amigo fiel, ninguém menos do que o Ministro do Império, que se engajou pessoalmente desde o começo. Solicitou destaques nas sessões da câmara e mobilizou deputados aliados. Por

³⁴⁰Anais da Câmara de Deputados, Sessão 12 de Julho de 1841. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/diariosdacamara> Acesso: julho de 2015.

³⁴¹Anais da Câmara de Deputados, Sessão 14 de Julho de 1841. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/diariosdacamara> Acesso: julho de 2015.

hora, uma batalha fora ganha, mas ainda faltava a publicação oficial da lei e, é claro, a assinatura do « contrato » entre o dr. Mure e o Império. Tais detalhes só poderiam ser acertados quando todas as votações da Assembleia e demais comissões fossem encerradas. Ou seja, o dr. Mure teria que aguardar ainda alguns meses. O que fazer neste tempo de espera? Quem sabe trabalhar como médico homeopata ou viajar para Santa Catarina e tomar as devidas providências para a chegada dos seus compatriotas, Michel Derrion, Jamain e todos os demais. O dr. Mure sabia que estes últimos estavam organizados e cumpriam a tarefa de selecionar os futuros societários que, muito em breve, atravessariam o Atlântico.

*

No dia 30 de novembro de 1841, o Império publicou a « Lei nº243 - Fixando a Despesa, e Orçando a Receita para o Exercício do ano financeiro de 1842-1843 ». Nela estava, como havia sido votado no dia 15 de julho do mesmo ano, a emenda da colônia. Enquanto os falansterianos encontravam-se em alto mar, eles haviam deixado a França no mês de outubro, o dr. Mure estava por vias de assinar o contato.

« Hey por bem aprovar o contrato que na data de hoje foi celebrado por Candido José de Araujo Viana, do meu conselho, ministro e secretário de Estado dos negócios do Império, com o dr. J. B. Mure, para o estabelecimento de uma colônia industrial na província de Santa Catarina, sob as condições que com este baixam, assinadas pelo mesmo ministro e secretário de Estado, que assim tenha entendido e faça executar com os despachos necessários. Palácio do Rio de Janeiro, em 11 de dezembro de 1841. Com a rubrica de S. M. e Imperador. Candido José de Araujo Viana »³⁴².

Numa primeira leitura, o contrato celebrado entre Império e o dr. Mure parecia correto e dentro das normas. No entanto, no dia 9 de julho de 1841, na votação do projeto de emenda, o deputado Carneiro Leão havia solicitado uma pequena alteração no que tange a autorização para o governo « contratar com o dr. Mure, **ou com outro individuo** [grifo nosso] », detalhe que, contudo, não consta no contrato celebrado no dia 11 de dezembro. Sem esta modificação,

³⁴²BOITEUX, H., *op. cit.*, p.66-68.

a emenda tornava-se quase inaplicável, pois, segundo as palavras daquele mesmo deputado: « se teme consequências, nas mãos do governo estará o corretivo, porque a emenda o autoriza (...); mas nas bases do contrato estará o remédio »³⁴³. Vê-se que um verdadeiro golpe de mestre fora dado. O « esquecimento » deste detalhe, fosse por erro, acaso ou de caso pensado, numa espécie de vingança contra o Ministro, não se sabe e tampouco é possível precisar a autoria. No entanto, uma certeza existe e diz respeito aos deputados e ao sr. Ministro, estes senhores conheciam muito bem as regras do jogo e sabiam perfeitamente como burlá-las, caso fosse do seu interesse. Em toda maneira, o contrato que foi assinado com o dr. Mure, sem constar a devida alteração solicitada por Carneiro Leão, não permitia a nenhuma outra pessoa, a não ser o dr. Mure, assinar, negociar e até mesmo receber os socorros. Tudo estava em suas mãos. Não é preciso dizer que este foi exatamente o ponto primordial de todas as futuras desavenças e *quiproquós* entre os diretores de *l'Union Industrielle* com o dr. Mure.

Para complicar ainda mais a situação, neste mesmo contrato, estava especificado que todos os « colonos » estavam sujeitos a lei de 11 de outubro de 1837. Ou seja, todos os « frères » que conviviam « em todas as ocasiões, provas de que sabem juntar ao amor do trabalho o uso da civilidade, que não exclui nem a franqueza nem a cordialidade »³⁴⁴, segundo Michel Derrion, seriam obrigados a assinar um « Contrato de locação de serviços dos Colonos » com o dr. Mure. Acerca deste último, é bem provável que o dr. Mure já tivesse conhecimento e soubesse da importância da lei, pois, como escreveu o próprio dr. Mure em carta à Rouffinel, datada de 5 de abril de 1841: « (...) seja vosso manifesto simples, todos os estatutos feitos com antecipação são inúteis sobre este terreno ... »³⁴⁵. Era, portanto, de bom tom que o documento, novo estatuto ou contrato, fosse escrito e assinado somente na chegada do primeiro grupo. Infelizmente, o desentendimento entre o dr. Mure e os dirigentes gerais da *l'Union Industrielle*, Michel Derrion, dr. Arnaud e Jamain, já havia ocorrido. E em todo este *quiproquó* não se pode excluir a hipótese que o bom doutor tivesse mesmo solicitado a um de seus amigos fourieristas, Arthur de Bonnard, para escrever um novo estatuto que fosse capaz de resolver os problemas, mas « (...) *il fut convenu que je formulerais un nouvel acte de Société pour l'envoyer au docteur Mure. Mais il le reçut trop tard* »³⁴⁶.

³⁴³Anais da Câmara de Deputados, Sessão 6 de Julho de 1841. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/diariosdacamara> Acesso: julho de 2015.

³⁴⁴Lettre de Michel Derrion à Mure, Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1841. BNRJ.

³⁴⁵Lettre de Mure à Rouffinel, 5 de abril de 1841, AHJ.

³⁴⁶BONNARD, Arthur. *Organisation du Travail. Organisation d'une commune sociétaire d'après la Théorie de Charles Fourier*. Boudonville: Chez l'auteur, Imprimerie Trenel. 1845. p. XV-XXVII.

Se naquele dezembro de 1841 tudo havia começado em aparente tranquilidade, afinal, todos os franceses foram recebidos pelo próprio Imperador e seu Ministro no Palácio e em breve eles embarcariam para a Província de Santa Catarina, o dr. Mure, por seu turno, era lembrado que « Fazendo necessário que V. M.^{ce} remeta com urgência a esta Secretária de Estado de Negócios do Império, uma cópia autentica do contrato que tiver feito com as pessoas que formarão a Colônia Industrial que vai se estabelecer na península do Sahy (...)»³⁴⁷. Ele devia assinar um contrato de trabalho com os franceses societarios, mas, antes, ele também tinha que explicar o outro contrato que assinou com o Império em seu próprio nome. Assim, os problemas começaram nos dias seguintes ao encontro no Paço. O dr. Mure, talvez, não soubesse como lidar com todas as questões que seriam colocadas por Michel Derrion e Jamain, então, seria mais prudente partir o mais rápido possível para Santa Catarina, deixando os dois diretores gerais para trás. Foi neste momento que ambos tomaram conhecimento do contrato que o dr. Mure havia assinado com o Império e, também, que eles só poderiam se estabelecer nas terras da Colônia mediante um contrato de trabalho também avalizado por aquele. Entre o calor do verão nas terras brasileiras, as inconveniências da mudança de cultura e as incompreensões, tudo parecia caminhar no sentido oposto ao sonhado. As palavras de Arthur de Bonnard bem resumem o que ocorreu entre aqueles homens « *Au lieu de l'attraction, on a vu naitre les répulsions, les haines, tous les mouvements subversifs des passions* »³⁴⁸. As borboletas deviam voar e se instalar na Província de Santa Catarina, vila de São Francisco do Sul, península do Sahy.

³⁴⁷Lettre de Candido José d'Araujo Viana à Mure, 18 de dezembro de 1841. AHJ

³⁴⁸BONNARD, A. *op. cit.*, p. XV-XXVII.

2.4. As terras no sul do Brasil: o Sahy

Para alguns habitantes do litoral de Santa Catarina a palavra *sahy* e suas variações de escrita *sahi* ou *sai*, de origem *tupi-guarani*, faz menção aos pássaros chamados *saíras*. Estes pequeninos seres de plumagem exuberante são encontrados somente no litoral das regiões sudeste e sul do Brasil. Para os índios carijós o *Ça-i*, « olhos miúdos », designa uma espécie de macaquinho de possui pequenos olhos e que habita a região da Mata Atlântica. No entanto, para as autoridades Imperiais e Provinciais de Santa Catarina do século XIX, o *Sahy* era uma península banhada pela Baía da Babitonga - baía do grande morcego - e pertencia a paróquia de São Francisco do Sul³⁴⁹. Esta última, uma ilha até os primeiros aterros para a construção da estrada de ferro no início do século XX, tornou-se um porto estratégico para o abastecimento - de água potável, farinha de mandioca, arroz e frutas - das embarcações que se dirigiam para as terras mais ao sul do Império³⁵⁰.

A Península do Sahy, parte continental da vila, teve a sua origem territorial administrativa em 1771 quando as Câmaras Municipais de São Francisco do Sul e Guaratuba assinaram o tratado de limites territoriais entre as Províncias de Santa Catarina e Paraná. No entanto, somente em 1850 com a assinatura da Lei de Terras³⁵¹ é que o Império e a Assembleia provincial reconhecem oficialmente, através da lei n.302, a Península e a denominam de 2º Distrito do Sahy:

« Artigo 1º - A povoação estabelecida em frente do rio São Francisco, no termo da Cidade de Nossa Senhora da Graça, fica desmembrada da Paróquia deste nome, para formar uma outra freguesia, com denominação de Nossa Senhora da Glória do Sahy, precedendo as licenças do ordinário, na forma da Constituição do Bispado.

Artigo 2º - Quando os moradores do lugar se proponham a erigir alguma Capela, esta servirá de Matriz da freguesia, até que edifique uma igreja para o mister »³⁵².

Já a vila de São Francisco do Sul, ela teve a sua origem com os bandeirantes portugueses e espanhóis³⁵³ do século XVII, que buscavam ouro, escravos índios e terras. Não fugindo à regra

³⁴⁹A criação do município data de 15 de outubro de 1827 e da comarca, conforme a lei provincial n.º 41, de 17 de abril de 1856. Cf. SANTHIAGO, Arnaldo. *São Francisco do Sul: Breve notícia histórico-descritiva do município*. 1938. p. 08.

³⁵⁰*Idem*.

³⁵¹Lei nº601 de 18 de setembro de 1850. Disponível: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm

³⁵²Cf. LEDOUX, Aurélio Alves, *2º Distrito do Saí: Nos seus 155 anos*. 2005. Acervo familiar Ledoux.

³⁵³SANTHIAGO, A. *op. cit.*.

dos traçados urbanos portugueses, a vila foi constituída a partir da praça central que centralizava os poderes. Assim, na parte mais alta, sobre uma pequena colina foi instalada a Igreja bem de frente para a Baía. As suas portas eram mantidas abertas durante a semana para que o seu rebanho de fieis se sentisse acolhido e protegido. Já nos domingos, além da missa, o padre dividia o seu tempo para abençoar os homens, os homens de negócios e os bens destes. No entorno da Igreja, ao lado esquerdo, estava instalada a cadeia pública e a câmara municipal; do lado direito, podia-se ver algumas casas que serviam de comércio e para a administração do porto.

Naqueles idos dos anos de 1840 o tempo corria um pouco diferente na vila, quando comparado a capital do Império. Era o tilintar do sino da Igreja que contava o tempo e mesmo o trabalho dos habitantes. No quadrilátero central, além dos naturais, podia-se ver alguns escravos - negros e índios - que trabalhavam nos serviços domésticos para as famílias mais abastadas. No entorno do atracadouro, outros cativos conduziam as pequenas *pirogas* que vinham carregadas de farinha de mandioca para serem vendidas no mercado. Os mestres, de origem portuguesa em sua maioria, comandavam todas as negociações. As plantações de mandioca não ficavam próximas da vila, na ilha, elas foram instaladas nas terras do Sahy e no entorno do rio Cubatão. Estas terras eram mais próprias para o cultivo e muito mais vastas. Neste mesmo ano, a Câmara Municipal havia começado a registrar os primeiros dados acerca dos habitantes da região, eram ordens da Assembleia Provincial, em Desterro. O Império havia alterado alguns decretos depois da publicação da lei de contratação de colonos de outubro de 1837. O objetivo destas alterações era de obter dados mais claros de cada uma das vilas e, depois, publicá-los nos relatórios anuais os dados e a extensão de terras devolutas e sesmarias que ainda existiam no Império. Logo, as Províncias tinham que informar o número de braços existentes - homens, mulheres e crianças -, suas origens, o ofício, a prática religiosa e o nível de educação. A partir destes primeiros relatórios, 1840-1841, os custos com a demarcação destes terrenos, na Província de Santa Catarina, sofrem um considerável aumento³⁵⁴. O ato de controlar estes pedaços de terra estava centrado na demarcação de limites entre as Províncias e garantir terras que pudessem ser ocupadas por colonos e novas agriculturas. Na região de São Francisco do Sul, os primeiros dados apontavam uma concentração de famílias na parte central da vila e em seu entorno. Eles estavam organizados em duas confrarias, uma irmandade e formavam ao todo 1040 fogos e 6536 habitantes, entre homens livres e escravos³⁵⁵. Já do outro

³⁵⁴Estimativa de demarcação de terras, Discurso do Presidente da Província de Santa Catarina, 1840. Disponível: <http://ddsnext.crl.edu/brazil> Acesso: julho de 2018.

³⁵⁵*Idem*.

lado da Baía da Babitonga, onde se encontrava a península do Sahy, a realidade era um tanto diferente.

A península do Sahy era uma região pouco povoada. Algumas das famílias mais abastadas, proprietárias de plantações medianas nas terras do Sahy, tinham sua residência central, com alguns escravos, na vila. Já as famílias de pequena produção, devido a dificuldade em comprar escravos, trabalhavam e moravam em suas próprias terras que se encontravam na parte mais ao interior da península. Para percorrer as terras do Sahy haviam dois caminhos: por barco ou pela « picada » que cortava quase toda a península. Naquele primeiro trajeto, feitos por canoas, atravessava o rio São Francisco e subia até o canal do Palmital. Este, um braço de mar onde se encontram pequenas ilhas, era conhecido pelos seus vastos manguezais. Os barcos de grande porte não podiam subir estas águas, pois, não havia profundidade e os bancos de areia constantemente se formavam. O segundo caminho, se assim podia ser chamado devido a dificuldade do acesso, é pela estrada do Sahy³⁵⁶. Com uma floresta fechada, pequenas cascatas e inúmeras nascentes, o interior da península tinha um clima agradável durante todo verão. Entretanto, o inverno era conhecido pelo excesso de umidade e pelos meses chuvosos que faziam a região próxima aos rios e as nascentes se tornarem alagadiças. Com uma paisagem selvagem, tanto por terra quanto pelas águas, o solo, por sua vez, não eram um dos melhores para o desenvolvimento da agricultura. O terreno, que não é rico em nutrientes devido ao excesso de água, permitia certos cultivos, tais como: a mandioca, a cana-de-açúcar, o arroz, bananas e o palmito. Assim, as poucas famílias que se estabeleceram na região da península, entre as mais conhecidas estavam os Gomes de Oliveira, Cercal e Alves³⁵⁷, não tinham muita escolha, senão, cultivar a mandioca e a cana-de-açúcar³⁵⁸.

Para estes homens e mulheres, o sino da igreja só era ouvido quando os domingos chegavam, os casamentos se realizavam, os batismos tinham lugar ou o último adeus era dado aos entes queridos. No fio dos dias, eram as estações que narravam as vidas. As almas passavam o seu tempo a preparar o solo, a plantar, a colher, a preparar a farinha e o *bijou*; descer o rio São Francisco até a Baía, chegar no porto da vila, vender uma parte dos produtos, pagar os impostos e, depois, voltar para casa e recomençar todo o ciclo. No período da Guerra dos Farrapos, Província do Rio Grade do Sul, algumas famílias do entono do Sahy tiveram

³⁵⁶ Atual Estrada Geral do Sahy ou SFS425

³⁵⁷ JOINVILLE. Arquivo Histórico de Joinville, *Sesmeiros da Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul*. Reprodução documental sobre Joinville, [s.d.], Coleção Memórias da Cidade.

³⁵⁸ CUNHA, Rogerio Pereira da. *Juízes, policiais e administradores: elites locais, juiz municipal e centralização provincial na formação do Estado no Brasil - São Francisco do Sul, província de Santa Catarina (1832-1850)*, Curitiba, Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná. 2011. p. 112-136.

problemas com a venda da mandioca. Para driblar certas obrigações com o Coroa, como vender quase toda a sua produção por preços irrisórios, alguns agricultores passaram a dissimular a quantidade da farinha produzida. Além das questões políticas e das práticas escusas de negociação, os homens, as mulheres e as crianças também tiveram que aprender a enfrentar a natureza.

As famílias que habitavam o Sahy e o Cubatão não tinham médicos a sua disposição e tão pouco a medicamentos. Conforme as estações do ano chegavam e com elas as diversas doenças e os animais peçonhentos, as práticas de cura mais adaptada a realidade era a utilização de plantas e, até mesmo, de pequenos insetos. Se as doenças e os animais eram algo que podia-se conviver, as disputas pelo cercamento das terras era algo que, além de matar, também causava prejuízos. Muitos dos pequenos produtores de mandioca e cana da região enfrentaram problemas com um grupo de homens que não conheciam as premissas da propriedade. Estes, cuja pele lembrava a cor da cuia, viviam nas matas do Sahy desde antes da chegada dos portugueses. Deste encontro, algumas trocas culturais, inevitavelmente, ocorreram. Por exemplo, ao se observar os nomes que designam os espaços daquela região, quase todos eles veem da língua *tupi*, como Babitonga, Sahy, Jararaca. Contudo, se de um lado as trocas enriqueciam e auxiliaram a melhorar os cultivos, os *tupi-guaranis* nem sempre foram considerados como bem-vindos. Em alguns casos, as tribos mais aguerridas, chamadas de bugres, enfrentavam os proprietários de terras. Logo, caçadores foram encorajados a adentrar as matas do Sahy para caçá-los e escravizá-los. Os confrontos ocorridos estavam, em grande parte, ligados à não compreensão dos índios em relação a propriedade demarcada. Muitas das tribos eram errantes e só utilizavam a terra durante o período que esta lhes fornecesse os alimentos necessários³⁵⁹. Infelizmente, o tempo nômade para estes homens de pele cor de cuia e donos de uma fala repleta de vogais teria que ser abandonado. As terras do Sahy, naqueles idos de 1840, deviam ser demarcadas e registradas com nome e sobrenome em papéis carimbados. O Império desejava ocupar o território promovendo uma ocupação a partir de vilas concebidas por homens brancos e cristãos. Aos *tupis*, caso eles sobrevivessem a todas estas transformações, o Império podia lhes conceber a graça do trabalho e uma educação aos moldes cristãos. Neste meio indócil, pouco importando as origens, era onde a vila de São Francisco do Sul começou a desenhar os primeiros traços de uma elite.

Naqueles idos de 1840, não era impossível encontrar algumas poucas famílias que, além de ocuparem postos nas instituições públicas, também controlavam as atividades relacionadas

³⁵⁹DEAN Warren. *A ferro e fogo - A história e a devastação da mata atlântica brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

à ao comércio e o porto. Assim, de uma certa maneira, a sociedade francisqueense passou a organizar a sua rede política e de negócios tendo por base os vínculos de sangue e o de compadrio. Esta última, uma prática bastante comum no Brasil³⁶⁰, tinha o objetivo de manter o poder político nas mãos de algumas famílias, bem como, controlar a distribuição de terras. Em São Francisco do Sul, a família que representava esta autoridade era os Camachos. Conhecendo um pouco dos trâmites políticos e das importantes relações de poder na sociedade brasileira, ao chegar naquelas terras em fevereiro de 1841, é de se acreditar que o dr. Mure tenha contato os que representavam o poder. Como o médico francês conheceu os Camachos e quem os indicou, não se pode saber. O fato é que o dr. Mure estabeleceu uma relação com o Coronel Camacho assim que chegou e, este último, apoiaria a empreitada de erigir uma Colônia industrial doando as suas próprias terras, na península do Sahy. Pode-se dizer que uma relação de apadrinhamento se estabeleceu, pois, o dr. Mure precisava de um favor e o Coronel podia resolver. Troca de favores e relações de apadrinhamento?

Francisco de Oliveira Camacho³⁶¹ possuía em sua biografia todas as referências necessárias para compor a elite da vila de São Francisco do Sul. Ele fora comandante de Milícia, juiz municipal, vereador, juiz ordinário, deputado Provincial e dono de terras. Na região, não era pelo seu trabalho político e militar que ele era conhecido, mas sim, pelo seu caráter descortês, que já havia lhe rendido algumas discussões entre as autoridades provinciais e Imperial³⁶². Apesar disso, como para possuir terras não era exigido nenhum título de boa conduta, no ano de 1827 a família do Coronel obteve uma porção de terras devolutas, títulos de sesmarias, que se localizavam entre a região do rio Cubatão e as terras do Sahy³⁶³. Como um golpe do acaso, estas terras, de propriedade do astuto francisqueense, é que foram solicitadas pelo médico francês à Província de Santa Catarina para a implantação da Colônia. Assim que a decisão sobre as terras foi tomada, auxiliada pela orientação do Coronel, o doutor tomou providências burocráticas e enviou uma carta, de São Francisco do Sul, datada de 27 de

³⁶⁰Cf. ARANTES, Antonio. A sagrada família: uma análise estrutural do compadrio. In.: *Boletins do IFCH*, n. 5, Campinas, Unicamp. 1975.; ARANTES, Antonio. Compadrio in rural Brazil: structural analysis of a ritual institution. In.: *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*. v. 8, décembre 2011. p. 70-112. Disponível: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406941912005> Acesso: outubro de 2017.

³⁶¹CUNHA, Rogerio Pereira da, Francisco de Oliveira Camacho: A trajetória de um grande proprietário em uma região de abastecimento. In.: *4º encontro de escravidão e liberdade no Brasil meridional*. Curitiba, 2009.

³⁶²Os relatos da conduta do Coronel Camacho estão disponíveis no acervo da Câmara e do Senado Federal. *Coronel Camanho e a Milícia*, Arquivo histórico da Câmara, Disponível: <https://arquivohistorico.camara.leg.br/index.php/requerimento-sobre-remessa-ao-governo-de-documentos-que-comprovam-ma-conduta-do-comandante-do-2-batalhao-de-cacadores-francisco-de-oliveira-camacho> Acesso: junho de 2017.

³⁶³CUNHA, R. P., *op. cit.*, 2009.; MARTINELLO, André Souza. *Geografia histórica, discursos espaciais e construção territorial em Santa Catarina*. Tese de doutorado em Geografia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, FFLCH, USP, São Paulo, 2006.

fevereiro de 1841, comunicando o Presidente da Província de Santa Catarina sua escolha. Destacando a admirável atitude do Coronel Camacho, em conceder as suas terras para o projeto francês, o dr. Mure solicita ao presidente que este leve em consideração e estabeleça condições especiais para a concessão.

« (...) a posse ilegal de alguns moradores, e a concessão feita ao Ilmo. Snr. Coronel d'Oliveira Camacho de duas léguas quadradas de terreno que abraça quase toda a sobredita península. Este obstáculo, que parecia insuperável, já foi removido, graças a generosidade e patriotismo iluminado do Ilmo. Snr. Coronel que cedeu a bem da fundação do estabelecimento dos direitos que tem ao terreno que lhe foi concedido. A vista de um tão admirável sacrifício, creio poder requer ao Governo de Sua Majestade a concessão da sobredita península, e obter d'ele ou do Governo Provincial uma nova concessão da península inteira, excetuadas as margens ocupadas, ficando livres das condições impostas pelas Leis Provinciais de 1836 aos Empreendedores de Colônias (...). devo ponderar também sobre isto a V. Exa que o verdadeiro Empreendedor desta Colônia Industrial é o mesmo Governo, e que ele não se achava nas circunstâncias de um Empreendedor particular, e tem exigido de nós outras condições, outras seguranças e compensações de seus avanços que as que são dadas a um Capital privado »³⁶⁴.

A resposta do Presidente da Província de Santa Catarina foi positiva, pois a Colônia se instalou no Sahy. Entretanto, nesta troca de missivas, o que chama a atenção é o conhecimento que o dr. Mure aparentava possuir das leis de colonização provinciais³⁶⁵. Se ele sabia da existência destas, é de se supor que ou os seus colegas políticos do Rio de Janeiro ou o próprio Coronel Camacho o tenham informado. Seja qual for a fonte de aconselhamento, o fato é que o médico francês possuía as informações necessárias para avançar no projeto. Em seu retorno a capital do Império, em março de 1841, o dr. Mure já possuía a concessão das terras e para encorajar a aprovação do apoio financeiro do Império, ele utilizou as páginas do Jornal do Comércio para relatar a sua viagem ao sul do Brasil e mencionar a « generosidade » de um homem.

« Entretanto, esta terra tinha também proprietário. Uma concessão de 12.400 metros de costa ou quatro léguas quadradas do Brasil, que fazem quase 16 léguas médias da França, tinha sido feita e absorvida a quase totalidade dela. Era mister, portanto, renunciar ainda esta esperança; mas, o proprietário é o próprio coronel Oliveira, o qual teve a generosidade de fazer o sacrifício de seus direitos em meu favor »³⁶⁶.

³⁶⁴BOITEUX, « Uma carta sobre a colonização do Sahy ». In.: *Revista Trimestral do Instituto Historico e Geografico de Santa Catarina*, s/d. p. 12-16.

³⁶⁵O dr. Mure faz referência a lei nº49, da Provincia de Santa Catarina, sobre a Colonização. Esta lei trata da divisão das terras e o uso-fruto destas para cada colono que estiver sob a guarda de empresas, companhias ou individuais.

³⁶⁶BOITEUX, H., *op. cit.*, 1944. p. 54-60.

Ao ver o texto publicado no jornal, o leitor sem muito conhecimento de causa, entende que a realização da Colônia Industrial sairia, finalmente, do papel gaças ao espírito bondoso do Coronel que tinha vindo ao socorro do projeto. No entanto, o que estava implícito nestas belas linhas escritas pelo doutor é que a generosidade do dito francisque, na verdade, não existia. A benevolência do Coronel Camacho tinha um objetivo bastante claro.

Este senhor, possuidor de um caráter bastante peculiar e dado a pequenos açoitões em praça pública, não era um mecenas e tão pouco um discípulo de Fourier, tal como descreveu o doutor: « O Coronel Oliveira devia, portanto, adotar os princípios de uma ciência que havia, por assim dizer, adivinhado. Era bem o discípulo predestinado de Fourier (...) »³⁶⁷. Na verdade, o senhor Oliveira Camacho tinha relações políticas em Desterro e ele conhecia muito bem os tramites burocráticos para a aquisição e a doação de terras. Ou seja, ao anunciar a doação de suas terras para a implementação de uma Colônia Industrial, em nome do dr. Mure, o dito senhor solicitou uma indenização a partir do decreto nº601, de 18 de setembro de 1840, que dispunha sobre as terras devolutas e a colonização:

« (...) as terras devolutas no império, e acerca das que são possuídas por título de sesmaria sem preenchimento das condições legais, bem como por simples título de posse mansa e pacífica: e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias de nacionais, e de estrangeiros, autorizando o governo a promover a colonização estrangeira ».

Traduzindo as belas palavras do dr. Mure publicadas no jornal na Corte, as terras do Sahy não foram caridade ou obra de um espírito fourierista desconhecido que havia possuído os pensamentos do Coronel. Muito pelo contrário, elas foram uma permuta que só ficou conhecida na ocasião da venda de uma certa porção de terras por parte de necessitada viúva do Coronel Oliveira Camacho:

« (...) as quais foram concedidas ao seu falecido marido pelo Governo da Província em compensação de outras terras que o mesmo falecido marido concedeu ao Governo para o estabelecimento das Colônias do Sahy »³⁶⁸.

O Coronel Camacho, certamente, utilizou do seu poder e da persuasão para se desfazer de terras que não lhe interessavam e que tampouco produziam, para se apoderar de uma nova porção que lhe renderia muito mais frutos. Quanto ao dr. Mure, é certo que ele partiu de Santa

³⁶⁷*Idem*, p. 56-57.

³⁶⁸CUNHA, R. P., *op. cit.*, 2009.

Catarina com a concessão, no entanto, uma questão deve ser pensada: será que o doutor foi ingênuo o bastante para aceitar a doação ou ele soube se utilizar dos favores do compadrio? Em toda a sua jornada, sobretudo na busca por terras adequadas ao projeto, o fato é que o dr. Mure pareceu ser uma pessoa que escutava os conselhos que lhe eram dados. Por exemplo, acerca da sua viagem à Província de Santa Catarina, como se sabe, ela foi orientada pelo sr. Ministro do Império, que tinha o intuito de incentivar a colonização naquelas terras. Um outro exemplo, são as próprias terras do Sahy, que lhe foram apresentadas pelo Coronel Camacho. Isso quer dizer que o doutor tinha certa consideração pela palavra dos outros. No entanto, o que talvez ele não soubesse é que nem todas as palavras e ações eram dotadas da mesma sinceridade.

A vida naquelas terras - Rio de Janeiro, no entorno da Baía da Babilonga, na vila de São Francisco do Sul e nas terras do Sahy - caminhavam diferente. Elas tinham o seu próprio tempo e as suas tessituras sociais eram baseadas em trocas de favores e relações de proteção. Será que ao chegar nas terras do Sahy Michel Derrion teria a mesma astúcia de compreender estas relações de poder que ali existiam? Será que ele saberia equilibrar a vida que ele levou na França, um fiel *frère* da causa societária, com aquele novo mundo e seus tempos? Entre estas duas formas de viver é de se supor que existiriam conflitos e muitos outros *quiproquós*. Entretanto, naquele momento, Michel Derrion via as terras do Sahy como a realização de « *nombreux centres industrielles dans les bords de grands fleuves et sur les fertiles plateaux du NOUVEAU-MONDE* »³⁶⁹.

*

³⁶⁹*Manifeste et Statuts de l'Union Industrielle, op. cit., p.5.*

2.5.1. Puzzle: Jamain, Derrion e Mure

Benoît-Jules Mure e Michel-Marie Derrion eram diferentes e viviam o movimento fourierista de formas distintas. Enquanto um era o doutor e um sério defensor da homeopatia, o outro era filho de um fabricante de *étoffes de soie*, que trabalhou como professor, exercia uma carreira contábil e defendia uma sociedade baseada no sistema societário. Havia também pequenos detalhes que os unia, como por exemplo, ambos tinham nascido na cidade de Lyon. Aos olhos do Mestre Fourier eles eram irmãos. Entretanto, a comunhão entre eles terminava bem neste ponto. As diferenças voltavam a se acentuar e foi quando Derrion refletiu, mais uma vez, sobre a ausência do nome do Mure no estatuto de *l'Union Industrielle*. Aos olhos de Derrion, a inexistência do nome do doutor como diretor geral de *l'Union* era justificada pelo simples fato de que « éramos quarenta chefes de família organizando-nos para fundar uma Colônia Societária quando Mure instruído por um de nós de nossas intenções ofereceu-se para ser o nosso encarregado (...)»³⁷⁰. Ou seja, o Mure não poderia ser um diretor porque ele foi um « *delegué*³⁷¹ », « *agent*³⁷² », « encarregado³⁷³ » ou, ainda, um « *coopérateur*³⁷⁴ » em nome de *l'Union*. Além do mais, ele não participou da *souscription* e de todos os debates que aprovaram o estatuto e o manifesto. Para Derrion, as regras deviam ser seguidas e, como um participante ativo do grupo *Unionisme* - de regras e estatuto um tanto severos no que tange a participação dos associados³⁷⁵ - era normal que o nome do Mure não configurasse na diretoria geral. No entanto, caso desejasse, o doutor podia se tornar um societário do Falanstério a partir do momento que estivesse erigido.

Houve palavras não compreendidas e elas deviam ser melhor explicadas. Entre eles - Derrion, Jamain e Mure - também havia percepções diferentes com relação ao engajamento de vida com a família fourierista. Em todo este momento de reflexão, sozinho, com todos os sentimentos aflorados - desapontamento, frustração e melancolia - e se vendo como um fiel fourierista, Derrion não conseguiu aceitar, nem compreender, a atitude do Mure de deixá-los no Rio de Janeiro sem as mínimas condições. Ele tomou a sua decisão: era hora de enfrentar as

³⁷⁰Lettre de Jamain et Michel Derrion à Antonio João Vieira, São Francisco, 30 janvier 1841. APESC

³⁷¹Lettre du Secrétaire de l'Union Industrielle, São Francisco do Sul, 24 février 1842. AHJ

³⁷²*Essai au Brésil*, Journal Le nouveau Monde, Paris, 1 février 1843. BNF.

³⁷³Lettre de Jamain et Michel Derrion à Antonio João Vieira, 30 janvier 1842, APESC

³⁷⁴Manifeste et Statut de l'Union Industrielle, *op. cit.*, p. 09-16.

³⁷⁵*Almanach Social pour l'année 1841*, *op. cit.*.

palavras do doutor, defender o estatuto de l'*Union Industrielle* e, enfim, realizar a obra. Porém, antes de qualquer coisa, ele precisava saber como iria sobreviver no Rio de Janeiro; ele precisava ver Lucienne e os meninos; compreender o contrato que o Mure assinou com o Império do Brasil; e seguir para o Sahy. Ele começaria junto com Jamain a procurar o sr. Ministro e o Cônsul da França no Brasil, pois, havia ao redor dele outros *frères* que foram esquecidos.

*

La Caroline não estava atracado. Os sons corriqueiros da área portuária, com todas aquelas pessoas que iam e viam carregando caixotes e valises, muito provavelmente, não conseguiram fazer Michel Derrion sair do seu silêncio. Junto com Jamain, eles souberam que o Mure, « *qui fut notre délégué au Brésil en vertu d'un acte signé par nous*³⁷⁶ », partiu para o Sahy « *emportant tout notre matériel que nous évaluons à soixante mille francs, emmenant nous femmes et nous enfants et nous laissant à Rio de Janeiro les deux Directeurs de la Société, le Conseil de l'administration et plusieurs sociétaires au nombre de vingt personnes* »³⁷⁷. Aos olhos de um fiel militante Unioniste, tal como ele se via, o incidente ocorrido a dois dias da entrada do ano de 1842, na cidade do Rio de Janeiro, selou a divisão de l'*Union Industrielle* com o dr. Mure. Jamain e Derrion não sabiam quanto franceses haviam sido deixados no Rio, talvez, fosse o momento de procurar Lucienne, os meninos e organizar uma reunião com todos os demais. Era preciso, também, pensar como eles fariam para dormir e comer. Eles só estavam « com a roupa do corpo »³⁷⁸. Quem sabe, eles deviam dividir o trabalho e enquanto Jamain buscava respostas, ele, Derrion, podia escrever duas ou três cartas³⁷⁹ aos *frères* de Paris e Lyon - *Journal Le Nouveau Monde* e Joseph Reynier -, respectivamente, para contar os últimos acontecimentos. Eles, quanto diretores, tinham todas estas responsabilidades. Entretanto, o

³⁷⁶Lettre du Secrétaire de l'Union Industrielle, São Francisco do Sul, 24 février 1842. AHJ.

³⁷⁷*Idem*.

³⁷⁸Lettre de Jamain e Michel Derrion, São Francisco, 30 janvier 1842. APESC.

³⁷⁹Até o momento, nenhuma carta foi encontrada nos arquivos na França e no Brasil. No entanto, é a partir dos artigos publicados no jornal *Le Nouveau Monde* que se pode supor a existência de uma troca importante de correspondências entre Michel Derrion, Jamain e os seus colaboradores de Paris e Lyon.

calor do verão, a situação, que não estava sob controle, e todas aquelas vozes e palavras que não lhes eram em nada familiares, devem ter despertado nos dois franceses uma estranha sensação de desapontamento e melancolia. Michel Derrion, que já havia sentido o desencanto pelos movimentos na sua Croix-Rousse durante as insurreições de Canuts, deve ter se lembrado de toda a angústia causada perda da esperança. Ele era, ao seu modo, um militante dedicado à causa. Sua própria vida foi destinada a respeitar as palavras, os pensamentos do Mestre e as ações coletivas. Naquele porto, sem avistar o barco e esperando respostas acerca do sonho, talvez, ele soubesse que fosse o momento de compreender as relações de força que existiram no interior do grupo. Ele e Jamain devem ter partilhado alguns momentos de reflexão acerca do papel de cada um e a existência de *l'Union*.

A desavença havia começado quando *l'Union Industrielle* e a nova diretoria, sem constar o nome do doutor, foram votadas em Paris. Aliado a isso, a ausência de explicação por parte do Mure, que se encontrava no Brasil, também auxiliou a aumentar os atritos e incompreensões. Aos olhos dos dois diretores, duas traições haviam ocorrido. A primeira era pessoal, a cada militante. Já a segunda, um pouco mais profunda, dizia respeito a toda a família fourierista que havia acreditado « *dans la valeur de notre demande et ainsi qu'en quelques lettres de M. Mure nous partons de Paris comme avant garde a nous frais* »³⁸⁰. Do lado de *l'Union*, os dois diretores, aparentemente, podiam ficar com as suas consciências tranquilas, pois, desde que chegaram no Rio de Janeiro, ambos fizeram esforços para salvar a sonhada « *commune societaire* »³⁸¹. Jamain e Derrion haviam proposto ao Mure « *des arrangements pour apprécier notre mécontentement et nous étant entendus sur presque tous les points* »³⁸², mas quando este último partiu da capital, sem avisá-los, ficou evidente que não havia e não haveria acerto algum. Numa tal situação, é de se supor que tanto Michel Derrion quanto Jamain tenham pensado que se a França houvesse concedido o financiamento para a instalação de um Falanstério, em suas próprias terras, no ano de 1840, nada disso teria ocorrido. A comunidade teria sido construída em território francês e todos estariam juntos dos seus falando, negociando e vivendo o cotidiano em sua própria língua.

« *Nous avons vivement regretté leur départ, car nous aurions préféré que la France prit l'initiative du mouvement qui doit régénérer le monde* »³⁸³.

³⁸⁰Lettre du Secrétaire de l'Union Industrielle, São Francisco do Sul, 24 février 1842. AHJ.

³⁸¹*Manifeste et Statut de l'Union Industrielle*, op. cit., p. 09-16.

³⁸²Lettre du Secrétaire de l'Union Industrielle, São Francisco do Sul, 24 février 1842. AHJ.

³⁸³*Essai au Brésil*, Journal Le nouveau Monde, Paris, 1 février 1843. BNF.

No entanto, eles estavam naquela terra estrangeira e os dias seriam longos até que ele pudesse, finalmente, conhecer o Sahy.

**

2.6. De um porto ao outro:

Após terem sidos deixados na capital do Império, Michel Derrion e Jamain deviam organizar os demais franceses, garantir o que comer, onde dormir e viabilizar a viagem para o Sahy. Era 30 de dezembro de 1841 e o círculo de amizade e de conhecidos não era significativo. Naquela emergência, apenas uma reunião com o sr. Araújo Viana poderia apaziguar as coisas, porém, não seria nada fácil de conseguir devido às celebrações de ano novo. O mais racional seria buscar apoio onde houvesse possibilidade, ou seja, o Consul da França no Brasil. Para Michel Derrion, Jamain e os demais franceses, os dias de espera na capital do Império se dividiram em dias de busca de respostas e na procura de algo para ocupar o tempo.

O Chancelier Theodore Taunay assumiu as tarefas no Consulado na década de 1830 trabalhando, durante os anos de 1839 e 1841, ao lado do Baron de Rouen, que foi afastado do seu cargo devido a uma má gestão financeira. No ano de 1842, ele acolheu o substituto, o importante médico alemão, naturalizado russo, sr. Heinrich Langsdorff³⁸⁴. Entre as suas responsabilidades burocráticas, após a chegada do novo Consul, o sr. Taunay foi incumbido de receber os franceses no Brasil e estabelecer contratos comerciais entre os dois países. Paralelo ao seu ofício burocrático, o sr. Taunay participava da *Société Française de Bienfaisance*³⁸⁵ chegando, no ano de 1842, a ser o encarregado das eleições. Entre a sua atividade profissional e o círculo que frequentava na corte, naqueles idos de 1841, não é difícil de supor que Michel Derrion e Jamain cruzaram o caminho do sr. Taunay em dois momentos. O primeiro foi, provavelmente, no grande evento ocorrido na sala do trono onde todos os franceses foram recebidos pelo Imperador. Théodore Taunay deve ter comparecido, pois ele era o Chancelier francês e possuía a incumbência de receber quaisquer compatriotas franceses que desejassem estabelecer-se no Brasil. O segundo momento, menos alegre, foi na ocasião da reunião, na sala do Chancelier, no dia que o dr. Mure se evadiu do Rio de Janeiro. Seria neste encontro com o sr. Taunay e os três franceses que se deu a assinatura do novo acordo que amenizaria as diferenças ocorridas em relação ao estatuto de *l'Union Industrielle*³⁸⁶.

³⁸⁴*Almanach Royal et National pour l'an 1842*. Paris: Chez A. Guyot et Scribe, 1842. p.70-74.

³⁸⁵Fundada em 1836, e instalada na sede do Consulado Francês, a Société tinha como objetivo de socorrer todo e qualquer francês que estivesse em condições de risco.

³⁸⁶Lettre du Secrétaire de l'Union Industrielle, São Francisco do Sul, 24 février 1842. AHJ.

O período era de festas, as condições econômicas não era uma das melhores e os dois diretores já haviam trocado algumas palavras com o sr. Taunay, não é difícil supor que este último tenha sido um apoio até a reunião com o sr. Ministro. No entanto, o Consulado não era um espaço de caridade ou de acolhimento. Logo, é de se considerar que o sr. Taunay tenha solicitado algum tipo de auxílio financeiro para a *Société* afim de abrigar os dois diretores e os demais franceses “esquecidos” do dr. Mure. Esta hipótese torna-se viável quando se observa a prestação de contas da entidade, publicada no mês de junho de 1842³⁸⁷ nas páginas do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Na nota, o secretário - sr. Baudinot - chama a atenção de todos os associados acerca dos números da gestão financeira do ano de 1841-42, que esteve quase negativa. O fato, descrito como uma exceção, foi justificado pelo considerável aumento no auxílio aos compatriotas que se encontravam em situação de risco na corte. O sr. Baudinot enumera um total de « 21 ont repris leurs travaux ; 3 sont retournées en France ; 2 sont allées à Montevideo »³⁸⁸. Sem adentrar em mais explicações, o secretário convida os associados que tivessem interesse conhecer melhor os detalhes a lhe procurar em particular. No entanto, as cartas que foram escritas pelos dois diretores de *l'Union*³⁸⁹, já no Sahy, não existe nenhuma menção a ajuda da *Société* aos franceses societários. Talvez, nesta delicada situação, o desespero de terem sido abandonados de mãos vazias tenha incitado os dois diretores a escrever relatos de meias verdades. Ou seja, as cartas não tinham a intenção narrar os auxílios, mas de enaltecer o espírito de luta do grupo ao chegar nas terras brasileiras, mesmo vivendo tantas adversidades. Todavia, existe a possibilidade de que os 21 franceses listados pelo sr. Baudinot não tenham sido os franceses societários do Sahy propositadamente esquecidos pelo dr. Mure. Talvez, o que houve foi uma mera coincidência e a *Société* tenha auxiliado outros 21 compatriotas que se encontravam em igual desespero.

A reunião com o sr. Ministro ocorreu, certamente, na primeira semana do mês de janeiro de 1842. No encontro, além de questionarem a postura do dr. Mure, os dois diretores obtiveram informações mais claras acerca do contrato que foi assinado. Se, até aquele momento, Derrion e Jamain não haviam entendido, por puro desconhecimento e pela falta de explicações mais claras por parte do doutor, que os documentos de *l'Union Industrielle* não tinha nenhuma validade legal para o Império; na reunião com o sr. Ministro tudo se esclareceu. O sr. Araújo Viana era um homem político, fiel ao Império e ao Imperador e conhecido, entre os deputados,

³⁸⁷*Séance Générale de la Société Française de Bienfaisance*, Jornal O Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 11 juin 1842.

³⁸⁸*Idem*.

³⁸⁹Lettre de Jamain et Michel Derrion à Antonio João Vieira, São Francisco, 30 janvier 1841. APESC ; Lettre du Secrétaire de l'Union Industrielle, São Francisco do Sul, 24 février 1842. AHJ.

por possuir um caráter apaziguador. Sendo assim, é de se supor que, ao ver aqueles dois franceses atordoados em sua sala, ele teve a calma de explicar os detalhes do contrato, algumas leis do Império e, até mesmo, garantir a viagem para o Sahy. É claro que atrás da sua personalidade havia intenções e estas diziam respeito ao fato de não querer assistir a nenhum escândalo no primeiro ano de governo do jovem Dom Pedro II, como também não desejaria ver o seu próprio nome e seu trabalho questionados devido a uma querela de colonos. Além disso, o momento político no Império era bastante delicado. O Imperador, que havia assumido a poucos dias, já possuía os seus opositores que esperavam apenas um pequeno fracasso para se utilizarem de palavras afiadas nos jornais da corte. Nos corredores da Assembleia dos Deputados, todos sabiam que o Ministro do Império havia dado seu apoio a instalação da Colônia do dr. Mure. Toda prudência era necessária e, acima de tudo, bem-vinda. Assim, com os dois franceses à sua frente, na sala de reunião, o sr. Araújo Viana deve ter explicado detalhes acerca do contrato da Colônia industrial que o dr. Mure assinou no dia 11 de dezembro de 1841. Ele também deve ter elucidado o fato de que todos os franceses que vieram para o Brasil, por vias do dr. Mure, eram, aos olhos das leis brasileiras, considerados « colonos estrangeiros – industriais ». Sendo assim, todos seriam obrigados a viver sob as leis do Império do Brasil. Ou seja, para trabalharem e residirem no Brasil, como colonos, eles eram obrigados a assinar um contrato de trabalho com uma empresa privada ou pública. No caso deles, o contratante era o Benoit-Jules Mure e o financiamento, bem como as terras que foram concedidas no Sul do Brasil, na vila de São Francisco do Sul, estavam sob a responsabilidade daquele. Logo, todos deviam respeitar o contrato, tanto com o Império quanto com o dr. Mure.

As explicações do sr. Ministro e as explicações acerca dos termos « colono », « contrato de Colônia privado », « Sociedade Colonizadora », « lei de 11 de outubro de 1837 » e « contrato de trabalho baseado na lei de 11 de dezembro de 1841 » devem ter deixado Michel Derrion e Jamain em silêncio. Mesmo não conhecendo as leis que regiam aquele país em que se encontravam, os dois diretores devem ter feito seus esforços para compreender todos os fundamentos que deram a origem a uma Colônia e não a l'*Union Industrielle*. Naquele delicado momento, entre os três homens, é de se acreditar que Jamain tenha pronunciado quaisquer palavras com o objetivo de entender um pouco mais acerca tudo que havia descoberto. Por certo que a reunião junto ao sr. Ministro não fora nada fácil.

As palavras que o sr. Araújo Viana utilizou, Derrion ainda não sabia escrever e nem mesmo pronunciar. Entretanto, elas estavam coladas em sua mente: « colono », « contrato de trabalho », « um único responsável » e « Sociedade colonizadora ». Ele sabia, consigo mesmo, o quanto sua fidelidade com o movimento fourierista havia pesado em suas escolhas. Foi em Paris que as coisas mudaram realmente. Ele conheceu Jamain e outros tantos societários e camaradas que sonhavam em realizar um falanstério. Junto destes homens e mulheres, ele discutiu e concebeu o *Manifeste et Statut de l'Union Industrielle*. Por sua própria vontade, ele também decidiu deixar a França para trás e atravessar o Atlântico acreditando que era possível viver « (...) *avec abondance la nourriture spirituelle et matérielle, sous l'empire de la justice et de la liberté, vous vous traiterez en frères* »³⁹⁰. Todas aquelas inúmeras reuniões em que esteve para partilhar as leituras do pensamento do Mestre e os excêntricos jantares, ocorridos uma vez por mês e repletos de poemas e músicas, narravam os dias num falanstério. Tudo se tornaria real. Ele veria o Velho Mundo, egoísta, « (...) *disparaître avec son cahos* »³⁹¹. Agora, com os pés no Novo Mundo, « *les hommes de coeur et d'action* »³⁹² construiriam a « *émancipation pacifique par le travail* »³⁹³. Ele podia sentir um futuro societário. No entanto, as palavras daquela reunião lhe foram duras. As suas ações, o seu coração e as suas crenças foram reduzidos a « colono ». Este homem que tem o dever de trabalhar em terras que não eram coletivas e teria a obrigação de respeitar as ordens de um único homem. Será que houve algum momento, ao escutar as palavras do sr. Ministro, despertou em Derrion o desespero? Talvez...

Se o instante existiu é possível de supor que Derrion tenha conseguido ultrapassar a sua timidez e pedido um instante ao sr. Ministro para poder explicar alguns pontos acerca do « Unionisme » e a vida societária. Suas palavras, em francês, eram repletas dos jargões do movimento fourierista e tentavam repetidamente explicar àquele importante homem brasileiro que eles possuíam o documento oficial aprovado e registrado em Paris. Ele também deve ter explicado e apresentado o « *Acte de Société* »³⁹⁴ e o objetivo « *d'arriver à une bonne organisation du travail, ont résolu d'associer leurs capitaux, leur activité, leur intelligence pour la création d'une commune sociétaire* »³⁹⁵. Todos os homens e mulheres que quisessem fazer parte seriam considerados como « *sociétaires coopérateurs* » ou « *propriétaires d'actions* ».

³⁹⁰ *Manifeste et Statut de l'Union Industrielle*, op. cit., p. 04-08.

³⁹¹ *Idem*.

³⁹² *Ibidem*.

³⁹³ *Ibidem*.

³⁹⁴ *Manifeste et Statut de l'Union Industrielle*, op. cit., p. 09-16.

³⁹⁵ *Idem*.

»³⁹⁶. Quer dizer, eles eram uma « *Société au mon collective* »³⁹⁷. Derrion também deve ter explicado o « *Règlement Général* »³⁹⁸ que regeria a Commune. Neste último, ele argumentou que o trabalho seria organizado em « *SERIE ou cooperation libre* »³⁹⁹ em que « *les travaux seront rétribués em raison directe de leur utilité et inverse de leur attrait* »⁴⁰⁰. Ao final, quase como um suspiro derradeiro, ele deve ter mostrado as datas nos documentos: « *Fait à Paris, le 18 avril 1841. Enregistré à Paris, le 21 mai 1841, f. 8, n° e 4* »⁴⁰¹. Tudo parecia muito claro para Derrion e os papéis em suas mãos atestavam a suas explicações. Ele e Jamain tinham o tal documento registrado na França. Logo, o contrato que o Mure assinou com o Império não podia ter validade. Jamain complementou algumas informações, pois, ele era o diretor, o vice-presidente e um inventor de máquinas.

O sr. Araújo Viana deve ter escutado atentamente as palavras do francês Michel Derrion e de Jamain. No entanto, ele não tinha outra opção senão explicar, talvez pela segunda ou terceira vez, que o tal « *Acte de Société* » ou o « *Statut de l'Union Industrielle* » não podiam ser reconhecidos pelo Império brasileiro. Os documentos, mesmo sendo oficiais, não designavam uma empresa privada de colonização, tão pouco, uma Sociedade colonizadora. As leis brasileiras eram bem claras no que tange aos direitos de cultivar as terras e residir no Império do Brasil. Colonos estrangeiros deviam passar por uma empresa de colonização e possuir um contrato de trabalho para poder se estabelecer no Brasil. E possível, ainda, que o sr. Ministro tenha dito aos dois diretores que o *Manifeste et Statut de l'Union Industrielle*, mesmo sendo alterado, não poderia conseguir auxílios ou terras junto ao Império. Para que tivessem tais direitos, eles deviam obter a aprovação dos estatutos na Câmara de Deputados, nas Assembleias Provinciais e apresentar um projeto de colonização; tal qual como fizera o dr. Mure. Para eles, o caminho não seria diferente. O sr. Ministro deve ter terminado a sua fala dizendo que Império concedeu terras e o financiamento para a implementação de uma Colônia Industrial. Cabia a eles, os colonos industriais, encontrarem uma solução. Eles estavam ali para trabalhar.

A reunião acabou e não havia mais nada o que discutir. Aos dois diretores, ou colonos industriais, só foi possível solicitar uma embarcação que se dirigisse para o sul do Brasil o mais rápido possível. No entanto, entre a reunião com o sr. Ministro e o embarque haviam ainda

³⁹⁶*Ibidem*.

³⁹⁷*Manifeste et Statut de l'Union Industrielle, op. cit., p. 09-16.*

³⁹⁸*Idem*, p. 18-30.

³⁹⁹*Ibidem*.

⁴⁰⁰*Ibidem*.

⁴⁰¹*Manifeste et Statut de l'Union Industrielle, op. cit., p. 16.*

alguns dias a serem vividos. Derrion e Jamain devem ter ficado responsáveis em encontrar uma embarcação que pudesse leva-los a São Francisco do Sul. Aos mesmo tempo que estavam na busca, eles tinham que organizar uma reunião com os demais societários e camaradas para explicar o que ocorreu. O contrário dos outros jantares em que festejavam a irmandade e o Mestre Fourier, desta vez, não haveria tantos sorrisos ou poemas. Agora, eles deviam tomar a decisão de assinar ou não o contrato com o Mure. Em meio a tantas decisões, era preciso encontrar alguma embarcação que pudesse levar os 21 franceses para o sul do Brasil.

Em 1842, o Brasil ainda tentava acalmar a situação com os revoltosos republicanos no Sul - Guerra dos Farrapos. Neste evento de quase dez anos, uma considerável parte das embarcações privadas foram solicitadas para estarem à disposição do Ministério da Guerra. Uma destas era o vapor Campista que ficou à disposição da Marinha. Considerada nova para os mares, menos de dois anos e com 93 toneladas, um tanto confortável para as longas viagens, ela foi frequentemente solicitada pelo Ministro da Guerra, entre os anos de 1841 e 1843, para transportar Coronéis e demais políticos rumo ao Rio Grande do Sul⁴⁰². Nestas viagens, do Rio de Janeiro ao porto do Rio Grande, o vapor devia fazer paradas frequentes nos portos de Santos e Santa Catarina. Ao saberem do Campista, ao que tudo indica, os dois diretores devem ter se dirigido ao escritório responsável, instalada na rua da Direita, nº72, 1º andar, e solicitado as informações acerca de um possível embarque de civis.

Os societários, os camaradas e os dois diretores deixados no Rio de Janeiro, naquele 30 de dezembro de 1841, embarcaram no vapor Campista, a serviço da Marinha, rumo ao rio São Francisco, provavelmente na segunda semana do mês de janeiro de 1842. A viagem até a vila de São Francisco do Sul deveria durar cerca de cinco dias já que o vapor tinha escalas no porto de Santos e Paranaguá. Ao chegarem na vila, os societários e diretores ainda tinham que encontrar uma pequena embarcação para atravessar a Baía da Babitonga. Michel Derrion e Jamain sabiam que o encontro com o Mure não seria fácil. Quem sabe se eles propusessem algumas alterações no contrato de trabalho, considerando alguns detalhes do estatuto da *Union Industrielle*, tudo se arranjaría. Conversar parecia ser o mais correto e racional a se fazer. Desta conversa sairía a redenção ou o fracasso da *Commune sociétaire*. Porém, o histórico do Mure era repleto de inquietações. Michel Derrion, favorável a paz e a harmonia, acreditava que era possível. Para Jamain, o Mure não parecia alguém que cedería.

⁴⁰²Ministério da Guerra, Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, abril 1841. BNRJ.; Ministério da Guerra, Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, décembre 1841. BNRJ.; Ministério da Guerra, Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, mars 1842. BNRJ.

2.7. « Pour l'amour de la Concorde » (1842-1843)

Em tempos de verão, o sol brilha até mais tarde. As águas da Baía da Babitonga, outrora mais amenas, tornam-se mais quentes devido a presença prolongada dos raios de sol. Nestas épocas é normal assistir, nos finais de tarde, o calor provocar as chuvas de verão. Elas chegam de repente e somem da mesma maneira. O vento, mais temperado entre os meses de janeiro e março, mantém as poucas nuvens em um movimento lento e contínuo. Para as crianças, que voltavam seus olhos para o telhado do mundo, o céu, não era difícil de imaginar a presença de animais e monstros naquelas pequenas formas brancas. Já os adultos, observando o horizonte, viam do outro lado, sobre as montanhas do Sahy, as mesmas nuvens refletidas sobre as copas das árvores. Neste contraste de luz, sombra e forma era quase impossível não ver os matizes de verde que pintavam a mata. A cena, tão majestosa quanto amedrontadora, podia ser vista do atracadouro do centro da vila de São Francisco do Sul, mesmo se a embarcação tivesse chegado num final da tarde. Se a paisagem convidava à contemplação e despertava uma leve brisa de esperança para os societários, o coração de alguns seria atormentado pela dor e o silêncio.

A viagem do Rio de Janeiro para São Francisco do Sul deve ter sido tranquila em seu trajeto, mas tensa em relação aos transtornos causados pelo Mure nos planos societários. Dos angustiosos sentimentos à bordo do *Campista*, aqueles infelizes franceses ainda tiveram que agregar as suas histórias o repentino sumiço de uma compatriota. No primeiro porto em que o vapor atracou, na vila de Santos, a esposa de Jamain desapareceu⁴⁰³. A subtração desta vida tornou-se um fato velado entre Jamain, Michel Derrion e, talvez, entre todos os demais. O motivo deste silêncio talvez se devesse à cumplicidade existente entre estes dois franceses. Se Jamain e Michel Derrion tiveram o cuidado de deixar o nome da fourierista cair no esquecimento, mesmo que ela tenha tomado a decisão de acompanhá-los na saga atlântica rumo a construção de uma Comunidade societária, e fosse a companheira de um deles, nada impediria que em algum momento da existência destes dois homens a memória daquela mulher viesse à tona. Enquanto o tempo de justiça não chegava para a mulher-societária, a única maneira de afogar a dor era de lutar pela *Union Industrielle*.

⁴⁰³O caso da morte de Martha Florence Payen, esposa de Jamain, é narrado por Laurent Vidal em seu livro *Ils ont rêvé d'un autre monde*. O único documento que existe, até o momento, sobre o caso foi redigido pelos médicos e pelo Vice-Consul Francês em Santos. É importante destacar que, no mês de fevereiro de 1842, o Chancelier Théodore Taunay, residente no Rio de Janeiro, recebeu uma versão em português e foi solicitada uma tradução para o francês para figurar nos registros consulares. Cf. VIDAL, L., *op. cit.*, p. 207-209.

Na chegada ao rio São Francisco, Derrion e Jamain foram ao reencontro dos demais. Os relatos dos integrantes que haviam viajado para o Sahy na barca *La Caroline*, em dezembro de 1841, não foram nada agradáveis. Os dois diretores souberam que atos de violência foram cometidos na « casa aonde, nesta vila, residiam as mulheres de Colonos dos que o mesmo Mure por acidente deixou no Rio de Janeiro⁴⁰⁴ ». Estas, « que acompanhadas eram com três ou quatro Franceses⁴⁰⁵ », não querendo seguir o Mure, tomaram a decisão de se instalar em São Francisco do Sul até a chegada dos maridos. No dia em questão, o Mure utilizou da força da Guarda para adentrar na casa, onde « só existiam em casa as referidas mulheres e um rapaz⁴⁰⁶ », para efetuar o sequestro dos bens comprados no Rio de Janeiro com os socorros pagos pelo Império e os demais utensílios. Ao saberem do fatídico evento, Derrion e Jamain se dirigiram « sobre o terreno tomar conhecimento do estado do nosso material »⁴⁰⁷. Para surpresa dos dois diretores, os materiais de trabalho foram encontrados « estragando digo saqueado uma parte que aparece estar arruinada exposta na praia à chuva »⁴⁰⁸. Em meio a tais acontecimentos, os recém-chegados societários tentaram uma nova negociação com o Mure. Nada foi estabelecido. Sem muitas opções, a única maneira de conseguir estabelecer uma ordem, a partir dos dois diretores, foi escrever para as autoridades competentes da Província de Santa Catarina.

No dia 24 de janeiro de 1842 os dois diretores enviam uma carta ao Presidente da Província de Santa Catarina, sr. Antero José de Brito. Escrita pela mão do primeiro secretário, o societário Pruvel, a missiva possui apenas uma página, frente e verso, e além de relatar quaisquer desavenças com o dr. Mure, também revela pequenos detalhes sobre os seus responsáveis. Escrita num tom sóbrio e quase conciliador, é de se supor que os seus autores dedicaram um certo tempo para concebê-la. Composta de longos parágrafos e quase sem pontuação, o texto é construído fazendo referências à nomes de pessoas e de lugares. Não existe nenhuma dúvida que os reais elaboradores desta correspondência foram Michel Derrion e Jamain. Os dados contidos acerca das negociações ocorridas em Paris, entre alguns societários e o Cônsul do Brasil na França, só poderiam ser narrados por quem os viveu, logo, pelos dois diretores. Porém, não são apenas estas informações que tornam a correspondência importante, existem três outros pequenos detalhes que são mais interessantes. O primeiro pormenor diz respeito as palavras que foram empregadas para designar a *Union Industrielle*. O segundo está ligado a quaisquer minúcias acerca do papel de cada um dos três franceses possuía no interior

⁴⁰⁴Carta de Antonio João Vieira à José da Silva Mafra, São Francisco do Sul, 29 de janeiro de 1842. AHJ.

⁴⁰⁵*Idem*.

⁴⁰⁶*Ibidem*.

⁴⁰⁷Lettre de Jamain et Michel Derrin à Antonio João Vieira, São Francisco do Sul, 30 janvier 1842. APESC.

⁴⁰⁸*Idem*.

de *l'Union*. O terceiro e último diz respeito à série de acontecimentos que ocorreram nas terras do Sahy. Esse texto evidencia o engajamento individual de Michel Derrion e Jamain.

Os dois diretores franceses não conheciam a língua portuguesa. No entanto, as poucas palavras que entenderam na reunião com o Ministro, causaram transtornos. Entre as tantas que lhes foram explicadas, houve duas ou três que geraram alguns desentendimentos e outras de que se serviram para exprimir as ideias societárias e fourieristas.

Desde que chegaram nas terras do Sahy, os dois diretores passaram a se identificar como « *Directeurs de la Société Industrielle*⁴⁰⁹ » e não mais como diretores de *l'Union Industrielle*. A menção a palavra « Sociedade » é encontrada logo na primeira linha da correspondência e, é claro, junto as suas assinaturas. A mudança na apresentação formal dos dois franceses não pode ter sido uma obra do acaso. Como se sabe, ambos estiveram com o sr. Araújo Viana e que este lhes oferecera explicações acerca do Contrato que o dr. Mure assinou com o Império, bem como sobre a diferença entre uma colonização organizada por uma sociedade e por empreendedor privado. Assim, Michel Derrion e Jamain sabiam que se eles utilizassem *Société Industrielle* numa correspondência, daria certo ar de legalidade ao texto e fariam as autoridades catarinenses pressuporem que eles eram uma sociedade colonizadora. Para reforçar esta ideia, os dois diretores ainda adicionaram o argumento que « *nous sommes venus avec l'intention d'établir une nombreuse Colonie dont l'industrie variée enrichira la Province* »⁴¹⁰. Aliado a tudo isso, eles tomaram o cuidado de informar, na mesma carta, sobre « *notre arrivée à Saint Francisco abord du Navire à Vapeur le Campiste parti de Rio quelque temps après la Caroline qui avait amené abord un certain nombre de nos camarades et sociétaires* »⁴¹¹. Ambos sabiam que, enquanto colonos estrangeiros, eles tinham a obrigação de manter as autoridades bem informadas acerca da chegada de colonos nas terras a serem cultivadas, possíveis de viagens e, até mesmo, uma mudança na atividade profissional. Entre o termo *Société* e o anúncio da chegada dos demais franceses na vila, tudo na mesma correspondência, é de se supor que Michel Derrion e Jamain tenham começado a utilizar pequenas artimanhas. O objetivo era de mostrar o quanto eles podiam ser confiáveis e, acima de tudo, honestos com o Império. Por outro lado, eles tinham o direito de se intitular como Sociedade Industrial porque, o estatuto deles estava devidamente legalizado na França como tal. O único problema residia nas interpretações transatlânticas. Enquanto a *Société Industrielle* propunha a « *création d'une commune*

⁴⁰⁹Lettre de Michel Derrion, Jamain et Pruvel au Président de la Province, São Francisco do Sul, 24 janvier 1842. AHJ.

⁴¹⁰*Idem*.

⁴¹¹*Ibidem*.

*sociétaire*⁴¹² » a Sociedade Colonizadora devia promover a vinda de colonos brancos úteis. Naquele momento de disputas com o Mure, uma vez fracassadas as tentativas de acordo, nada os impedia de edulcorar um pouco a realidade para alcançar os objetivos falansterianos. Afinal, tudo é válido em nome da causa. A resposta do poder provincial não tardou a chegar.

No final do mês de janeiro de 1842, o Presidente da Província de Santa Catarina solicitou ao Inspetor nomeado da Colônia, sr. Jerônimo Coelho, que averiguasse os problemas relatados pelos diretores da « Sociedade a qual denominam *Union Industrielle* »⁴¹³. Impossibilitado de se dirigir ao Sahy e « fazer cessar os motivos de divergências⁴¹⁴ », pois ele se encontrava em missão com a « Comissão de reconhecimento militar de fronteiras das Torres e bocas de Serra⁴¹⁵ », o sr. Jerônimo Coelho solicitou esclarecimentos:

« 2.º Exigir do mesmo Doutor informações ou documentos por onde se possa conhecer precisamente o caráter com que veio ao Brasil tratar sobre a Colônia, se como simples agente e delegado da Associação que se diz haver em França denominada *Union Industrielle* ou se como Empresário e Diretor em Chefe da Colonização, e bem assim pedir copias de quaisquer Contratos (...) »

4.º Declarar aos dois intitulados Diretores que não há autorização alguma Oficial para reconhece-los como tais (...) que eles exibam o título em documento que possam ter para o chamarem a si de Direção da empresa e especialmente o original ou cópia autenticada do ato que eles alegam ter sido assinados em França na presença do Cônsul Brasileiro »⁴¹⁶

De uma precisão incontestável, exigindo os documentos para que pudessem esclarecer alguns pontos eclipsados acerca do papel dos diretores e do próprio dr. Mure na tal Sociedade; o sr. Jerônimo Coelho não questionou em nenhum momento o contrato do assinado pelo Império. Quer dizer, o poder de gerir a Colônia estava nas mãos do dr. Mure e somente este podia decidir como contratar e organizar os colonos industriais. Quanto aos dois diretores, eles se encontraram de mãos atadas, pois, aos olhos do Império, eles eram colonos estrangeiros e os seus documentos não eram reconhecidos neste lado do Atlântico.

No dia 13 de fevereiro de 1842 o dr. Mure respondeu a carta do Inspetor. Nesta ele afirma que o seu papel era de « fundador e de protetor da União⁴¹⁷ » e que foi ele quem partiu

⁴¹²*Manifeste et Statut de l'Union Industrielle*, op. cit., p. 09-16.

⁴¹³Carta de Jerônimo Coelho ao Presidente da Província, Desterro, 28 de janeiro de 1842. AHJ

⁴¹⁴*Idem*.

⁴¹⁵É preciso lembrar que o trabalho de regularizar as fronteiras militares de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul, durante os idos de 1840, era de extrema importância pois, entre os anos de 1838 – 1839 a Guerra dos Farrapos havia estabelecido na região de Laguna, Província de Santa Catarina, a República Juliana. Certamente, o presidente da Província decidiu dar prioridade para os limites catarinenses a participar de uma querela francesa. Carta de Jerônimo Coelho ao Presidente da Província, Desterro, 28 de janeiro de 1842. AHJ

⁴¹⁶*Idem*.

⁴¹⁷Lettre de Mure au Président de la Province de Santa Catarina, Sahy, 13 février 1842. AHJ.

da França « as minhas expensas para sustentar uma empresa que devia comportar tantas despesas e que nossos (...) mandatários eram pobres obreiros que tendo a esperança de mim e eu nada deles »⁴¹⁸. Se o dr. Mure não estava sofrendo de uma « alienação mental⁴¹⁹ » fourierista, já que as palavras « protetor » e « pobres obreiros » não compunham o vocabulário dos *frères*, é de se supor que ele tenha sido auxiliado pelo Coronel Camacho e seus nobres discursos protetores. Para o sr. Joaquim Gonçalves da Luz, Juiz de Paz de São Francisco do Sul⁴²⁰, o dr. Mure era « Empreendedor (...) imprudente e injusto julgando-se e declarando-se o Sr. absoluto das terras concedidas para a Colônia⁴²¹ » além de ser « um composto de inconseqüências e contradições »⁴²². Entre o repentino surto protetor e a conduta imponderada, a carta do dr. Mure deixa transparecer, e este é o ponto mais importante, que na ata de fundação da primeira *Union Industrielle* era uma composição de homens ordinários e quaisquer outros mais favorecidos. Para corroborar com esta ideia, o discurso do sr. Araújo Viana, na ocasião da defesa do projeto do médico, dizia que « pelas pessoas que estão assinadas, homens até conhecidos, alguns discípulos da escola politécnica, alguns mestres e contramestres de grandes fábricas »⁴²³. Aliado a estas duas evidências, ainda se tem o artigo de Joseph Reynier que afirma « *M. Mure, membre de la Société, s'engagea à faire à ses frais le voyage au Brésil, afin d'obtenir une concession de terrain*⁴²⁴ » e « *il partit donc muni de la liste des sociétaires, seule pièce qui lui permit de pouvoir traiter au nom d'une société dont il s'était offert généreusement* »⁴²⁵. Para terminar, a carta escrita por M. Derrion e Jamain, do dia 24 de janeiro, adiciona que « *M. Mure fut notre délégué au Brésil en vertu d'un acte signé par nous en présence de M. da Rocha Consul du Brésil à Paris* »⁴²⁶. De todas estas confrontações, de cartas e jornal, mesmo sendo estes últimos um pouco maquiados por cada pluma que os escreveu, é que se tem o segundo ponto: o papel do dr. Mure e dos dois diretores na *Union Industrielle*.

A referência aos « pobres obreiros » e « mestres de fábricas » na carta do dr. Mure, são uma clara menção aos nomes de Michel Derrion e Jamain e suas modestas origens. Isso quer

⁴¹⁸*Idem.*

⁴¹⁹Carta de Joaquim Gonçalves da Luz ao Presidente da Provincia, São Francisco do Sul, 8 de fevereiro de 1842. AHJ.

⁴²⁰CUNHA, R. P., *op. cit.*, 2011. p.76.

⁴²¹Carta de Joaquim Gonçalves da Luz ao Presidente da Provincia, São Francisco do Sul, 8 de fevereiro de 1842. AHJ.

⁴²²*Idem.*

⁴²³Anais da Câmara de Deputados, Sessão 9 de Julho de 1841. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/diariosdacamara> Acesso: julho de 2015.

⁴²⁴*Union Industrielle*, Joseph Reynier, Journal Le Nouveau Monde, Paris, 1 juin 1843.

⁴²⁵*Idem.*

⁴²⁶Lettre de Michel Derrion, Jamain et Pruvel au Président de la Province, São Francisco do Sul, 24 janvier 1842. AHJ.

dizer que o documento que o dr. Mure portava ao chegar ao Brasil para solicitar a concessão de terras e de um financiamento, trazia os nomes daqueles dois. Os três franceses - Mure, Derrion e Jamain - eram societários na dita lista chamada *Union Industrielle de Paris*. Mais tarde, esta mesma sofreu alterações para se tornar apenas *Union Industrielle* e ser registrada em Paris no dia 21 de maio de 1841. A primeira *Union*, que foi reconhecida pelo sr. Maciel da Rocha - « *Secrétaire de Légation et charge du Consulat Général*⁴²⁷ », não era o gênero de ata mais correta para empreender qualquer solicitação de financiamento ou concessão de terras no Império Brasileiro. O que é estranho em toda esta contenta é que se o sr. da Rocha era o encarregado do Consulado brasileiro na França e tinha recebido orientações do Ministério de Negócios para relatar, a esta mesma casa, qualquer intenção de imigração para o Brasil. Como ele pode não perceber os problemas nos documentos de *l'Union Industrielle* com as leis de colonização? Ao que tudo indica, ou o sr. da Rocha não acreditava nesta imigração societária ou ele decidiu empurrar o problema para as mãos do Império. De toda maneira, o papel do dr. Mure na primeira sociedade constituída era o de um « *délégué* », um associado, e não de um « *entrepreneur général de la colonie*⁴²⁸ » ou « *protecteur* ». O doutor assumiu, o que os fourieristas empregam em seus estatutos societários, o papel de um « *coopérateur* » ou mesmo um « *bailleurs de fonds* », em que este último significa um « *propriétaires d'actions ou de coupons* »⁴²⁹. Em aceitando qualquer uma destas duas funções, o que provavelmente deve ter acontecido, o seu nome não poderia constar como um membro do conselho administrativo. Porém, Michel Derrion e Jamain constavam como diretores porque eles dirigiram as discussões e votações do novo estatuto que regeria a Colônia Societária no Brasil. Acerca deste documento - *Manifeste et Statuts de l'Union Industrielle* - o jornal *Le Nouveau Monde* publicou:

« (...) ce manifeste n'est pas rédigé avec assez de soin ; quelque fois il est obscur, d'autres prétentieux, et même on y aperçoit qu'une aigreur qui n'est pas en harmonie avec le grand but (...) aux statuts eux-mêmes, c'est un acte muri, qu'accuse une profonde connaissance de la théorie »⁴³⁰.

Não é nenhuma novidade que dentro do movimento fourierista as ideias de Fourier causavam, às vezes, discussões e até mesmo dissidências. No entanto, se Jamain e Derrion e Mure assinaram um documento em conjunto no ano de 1840 para realizar uma imigração para o Brasil, por que não reconhecer o esforço do dr. Mure e aceitar que seu nome conste na lista, de

⁴²⁷Almanach Royal et National pour l'an 1842, Paris, Chez A. Guyot et Scribe, 1842. p.70-74.

⁴²⁸*Union Industrielle*, Joseph Reynier, Journal Le Nouveau Monde, Paris, 1 juillet 1843.BNF.

⁴²⁹*Manifeste et Statut de l'Union Industrielle*, op. cit., p. 09-16.

⁴³⁰*Statuts de l'Union Industrielle*, Journal Le Nouveau Monde, Paris, 1 juin 1841. BNF.

1841, ao menos como conselheiro? A resposta a esta questão pode parecer simples, mas quando se observa as relações de força, os desacordos e os sofrimentos individuais, ela se torna complexa e delicada. Se os jargões, os conceitos e o ideal societário faziam parte do pensamento do Mestre Fourier e eram comuns a todos, a compreensão e o engajamento de cada um destes franceses não era. É exatamente aqui, nesta particularidade da compreensão do engajamento individual, evidenciado a partir dos episódios narrados nas cartas, que reside o último e importante dado acerca dos diretores da *Société Industrielle*.

A partir da série de cartas escrita por Michel Derrion, Jamain e Pruvel juntamente com a resposta do Inspetor Jerônimo Coelho, deu início a uma série de acontecimentos. Logo nas primeiras semanas do mês de fevereiro de 1842, os franceses se apresentaram em uma reunião com o tabelião de São Francisco do Sul com o intuito de « *accepter l'acte de Donation et de Société de Monsieur le Docteur Mure* »⁴³¹. Este documento, o contrato de trabalho no qual o dr. Mure devia recolher a assinatura de todos os colonos estrangeiros e enviar a Secretaria de Negócios do Império⁴³², parecia ser uma versão do estatuto de *l'Union Industrielle*. No entanto, ele contava com cerca de 125 artigos divididos em « *Acte de Société* » e « *Règlement Général* » e, diferentemente do caráter coletivo societário, ele tinha uma certa índole egoísta e um tanto autoritária. Esta análise é fornecida por Jamain, que cita uma parte do documento « *1, 4, 123 - c'est dans sa terre du Sahy, c'est son argent qu'il donne* »⁴³³. Apenas 19 franceses⁴³⁴ assinaram a proposta do dr. Mure. Todos demais anunciaram a recusa ao documento por uma carta enviada ao Presidente da Província no dia 21 de fevereiro. A missiva, assinada por Jamain, Pomatelli e Tesseyre, explica que « *nous avons bien compris le contrat du Gouvernement* »⁴³⁵ de 11 de dezembro de 1841 mas, o motivo da recusa a proposta do dr. Mure estava na maneira como este queria « *reduzir a mísera que é o caminho da submissão e da escravidão* »⁴³⁶ e na injustiça de ver todas as terras e os socorros concedidos pelo Império sendo controlados por um único homem. Contudo, de maneira bastante sutil, afinal escreviam ao Presidente da Província, os franceses da *Société Industrielle* propuseram duas outras condições para tentar estabelecer uma harmonia entre os dois grupos. A primeira era o dr. Mure aceitar o estatuto de *l'Union* com as alterações necessárias para que todos pudessem conviver de maneira justa. Já a segunda previa

⁴³¹Lettre de Jamain, Pomatelli, Tesseyre au Président de la Province, São Francisco do Sul, 21 février 1842. AHJ

⁴³²Lettre de Mure au Président de la Province, São Francisco do Sul, 2 février 1842. AHJ. ; Lettre de. Mure au Président de la Province, São Francisco do Sul, 15 mars 1842. AHJ.

⁴³³Lettre de Jamain, Pomatelli, Tesseyre au Président de la Province, São Francisco do Sul, 21 février 1842. AHJ.

⁴³⁴Lettre de Mure au Président de la Province, São Francisco do Sul, 2 février 1842 ; Lettre de Mure au Président de la Province, São Francisco do Sul, 15 mars 1842. AHJ

⁴³⁵Lettre de Jamain, Pomatelli, Tesseyre au Président de la Province, São Francisco do Sul, 21 février 1842. AHJ.

⁴³⁶Lettre de Jamain et Michel Derrion à Antonio João Vieira, São Francisco do Sul, 30 janvier 1842. APESC.

o envio de um novo projeto de Colônia industrial aos Deputados. Das duas opções indicadas na carta, a segunda parecia ser dominante no grupo de Jamain e Derrion, já que eles comunicaram a viagem de um societário ao Rio de Janeiro a fim de iniciar as negociações. Sem mais delongas, Jamain e os demais terminam a carta solicitando o apoio do sr. Antero de Brito para « *la solution de nos demandes eu puit avoir lieu qu'après du gouvernement central qui Votre Excellence veuille bien nous faciliter le plus promptement possible (...)* »⁴³⁷ e comunicando, também, a negociação da compra de um terreno « numa vasta planície situada na margem esquerda do Palmital, pela qual pode-se penetrar no Sahy (...) e dali abrir facilmente caminho pelo transporte em caretas dos produtos industriais da colônia »⁴³⁸.

Michel Derrion não assinou a carta de 21 de fevereiro e, segundo as informações do sr. Joaquim Gonçalves da Luz, ele havia partido de São Francisco do Sul para a capital do Império⁴³⁹. Além de uma estada incerta, Michel Derrion carregava nos ombros a difícil tarefa de comunicar aos *frères* de Paris e Lyon as reviravoltas ocorridas na *Union Industrielle* e « *d'éclairait le gouvernement afin d'obtenir justice* »⁴⁴⁰. No Sahy, Jamain, Pomatelly e Teyssier partiram para a capital da Província, Desterro, a fim de obter uma audiência com o sr. Antero de Brito. Eles queriam explicar, pessoalmente, os motivos da desarmonia na Colônia⁴⁴¹ e qual era o papel da *Société Industrielle*. Em meio a tantas decisões e partidas, o « pobre obreiro » parisiense, Jamain, foi quem se tornou o diretor responsável e a sua compreensão de fourierismo e engajamento que guiou o pequeno grupo de quase 40 societários.

A viagem de Jamain e dos outros dois à cidade de Desterro deve ter durado pouco mais de uma semana. No retorno à São Francisco do Sul, ele ficou sabendo que algumas crianças haviam perdido suas vidas devido à falta de medicamentos e de alimentos. O dr. Mure não havia cumprido com o dever de distribuir os viveres necessários ao grupo de *l'Union* durante a sua ausência. Completamente transtornado, devido a viagem infrutífera, a injustiça do dr. Mure e os falecimentos, ele escreve uma carta ao sr. « Chélemaque a Saint Catherine », no dia 28 de fevereiro⁴⁴². O que se pode saber desta correspondência é que ela foi destinada a um médico e político catarinense que pertencia a família Schutel. Escrita num tom de desespero, praticamente um desabafo, Jamain narra o seu encontro com o corpo da pequena alma que havia

⁴³⁷*Idem.*

⁴³⁸Lettre de Jamain et Michel Derrion à l'Inspecteur de Paz, Rio Sao Francisco, 7 février 1842. AHJ.

⁴³⁹Carta de Joaquim Gonçalves da Luz ao Presidente da Província de Santa Catarina, São Francisco do Sul, 12 de fevereiro de 1842. AHJ.

⁴⁴⁰*Union Industrielle*, Joseph Reynier, Le Nouveau Monde, Paris, 01 juillet 1843.

⁴⁴¹Carta de Joaquim Gonçalves da Luz ao Presidente da Província de Santa Catarina, São Francisco do Sul, 12 de fevereiro de 1842. AHJ.

⁴⁴²Lettre de Jamain au sr. Schutel, São Francisco do Sul, 28 février, 1842. AHJ

partido. Suas palavras tentam mostrar o quão duvidoso « *ambitieux, vindicatif et inhumain*⁴⁴³ » era o caráter do Mure. A única solicitação feita por Jamain ao sr. Schutel era que este lhes enviasse, desde que fosse possível, quaisquer medicamentos para que os doentes fossem tratados o mais rápido possível. Se os medicamentos chegaram de Desterro ao Sahy, não se pode constatar.

A chegada do mês de março não acalmou os ânimos. Mesmo se Jamain e os demais societários tomaram a decisão de adentrar as terras do Palmital, o Mure, mais uma vez, encontrou uma outra maneira de acusá-los. Desta vez, o motivo da discussão não seria por alimentos ou remédios, mas pelas míseras plantações de feijão que, segundo o médico, foram destruídas pelo grupo divergente. Entretanto, o acusador escreve ao Presidente que, apesar de tudo, ele segue efetuando o pagamento dos socorros aos chefes de família⁴⁴⁴. De Jamain ou dos demais franceses que lhe acompanhavam, nenhuma carta foi enviada para responder tal acusação. O silêncio de Jamain talvez tenha se dado devido ao intenso trabalho no Palmital. Ele e os demais não tinham muito tempo para retrucar as picuinhas do doutor. Todavia, a mudez do grupo foi quebrada quando Jamain, no mês abril, sozinho, escreveu três cartas. Quanto a Michel Derrion, é quase certo que ele ainda se encontrava na Corte.

No dia 2 de abril Jamain responde, ferozmente, a uma acusação acerca de uma plantação de feijão.

« *Je proteste de toute la force de mon âme contre l'impolie calomnie que l'on nous fait en nous accusant de vouloir détruire les travaux quelques plantations d'haricots sur un terrain loué ; quelques morceaux de bois pour barrer une très petite rivière qui 'n'est pas près d'être barrée : voilà donne les grands travaux de colonisation exécutés non pas avec des colons mais avec des journaliers ; je vous les dis Son Excellence nous ne sommes pas menteurs* »⁴⁴⁵.

Após a explicação, Jamain comunica que eles já se encontravam nas terras do Palmital « *en plein activité pour le cultiver nos amis ont mis la ... dans le bois (...) ; nous avons à coeur de rattrapper le temps perdu* »⁴⁴⁶. O intuito em dar ênfase ao trabalho, era de mostrar que ele e todos os demais estavam bem habituados com a nova vida e, é claro, com os moradores de São Francisco do Sul. Na mesma, ele anuncia o envio de uma solicitação « *à la chambre de Saint Francisque un emplacement pour construire une abstraction qui doit nous servir d'entrepôt pour nos produits* »⁴⁴⁷. Para terminar, após os relatos dos trabalhos realizados e o ar de que

⁴⁴³Idem.

⁴⁴⁴Lettre de Mure au Président de la Province, São Francisco do Sul, 20 mars 1842. AHJ.

⁴⁴⁵Lettre de Jamain au Président de la Province, São Francisco do Sul, 2 avril 1842. AHJ

⁴⁴⁶Idem.

⁴⁴⁷Lettre de Jamain au Président de la Province, São Francisco do Sul, 2 avril 1842. AHJ

havam feito bons amigos na vila, Jamain exprime sua vontade de receber da Província a gentileza de « *nous favoriser d'une concession de deux lieux de terre aux Palmital dans celles qui n'appartiennent à personne*⁴⁴⁸ » e que estas sejam concedidas « au nom Arnaud, Jamain Derion »⁴⁴⁹. Nos dias seguintes, outras duas correspondências são escritas e ambas datadas do 12 de abril. Enquanto uma apresenta o lado impulsivo do fourierista Jamain, a segunda, de tom mais ameno, enaltece, mais uma vez, o trabalho dos homens e mulheres industriais para em seguida solicitar a concessão de terras e de um financiamento para o grupo.

A primeira carta do dia 12 não é simples de ler. Entre o relato das divergências ocorridas entre os dois grupos, do Palmital e do Sahy, e as desencontradas correspondências trocadas entre o Poder Provincial e os franceses, não é de se duvidar que tudo isso tenha deixado o diretor de la *Société* enfurecido. Jamain, por sua vez, não hesita em mostrar um certo ar de petulância, chegando ao ponto de desafiar o Presidente da Província:

« ... mais nous espérons que vous ne voudrez pas nous condamner sans preuves ; voulez-vous voir parler nos accusateurs ; voulez-vous pénétrer la vérité ; servez-vous de son flambeau elle ne se cache que pour ceux qui craignent de la voir ; procédez rigoureusement à une inquisition dans les réglés ; envoyez si vous le jugez convenable des délégués nommés par vous, aux frais du coupable et bientôt vous saurez, tout, que l'inspecteur vienne il en est temps voir ces terres cultivés (...) dans un terrain loué par des hommes du pays salaries avec l'argent du gouvernement (...) »⁴⁵⁰.

Certamente que o tom escolhido por Jamain, para compor o texto, é o resultado de meses vividos entre injustiças e perdas. Também é certo que desafiar o sr. Antero de Brito não estava entre as melhores táticas, principalmente sabendo que todos os franceses do Palmital precisavam da autorização daquele político para obter a concessão de terras e um financiamento. Entretanto, mesmo que o seu desabafo tenha sido imoderado e desesperado, no fundo, Jamain desejava mostrar o quanto aquele grupo societário era capaz de se organizar. Para comprovar as suas palavras e mostrar ao sr. Antero de Brito que eles estavam sendo injustiçados, Jamain diz que « *d'un autre côté on verra des hommes travailler sans relâcher dans leur terre qu'ils ont acheté de Leon Dénien au Palmital* »⁴⁵¹. Sim, Jamain, com certo orgulho, anuncia que eles compraram uma porção de terras através do próprio suor. A questão que se coloca é, como eles conseguiram comprar um terreno se a poucos dias eles escreviam solicitando terras? A resposta a esta questão vem das mãos do lionês Joseph Reynier.

⁴⁴⁸*Idem.*

⁴⁴⁹*Ibidem.*

⁴⁵⁰Lettre de Jamain au Président de la Province, São Francisco do Sul, 12 avril 1842. AHJ.

⁴⁵¹*Idem.*

No artigo que ele publicou no ano de 1843, em apoio aos *frères* Jamain e Derrion, além de narrar a trajetória de *l'Union Industrielle*, Reynier diz, na segunda parte do texto que « (...) *l'Union Industrielle obtint une partie de la concession faite à M. Mure, avec une partie des fonds qui lui furent alloués* »⁴⁵². Ou seja, o grupo societário comprou um terreno a partir dos socorros pagos pelo dr. Mure, oriundos do Império. Estas terras pertenciam a um tal Leon Dénien e se encontravam na divisa da Colônia do Sahy, mais precisamente, « a sete léguas da vila de São Francisco do Sul »⁴⁵³. Infelizmente, nenhuma informação foi encontrada sobre o senhor Leon Dénien tão pouco se sabe se este era realmente o seu nome. No entanto, mesmo que não existam documentos que comprovem a compra destas terras, aparentemente, os franceses do Palmital pareciam estar melhor organizados nos conceitos societários que o grupo do Sahy. Sobre os socorros, é fato que eles não foram pagos corretamente e durante um certo tempo, o grupo societário vivia como podia. Porém, se Jamain comunicou a compra de um terreno, o dinheiro deve ter vindo de algum lugar e, ao que tudo indica, este viera dos soldos do Mure que, finalmente, cumpriu com o seu dever de « tenho fornecido aos colonos dissidentes o saldo dos socorros para o mês corrente e lhes tenho prometido o importe do mês de março para ajudar os seus primeiros trabalhos »⁴⁵⁴.

A terra comprada pelo grupo dissidente, como os descrevia o dr. Mure em suas cartas, não devia ser o suficiente para erigir o sonhado Falanstério. Jamain sabia que « *leurs établissements ne pourront devenir des communautés phalanstériennes qu'avec une augmentation significative de leurs membres* »⁴⁵⁵. Ou seja, era preciso mais pessoas para trabalhar e, sendo assim, era preciso formalizar um pedido, junto ao Governo Provincial e Imperial, para autorizar a chegada de novos colonos estrangeiros. Provavelmente, após o desabafo acalorado da primeira carta escrita, Jamain recebeu uma comunicação oriunda do Rio de Janeiro vindo da parte de Michel Derrion. Ao que tudo indica, o *frère* lhe escrevera dizendo que, muito em breve, uma embarcação com compatriotas societários aportaria nas terras do Sahy. A notícia deve ter encorajado Jamain que, sem demora, escreveu novamente uma outra carta para formalizar um pedido de concessão. Esta suposição, de que Jamain recebeu uma carta acerca da chegada de novos franceses, se torna plausível quando este comunica que « *le quinze contos de reis qui serait employer pour monter divers usines et fabriques et dont une faible partie devront a compléter les quelques faux frais de nos amis à leur arrivée à Rio jusqu'au*

⁴⁵²*Union Industrielle*, Joseph Reynier, Journal Le Nouveau Monde, Paris, 1 juillet 1843. BNF.

⁴⁵³ Em medidas atuais, cerca de 30 quilômetros. Cf. *Relatório de José da Silva Mafra*, Colonia Industrial do Sahy, Jornal O Comércio, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1842. BNRJ.

⁴⁵⁴Lettre de Mure au Président de la Province, 28 février 1842. AHJ

⁴⁵⁵VIDAL, L. *op. cit.*, p. 237-245.

Palmital »⁴⁵⁶. Além de ser a primeira vez que Jamain fornece uma clara explicação sobre a utilização do dinheiro, alguns dias depois, mais precisamente no final de abril, atracava em São Francisco do Sul o *La Neustrie*⁴⁵⁷. Aliada a estes detalhes, esta mesma carta de Jamain possui um pequeno rabisco, extremamente discreto, que pode indicar que a carta foi escrita com um intuito de oficializar algo.

No alto, ao lado esquerdo do documento, se lê « Lei 49 ». Esta informação não foi escrita por Jamain e existem dois motivos: o primeiro a forma longa, segura e ritmada da pluma não lembram em nada os contornos ligeiros e um pouco retorcidos das letras do francês; já o segundo, ele diz respeito a pessoa que escreveu. Certamente, o homem que produziu este indício era alguém que conhecia as leis e estava ligado ao poder local. Naquele contexto, não eram muitas as pessoas que tinham a intenção de fornecer quaisquer conselhos aos franceses do Palmital, pois, segundo o próprio Jamain « *nous sommes donnés abusé par les autorités ainsi que pour vous [dr. Mure]* »⁴⁵⁸. Entretanto, de todos os envolvidos na contenta francesa, haviam alguns nomes que, além de aspirações políticas, tiveram a intenção de ajudar. Um destes homens foi o Juiz de Paz da vila, o sr. Joaquim Gonçalves da Luz, que não possuía nenhum vínculo com a família Camacho⁴⁵⁹. Aqui, é preciso lembrar que o Coronel apoiava o dr. Mure e, no ano de 1841, ele havia assumido uma cadeira de deputado, em Desterro, ao lado de Jerônimo Coelho e Jose da Silva Mafra⁴⁶⁰, responsável pela Colônia do Sahy. Sobre o Juiz de Paz, a possibilidade que ele tenha auxiliado Jamain, instruindo sobre a « Lei de Colonização da Província de Santa Catarina »⁴⁶¹, de 1836, é compreensível. Ao que se sabe, durante os momentos de intimidação que Jamain e Derrion sofreram, por parte do Coronel e do dr. Mure, ele havia tomado a defesa dos ditos colonos. Assim, é de acreditar que o sr. Joaquim da Luz tenha, ele mesmo, solicitado que alguém traduzisse quaisquer artigos da lei para que Jamain pudesse avançar na escrita da sua solicitação. O « *serveteur* » francês parece ter seguido alguns dos conselhos, pois em sua carta ele utiliza as medidas corretas para fazer uma solicitação oficial de terras « *de deux lieux de terrain près le Palmital* »⁴⁶². A lei 49, diferentemente das demais leis imperiais de Colonização, era bastante específica na concessão de lotes de terras a

⁴⁵⁶Lettre de Jamain au Président de la Province, São Francisco do Sul, 12 avril 1842. AHJ.

⁴⁵⁷VIDAL, L. *op. cit.*, p.237-252.

⁴⁵⁸Lettre de Jamain au Président de la Province, São Francisco do Sul, 2 avril 1842. AHJ.

⁴⁵⁹CUNHA, R. P., *op. cit.*, 2011, p.76.

⁴⁶⁰PIAZZA, Walter. *O poder legislativo catarinense: das suas raízes aos nossos dias (1834 - 1984)*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.; Projeto memória política de Santa Catarina, Legislativo, 1842 - 1843. Disponível: http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/legislativo/deputado-provincial/legislaturas/71-4a_Legislatura Acesso: outubro de 2018.

⁴⁶¹SCHRODER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil*. Editora da PUCRS e Editora Unisinos, 2001. p. 79-82.

⁴⁶²Lettre de Jamain au Président de la Province, São Francisco do Sul, 12 avril 1842. AHJ

colonos nacionais e estrangeiros. Ela classificava a medida do lote por Colônia em função da utilização destas terras - agricultura ou criação de gados - e, também, a divisão entre colonos solteiros e casados com crianças.

« Art. 2. Para estabelecimento de Colonos, qualquer Empreendedor poderá escolher terrenos, onde os houver devolutos, ou caídos em comisso, os que serão divididos em sortes de terras na proporção seguinte: duzentas braças de frente por cada Colono solteiro; duzentas e cinquenta, sendo casado sem filhos, trezentas e cinquenta, sendo casado comum até três filhos; quatrocentas, sendo casado com mais de três filhos, todas com mil braças de fundo.

Art. 5. Os contratos entre o Empreendedor e os Colonos serão feitos por Escritura Pública ou por este modo ratificados, quando tenham sido feitos em países estrangeiros.

Art. 6. Cada Colônia se estabelecerá em um Distrito de duas léguas ao quadrado, cada légua será do comprimento de três milhas; cada milha do comprimento de mil braças (...)

Art. 13. Haverá também Colônias de criação de gado de qualquer espécie e para estas a extensão dos Distritos poderá ser elevada até o dobro do que se acha estabelecido no Artigo 6 (...)

Art. 17. Os Colonos que se estabelecerem em virtude desta Lei tem direito a proteção do Governo Provincial »⁴⁶³.

É claro que esta discussão acerca da segunda carta, escrita no dia 12 de abril, é apenas uma hipótese construída através de ínfimos vestígios. Talvez, Jamain não soubesse da chegada da embarcação *La Neustrie*. Todavia, não se pode negar que algo ocorreu naquele dia 12 de abril de 1842 nas terras do Palmital pois, Jamain despendeu parte do seu tempo para escrever duas cartas no mesmo dia. Enquanto uma foi de desabafo e desespero, a outra foi um pedido oficial de concessão de terras. Mesmo que não se possa conhecer o teor da correspondência que Jamain recebeu, e se as recebeu, nada impede de imaginar que uma ligeira brisa de esperança societária refrescou as faces endurecidas dos franceses do Palmital. De tantas incertezas, só existia uma verdade naqueles primeiros meses vividos nas terras do Sahy: o trabalho de cultivar as terras e construir uma casa para abrigar a todos, certamente, os esperava. O sonho industrial societário teve que ser suspenso, pois as necessidades reais da vida ganharam um considerável espaço no cotidiano. Eles deviam comer, dormir e ter o que vestir. Um viajante, que esteve na Colônia nos idos de 1843, escreveu que:

« Vi na Colônia do Sahy carpinteiros ocupados em lavrar a terra, curtidores em plantar, engenheiros a fazer valas, maquinistas em derrubar paus, finalmente fabricantes de maquinas de vapor rebocando paredes. É verdade

⁴⁶³SCHRODER, F., *op. cit.*.

que nisso foi algum tanto culpado o empresário, que a princípio devia mandar vir da França lavradores, para ao depois chamar artistas e maquinistas. »⁴⁶⁴

Neste tempo de sonhos societários interrompido e de incompatibilidades entre profissões e a realidade encontrada no Palmital, Jamain e Derrion, cada ao seu modo, tinham, ainda, outro trabalho que seria tão duro quanto dominar a natureza do Sahy. Ambos deviam aprender a administrar os seus ideais fourieristas naquele novo universo de vida. Compreender que as individualidades, os ideais, a intolerância e os desafios do trabalho não são vividos por todos da mesma maneira. Nass palavras de Arthur Bonnard, um fiel fourierista e amigo do dr. Mure, « *travailleur sociétaire, plein de foi et d'énergie* » possuidor de « *leur air calme, leur ténue sévère*⁴⁶⁵ », contrastando com o « *du nègre indolent, abruti pas l'esclavage, et qui couve la vengeance*⁴⁶⁶ », tinha sido escolhido para fecundar as terras do Brasil. No entanto, o que o sr. Bonnard não sabia é que a servidão por ideais também podia tornar os homens brutais, vingativos e cegos. Para aqueles franceses, outrora societários fourieristas, a única alternativa era o trabalho na terra esperando que a concórdia entre os ideais e a realidade um dia chegasse.

*

Nenhuma carta foi encontrada entre os meses de março e junho de 1842 que pudesse denunciar a presença de Michel-Marie Derrion nas terras do Palmital, do Sahy ou na vila. Tão pouco existe qualquer menção nos jornais do Rio de Janeiro sobre a partida de um francês do rio de São Francisco do Sul. No entanto, se Michel Derrion estivesse no Palmital no mês de abril, quando Jamain enviou as correspondências, é certo que sua assinatura constaria naquelas linhas. O único indício de sua presença é uma carta da Câmara Municipal de São Francisco do Sul, 23 de maio de 1842, que discute a questão das terras da Colônia do Sahy e as divisas com os terrenos de marinha⁴⁶⁷. Logo, é de se supor que ele tenha voltado para São Francisco do Sul no final de abril ou no início do mês de maio de 1842. De sua estada no Rio de Janeiro nenhum

⁴⁶⁴ *Colônia Industrial do Sahy*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1843.

⁴⁶⁵ BONNARD, A., *op. cit.*, p. XXI

⁴⁶⁶ *Idem*.

⁴⁶⁷ Carta da Câmara Municipal de São Francisco do Sul ao Presidente da Província de Santa Catarina, São Francisco do Sul, 23 de maio de 1842. APESC.

vestígio, até o momento, pode ser encontrado. Onde Michel Derrion esteve alojado; quais eram as suas condições econômicas; com quem ele se encontrou; houve pessoas que lhe forneceram informações ou auxílio; ele recebeu alguma carta ou encomenda; houve uma outra reunião com o sr. Ministro; ou ainda, ousou ele procurar os jornais para divulgar a história da Colônia Societária do Sahy? Ainda permanecem sem respostas. No entanto, entre o silêncio do personagem e a ausência de documentos há três certezas. A primeira é que Michel Derrion embarcou para o Rio de Janeiro na sumaca Conceição Maria⁴⁶⁸ no dia 12 de fevereiro de 1842. A segunda diz respeito aos propósitos desta viagem - esclarecer o Governo Imperial sobre os acontecimentos no Sahy e obter justiça aos societários de l' *Union Industrielle*⁴⁶⁹. A terceira é o quanto a experiência de Michel Derrion, como um homem engajado nos movimentos saint-simoniano e fourierista em Lyon e Paris, implicava em suas reflexões e decisões naquele novo universo.

A chegada ao Rio de Janeiro ocorreu depois de quase duas semanas de viagem. Michel Derrion estava sozinho e ele tinha uma importante responsabilidade como diretor de l' *Union Industrielle*. Certamente, ele deve ter sentido o peso do fracasso ou do sucesso. Aquela poderia ser a última oportunidade de realizar o sonho da comunidade societária que contava com 42 franceses instalados no Sahy sob a direção de Jamain. O verão e o calor estavam bem presentes, mas isso não era importante. Michel Derrion deve ter pego a sua mala, os documentos, os textos rabiscados de ideais e sonhos e a força de Jamain para atravessar o cais do porto capital da Corte e defender a *Union Industrielle* e enviar as cartas aos frères.

*

⁴⁶⁸Carta do Coronel Camacho ao Presidente da Provincia, São Francisco do Sul, 11 de fevereiro de 1842. AHJ.; Carta de Joaquim Gonçalves da Luz ao Presidente da Provincia, 12 de fevereiro de 1842. AHJ.

⁴⁶⁹*Union Industrielle*, Joseph Reynier, Journal Le Nouveau Monde, Paris, 1 juillet 1843. BNF.

2.7.1. Puzzle: uma peça chamada Jamain

Jamain teve o seu tempo à frente da *Société*. Ele experimentou bruscos conflitos com as autoridades locais, viu a morte de crianças, viveu o desespero da necessidade entre a falta de alimentos e de remédios e, ainda, sofreu a humilhação moral. Em cada um dos episódios, narrados em suas correspondências, pode-se notar a presença de um homem engajado numa causa e que deixou para trás o Velho Mundo-capitalista para se tornar « *un agents de transaction ; nous nous dévouons corps et biens, présent et avenir, nous et nous familles*⁴⁷⁰ » e, enfim, realizar « *l'émancipation pacifique par le travail* »⁴⁷¹. No entanto, a existência daquele mundo, onde a natureza era jovem, vivaz e pronta para receber « *les usines et grands chantiers pour concourir, avec l'homme, à la production des merveilles* », não era assim tão idílico. Jamain, ao conhecer a realidade dos detalhes em organizar e construir uma comunidade societária, em terras diferentes das quais ele nasceu e cresceu, a França, foi obrigado a confrontar o sonho com o real. Ele teve que encontrar maneiras para tentar se adaptar àquele novo universo, composto de novas regras sociais e políticas, e, ainda assim, continuar lutando pela causa que acreditava. Em todas estas experiências, bem intensas, as mudanças não foram assim tão evidentes.

As cartas escritas por Jamain deixam claro seus esforços e, até mesmo, os seus limites de homem e de militante. Por exemplo, na carta que escreveu a família Schutel, é possível de antever o desespero do homem que se via incapaz de agir frente às adversidades. Já em outras, pode-se observar a tentativa de adaptação no que tange a sua atuação fourierista nas terras catarinenses. No começo, ele era o diretor de *l'Union Industrielle*, depois diretor da *Société Industrielle* e, por fim, apenas « *votre serviteur* ». Estas mudanças não foram apenas uma mera formalidade para garantir favores. Muito provavelmente, Jamain estava tentando mostrar que, aos poucos, ele se adaptava àquela nova realidade social em que estava inserido. Quanto às pessoas que faziam parte de seu círculo, ele raramente mencionou nomes ou deu indicações de contatos realizados com os nativos. No entanto, existem dois homens que faz questão de nomeá-los: o Mure, sem indicar o termo doutor, e o Coronel Camacho ou, seguindo a sua escrita, « *Colonel Gamacho* »⁴⁷². Esta necessidade de marcar o Mure e o Coronel era, sem sombra de

⁴⁷⁰*Manifeste et Statuts de l'Union Industrielle, op. cit.*

⁴⁷¹*Idem.*

⁴⁷²Lettre de Jamain au Président de la Province, São Francisco do Sul, 12 avril 1842. AHJ.

dúvidas, uma maneira de expressar a injustiça que estes homens faziam e, sobretudo, apresentá-los como inimigos de *l'Union*. Entretanto, se naquele espaço eles haviam se tornado adversários, Jamain e Mure eram compatriotas e, acima de tudo, eles foram *frères*, será que não poderia haver uma reconciliação entre eles?

Jamain e Mure se conheceram na época em que frequentavam o grupo do *Journal du Nouveau Monde*, quando o segundo se propôs a viajar para o Brasil para conseguir um financiamento. Durante o ano de 1840, os dois chegaram a trocar correspondências para tratar de assuntos relacionados ao projeto de *l'Union Industrielle*. Porém, quando a falange chegou no Rio de Janeiro, o laço familiar entre os militantes se rompeu. Jamain, que pareceu querer guardar seus princípios de liberdade fourieristas, não pode aceitar o acordo tido por egoísta proposto pelo Mure. A servidão obrigatória a um só homem, além de tirar a liberdade, também não permitia alcançar a felicidade nem manter o amor próprio. O Mure havia, aparentemente, esquecido os ensinamentos de Fourier. Quanto ao Coronel, que lhe apoiou durante todas as disputas ocorridas no Sahy, este era a representação do velho poder cuja força oprimia « *les classes laborieuses* ».

A fidelidade de Antoine Joseph Jamain era admirável. Esta sua devoção à realização do ideal de Fourier, certamente, lhe causou problemas. Porém, todos os outros fatos, ou seja, o dr. Mure ter escondido o contrato assinado com o Império e os desacordos acerca da ausência do nome deste nos documentos de *l'Union*, também pesaram. Todavia, entre todas estas situações, Jamain que se sentia um fiel soldado em campo de batalha, também teve que lidar com a sua incompreensão em relação a língua nacional e a sua ideia de Colônia. Acerca deste ponto, em abril de 1842, ele escreveu:

« Certes Monsieur le Président il est beau de féconder une colonie ; mais nous notre tâche est plus belle que celle d'un colon, et c'est pourquoi nous ne voulons pas être colons, ce que nous voulons le voici ; nous voulons être frère avec vos concitoyens nous voulons qu'ils s'initient à nos industries, car vous le savez Monsieur le président les hommes passent, mais leurs travaux restant (...) »⁴⁷³.

Ao que tudo indica, a imagem do colono a ele apresentada, aquele que deve cultivar a terra e obedecer a um só homem, o perturbou. No entanto, a sua discussão sobre o colono não é pejorativa e nem tem o intuito de criar uma escala de prioridades no que tange ao trabalho. Seu desabafo está relacionado pura e simplesmente a sua compreensão societária de sociedade. Ou

⁴⁷³Lettre de Jamain au Président da la Province, São Francisco do Sul, 12 avril 1842. AHJ.

seja, ao dizer que ele não queria ser um colono é porque, de fato, ele não podia assumir tal papel. Na concepção de Fourier, que era também a sua, cada um dos homens e mulheres que fizessem parte da Colônia Societária deviam exercer suas funções conforme l'*attraction amoureuse du travail* e se reconhecerem quanto irmãos. Como tais, além de carregarem o lema do « capital, travail, talent »⁴⁷⁴, eles também acolheriam em seu meio « (...) *cette jeunesse brésilienne aura pour méthodes de travail, étudier les sciences appliquées et les industries* »⁴⁷⁵. Jamain, aparentemente, parecia acreditar na possibilidade de partilhar o conhecimento de uma educação industrial com todos e não apenas se limitar no cultivo da terra.

Para terminar o seu discurso, riquíssimo em engajamento e escrito de maneira, talvez, ingênua, Jamain, um modesto operário nascido em Paris, diz que « os homens passam, mas seus trabalhos restam »⁴⁷⁶. Aqui, não era o seu lado fourierista quem escrevia. Jamain, assim como Michel Derrion, iniciou a sua vida de militante no meio saint-simoniano. Logo, algumas combinações entre as duas correntes de pensamento podiam ocorrer. Em Jamain, isso ocorreu e o seu discurso, da realização de uma obra é dever de um homem, é a prova. O simples maquinista podia não ter tido uma educação nobre ou mesmo vindo de uma família de origens, no entanto, mesmo estando em terras que não eram as suas, tendo sofrido com a perda, de irmãos e da própria esperança, ele não deixou de desejar a todos do Sahy, até quando pode, que o espírito corajoso, industrial e societário se fizesse presente.

**

⁴⁷⁴*Almanach Social pour l'année 1841*. Paris: Librairie Sociale.

⁴⁷⁵Lettre de Jamain au Président de la Province, São Francisco do Sul, 12 avril 1842. AHJ.

⁴⁷⁶*Idem*.

2.8. Admirável perseverança:

O Império decidiu interromper o envio dos socorros ainda no primeiro trimestre de 1842⁴⁷⁷. Sem os pagamentos e sem outras receitas, a Colônia do Sahy provavelmente vivia por suas próprias custas, negociando o pouco das produções agrícolas e do corte de árvores. O grupo do Palmital, considerado dissidentes, além de não poder reclamar os socorros, ainda corria o risco de ser « condenado a prisão com trabalho »⁴⁷⁸ pelo não cumprimento da lei de Contratos de locação de serviços dos Colonos, caso o dr. Mure fizesse uma denúncia legal. Em tal situação, os dois grupos não tiveram outra opção senão aceitar « um arranjo tendente a unir os dois estabelecimentos, debaixo da direção principal do Dr. Mure »⁴⁷⁹.

A chegada do novo Inspetor à Colônia ocorreu no mês de junho de 1842. Avisados por correspondência, os franceses sabiam que, segundo o contrato de 11 de dezembro de 1841, o Império tinha o direito de nomear um responsável para averiguar o andamento dos trabalhos no Sahy⁴⁸⁰. No começo daquele ano, o deputado catarinense Jerônimo Coelho havia sido nomeado para o trabalho, porém, outras responsabilidades o impediram de levar a cabo o seu dever de Inspetor da Colônia do Sahy. Desta maneira, o sr. Ministro do Império precisava, com certa urgência, nomear um substituto. Acerca dos critérios que deviam ser preenchidos para a dita função muito pouco se sabe. No entanto, não é de se suspeitar que, além de ter uma carreira política consolidada e uma família de prestígio, era, também, preciso ter participado do meio militar. Com tais exigências, a Província de Santa Catarina não poderia ter fornecido um melhor exemplar de sua elite, senão, o sr. José da Silva Mafra. Nascido em Desterro, em 1788, no ano de 1842 ele se encontrava em sua 4^o legislatura de deputado. Em meio aos corredores da Assembleia ou nas trincheiras do exército, é de se supor que o novo Inspetor da Colônia do Sahy e o Coronel Camacho fossem colegas. Naqueles corredores do poder catarinense, também não é de se duvidar que ambos tenham trocado algumas informações acerca de questões políticas na Província de Santa Catarina e da presença dos franceses societários no Sahy. Se entre estes dois deputados havia alguma relação, é possível imaginar que o dr. Mure tenha

⁴⁷⁷*Ministério do Império*, Colônia Industrial do Sahy, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1842. BNRJ

⁴⁷⁸BOITEUX, *op. cit.*, 1944.

⁴⁷⁹*Ministério do Império*, Colônia Industrial do Sahy, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1842. BNRJ

⁴⁸⁰BOITEUX, H., *op. cit.*, 1944, p. 66-69.

recorrido ao seu distinto círculo catarinense de amizades políticas para obter alguns favores. O médico francês sabia que a situação da Colônia era bastante delicada, além da interrupção do pagamento dos socorros, nenhum contrato de trabalho ou venda de produtos havia sido firmado efetivamente e as divergências com o grupo de Jamain e Derrion haviam deixado marcas. Mesmo se a presença do sr. Silva Mafra tinha um claro objetivo, vistoriar a Colônia do Sahy, o médico estava ciente que a presença do parlamentar, possível colega de trabalho do Coronel, poderia mudar o rumo da história societária. Em outras palavras, os socorros voltariam a ser pagos e, talvez, outros investimentos poderiam ser repassados por parte do Império. Todavia, para que tudo isso fosse possível, o dr. Mure precisava apresentar uma boa imagem da Colônia. Ou seja, fazer com que constasse no relatório alguns bons trabalhos realizados e minimizar os efeitos provocados pelas animosidades com o grupo dissidente. Já o Inspetor, por sua vez, tinha a árdua tarefa de redigir o documento. Dos dois casos, não é difícil de acreditar que a obrigação deste último é que exigiria um pouco mais de sagacidade política.

O sr. José da Silva Mafra foi nomeado para ser os olhos do Império nas terras do Sahy. Como representante oficial, a ele era permitido aplicar as leis acerca dos acordos de trabalho para os colonos, averiguar se os investimentos concedidos foram bem aplicados e fornecer um parecer sobre o provável futuro da Colônia francesa do Sahy. Para esta delicada tarefa, é de se supor que o Inspetor tenha sido orientado a escrever um relatório que não criasse divergências, nem ao Império, nem a Colônia e tão pouco a Província. O sr. Silva Mafra era um deputado catarinense e, mesmo tendo a obrigação de zelar pelas leis do Império, ele devia, igualmente, encorajar o desenvolvimento da sua Província. Nesta encruzilhada do dever, tendo como incumbência agradar a todos, sobretudo o Império, é de se supor que o Inspetor tenha se utilizado de práticas nada convencionais, mas não menos legais, para produzir o documento.

O relatório da vistoria da Colônia foi publicado no *Jornal do Comércio* no dia 17 de julho de 1842. As primeiras linhas abordam os « estorvos que tem encontrado o Dr. Mure no andamento da colônia de que é empreendedor⁴⁸¹ » e a decisão dos dissidentes « se resolveu estabelecer-se no país e a trabalhar »⁴⁸². Acerca dos desacordos ocorridos entre os dois grupos, o documento é sucinto. O Inspetor, certamente, não tinha a mínima intenção de recommençar a querela que, aparentemente, havia sido apaziguada. Ao Inspetor, bem como para o Ministro do Império, o mais importante era assegurar « a prosperidade da colônia nascente que, sem infração do contrato de 11 de dezembro de 1841, se firmasse um arranjo tendente a unir os dois

⁴⁸¹Ministério do Império, *Colônia Industrial do Sahy*, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1842. BNRJ

⁴⁸²*Idem*.

estabelecimentos, debaixo da direção principal do Dr. Mure »⁴⁸³. Seguindo nesta linha, o sr. Silva Mafra garantiu, após alguns debates, a assinatura de um acordo. Infelizmente, este documento não foi publicado no jornal e, até o momento, não foi possível encontrá-lo em nenhum dos arquivos do Rio de Janeiro ou de Santa Catarina. O único detalhe que se conhece vem da pluma do próprio Inspetor, que cita um único artigo quando descreve a localização dos terrenos e encoraja a construção de uma estrada para interligá-los. Se a ausência do acordo não permite conhecer os pormenores, o relatório, em contrapartida, fornece certos detalhes acerca da Colônia do Sahy, a habilidade política do Inspetor, uma provável concepção fourierista e o papel do binômio Jamain e Derrion no Palmital.

O sr. José da Silva Mafra iniciou os seus trabalhos percorrendo as terras da Colônia do Sahy. Ao descrever o terreno devoluto, ele destaca que o mesmo não possuía uma saída para o mar. Porém, para possibilitar o desenvolvimento e estabelecer as indústrias de navais propostas pelo projeto inicial, o dr. Mure havia decidido comprar « um sitio que tem sofrível casa vivenda e algumas terras de cultura e pastagens⁴⁸⁴ » em frente a ilha chamada Alvarenga. O único detalhe que não é esclarecido pelo documento, é procedência do dinheiro que permitiu a compra daquela nova porção de terras. Aqui, é preciso lembrar que os socorros foram interrompidos ainda no primeiro trimestre de 1842 e, segundo os registros contábeis da Colônia, não havia quase nenhuma outra receita disponível que pudesse justificar tal compra. Para esta nova aquisição, é de se supor que o dr. Mure tenha solicitado o auxílio do Coronel Camacho. Como se sabe, os dois possuíam uma relação de proximidade. Já em relação aos socorros, o sr. José da Silva Mafra faz uma ressalva ao Império e destaca que « a menos se pague o que está vencido das prestações estipuladas do artigo 7 do contrato, rogo a V. Ex. se digne a providenciar para que não falte este pagamento, visto que com ele pode esperar-se que a colonização se firme e prospere (...) »⁴⁸⁵. Se houve uma certa preocupação em garantir a continuidade da Colônia do Sahy, ao grupo do Palmital, em contrapartida, a descrição é sucinta.

Os franceses dissidentes se estabeleceram num « sitio do Palmital, a sete léguas da vila de São Francisco e a margem esquerda do rio deste nome⁴⁸⁶ » que se encontrava « intermédio, quase se toca com o do Sahy sendo praticável abrir-se entre os dois uma comunicação que está projetada e é a de que se trata o artigo 10 do contrato de 15 de junho deste ano »⁴⁸⁷. Era neste

⁴⁸³Ministério do Império, Colônia Industrial do Sahy, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1842. BNRJ

⁴⁸⁴*Idem.*

⁴⁸⁵*Ibidem.*

⁴⁸⁶*Ibidem.*

⁴⁸⁷*Ibidem.*

estabelecimento que havia um « maior número de obreiros e mais perfeitos que no Sahy⁴⁸⁸ », cerca de 42. Todos estes, mesmo se a insubmissão e a desunião reinavam, trabalhavam sob a direção de « Jamain e Derrion » e consagravam seus dias à construção de « uma olaria, de montar uma forja e fabricavam carvão »⁴⁸⁹. No dito domínio, ainda havia uma « casa de vivenda pertencente ao sítio, algum arvoredado e pastagens⁴⁹⁰ », já existentes no terreno comprado, e a produção agrícola era bastante precária ou quase inexistente.

A Colônia e o grupo dissidente, como pode se ver, não tinham muitos trabalhos desenvolvidos. Mesmo se tudo parecia um pouco em desordem, o relato fornecido pelo Inspetor denota uma clara preocupação em afirmar ao Império que havia apenas uma Colônia. Ao repetir « Colônia do Sahy » e « estabelecimento do Palmital instalado numa área fronteiriça », o Inspetor afirma que os franceses, mesmo separados, respeitavam o contrato assinado em dezembro de 1841. Ou seja, eles estavam instalados entre « duas léguas quadradas de terras devolutas, na península do Sahy »⁴⁹¹. Tal apreensão não era à toa. Como um homem político, ele tinha conhecimento tanto das leis imperiais quanto das provinciais. Assim, caso ele apresentasse algo que indicasse a existência de duas colônias, todos sairiam perdendo. Do lado dos franceses dissidentes do Palmital, eles poderiam ir para a prisão e até mesmo serem obrigados a efetuar pagamentos de indenização ao Império. A Província de Santa Catarina, representada pelo próprio deputado, teria a sua imagem de boa administradora de colônias afetada. Já o dr. Mure, não receberia os socorros atrasados. O cenário na região do Sahy era complexo, isso não se pode negar. No entanto, o Inspetor soube muito bem utilizar de sua sagacidade para firmar o acordo entre os dois grupos e manter a descrição de uma colônia francesa. Ao que tudo indica, alguma concórdia havia, finalmente, chegado àquelas terras.

Alguma harmonia parecia reinar entre os franceses. Jamain e Derrion, por sua vez, após tantas reuniões para chegar a um acordo, tenham solicitado ao Inspetor e ao dr. Mure uma contrapartida para a assinatura do documento. Esta compensação, mesmo não sendo evidenciada no documento publicado no *Jornal do Comércio*, devia ter uma relação com os termos trabalho e desenvolvimento industrial. No seu relatório, o Inspetor anuncia a construção de uma estrada que tinha o objetivo de interligar os dois estabelecimentos. Este projeto, do qual se conhece apenas esta linha, não permite esclarecer seus detalhes. No entanto, é exatamente a ideia da existência de um estudo do terreno ligado com o conceito de desenvolvimento

⁴⁸⁸Ministério do Império, Colônia Industrial do Sahy, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1842. BNRJ.

⁴⁸⁹*Idem*.

⁴⁹⁰*Ibidem*

⁴⁹¹BOITEUX, H., *op. cit.*, 1944, p. 47-90.

industrial que denota a presença da concepção fourierista de Jamain e Derrion no acordo assinado com o Mure.

Os dois antigos dirigentes de *l'Union Industrielle* eram vinculados aos grupos do *Le Nouveau Monde* e ao Unioniste, que encorajavam as diversas práticas possíveis que visavam realizar a sociedade societária. Os *frères*, que se encontravam na primeira etapa de construção de tal sociedade eram conhecido por serem « *transiteurs* » e eles tinham o dever de « *Prendre toutes les dispositions nécessaires au départ, à l'installation de la colonie et à l'exploitation elle-même, donner l'impulsion aux travaux, former les premiers groupes et série de travailleurs* »⁴⁹². Logo, ao firmarem o « arranjo tendente a unir os dois estabelecimentos, debaixo da direção principal do Dr. Mure »⁴⁹³, Jamain e Derrion devem ter solicitado que algumas de suas concepções industriais fossem respeitadas. Ou seja, o estudo e o projeto da estrada, na verdade, era uma maneira de realizar, na prática diária da colônia, as convicções de uma economia associativa que reconheceria « *l'émancipation pacifique par le travail* »⁴⁹⁴ e seria, acima de tudo, « *la démonstration pratique* »⁴⁹⁵ do fourierismo. Se uma única linha do projeto de uma estrada permite formular uma hipótese acerca da concepção societária dos dois franceses do Palmital, a ordem dos seus nomes no relatório do sr. Inspetor, também, permite uma reflexão.

O primeiro nome que aparece, cada vez o sr. José da Silva Mafra cita o Palmital, é o de Jamain. Michel Derrion surge em seguida. Esta maneira de escrever os nomes pode ser compreendida como um mero acaso ou, simplesmente, uma escolha sem muita importância por parte do sr. José da Silva Mafra. No entanto, quando as divergências ocorreram nas terras do Sahy, entre os meses de janeiro e abril de 1842, deve-se recordar da presença de Jamain. Foi este operário parisiense, cuja história de sua vida é tão mais silenciosa que a de Michel-Marie Derrion, que enfrentou os desacordos e insistiu, nas correspondências trocadas com os poderes locais e provinciais, acerca das injustiças que ele e os demais franceses viviam. Jamain também foi o homem que viajou para Desterro, com o intuito de obter uma reunião com o presidente da Província no mês de fevereiro, com o objetivo de explicar todos os desentendimentos e conseguir algum tipo apoio. Ele também viu seus conterrâneos perderem suas vidas pela falta de medicamentos e, sem nenhum constrangimento, solicitou apoio a quem o acolheu em Desterro - a família Schutel. Nestes meses de desalentos, Jamain era o homem que esteve à frente do grupo do Palmital. Michel Derrion, por sua vez, se encontrava em viagem ao Rio de

⁴⁹²*Manifeste et Statut de l'Union Industrielle*, op. cit., p. 16.

⁴⁹³Ministério do Império, Colônia Industrial do Sahy, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1842. BNRJ.

⁴⁹⁴*Manifeste et Statut de l'Union Industrielle*, op. cit., p.04-08

⁴⁹⁵*Idem*.

Janeiro, com o objetivo de esclarecer as autoridades Imperiais acerca das discórdias ocorridas e comunicar aos *frères* na França todos os eventos. Em seu retorno ao Sahy, no final do mês de abril, reinava uma aparente concórdia. Isso quer dizer que o homem que tudo sabia não era Michel Derrion, mas sim Jamain. Para o Inspetor, que deve ter lido as correspondências trocadas entre os franceses e o poder da Província, parecia evidente citar primeiro Jamain e depois Derrion. Porém, isso não quer dizer que o parisiense estava sozinho naquela luta. É preciso lembrar que, numa das cartas em que solicitava terras, ele esclareceu que estas deviam ser registradas em nome de Arnaud, Jamain e Derrion. Ao que tudo indica, Jamain foi uns dos poucos soldados que reconhecia o termo *frère*.

O relatório publicado pelo sr. José da Silva Mafra fincou o primeiro pilar de uma colônia francesa do Sahy. Aparentemente, os termos societários e falansterianos não seriam mais utilizados para descrever aquele grupo.

« (...) estão lançados os fundamentos, existe o núcleo, e é de crer que ela vingará e prosperará com a chegada dos que estão engajados ... »⁴⁹⁶.

**

⁴⁹⁶Colônia do Sahy, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1843. BNRJ.

2.9. « Malgré les bonnes intentions »:

« A 10 de outubro, dia de aniversário da morte de Fourier, o Dr. Mure reuniu na capela de N. S. da Glória aqueles de seus discípulos presentes no Rio (...). No mesmo dia os colonos societários se reunirão na pequena vila do Rio de S. Francisco do Sul, para celebrar essa solenidade fúnebre. Do centro das florestas do Sahy e das ribeiras longínquas que conduziam ao Palmital todos corriam a esta justa religião. Uma missa era então celebrada, e o órgão da paróquia, que mudo a tantos anos, foi concertado por um falansteriano (...). O resto do dia era consagrado a divertimentos, e a noite um baile reunia os principais habitantes do país aos discípulos de Fourier (...). A conveniência que presidiu a reunião de 10 de outubro, os cânticos graves dos falansterianos, a perfeita harmonia que reina entre eles »⁴⁹⁷.

Uma comemoração em homenagem à morte de Charles Fourier ocorreu nas terras do Sahy e na vila de São Francisco do Sul no dia 10 de outubro de 1843. Não é possível precisar quem foi o encarregado de organizar. Talvez Jamain e Michel Derrion tenham conversado com Charles Leclerc, um dos franceses que morava no Sahy, e, juntos, tenham assumido a responsabilidade de organizar o festejo. O dr. Mure, bem naquele momento, estava morando no Rio de Janeiro. Sua partida havia ocorrido no mês de agosto de 1843. Aos que ficaram no Sahy e Palmital, a expressão fourierista « l'ordre et décence que n'ont cesse de regner »⁴⁹⁸ podia, finalmente, ser utilizada. Nas páginas do *Jornal do Comércio*, podia-se ler que « a Colônia do Sahy existe »⁴⁹⁹. No entanto, qual era a sua real existência e quais eram as mãos que lhe sustentavam?

O final do ano de 1843 foi marcado pela troca de correspondências entre Charles Leclerc e os poderes municipais e provinciais. Ele, que havia se tornado o diretor da Colônia do Sahy depois da viagem do doutor, escreve que os franceses « (...) inteiramente separados de interesses, nenhuma desinteligência se manifesta entre eles; pelo contrário, vejo reciprocidade de trato amigável nos colonos dos dois estabelecimentos e que se ajudam uns aos outros pessoalmente »⁵⁰⁰. Naquele ano, o número de compatriotas no Sahy era de 16 e no Palmital 22. Neste último, os franceses ainda eram administrados pela direção que eles elegeram em Paris,

⁴⁹⁷ *Colônia do Sahy*, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1843. BNRJ

⁴⁹⁸ La Phalange apud DESMARS, Bernard, « Festins harmoniens ou réunions militantes ? Les banquets phalanstériens de 1838-1849 », In : *Romantisme*, n°137, 2007/3, p. 25-35.

⁴⁹⁹ *Colonização*, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 4 de abril de 1844. BNRJ.

⁵⁰⁰ Rapport de Leclerc, Sahy, novembre 1843. AHJ.

ou seja, Jamain e Derrion. Ao que tudo indica, o acordo assinado com o Inspetor, em junho de 1842, não foi levado a cabo. No entanto, este não parecia ser o pior dos problemas.

No mês de dezembro de 1843, precisamente no dia 7, a Câmara Municipal de São Francisco do Sul produziu um novo relatório que avaliou o estado dos franceses nos dois estabelecimentos. O documento, mesmo enaltecendo o árduo trabalho realizado pelos poucos braços e o sacrifício em permanecer naquela natureza, deixam implícito que uma possível dissolução no Sahy ocorreria « por falta de gente e boa direção »⁵⁰¹. Já o estabelecimento do Palmital, que estava sob a direção do maquinista e engenheiro Jamain, foi descrito como a imagem da « miséria espalhada pelos indivíduos que o compunham »⁵⁰² devido a ausência dos recursos prometidos. A dissolução para este grupo era inevitável. O cenário, que não era dos melhores, tinha Jamain como o principal diretor do Palmital. Neste momento de desalento, por onde andava Derrion?

Não se pode saber, com toda certeza, se Michel Derrion havia se estabelecido com a sua família nas terras do Palmital. O único dado que se conhece é que, durante a avaliação da Câmara Municipal, ele estava ao lado de « sua mulher, seu filho, dito »⁵⁰³ trabalhando como « agricultores »⁵⁰⁴. Meses mais tarde, já nos idos de 1844, o nome de Jamain não aparece mais nos relatórios e nem nas cartas escritas pelos franceses, Michel Derrion e Charles Leclerc. Destes ínfimos detalhes, tudo o que se pode compreender é que os dois *frères* que atravessaram o Atlântico, em 1841, haviam rompido. Muito provavelmente, o desentendimento que levou os dois a se separarem foi a aproximação de Derrion com o Mure. E claro que se pode, também, cogitar que Jamain, cansado e sem esperança, tenha decidido partir. No entanto, os indícios de uma disputa entre os dois ex-diretores são bem mais evidentes.

Um dos franceses do estabelecimento do Palmital passou a se comunicar com o Mure, em meados de 1843, quando este já se encontrava no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, esta mesma pessoa também se aproximou do diretor do Sahy, então o sr. Charles Leclerc. A razão para tal atitude, reconstruir a relação com o Mure e Leclerc, residia, quem sabe, numa esperança de obter a redenção para o estabelecimento do Palmital. Em setembro de 1843 o médico francês publica uma nota no *Jornal do Comércio*. Além de enaltecer a Colônia do Sahy e o Mure, também, evidência a obstinação dos seus sócios, ou do sócio, que se encontrava no Palmital:

« Quando soubemos da chegada a esta capital do último navio de colonos que aqui veio, pus a disposição do estabelecimento chamado Palmital todos os

⁵⁰¹ Relatório da Câmara Municipal de São Francisco do Sul, São Francisco do Sul, 7 de dezembro de 1843. APESC.

⁵⁰² *Idem*.

⁵⁰³ *Ibidem*.

⁵⁰⁴ *Ibidem*.

recursos que estavam ao meu alcance, e que bastaram para a instalação desta expedição se o seu chefe não tivesse recuado diante de privações e trabalhos que os desertores da colônia que estão no Rio de Janeiro pintaram-lhe com cores carregadas e assustadoras, e que os seus sócios suportam, há dois anos quase, com admirável perseverança »⁵⁰⁵.

A « admirável perseverança ». Estas foram as palavras do dr. Mure para se referir aos sócios, outrora « pobres obreiros »⁵⁰⁶. A ausência de nomes não deixa claro quem são estes sócios. Talvez, Jamain tenha escrito para o Mure, mas é de se lembrar que aquele é quem vivenciou os piores momentos no início da colonização. Jamain acusou o Mure de « *ambitieux, vindicatif et inhumain* »⁵⁰⁷. Logo, para ele propor ou aceitar qualquer acordo com o médico, antes era preciso cicatrizar algumas feridas. Já Michel Derrion, devido a sua convicção em aceitar que « *tous les individus, sont de bonne foi* »⁵⁰⁸ e a sua ausência na Colônia durante os primeiros meses de 1842, é quem deve ter dado o primeiro passo para se aproximar do doutor. Este fato, da aproximação, só será comprovado no mês de julho de 1844, quando Michel Derrion passa a assinar as cartas enviadas como « *Directeur chargé d'affaires de M. Mure* »⁵⁰⁹.

A ausência de Jamain é eloquente. Com a viagem do dr. Mure para o Rio de Janeiro, o caminho estava aberto para que os dois societários tomassem as rédeas da administração da Colônia junto aos demais franceses. A chance estava ali, diante deles. Jamain e Derrion haviam percorrido um longo caminho para desistir. Ambos constituíram, na França, um estatuto nomeado *Union Industrielle*, atravessaram o Atlântico rumo a prática real de uma sociedade societária nas terras do Brasil, se silenciaram perante o desaparecimento da companheira daquele primeiro e, após inúmeras privações, conceberam o estabelecimento do Palmital. No capítulo desta história, que foi escrita pelo temperamento combativo de Jamain e pelo moderado de Derrion, o silêncio fala. Algo aconteceu. O motivo estava na aproximação de Derrion com o Mure. Jamain, por sua vez, deve ter decidido partir. Talvez, no futuro, os dois ainda pudessem se encontrar e apaziguar as diferenças. Porém, naquele momento do ano de 1844, as mãos de Derrion contavam com as de Leclerc.

*

⁵⁰⁵ *Colônia do Sahy*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1843. BNRJ.

⁵⁰⁶ Lettre de Mure, le 13 de février 1842. AHJ.

⁵⁰⁷ Lettre de Jamain au sr. Schutel, São Francisco do Sul, 28 février, 1842. AHJ.

⁵⁰⁸ DERRION, M., *op. cit.*, p.11.

⁵⁰⁹ Lettre de Michel Derrion au Président de la Province de Santa Catarina, São Francisco do Sul, 26 octobre 1844. AHJ.

O segundo semestre de 1844 trouxe mudanças para Michel Derrion. Além de assumir a direção da Colônia do Sahy, ele havia se instalado, com a família, na casa Picot, construída próximo ao mar. No edifício, onde moravam outros três compatriotas, não se pode saber se a ordem estabelecida respeitava os princípios fourieristas. De toda maneira, a dissolução do estabelecimento do Palmital fora solicitada pela Câmara municipal, assim, tudo que lhe restara era se instalar no Sahy. Talvez, Michel Derrion não tenha ficado tão desanimado com a mudança, pois a vantagem de se dirigir para aquela região era a proximidade com os poderes públicos e com o porto da vila de São Francisco do Sul. Como novo diretor, autorizado pelo dr. Mure, ele podia realizar quaisquer ações para adquirir fundos para a Colônia. No entanto, mesmo se houve um acordo entre os dois franceses, naquele ano, para o Império e a Província de Santa Catarina, o médico ainda era o único responsável. Isso quer dizer que, a direção de Michel Derrion era fictícia. Logo, por mais que houvesse a intenção de fazer prosperar o pouco que restara da Colônia do Sahy, a realidade vivida no cotidiano daquelas terras fez com que Michel Derrion enfrentasse uma espera.

« J'attends aussi de connaître les mesures que seront prises à l'avenir, pour savoir si je peux donner suite aux projets que j'avais conçus pour la prospérité d'un établissement industriel au Sahy »⁵¹⁰.

A espera que imposta a Michel Derrion não estava vinculada a um deslocamento entre um território e outro. Na verdade, ela consistia no aguardo, na expectativa de receber por parte das autoridades brasileiras o direito a administrar a Colônia e implementar a sonhada sociedade societária. Este período, que não pode ser desconsiderado, devido as angústias causadas pelos problemas burocráticos na demora de uma resposta por parte dos poderes públicos, nacional e regional, não inibiu o lionês de trabalhar. Assim, mesmo sem repostas, no segundo semestre daquele ano, Michel Derrion concebeu um novo documento para administrar o Sahy.

Em agosto de 1844, as mãos do lionês escreveram um novo *Statut* que devia reorganizar a Colônia. Ele foi assinado pelos cinco chefes de família que estavam instalados na região: Michel Derrion, Mangin, Raymond, Marshal e Charles Leclerc⁵¹¹. Tal como foi no caso da *Statut de l'Union Industrielle*, as mulheres não são mencionadas. Charles Fourier, no entanto, acreditava que a presença das mulheres devia ser igual ao do homem. Aparentemente, os *frères* ainda não haviam assimilado este importante capítulo da obra do Mestre. Será que a posição de Michel Derrion em não citar as mulheres vinha do seu passado saint-simoniano e as disputas

⁵¹⁰*Idem.*

⁵¹¹Copie du Contrat de la Société Industrielle du Sahy, fondé par M. Derrion, Sahy, 15 août 1844. AHJ.

ocorridas entre Rodrigues, Bazar e Enfantin acerca da presença feminina? Talvez. É claro que isto não passa de uma hipótese. De toda maneira, o *Statut* foi concebido e contava com cerca de 18 artigos e mais um anexo. Entre os dois documentos, há um quadro detalhado dos valores a serem cobrados pelo administrador que « *louera à partir du premier janvier mil huit cent quarante-cinq des logements portions de terre pour roças ou jardim (...)»*⁵¹², são os artigos e cláusulas que chamam a atenção. Primeiro, porque é possível observar o quanto as ideias e as leituras de Charles Fourier estavam presentes na concepção de vida de Michel Derrion. Num dos artigos, no terceiro, pode-se ler « *La Société représentée par son administrateur se propose pour but d'établir progressivement l'association intégrale selon la théorie de Charles Fourier* »⁵¹³. Além deste detalhe, o documento escrito pelo lionês é uma espécie de reestruturação do « *Système de colonisation agricole* »⁵¹⁴ difundido na Croix-Rousse entre os anos de 1834 e 1835. Quase dez anos após o fracasso da sua *épicerie sociale*, Michel Derrion teve, novamente, a chance de aplicar as proposições do Mestre e utilizar os seus conhecimentos em negociante. O último detalhe importante, e que poderia passar despercebido, é o artigo 18, em que se lê « *Le présent acte de Société fait suite et remplace celui du dix-neuf janvier mil huit cent quarante-deux* »⁵¹⁵. Quer dizer, o *Statut* redigido por Michel Derrion, e que era baseado nas suas leituras na época em que estava em Lyon, alterava o Contrato que o dr. Mure queria obrigar os franceses a assinar junto ao Juiz de Paz de São Francisco do Sul em janeiro de 1842. Este mesmo documento que fez Jamain, Michel Derrion e outros franceses tornarem-se dissidentes. Se somente dois anos após o contrato « *le maudit et égoïste* », palavras de Jamain, do dr. Mure foi alterado pelo lionês e os demais membros, isso quer dizer que, o acordo estabelecido pelo Inspetor da Colônia, em julho de 1842, e que tinha por objetivo reorganizar a Colônia do Sahy e o estabelecimento do Palmital, não tinha nem mesmo sido colocado em prática. Em outras palavras, é patente a desordem burocrática. Naquelas alturas, o documento respeitado foi o decreto assinado pelo Ministro Araújo Vianna, em 11 de dezembro de 1841, e que dava total poder ao dr. Mure. Todos os demais papéis, mesmo se Michel Derrion fizera um esforço para encorajar os seus compatriotas a conceberem e trabalharem sob uma nova ordem fourierista, não tinham nenhuma validade administrativa.

O cotidiano nas terras do Sahy era difícil, tanto a nível de trabalho diário quanto nas decisões políticas. Era nesse contexto que Michel Derrion se encontrava. Ele aguardava uma

⁵¹²*Idem.*

⁵¹³*Ibidem.*

⁵¹⁴BOUFFENOIR, M., *op. cit.*, 1913.

⁵¹⁵*Idem.*

resposta de seu papel de administrador da Colônia, com um novo *Status* que defendia, ainda, os seus ideais fourieristas. De uma certa maneira, o lionês buscou respeitar as normas e, sobretudo, cumprir os seus deveres para com as autoridades brasileiras.

Entre setembro e outubro do ano de 1844, o lionês recebeu um decreto imperial, encaminhado pela província, solicitando o envio de um relatório detalhado da Colônia. O documento, elaborado somente no mês de dezembro, contém cerca de nove páginas e foi escrito em francês. As minúcias existentes, além de apresentarem uma riqueza impressionante de detalhes, também denota o quanto aquele espaço, outrora visto como uma realização societária, se tornara numa imagem de ruínas e tristezas. Para escrever tal *adendum* da Colônia, pois era quase um ato de fechar as portas, o lionês certamente dedicou alguns dos seus dias para viajar por todo o domínio concedido pelo Império à Colônia.

« (...) un terrain montueux entre coupé par des précipices pendant l'espace d'environ une lieue à cette distance se trouve la vallée du petit Sahy susceptible de culture et ou M. Mure avait choisi les deux lieux de la concession autogruée par le gouvernement et sur lesquelles le chemin se prolonge de demi lieue en plus sur le fleuve on voit encore les débris des matériaux pour la construction d'une écluse qui n'a pas été achevée, on voit aussi sur la bordure les ruines de nombreuses et grands caser couverts en paille que la végétation envahit et étouffe et dont l'humidité a pourri presque toutes les toitures (...). Pour le moment le terrain de la concession n'est pas habité quelques colons y vont par intervalle récolter ce qu'ils y ont planté mais l'éloignement de la baie et la difficulté de transport a fait désertes successivement tous ceux qui s'y étaient fixés »⁵¹⁶.

Mesmo se as suas palavras narram os destroços, ao final de seu relatório Michel Derrion tenta convencer que era possível reconstruir algo naquelas terras. Ao que tudo indica, ele ainda não tinha perdido a esperança:

« (...) à moi de parler de la sorte j'oserai dire qu'ici la faiblesse du nombre est compensée par la valeur des individus ! Et en effet il y a parmi nous trois ou quatre personnes données d'une persévérance à toute épreuve, possédant non seulement de grandes connaissances scientifiques et industrielles mais capables aussi par leurs nombreuses relations en France d'établir un mouvement d'émigration dans les classes ouvriers (...) »⁵¹⁷

No entanto, entre a produção do relatório, o seu envio e o momento de espera, em relação ao seu pedido de se tornar diretor efetivo, o que o Michel Derrion ainda não sabia é que o próprio imperador do Brasil já havia tomado uma decisão:

⁵¹⁶ Rapport de Michel Derrion sur la Colonie du Sahy, São Francisco do Sul, 30 décembre 1844. AHJJ

⁵¹⁷ *Idem.*

« (...) garanta estes que, não sendo das suas benévolas intensões privá-los do fruto de seus trabalhos, antes ajudá-los, para que melhor possam eles progredir, atenta a prova que pelo fato da continuação da sua residência tem dado do seu caráter laborioso e da sua adesão ao País, deve V. Ex^a conservá-los nas casas, ou ranchos, que atualmente ocupam ainda que pertencentes ao estabelecimento por qualquer dos títulos indicados e deixar-lhes o domínio útil daquela porção de terreno que [...] puderam cultivar, no caso de que alguns tenham cultivado já »⁵¹⁸.

Sem legalizar abertamente o fechamento da Colônia Industrial do Sahy, criada em 11 de dezembro de 1841, as palavras do Imperador não deixam dúvidas quanto ao futuro dos franceses e das terras concedidas. Aos que cultivaram a terra, nela podem ficar. Quanto aos demais, que novos caminhos lhe fossem abertos.

Não se sabe o momento exato que Michel Derrion soube da decisão do Imperador e tão pouco se pode avaliar a que ponto a carta afetou a sua vida e dos demais franceses. Entre tantos silêncios, o certo é que em janeiro de 1845, sua companheira e seus filhos se dirigiram para o Rio de Janeiro. Talvez, num último golpe de persistência, um tanto cega devido aos seus ideais, Michel Derrion continuou instalado no Sahy até janeiro de 1846. No entanto, em setembro de 1845, ele comunicou ao Presidente da Província de Santa Catarina a sua viagem ao Rio de Janeiro para « *d'activer par correspondance la formation d'une compagnie d'actionnaire et d'une agence s'occupant à la recherche et d'envoi de colons* »⁵¹⁹. A espera e a esperança haviam terminado, ao menos, naquelas terras no sul do Brasil.

⁵¹⁸Carta do Império do Brasil à Província de Santa Catarina, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1844. Fundo Império do Brasil, Série Intério. ANRJ.

⁵¹⁹Lettre de Michel Derrion au Président de la Province, Colônia do Sahy, 30 août 1845. AHJ.

2.10. Les tentatives d'une vie:

Michel-Marie Derrion a vu l'immigration se réaliser grâce à un idéal. La traversée de l'Atlantique vers le Brésil n'était pas seulement une image d'espoir pour cet homme engagé. Elle était la représentation d'une transition. En d'autres termes, il était le personnage de transition, la fonction de mettre en pratique les premières structures pour que le régime sociétaire, pensé par Charles Fourier, puisse se réaliser. Michel Derrion savait que son rôle était d'être un simple serviteur dans ces premiers instants. Quant aux autres qui ont pris la décision de suivre l'idée, ils devaient se conformer aux règles qui avaient été fixées lorsque les réunions ont été réalisées à Paris. Si Michel Derrion avait cette conviction en lui-même, dès son arrivée au Brésil en 1841, avec toutes les difficultés d'une confrontation interne au sein du groupe, quelle serait la meilleure attitude à adopter ?

La position de Michel Derrion, selon toute probabilité, était de rester fidèle à ses convictions. C'est-à-dire d'être contraire à tout type de dispute. Pendant la période dissidente, son absence en tant que directeur et défenseur d'un projet commun, auquel il croyait lui-même, a été éclipsée. Dans les conflits, d'autres personnages ont pris la position de la confrontation, soit avec le Dr. Mure, soit avec les autorités brésiliennes. Alors, s'il est resté fidèle à ses principes, quelles ont été les conséquences pour lui-même ?

Or, sa fidélité, ou son aveuglement, lui apportait une incompréhension d'une partie de l'environnement dans lequel il se trouvait. En d'autres termes, sa posture a interféré dans sa manière d'entrer en relation avec la société et le pouvoir brésiliens. Michel Derrion, en quelque sorte, n'a pas su comprendre comment les relations politiques et économiques établies au Brésil fonctionnaient. Pour cette raison, il a connu une usure culturelle et politique considérable. Sur le plan culturel, sa méconnaissance de la langue brésilienne lui fait vivre des quiproquos et lui a limité la connaissance des lois du pays. C'est évident que Michel Derrion n'était pas contre les gouvernements et l'ordre établis, c'est la décision qu'il a prise en son temps comme militant de la Croix-Rousse. En vrai, son but était d'établir un commerce social et de réaliser la transition des régimes sociétaires. Toutefois, vivre dans un autre pays et maintenir la même façon de se mettre en relation avec la politique et la culture, certainement, n'était pas la meilleure décision.

C'est évident que l'échec de la Colonie de Sahy n'était pas de sa responsabilité. Son insistance à demander la direction et d'autres financements, en lettres écrites en français et sans respecter les consignes bureaucratiques, montre combien il ne savait pas, ou ne voulait pas,

s'adapter au nouvel environnement dans lequel il se trouvait. D'une certaine manière, Michel Derrion a essayé de vivre entre deux mondes lorsqu'il s'est installé au Brésil. L'un d'eux était la pensée idyllique d'un régime sociétaire, l'autre était la vie quotidienne et sa dure réalité.

CAPÍTULO 3

3. Un peu de moi-même, Michel :

La vie privée chez les hommes engagés est presque toujours silencieuse. La famille, les enfants, les amours ou même les petits souvenirs d'une jeunesse sont, généralement, mis de côté parce que les paroles d'ordre et de transformations sont devenues l'hymne de leur vie. Le sentiment d'appartenance au mouvement, peu importe lequel, au-delà de ces principes fondateurs qui les unissent dans une grande Famille, se mesure toujours par la servitude et la loyauté. Ainsi, les jours, les heures, les mots, le corps et le cœur doivent être toujours en possession des idéaux et il n'y a pas d'existence individuel si le collectif ne règne pas. Dans ce milieu où l'attachement et le groupe jouent un rôle d'extrême importance dans la vie, à la fois les uniques moments personnels sont ceux liés à l'écriture. Cette dernière, qui sert autant d'évasion que de prison, porte des mots qui révèlent une souffrance de soi-même. L'historienne Michelle Perrot a amené une enquête sur la vie de l'ouvrière de la soie du Dauphiné Lucie Baud⁵²⁰. Dans son livre, conçu à partir d'un récit laissé par le personnage, l'historienne présente une femme qui est devenue la porte-parole du mouvement syndical d'action directe à la fin du XIX^{ème} siècle. Pendant le parcours de vie retracé, au-delà de tous les défis de l'écriture biographique, la chercheuse aborde un point important dans la vie de ceux qui se consacrent à des idéaux, la crise militante et la tentative de suicide. Dans les deux cas, le contexte du chagrin personnel et la déception collective sont souvent liés et ils peuvent causer des dégâts moraux assez profonds. Alors, Michel Derrion a-t-il souffert à un tel point ?

Pour composer ce dernier chapitre, qui parle en quelque sorte de la souffrance du personnage avec ses idéaux, je suis partie d'une phrase écrite par Michel Derrion en 1847 « Heureusement que je ne me fatigue pas facilement ». Pourtant, avant d'élucider son rapport mélancolique avec la vie qu'il a choisie, il me fallait d'abord trouver les traces du personnage dans les rues du Rio de Janeiro entre 1846 et 1850. Ainsi, à la recherche de quelques données, j'ai trouvé des annonces faites par le Lyonnais dans les journaux de la ville, deux lettres écrites par lui, une lettre de son frère fouriériste Huger et son acte de décès. De ces documents, assez faibles, il a été possible de tracer un itinéraire du personnage dans la ville, quelques relations d'amitiés et sa participation dans la société brésilienne. Entre une rue et une annonce de journal, l'homme appelé Michel Derrion apparaîtrait ainsi que ses faiblesses.

⁵²⁰PERROT, Michelle, *Mélancolie ouvrière*. Paris: Editions Grasset & Fasquelle. 2012.

3.1. Encontros:

Lucie e os meninos estavam estabelecidos no Rio de Janeiro desde os primeiros meses do ano de 1845⁵²¹. Ao escrever a sua última carta para o Presidente da Província de Santa Catarina, em 30 de agosto daquele mesmo ano, Michel Derrion anunciou sua viagem à capital do Império para o final do mês de setembro. Entre a carta e a viagem, quase cinco meses se passaram. Deste período, não se tem nenhum vestígio de sua atuação nas terras do Sahy. No entanto, nada impede de supor que o atraso de sua viagem esteve diretamente ligado ao seu trabalho de diretor da Colônia do Sahy. Michel Derrion, muito provavelmente, passou o seu tempo a contabilizar os aluguéis dos terrenos, a venda das madeiras cortadas e, acima de tudo, viabilizar a compra dos grãos para iniciar as novas plantações. Era primavera e as plantações de milho, feijão e mandioca deviam ser iniciadas. Nas páginas do *Jornal do Comércio* é possível de se ler:

« No lugar da Casa da Farinha há sete homens que trabalham em derrubadas, e dizem que debaixo da inspeção do Mr. Derrion, algumas vezes trabalham no Sahy (...) »⁵²²

Se todo o trabalho nas terras do Sahy foi finalizado por Michel Derrion e pelos demais homens, muito pouco se sabe. Em contrapartida, no mês de janeiro de 1846, ele embarcou no porto de São Francisco do Sul rumo a capital do Império. Muito provavelmente, o seu embarque foi solitário, com poucas malas e carregado de fraquezas.

No dia 27 de janeiro de 1846, após oito dias de viagem, a sumaca Nova Telles atracou no Rio de Janeiro trazendo a bordo o « francês Miguel Derreon »⁵²³. Fazia quase quatro anos que ele não via a cidade. Acerca de sua chegada, tudo que se pode saber é que Lucie e os meninos o esperavam. É de se acreditar que ele tenha escrito duas cartas, uma a sua família e outra ao dr. Mure. Michel Derrion sabia que precisaria da sua ajuda deste último para estabelecer quaisquer contatos na capital que pudessem lhe ajudar a adquirir novos financiamento e acordos para que a Colônia do Sahy pudesse continuar a existir. Mesmo se a dissolução foi proposta pela Câmara Municipal de São Francisco do Sul, em 1844, até aquele

⁵²¹VIDAL, L., *op. cit.*, p. 276

⁵²²*Colônia do Sahy até o Rio de São Francisco*, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1844. BNRJ.

⁵²³*Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, 27 janeiro de 1846. BNRJ.

momento, ele ainda era o diretor. Era preciso lutar. No entanto, se todas as suas tentativas na capital falhassem, ele podia tentar trabalhar com o doutor. Afinal, desde setembro de 1843 que a querela entre os dois havia sido resolvida.

No Rio de Janeiro, o lionês *Unioniste* teria que aprender a explorar um novo universo, bem como estabelecer novas relações. Talvez ali, naquelas terras, ele não precisasse mais falar o seu minguado português, aprendido no dia a dia no Sahy, apenas para efetuar as negociações. Sua vida seria diferente, pois ele estaria em meio aos seus. Talvez a experiência de uma vida nos cantões perdidos do Sahy tenha sido deixada para trás. Quem sabe, as ruas da capital lhe mostrariam novos rumos para o seu futuro.

Michel Derrion devia se dirigir até a praça do Morro do Castelo, encontrar o número 17, e rever Lucie e os meninos.

**

3.2. Destino e destinos:

Entre os anos de 1843 e 1844, o oficial da Marinha Siciliana, Eugenio Rodriguez, esteve em serviço no Brasil. Durante sua estada, ele produziu um mapa da região central da vila de *São Sebastião do Rio de Janeiro* no qual se pode observar os limites de cada freguesia, a partir de cores: Santa Ana – branco; Santa Rita – azul; Candelária – amarelo; Santo Sacramento – verde; São José – rosa. Quanto ao nome das ruas e praças, somente as principais foram nomeadas pelo autor. Para todas as demais, o oficial estabeleceu números. A partir do detalhado trabalho de Eugenio Rodriguez, é que se pode observar um pouco do traçado urbano da cidade nos idos de 1844 e 1845.



Fig. 5.: RODRIGUEZ, Eugenio, *Pianta della città di S. Sebastiano di Rio de Janeiro*, Nápoles, Itália, Real Litografia Militare, col., 42 x 64, 1844.

As principais ruas que atravessavam as freguesias de São José, Candelária e Santa Rita - no sentido sul-norte - eram da Direita, da Quitanda e do Ourives. Esta última, segundo o mapa do oficial italiano, representava o limite entre as freguesias da Candelária e do Sacramento. Já no sentido leste-oeste, as principais ruas que faziam a comunicação entre a região do Paço e o

interior da cidade eram as da Alfandega, do Hospício, do Ouvidor, da Assembleia e São José. Neste traçado central, os comércios e estabelecimentos em geral possuíam uma maneira bastante particular de se organizar. A rua dos Ourives, por exemplo, ainda mantinha alguns comércios ligados ao passado da exploração do ciclo do ouro. Era nesta estreita via que se encontravam os principais fabricantes de joias e vendedores de ouro da região. No caso dos estabelecimentos de venda de tecidos, das empresas de exportação de açúcar, das casas de câmbio e das companhias de viagens e de locação de barcos, a forma encontrada foi a de se estabelecer no entorno da região da Candelária e Santa Rita, ajudando a compor o burburinho comercial do porto. Já os demais comércios, como as lojas de secos e molhados, as pensões, ou seja, casas alugadas por famílias ou indivíduos, as salas de costura e mesmo as casas que serviam aos prazeres mundanos – os lupanares –, se situavam mais no interior, a partir da rua da Quitanda, na parte leste da cidade. É claro que nesta rede urbana, onde as relações porto-comércio eram de extrema importância, também existiam algumas operações e estabelecimentos dispersos por ruas das freguesias da capital. Pode-se citar as igrejas e as suas ações religiosas, as escolas para os órfãos, as livrarias, as casas de impressão e os negociadores de escravos⁵²⁴. Este arranjo urbano e comercial ajuda a compreender o movimento de pessoas, que se assemelhava a uma onda que se mantinha em duas direções por entre as ruas das freguesias. Num primeiro momento, logo cedo, o deslocamento se dava no sentido do interior da freguesia para o porto. Era uma agitação composta por todo tipo de pessoas - trabalhadores, escravos, religiosos, intelectuais - que buscavam o murmurinho das transações diárias e que percorriam a rua da Alfandega e do Mercado, a rua Direita em direção à Praça Pedro II, o cais Pharoux e a praia de Dom Manoel. Já no final das tardes, a movimentação da onda dava-se no sentido inverso, ela deslizava da direção o do porto para o interior. Para alguns, após uma longa jornada de trabalho, chegara a hora de voltar para casa. Era preciso atravessar a freguesia da Candelária, sentido rua da Quitanda, para finalmente encontrar o sossego do quarto alugado nas pensões. Mas não era todos que seguiam essa a corrente do final da tarde. Havia alguns viris que não hesitavam em percorrer as ruas do entorno do porto e das praias iluminadas à meia luz. Para este bando, talvez ladino, um outro fluxo se formava durante a noite. Ardilosos e

⁵²⁴A partir de notes de journaux, les témoignages de deux voyageurs français et la thèse de Roberto Guedes Ferreira a été possible d'esquisser un petit catalogue sur quelques activités commerciales plus pratique dans la région centrale de la ville du Rio de Janeiro pendant les années de 1844 - 1847. Cf. *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1848-1850. BNRJ.; FERREIRA, Roberto Guedes. *Na pia batismal: Família e Compadrio entre escravos na freguesia de São José do Rio de Janeiro (primeira metade do século XIX)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.; TOUSSAINT, Adèle, *Une Parisienne au Brésil*. Paris: Paul Ollendorff éditeur. 1883.; EXPILLY, Charles. *Le Brésil tel qu'il est*. Paris: Chailieu et Huillery. 1863.

maliciosos, estes tipos de “gentes” andavam por entre as ruas da cidade à busca de todo tipo de prazeres. Dia e noite, a cidade do Rio de Janeiro, naqueles idos de 1845, era composta por ritmos e fluxos distintos entre pessoas e bens.

A rua que percorria toda a Candelária e ligava as duas as freguesias de São José, na parte sul, e Santa Rita, ao norte, era a rua da Direita. As explicações da origem do nome desta rua são inúmeros. Uma delas, talvez a mais evidente, é a de que o seu traçado foi estabelecido a partir de um sentido direito e paralelo ao mar. Já a outra versão, ligada a questões de praticidade e a presença de colonos portugueses chegados no Rio de Janeiro por volta do século XVI, narra a construção de um caminho reto, direto e rápido para que aqueles pudessem se deslocar facilmente em caso de invasão, pirataria ou guerra. Nesta interpretação, a ideia de estabelecer um simples traçado que ligasse os dois extremos da cidade, sul - Morro do Castelo e o norte - Morro São Bento⁵²⁵, e margeasse a praia, garantia uma visão geral do mar e do interior da cidade. Se a origem da rua da Direita é militar ou um mero acaso, o que importa é que, na primeira metade do século XIX, esta via se tornou uma importante artéria econômica e social da Corte. Quase tudo acontecia por lá. As mercadorias mais simples que chegavam pelo porto e abasteciam as vitrines dos comércios nas ruas do Ouvidor, da Quitanda, do Ourives e do Rosário deviam cruzar a Direita. Os jornais e livros que chegavam em caixas, alguns se perdiam e seus reclamantes faziam questão de anunciar o infortúnio nas páginas do *Jornal do Commercio*, também percorriam uma parte da rua da Direita. Os livros da Garnier & Irmãos, instalada na rua do Ouvidor, as impressões da casa Teixeira & Comp. e da Bintot⁵²⁶, também, deviam percorrer aquela rua. Tanto movimento, só poderia animar a abertura da primeira sorveteria do Rio e a famosa pâtisserie do M. Carceller⁵²⁷ naquele movimentado caminho. Era naquela mesma rua, a da Direita, que podia se ver, agrupadas pelas calçadas, as « *belles négresses au costume pittoresque*⁵²⁸ » com os pés nus e portando seus tabuleiros. Nativos e estrangeiros podiam sentir o cheiro das frutas, que « *sont des mangas, des oranges, des cambucas, des figues (elles sont détestables), des cajous – ce fruit jaune et rouge qui faisait les délices de João VI*⁵²⁹ », e de outras guloseimas delicadamente expostas na bandeja. As casas

⁵²⁵FERREIRA, R. G., *op. cit.*, p.61.

⁵²⁶Infelizmente, as informações acerca das duas tipografias Bintot e Teixeira não são suficientes para estabelecer relações sobre as atividades desenvolvidas. Em contrapartida, a *librairie Garnier* existe o texto DEAECTO, Marisa Midori. « B. L. Garnier et A. L. Garraux: destins individuels et mouvements d'ensemble dans les rapports éditoriaux entre la France et le Brésil ». In.: VIDAL, L.; DE LUCA, T. R., *op. cit.*, p.451-469.

⁵²⁷A confeitaria que apresentava como sendo um dos fornecedores da Casa Real e a mais antiga da cidade (1824) era a “do Leão”, dos franceses José Thomaz Carceller e H. Fournier, situada à rua do Ouvidor nº 30. Em 1847 ela se transfere para a rua da Direita. Ela foi imortalizada nas Memórias da Rua do Ouvidor de Joaquim Manoel de Macedo.

⁵²⁸EXPILLY, C., *op. cit.*, p.58-59.

⁵²⁹*Idem*.

possuíam varandas e possuíam « *un ou deux étages, peintes de diverses couleurs, ayant, pour la plupart, leurs balcons garnis de stores rayés blanc et rouge* »⁵³⁰. Próximo ao mar, ainda na rua da Direita, estava a praça Dom Pedro II, a igreja *Nossa Senhora do Carmo* e a Capela Imperial, o palácio Imperial e a Assembleia dos deputados. Esta última, já localizava nos limites da rua da Direita com a rua da Misericórdia. Foi bem nesta região limítrofe, que a pequena igreja de São José foi erigida. Era nesta mesma região, na fronteira do Largo do Paço e a praia do Peixe, que havia se estabelecido um outro porto. Nele, alguns viajantes, marinheiros e quaisquer outros habitantes chegavam em pequenas e médias embarcações. A rua da Direita era, sem dúvida, uma combinação de comércios, negociações, cheiros, vozes e pessoas.

A rua da Quitanda, paralela à rua da Direita, foi descrita por Expilly, francês que viveu no Brasil nos idos de 1850, como umas das ruas onde os « *patrons, à la veste ronde, au charuto fiché derrière l'oreille, et ces caixeiros, alertes, vifs, pétulants, mais sales* »⁵³¹. Ali se encontravam « *le commerce de la toilerie, de la draperie de la soierie, des étoffes* »⁵³² e demais lugares em que se podia alugar e comprar escravos.

« *On demande à louer ou à acheter un nègre tonnelier, rue da Quitanda n.54* »⁵³³.

Um pouco mais ao interior, ainda paralelo a rua da Direita e a da Quitanda, estava a rua dos Ourives. Controlada pela Guarda real, durante o tempo de exploração do ouro na região de Minas Gerais, era ela quem estabelecia, num contexto imaginário, os limites entre o interior da cidade, onde se encontrava as casas de família, e a área destinada ao porto. Era também nesta rua, num dos prédios de dois andares que compunham o seu conjunto arquitetônico, mais precisamente no número 21, que se localizava a casa de impressão Teixeira e Comp.. Além dos produtos corriqueiros vendidos, como calendários, agendas e livros, em suas prateleiras também eram expostos os exemplares dos livros de homeopatia, as publicações da « *Theorie Sociétaire ou Phalanstérienne* »⁵³⁴ com os seus catálogos explicativos. Estes, distribuídos, certamente, pelas mãos de Michel Derrion.

No sentido porto-interior da cidade, tendo sempre a rua da Direita como ponto principal, as ruas que atravessavam a freguesia da Candelária eram a do Sabão, da Alfandega, do Hospício, do Rosário, do Ouvidor e da Assembleia. Mesmo se a rua do Ouvidor era conhecida

⁵³⁰TOUSSAINT, *op. cit.*, p.43.

⁵³¹EXPILLY, C., *op. cit.*, p.80.

⁵³²*Idem.*

⁵³³A nota do jornal esta escrita em francês. *Negócios*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 27 janvier 1842. BNRJ.

⁵³⁴*Notícias*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1848. BNRJ.

pelo seu toque francês, como as boutiques e jornais, as demais ruas da região também tinham as suas particularidades. O entorno das ruas do Sabão, do Hospício e da Alfandega, a partir da rua da Quitanda, era conhecido por ser o « *foyer de la galanterie brésilienne*⁵³⁵ ». Era nesta região que « *descendent les senhoras des îles qui viennent à Rio pour y faire fortune (...) lorsque la grande chaleur est tombée, accoudées aux fenêtres, une rose dans les cheveux, une autre à la main, et souriant aux senhores moços qui passent* »⁵³⁶. Na rua do Sabão, não era as rosas ou os sorrisos que tinham espaço. Ali, estavam instaladas as máquinas da tipografia do M. Bintot. O trabalho, que exigia hábeis olhos para organizar as letras que seriam colocadas numa das duas superfícies planas da máquina para, em seguida, serem prensadas no papel, deixavam as mãos quase sempre sujas de tinta preta. Ao final de tanta labuta, as impressões das folhinhas, dos convites e dos pequenos periódicos haviam valido cada gota de tinta. Michel Derrion podia não conhecer todos os detalhes do trabalho no interior de uma tipografia. No entanto, isso não o impediu de negociar com o M. Bintot um pequeno espaço, nas prateleiras daquela, para expor os seus catálogos e livros da « *Theorie Sociétaire ou Phalanstérienne* »⁵³⁷. Seguindo no sentido sul da Candelária, próximo à rua do Sabão, estava a rua do Hospício. Era nesta ruela que se estabeleceu a *Société Française de Bienfaisance*⁵³⁸ e a *Chancellerie de la Légation de France*. Estas duas instituições eram as responsáveis por fornecer aos franceses recém-chegados, bem como a todos os demais que se encontravam estabelecidos no território, informações e auxílios para qualquer tipo de dificuldade. Michel Derrion conhecia todas as duas. Entre dezembro de 1841 e janeiro de 1842, devido os imprevistos que viveu com os demais conterrâneos, ele foi obrigado a solicitar apoio àquelas duas casas. Em seu retorno ao Rio de Janeiro, em 1846, é de se supor que Michel Derrion tenha entrado em contato com cada um dos diretores daquelas instituições. Para ele, tanto a *Société* quanto o Consulado, cada qual com suas relações, podiam ajudá-lo a encontrar futuros apoiadores para a Colônia do Sahy ou « *d'actionnaire et d'une agence s'occupant à la recherche et d'envoi de colons* »⁵³⁹. Porém, para poder ter acesso a esta rede de contatos, Michel Derrion sabia que precisava participar das reuniões da *Société* ocorridas na sede do Consulado⁵⁴⁰. Se as ruas do Hospício e a do Sabão garantiam importantes relações à Michel Derrion, as demais ruas ao sul lhe faziam lembrar da sua França.

⁵³⁵EXPILLY, *op. cit.*, p.78.

⁵³⁶*Idem.*

⁵³⁷*Notícias*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1848. BNRJ.

⁵³⁸VIDAL, L., *op. cit.*, pp. 275-279, 366.

⁵³⁹Lettre de Michel Derrion au Président de la Province de Santa Catarina, São Francisco do Sul, 26 octobre 1844. AHJ.

⁵⁴⁰A relação de Michel Derrion com as livrarias e a *société* sera abordada mais a frente, neste mesmo capítulo.

A do Rosário era onde podia se encontrar « *tout le confort et à tout le luxe de notre [Paris] capitale !* »⁵⁴¹. Estreita e com um ar um tanto lúgubre, segundo os relatos de Mme. Toussaint, uma francesa estabelecida no Rio de Janeiro, era ali que « (...) *au rez-de-chaussée de chaque maison, que des vendas, c'est-à-dire de sombres boutiques, où sont entassés par montagnes la carne secca (viandre séchée), le bacalhau (morue sèche), les sacs de feijões et de riz, ainsi que les fromages de Minas* »⁵⁴². Já na versão de Expilly, a rua do Rosário era um lugar onde se comprava produtos suspeitos e « *principalement, de ces affreuses saucisses salées qui ont failli amener un conflit entre Portugal et Brésil* »⁵⁴³. Os relatos podem ser distintos acerca da rua do Rosário. No entanto, a rua do Ouvidor não deixava dúvidas acerca da sua popularidade.

Literários, intelectuais, políticos, estrangeiros e demais brasileiros faziam suas caminhadas diárias por aqueles pequenos e bem colocados pavês. Os principais jornais, boutiques e patisseries haviam se instalado nesta rua. O seu esplendor, mesmo sendo estreita e pequena, era comparável ao charme das grandes avenidas da capital parisiense com os fafés e terraços. Os jovens, de uma maneira ardilosa se sentavam propositadamente nos cafés da rua do Ouvidor, observavam o doce movimento dos quadris das mulheres que se escondiam atrás dos longos vestidos. Os passos lentos e ritmados destas madames provocavam uma dinâmica toda especial entre o vestido e o contorno do corpo feminino. As moças sabiam que todo aquele gracejo era, apenas, para suscitar o imaginário masculino. Tudo era silenciosamente cobiçado. Além destas práticas, a rua do Ouvidor ainda podia se tornar mais atraente. Os sons que se ouviam naquela ruela não lembravam, em quase nada, os ruídos existentes nos arredores do Paço e do porto. Ali, o sotaque tinha o ritmo de Debret, das famílias de Taunay e Ferrez, do humor feroz do viajante Expilly, do delicado olhar da Mme. Toussaint⁵⁴⁴ e tantos outros franceses. Era possível encontrar, ao longo da rua do Ouvidor, certos conterrâneos que exibiam a nova vida que haviam construído - « *les parvenus* », os que haviam partido da França como « *ouvriers et devenus chefs de Maison* »⁵⁴⁵ e outros mais que se diziam « *fiers d'avoir de l'argent et des esclaves* »⁵⁴⁶. Era também neste mesmo reduto francês que o *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* e a livraria *Garnier* se estabeleceram. Ambos eram de origem francesa.

⁵⁴¹TOUSSAINT, A. *op. cit.*, p.61.

⁵⁴²*Idem.*

⁵⁴³EXPILLY, *op. cit.*, p.77.

⁵⁴⁴MAUAD, Ana Maria. Imagem e autoimagem do segundo reinad. In.: ALENCASTRO, Luís Felipe.; NOVAES, Fernando A. (dir.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. v.2. 1997. p. 181-231.

⁵⁴⁵TOUSSAINT, *op. cit.*, p.48-49.

⁵⁴⁶*Idem.*

A história do *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* se mescla com a Independência do Brasil e a liberdade de imprensa. Em 1827, o francês bonapartista François Plancher abre as portas do *Jornal do Comércio*⁵⁴⁷. Alguns anos mais tarde, 1837, Junius Villeneuve e Antonio Picot assumem a direção do periódico e obtêm o direito de publicar as notas oficiais do Império. Três anos mais tarde, o sr. Picot, aparentemente, conhece o dr. Mure e, a pedido deste, passa a publicar notas acerca do projeto societário. Se esta relação foi construída por negócios ou uma amizade, pouco se sabe. O fato é que estes dois homens foram próximos. E este vínculo foi comprovado quando o dr. Mure mandou erigir o primeiro edifício no Sahy que recebeu o nome de « Casa Picot ». Neste encontro, o que é mais importante é que no Rio de Janeiro, naquela primeira metade do século XIX, havia uma rede de contatos e colaboração entre os franceses. Neste meio, é de se supor que houve alguns círculos que foram constituídos de maneira um tanto elitista. Quer dizer, para se ter acesso ao grupo, não bastava ser francês, tinha que possuir fundos e colaborar com algumas associações que protegessem os compatriotas necessitados. A *Société Française de Bienfaisance* fazia parte deste meio. Michel Derrion, por sua vez, sabia muito bem que para fazer parte deste ambiente, ele devia cumprir certas regras, sobretudo, pagar as contribuições mensais.

A livraria Garnier foi concebida pelo jovem Baptiste Louis Garnier no ano de 1844. Separado dos seus dois outros irmãos, que possuíam também uma livraria em Paris, ele decide deixar a capital francesa e partir para o Brasil. Com apenas 21 anos, ele abre as portas da que se tornaria a mais importante casa de venda de livros do Rio de Janeiro. Senhor de uma postura rígida de trabalho, a imagem do jovem Baptiste foi alvo de quaisquer discussões nos meios sociais da época. Anedotas e caricaturas, que o identificavam como avarento, eram frequentemente repetidas. Tudo que fazia, dentro e fora da livraria, era narrado com exagero. Por exemplo, algumas bocas diziam que ele se « aproveitava da parte não escrita dos envelopes das correspondências que recebia para fazer de bloco de anotações, que reaproveitava selos que não tinham carimbo do Correio e que quando nos restaurantes limpava o prato com miolo de pão »⁵⁴⁸. Porém, a preferida dos brasileiros era o letreiro que existia na porta da sua loja e que continha as iniciais « B. L. Garnier ». Para certos brasileiros com a língua afiada, a placa tornou

⁵⁴⁷Cf. LEAL, Carlos Eduardo; SANDRONI, Cícero. *Jornal do Comércio*. In.: ABREU, Alzira Alves et al (coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC. 2001.; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1966.; BRASIL, Bruno. *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro). In.: *Biblioteca nacional digital*. Rio de Janeiro: BNRJ. 2015. Disponível: <http://bndigital.bn.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro/> Acesso: fevereiro de 2016.

⁵⁴⁸Cf. LEO, Andréa Borges. *Brasil em Imaginação – livros, impressos e leituras infantis (1890 a 1915)*. Tese de doutorado, USP, 2002.; LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O Preço da Leitura: Leis e Números Por Detrás das Letras*. São Paulo: Editora Ática, 2000.; MOLLIER, Jean-Yves. *L'argent et les Lettres – Histoire du Capitalisme. D'édition 1880 – 1920*. Librairie Arthème Fayard, 1988.

o significado de « Bom Ladrão Garnier ». Se de « ladrão e de louco, todos temos um pouco », quer dizer, « de médico e de louco, todos temos um pouco », o fato era que nas estantes da Garnier podia-se encontrar os mais diversos livros. As recentes publicações europeias estavam à disposição dos leitores. Os tratados acerca da nova medicina de Hahnemann, a homeopatia que o dr. Mure defendia, também podiam ser encontradas. Michel Derrion e suas pequenas brochuras da « *Theorie Sociétaire ou Phalanstérienne*⁵⁴⁹ » obtiveram um pequeno espaço entre tantas obras distintas. Aqui, assim como o do *Jornal do Comércio*, é possível de acreditar que a rede de contato e colaboração entre os franceses também atuou. Ao que tudo indica, Michel Derrion parecia dar seus primeiros passos neste círculo francês carioca.

Da charmosa rua do Ouvidor era possível chegar ao Paço, onde se encontrava o famoso Mercado banhado pelas praias do Peixe e Dom Manuel. A Praça do Mercado, inaugurada em 1841, era um edifício que abrigava cerca de cento e cinqüenta e sete barracas e foi projetado pelo arquiteto francês Grandjean de Montigny⁵⁵⁰. No entorno do Mercado, sempre um tanto movimentado, era onde se encontravam as escravas de Minas com seus tabuleiros. Vestidas com coloridos turbantes, camisas e saias esvoaçantes, elas eram quase equilibristas. Seus corpos suportavam peso dos produtos que deviam ser vendidos e dos filhos que carregavam consigo. Enquanto o tabuleiro era mantido no alto da cabeça, os pequenos se mantinham colados a mãe, amarrados por um tecido colorido que contornava o corpo inúmeras vezes. Se caso fosse necessário movimentar-se entre o cais e o Mercado, o ritmo lento dos quadris de suas mães⁵⁵¹, o calor do verão e o tecido apertado, faziam aqueles pequeninos seres, quase sempre nus, se manterem num sono admirável durante a longa jornada de vendas. Nem o burburinho do Mercado, com as vozes que gritavam para vender de tudo, podia acordar aqueles pequenos. Entre os vendedores, homens e até mesmo algumas mulheres, utilizavam as mais diversas maneiras para vender todo o gênero de frutas e legumes que, ao serem cortados pelos vendedores, exalavam cheiros. As laranjas, bananas, frutas do Conde, melões, goiabas e batata doce se misturavam aos gritos agudos dos periquitos, aos tatus e os rugidos quase humanos dos pequeninos macacos. Os pássaros de plumagens coloridas ficavam bem expostos para que todos os estrangeiros e demais pessoas pudessem observa-los e, até mesmo, compra-los. Na ponta que ficava mais próxima do mar, na praia, « *piroques ou canoâs, où les pêcheurs vendent les*

⁵⁴⁹Notícias, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1848. BNRJ.

⁵⁵⁰« Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny, né à Paris le 15 juillet 1776 et décède à Rio de Janeiro le 2 mars 1850, est un architecte français dont l'influence a été considérable dans le développement de l'architecture au Brésil. Il a fait partie de la Mission artistique française qui arriva à Rio de Janeiro en 1816 ». Disponível: https://data.bnf.fr/fr/12449667/auguste-henri-victor_grandjean_de_montigny/ Acesso: janeiro de 2018.

⁵⁵¹TOUSSAINT, A., *op. cit.*, pp. 41-44 ; 46.

poissons par lots »⁵⁵². As sardinhas, com seu odor característico, podiam ser encontradas aos montes. Os camarões e as ostras eram de tamanhos variados e ficavam jogados nas cestas enfrente as pirogas. Bem na ponta do Mercado, no sentido da Praia do Peixe, era o cheiro da cozinha temperada que se misturava com o mar. As pessoas mais simples, trabalhadores e até mesmo alguns escravos comiam as « *sardines frites et l'angu (farine de manioc mêlée avec de l'eau bouillante et du sel, et format une bouille très épaisse)* »⁵⁵³. A « *feijoada (...), un repas de nègres, et même de blancs de la classe inférieure* »⁵⁵⁴ era, também, vendida até nos dias mais quentes de verão. Ao final de todos estas misturas, já nos limites do sul da freguesia da Candelária, na ponta da praia Dom Manuel, encontrava-se a região de São José.

« Mudança de Casa.

Luiz Pharoux tem a honra de participar ao respeitável público desta corte, que ele acaba de transferir a sua hospedaria da Rua da Quitanda para a Rua Fresca número 3, em frente ao mar »⁵⁵⁵

A rua da Fresca estava localizada na divisa das freguesias da Candelária e São José. Bem em frente a ponte do desembarque no Largo do Paço, na praia Dom Manuel, o majestoso Hôtel Pharoux se distinguiu das demais edificações. O prédio era uma construção francesa e tinha, no seu interior, boas acomodações, salas para jantares que comportavam mais de oitenta pessoas, uma excelente cozinha com vinhos franceses, um rico mobiliário e banhos próprios. O cais, devido a presença do Hotel, rapidamente recebeu a designação Pharoux. O cordial proprietário, o sr. Louis Pharoux, encontrou naquelas terras um pouco da paz que a França lhe roubara. Como um antigo combatente do exército de Napoleão, as transformações políticas que ocorreram na França após o exílio daquele na ilha de Santa Helena, cujas as quais ele não apreciava, fizeram com que ele tomasse a decisão de estabelecer no Brasil. Nos seus à frente do Hotel, o velho Pharoux recebia os inúmeros viajantes⁵⁵⁶ que atracavam pelas águas do porto da praia Dom Manuel. Enquanto alguns passageiros partiam rumo à Niterói, as saídas para a ilha ocorriam daquele cais, outros tantos chegavam e eram originários de portos nacionais ou internacionais. Se a suntuosidade do Hotel Pharoux chamava atenção, a parte mais ao sul da praia Dom Manuel, conhecida pelo nome de Ponta do Calabouço, não tinha a mesma beleza.

⁵⁵²TOUSSAINT, A., *op. cit.*, p. 41.

⁵⁵³*Idem.*

⁵⁵⁴*Ibidem.*

⁵⁵⁵*Hotel Pharoux*, Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1838. BNRJ.

⁵⁵⁶DUNLOP, Charles Julius. « O Hotel Pharoux ». In.: *Rio Antigo*, vol 2, 14 de dezembro de 2014. Disponível: <http://fragmentosarqueologicos.blogspot.com/p/historia-do-rio-de-janeiro.html> Acesso: abril de 2017.

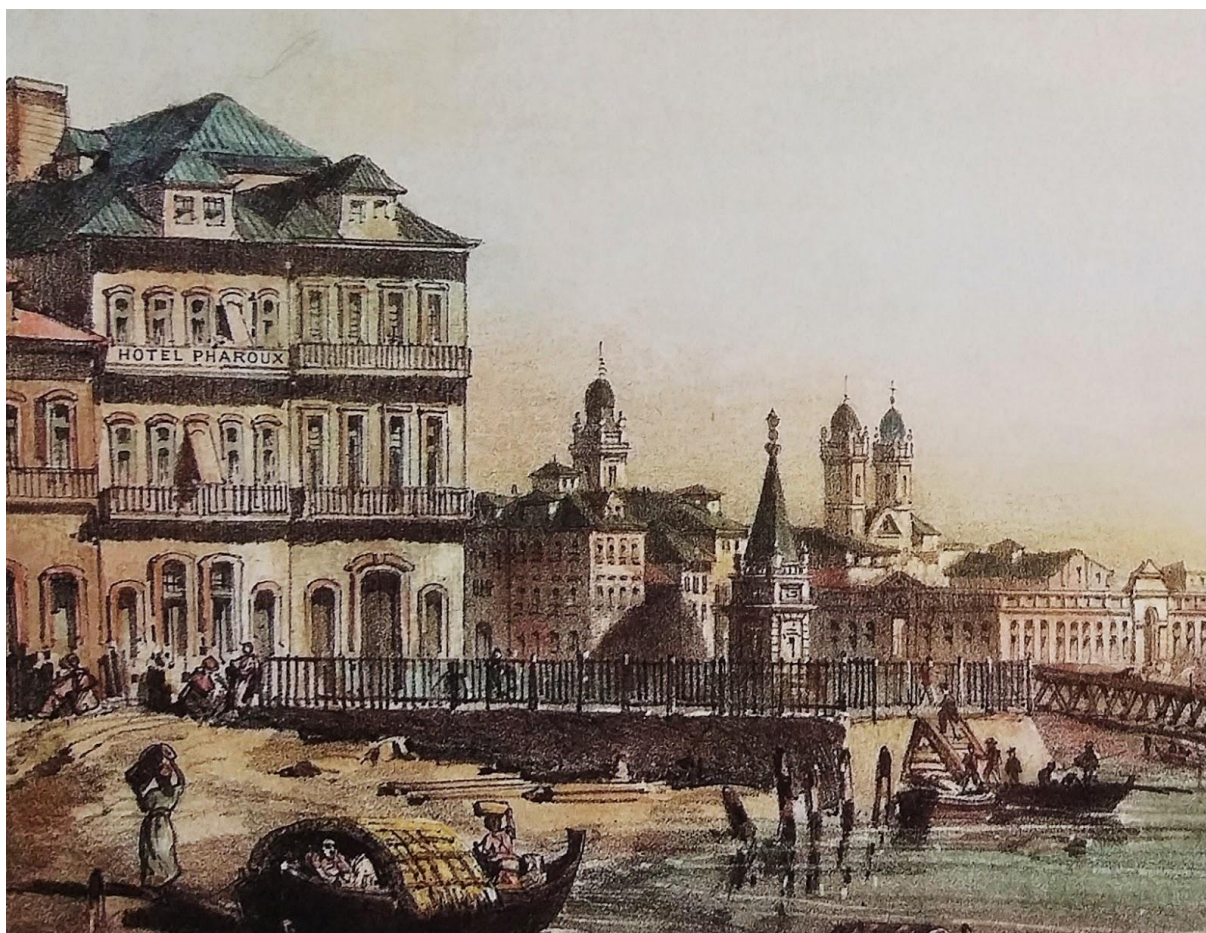


Fig. 6.: Hôtel Pharoux, s/d.

A região da Ponta do Calabouço, que abrangia uma parte da praia Dom Manuel, era conhecida pela sua utilidade pública. A área, entre as seis da manhã e os finais de tarde, era onde podia se encontrar os « nègres » que se ocupavam da limpeza « *l'infections qui remplit les maisons* »⁵⁵⁷. Quer dizer, « (...) *le Rio qui commence sa toilette de propriété* »⁵⁵⁸. Todo o esgoto doméstico e dos comércios, do centro da cidade, eram transportados em barris por escravos. O trajeto que a eles era destinado, para efetuar a *toilette*, devia evitar as principais ruas devido o desagradável odor que exalavam os toneis. Estes homens, que foram apelidados pelos brasileiros de « tigres », tinham um árduo trabalho. Além de portarem os pesados barris nas costas, eles, por vezes, tinham que suportar o odor dos dejetos e excrementos humanos escorrer sobre a sua pele. Esta cena, dava a impressão que aqueles escravos possuíam listras amareladas sobre a pele, tal qual um Tigre. Para os franceses, estes homens eram « *bonnet à poil* »⁵⁵⁹. Naquelas manhãs, Tigres ou « *bonnet à poil* », a peregrinarem não devia ser nada

⁵⁵⁷EXPILLY, C., *op. cit.*, p. 53-54.

⁵⁵⁸*Idem.*

⁵⁵⁹*Idem.*

fácil. Quanto a região, ela devia ser, sem sombra de dúvida, uma emanção de odores nada agradáveis, principalmente quando o verão chegava, o vento sul batia e a maré subia.

Bem em frente a praia Dom Manuel estava a freguesia de São José cuja a paróquia foi criada a partir do alvará de 10 de março de 1753, sendo assim, ela foi desmembrada da freguesia de Nossa Senhora da Candelária. No seu espaço urbano podia-se encontrar os prédios do « Arsenal de Guerra, o Paço de Sua Majestade, a Casa do Trem, o Quartelamento de Artilharia, o Primeiro Batalhão destacado de Portugal, a Prisão do Calabouço, a Roda dos Expostos, o Hospital da Misericórdia, o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, o Seminário de São José, o Hospício dos Capuchinhos Italianos e Franceses, o Convento dos Padres Carmelitas e das Freiras da Ajuda e de Santa Teresa »⁵⁶⁰. Além dos serviços religiosos e públicos, a freguesia também possuía uma rua em que o divertimento se fazia presente. A rua do Cotovelo era onde uma considerável parte da sociedade, os homens de família, se dirigia para poder assistir as performances dos artistas da *Compagnie Lyrique Française*⁵⁶¹ no Teatro São Januario. Era neste palco que ocorria, uma vez por mês, uma noite dedicada a *Société Française de Bienfaisance* chamada de « *représentation extraordinaire* »⁵⁶². O objetivo deste evento era de adquirir fundos para as ações da *Société*. Os bilhetes eram vendidos pelo próprio secretário e deviam ser retirados na sua casa⁵⁶³. Os contatos da Sociedade Francesa, como se pode ver, não se limitavam apenas ao Consulado ou aos acionistas que contribuía financeiramente. A entidade, além de procurar ampliar o seu próprio financiamento para poder desenvolver ações que auxiliassem os conterrâneos em situação de risco, também divulgava o teatro e os artistas franceses que se encontravam na Corte. Para convidar o público, a *Société* e a *Compagnie* assinavam juntas as notas que eram publicadas, quase que diariamente, nas páginas do *Jornal do Comércio*. Os custos para fazer estas inserções deviam ser um tanto elevados. Ao que tudo indica, era nestes casos que o círculo francês da capital, tal como os diretores do Jornal do Comércio, secretário da *Société Française de Bienfaisance* e *Compagnie Lyrique Française*, era acionado. Ajuda os irmãos parecia ser algo um tanto recorrente, sobretudo, quando a arte se fazia presente.

Do divertimento ao trabalho, era na junção da rua do Cotovelo com a do Carmo que se encontrava a Ladeira do Castelo. Esta última, um caminho destinado aos desafortunados, era

⁵⁶⁰FERREIRA, R. G., *op. cit.*, p.59.

⁵⁶¹INACIO, Denise Scandarolli, *Cenas esquecidas ou Vaudeville, opéra-comique e a transformação do teatro no Rio de Janeiro dos anos de 1840*, Tese de doutorado em História, IFCH-Unicamp, São Paulo, 2013.

⁵⁶²*Théâtre São Januario*, « Samedi, 6 décembre », *Jornal O Comércio*, Rio de Janeiro, 6 décembre 1846. BNRJ.

⁵⁶³*Idem*.

onde, a cada final de um dia de « *sort ou hasard*⁵⁶⁴ », certos homens e mulheres utilizavam o resto de suas forças para alcançar o cume do morro e se dirigirem até as pequenas acomodações. Era no Morro do Castelo⁵⁶⁵, junto a sua Praça, que se encontrava as antigas edificações da Igreja de Santo Inácio e do Colégio dos Jesuítas que foram transformados, em 1832, em sede da Escola de Medicina Imperial e do Hospital São Zacarias. Alguns anos mais tarde, precisamente em 1846, o Hospital Militar e o Imperial Observatório Astronômico passaram a ocupar aquelas instalações. No entorno da Praça haviam grandes residências construídas, nos idos do século XVIII e XIX, para abrigar quaisquer nobres que chegavam na Colônia. Com o aumento da população, os constantes problemas de falta d'água e de salubridade, as autoridades da capital decidiram deslocar o eixo urbano, que estava centrado na linha direita do Morro do Castelo até o Morro São Bento, para a região da Candelária. Esta modificação fez com que algumas das famílias que estavam instaladas no entorno da Praça do Castelo se dirigissem para a região central da cidade⁵⁶⁶, onde a Corte havia se fixado em 1808. As casas esvaziadas no alto do Morro foram sofrendo alterações e, aos poucos, alguns cômodos se transformaram em quartos e outros em pequeníssimas casas. Todas estas modificações estruturais, sem preocupação com a salubridade, passaram a abrigar uma quantidade significativa de indivíduos que não tinham como pagar o alto aluguel exigido na região central. Assim, dividindo a mesma habitação podia-se encontrar casais, homens e mulheres solteiras, imigrantes, trabalhadores, prestadoras de serviços domésticos e escravos libertos⁵⁶⁷. Se a praça do Castelo se tornou, em meados do século XIX, um refúgio apropriado para uma considerável parte da população trabalhadora, nos relatórios da polícia os moradores do Morro eram vistos como indigentes e miseráveis. O motivo desta imagem pejorativa, mesmo se muitos destes homens e mulheres exerciam uma profissão e pagavam seu aluguel dignamente, estava diretamente ligada ao fato de pertencerem a um gênero de moradia partilhada e simples. Não se pode negar que em tais, como em todos os outros, podia haver baderneiros. No entanto, nos arredores do Morro do Castelo também haviam trabalhadores que buscavam ganhar suas vidas. Se o alto do Morro do Castelo representava a miserabilidade, a freguesia de São José, que estava localizada aos seus pés, em contrapartida, era conhecida pela sua importância em termos de urbanização.

⁵⁶⁴ASSIS, Machado. *Esau e Jaco*, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 1904. Disponível: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000030.pdf>

⁵⁶⁵PAIXAO, Claudia Miriam Quedas. *O Rio de Janeiro e o morro do Castelo: populares, estratégias de vida e hierarquias sociais (1904-1922)*. Dissertação de Mestrado em História urbana, Programa de pos-graduação da Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2008.

⁵⁶⁶*Idem*, p. 156-158

⁵⁶⁷*Ibidem*.

A freguesia de São José possuía um dos maiores números de logradouros⁵⁶⁸. Muitos destes, receberam seus nomes a partir das atividades comerciais e artesanais que neles se realizavam, como por exemplo: a rua dos Ferradores, Becos do Açougue, dos Ferreiros, do Guindaste e a Travessa do Paço, também chamada rua dos Madeireiro⁵⁶⁹. Os moradores eram, em sua grande maioria, trabalhadores que exerciam diversas atividades, tais como: « retalhistas e artesãos pessoas não abastadas » e « portugueses pobres e artesãos forros não abastados, dentre outros imigrantes »⁵⁷⁰. No entanto, não era difícil de encontrar quaisquer famílias portuguesas, vindos na época de Dom João VI⁵⁷¹, e que viviam de aparências, através do trabalho de um ou dois escravos de ganho⁵⁷².

A rua mais importante da região estava situada na base do Morro do Castelo e recebeu o mesmo da freguesia - São José. A sua história é entrelaçada com a da igreja que deu origem a todo aquele emaranhado populacional. Erigida em 1608, pelas mãos do ermitão Egas Muniz, somente um século e meio mais tarde é que a pequena construção se tornou a Igreja Matriz da freguesia de São José. Situada próximo a praia Dom Manuel, as suas portas se não se abriam para o mar, mas sim, para a freguesia. A provável explicação para esta rebeldia religiosa vem do período em que foi construída, por volta do século XVII. Tendo o dever de aportar aos fiéis as virtudes da Esperança, da Fé e a Caridade⁵⁷³, ela era o espaço de preces consagrado a todos os trabalhadores. Assim, suas portas deviam estar abertas para acolher os homens e mulheres que consagravam seus dias as tarefas diárias, tal como fizera José, pai de Jesus. Alguns anos mais tarde, devido a prática de defender os inúmeros « Josés », a irmandade de São José recebeu a responsabilidade de guardar os livros que pertenceram as confrarias dos carpinteiros e pedreiros do Rio de Janeiro.

As construções que compunham a paisagem urbana da rua São José tinham uma estrutura bastante simples. Elas eram estruturas de um ou dois andares onde podia se encontrar « unidades comerciais e/ou artesanais, eram ao mesmo tempo casas de morada e casas de vivenda »⁵⁷⁴. Conjugadas de forma a compor o trabalho e a moradia, muitas destas edificações possuíam um « pavimento térreo é ocupado na frente pela loja⁵⁷⁵ » onde o « dono, juntamente

⁵⁶⁸FERREIRA, R. G., *op. cit.*, p. 59.

⁵⁶⁹*Idem.*

⁵⁷⁰*Ibidem.*

⁵⁷¹*Cf.* RODRIGUES, Claudia, *Lugares mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Secretaria municipal de cultura, Departamento geral de documentação e informação cultural, Divisão de editoração, 1997. p. 31.

⁵⁷²FERREIRA, R. G., *op. cit.*.

⁵⁷³DORNELLES, Facó Anne (coord.), *Guia das Igrejas Históricas da Cidade do Rio de Janeiro*, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Projetos Especiais, 1997.

⁵⁷⁴FERREIRA, R. G., *op. cit.*.

⁵⁷⁵*Idem.*

com seus auxiliares, come, bebe e dorme (...) »⁵⁷⁶. Se os dados permitem compreender que a rua São José era, frequentemente, ocupada por « comerciantes miúdos, chamados ‘retalhistas’ ou ‘homens de vara’ ou ainda ‘mercadores de loja’ »⁵⁷⁷, em meados dos anos de 1845, as coisas mudariam um pouco. Naquele espaço de homens humildes, filhos de José, é que se instalou um pequeno grupo um tanto incomum. Eles não eram católicos e tão pouco favoráveis a escravidão. A sua origem também não era brasileira, mas todos tinham no trabalho a redenção.

Em meados de julho de 1843, o dr. Mure partiu do Sahy e decidiu se instalar no Rio de Janeiro para trabalhar com aquilo que mais lhe interessava - a homeopatia. Contando com o apoio do brasileiro Vicente José Lisboa⁵⁷⁸, em dezembro daquele mesmo ano, foi aberto na rua São José, nº59, a primeira « *maison de Santé homéopathique* »⁵⁷⁹. Segundo o dr. Mure, o objetivo da instituição era « de propagar a homeopatia em proveito das classes pobres »⁵⁸⁰. Assim, para mostrar todo o seu comprometimento, com a homeopatia e com os mais necessitados, o doutor e um pequeno grupo de médicos se dirigiam, uma vez por mês, até o Morro do Castelo e promoviam consultas gratuitas aos moradores. Anos mais tarde, em 1848, foi a vez de um outro francês se estabelecer naquela mesma rua, Michel Noel Burnier. Responsável pelo « *Bureau du Jornal Le Nouvelliste* »⁵⁸¹, ele alugou o nº64 para abrir o seu jornal totalmente escrito em francês. Acerca deste periódico, tudo o que se sabe, é que ele tomou para si o papel de informar os compatriotas franceses após o desaparecimento do *Le Corsaire*⁵⁸². Neste mesmo ano, no nº 47, foi a vez do colégio francês ocupar o primeiro andar do prédio com cursos de aritmética e contabilidade comercial, somente para meninos. No entanto, nas páginas do *Almanaque Laemmert*, a escola aparecia registrada como sendo do sr. Christophe Huger e contando apenas com « um professor de francês »⁵⁸³. Alguns anos mais tarde, em 1852, o estabelecimento passaria a se chamar « Collegio Francez de Piel »⁵⁸⁴. Escola ou apenas curso de francês, o fato é que no número 47, da rua São José, se tornaria um local de encontros para Michel Derrion. Naquelas salas, ou sala, além de encontrar um novo *frère*, o lionês iniciaria os

⁵⁷⁶*Ibidem*.

⁵⁷⁷*Ibidem*.

⁵⁷⁸ Médecin portugais et disciple du Dr Mure.

⁵⁷⁹Instituto Hahnemannia no Brasil, In : 1º Congresso Brasileiro de Homeopatia, Rio de Janeiro, du 25 au 30 septembre 1926. p.303-309.

⁵⁸⁰*Idem*.

⁵⁸¹Le Nouvelliste, Rio de Janeiro, 4 novembre 1848. BNRJ.

⁵⁸²Le Nouvelliste, Rio de Janeiro, Imprimerie française 1837-48. Cf. GUIMARAES, Valeria, Les journaux français publiés au Brésil et les échanges transnationaux (1854-1924), In : *Médias 19 - La presse francophone du Brésil, Publications, Le journalisme francophone des Amériques au XIX^e siècle*, 07 mars 2018 En ligne : <http://www.medias19.org/index.php?id=23789#ftn47> Accès le 28 juin 2018.

⁵⁸³*Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmer, 1851-1852. Disponível: <http://ddsnext.crl.edu/brazil>

⁵⁸⁴*Idem*.

seus cursos de canto, para crianças, no ano de 1847⁵⁸⁵. Não é preciso dizer que as notas, para a divulgação de suas aulas, seriam publicadas pelo *Journal Le Nouvelliste*.

Acasos ou propósitos neste encontro entre os franceses da rua São José? De toda maneira, o número 47 da rua São José, na cidade do Rio de Janeiro, seria um novo recomeço para Michel Derrion. Se esta rua não tinha o charme da rua do Ouvidor, ela foi o lugar escolhido por alguns poucos franceses como um refúgio de ideais societários.

*

3.2.1. Puzzle: Lucie e Michel

*« Il est fâcheux que lors de la réapparition du Journal La Démocratie n'ait pas mentionné la mort de M. Derrion ! Plusieurs Phalanstériens de ses amis et qui sont aussi vos abonnés l'ignoraient complètement ; Dans le cas où vous ingérez convenable d'en dire un mot, le triste anniversaire est le douze mars prochain ... »*⁵⁸⁶

Lucie conheceu Michel em Paris. De sua vida, antes de conhecer Michel e dos anos em que viveu com o lionês, quase nada se sabe. Se ela o chamava de Derrion ou de Michel, se ambos tinham escolhido uma palavra que revelasse todo o amor partilhado naqueles quase doze anos de companhia, se as decisões acerca dos filhos e do dia a dia de casal eram ou não tomadas juntas, nada sobreviveu ao tempo. Conhecer a vida, num contexto íntimo, destes homens e mulheres ordinários do século XIX é um desafio, pois os dados são, quase sempre, raros⁵⁸⁷. Nestes casos, em que as fontes são irrisórias, o trabalho a ser feito é o de criar hipóteses inserindo os personagens no contexto em que viviam. A vida de Lucie e o tempo em que viveu

⁵⁸⁵Le Nouvelliste, Rio de Janeiro, le 25 décembre 1847. BNRJ.

⁵⁸⁶Lettre de Vve. Derrion à Monsieur Allyre Bueau, Paris, 19 février 1851. ANF.

⁵⁸⁷Cf. WOLIKOW, S. *op. cit.*; PERROT, Michelle, *Mélancolie ouvrière*, éditions Grasset & Fasquelle, 2012.

com Michel não fogem à regra. Numa vida atlântica, entre a França e o Brasil, para seguir os rastros da mulher-mãe-militante foi preciso, antes de qualquer coisa, encontrar os homens que compuseram a sua vida. Por exemplo, quando do seu retorno à França, no ano de 1851, foram as cartas que escreveu para defender a memória de Michel Derrion que a retiraram do anonimato. Já no Brasil, sua designação é limitada ao termo « esposa de » e « mãe » em meio aos relatórios da Colônia e na certidão de óbito do filho. De toda uma vida, estes são os poucos rabiscos que tentam narrar uma ínfima parte da sua existência.

Lucie Domanget trabalhou como costureira, em Paris, e participava das reuniões da *École sociétaire*⁵⁸⁸. Muito provavelmente, foi entre uma reunião e outra ou num dos banquetes regrados a poemas e cânticos que ocorriam entre os fourieristas, nos idos de 1838-1839, que os dois se encontraram. Michel Derrion, ao que tudo indica, ainda mantinha uma união com Césarine Gavinet mãe de suas duas filhas, que ele deixara em Lyon quando Mme Domanget surgiu em sua vida. Das duas mulheres operárias, uma lionesa e outra parisiense, foi esta última que atravessou o Atlântico e que concebeu dois filhos de Michel Derrion. Das crianças, todos os dois nascidos em Paris, apenas o nome do segundo é conhecido - Gustave Derrion. Quanto ao primeiro, a única informação que existe vem de uma carta escrita pela pluma de sua mãe e que é datada de 1855⁵⁸⁹. A mãe, que evoca a memória do falecido companheiro fourierista, solicita aos *frères* que encontrem um trabalho para o jovem. De maneira discreta, Lucie deixa a entender que, mesmo trabalhando como costureira, ambos passavam por necessidades.

Do tempo que participou das reuniões fourieristas em Paris, tudo o que se pode dizer é que Lucie foi uma operária simpatizante das ações e que, vez ou outra, participava dos cursos oferecidos na *École*. Esta evidência, de uma atuação discreta, vem da ausência de seu nome nas listas de subscrição dos jornais e das ações realizadas pelos diversos grupos. Talvez, essa não-presença possa ser explicada pela sua intensa jornada de trabalho ou, ainda, pela responsabilidade de ser mãe de dois pequenos. Porém, aqui também se deve considerar o espaço dado as elas no meio fourierista de Paris. Charles Fourier pregava a liberdade para todas as mulheres. Entretanto, o meio feminino operário fourierista, na capital francesa, ainda parecia ser bem limitado. As leituras destinadas às societárias eram poucas e o acesso não lhes era facilitado. Por exemplo, Lucie deve ter conhecido o livro « *L'influence morale des femmes* »⁵⁹⁰, escrito por M. Jierkiens, quando este chegou no Brasil, em 1846, por intermédio de seu companheiro. Em contrapartida, ela deve ter acompanhado algumas rubricas das « *Lectures*

⁵⁸⁸*Almanach Social pour l'année 1841*, Paris, Librairie Sociale. p. 169.

⁵⁸⁹Lettre Vve. Derrion, s/d. ANF.

⁵⁹⁰*Variétés*, L'Echo de la fabrique, Lyon, 22 août 1846. BML.

prolétaires »⁵⁹¹, que abordavam de forma sucinta algumas biografias de trabalhadores e alguns conceitos básicos de Charles Fourier e Saint-Simon, presentes em alguns jornais operários de Paris e Lyon. Quem sabe ainda, o seu conhecimento do movimento societário tenha se aperfeiçoado, pouco a pouco, quando Michel entrou em sua vida. De toda maneira, mesmo se Lucie não era uma grande leitora de Charles Fouier e não possuía todo o engajamento de Michel, foi ela quem carregou os filhos e atravessou o Atlântico para ajudá-lo a realizar a sociedade societária.

Em dezembro de 1841, Lucie, os meninos e Michel desembarcaram no porto do Rio de Janeiro. O verão dos trópicos, certamente, incomodou a família. Habitados a roupas pesadas para suportar o inverno europeu, a mãe deve ter tentado aliviar o calor dos pequenos vestindo-os com camisas mais leves. Naqueles primeiros momentos no Brasil, as opções de roupas eram poucas. Logo, é de se acreditar que Lucie tenha buscado, em meio as suas bagagens, os seus utensílios de trabalho, linha e tesouras, para tentar reaproveitar algumas roupas antigas. Entre uma costura e outra e se lhe sobrasse um tempo após a devida atenção aos pequenos, quem sabe, ela tenha caminhado por entre as ruas para conhecer um pouco mais da cidade e dos habitantes. Lucie não precisava acompanhar a diretoria de *l'Union Industrielle*, ela não tinha recebido nenhuma responsabilidade e, até onde se sabe, o seu nome também não constava na lista dos societários.

Em 1843 Lucie reaparece na lista dos integrantes franceses estabelecidos na região do Palmital, fornecida pela Câmara Municipal de São Francisco do Sul. Sob a designação de « esposa » de Michel Derrion, descrito na ocasião como agricultor, e tendo dois filhos de 6 e 1 anos⁵⁹², a sua profissão também não é citada. Em contrapartida, a sua idade é de 33 anos. Como se sabe, no ano em que o documento foi elaborado, o grupo estava estabelecido nas terras do Palmital em miseráveis ranchos construídos. Isso quer dizer que a família de Michel Derrion morava numa casa construída artesanalmente e cobertas por palhas ou folhas de palmeiras. Aqui não se pode saber se a residência era coletiva, Nos moldes fourieristas, ou individual, pois, nenhuma descrição deste gênero foi feita nos documentos oficiais da cidade de São Francisco do Sul. Entretanto, se uma moradia coletiva existiu nas terras do Palmital, é de se supor que Lucie e as outras três mulheres que faziam parte do grupo, com base nos dados do relatório da Câmara, dividiam todas as obrigações. Por exemplo, cuidar das seis crianças, organizar a casa e auxiliar nas plantações que ficavam nos arredores. Aqui, pode-se ainda supor que ela tenha

⁵⁹¹Cf. MOMBERT, S., *op. cit.*, p.177-191.

⁵⁹²Relatorio da Câmara Municipal de São Francisco do Sul, São Francisco do Sul, São Francisco do Sul, 7 de dezembro de 1843. APESC.

sido incumbida de reformar as roupas do coletivo. Acerca das crianças e as mães, elas devem ter sido educadas, em francês, por todos que se encontravam no ambiente, quer dizer, homens e mulheres. Já os homens respondiam pela contabilidade, construção das oficinas, corte de madeira, plantações e construção de estradas. O trabalho no Palmital era exaustivo para todos. Mesmo todo o esforço despendido pelos franceses, a vida parecia não evoluir. No entanto, em 1844, entre os meses de agosto e setembro, Michel Derrion se tornou o diretor responsável da Colônia do Sahy a partir de um novo estatuto escrito por ele. Com esta mudança, a sua família deixou as terras do Palmital e foi se estabelecer na casa Picot, que ficava próximo a Baía da Babitonga. Nesta residência, o espaço era coletivo, quer dizer, Lucie e os meninos dividiam tudo com outros três societários. Mesmo se Lucie acompanhou, bravamente, Michel em todas as decisões, em algum momento no final do ano de 1844, ela tomou a decisão de deixar as terras do Sahy. Assim, em janeiro de 1845, ela e os meninos partem para o Rio de Janeiro e, durante a viagem, eles contam com o apoio do francês Jean Baptiste Marechal⁵⁹³. O motivo exato de sua partida é desconhecido. Todavia, tudo leva a crer que a decisão tomada pela Câmara Municipal de São Francisco do Sul, de dissolver a Colônia do Sahy e ceder uma porção de terras somente aos franceses que comprovassem viver do plantio, tenha pesado na decisão de Lucie. Como se sabe, ela e Michel não eram agricultores, mesmo se este último tenha afirmado viver da terra no relatório de 1843. Sem muito futuro naquelas terras e sabendo que uma parte dos seus contrerrâneos estavam instalados na capital do Império, a decisão não deve ter sido difícil de ser tomada. Porém, a sua partida daquelas terras não deve ter sido muito fácil.

Lucie devia portar as malas, os meninos e algumas cartas escritas por Michel Derrion que deviam ser enviadas, assim que possível, à Paris e Lyon. Aqui, é de suspeitar que ela tenha anotado o endereço do dr. Mure no Rio de Janeiro para solicitar qualquer tipo de ajuda caso fosse necessário. Talvez o doutor já soubesse da chegada da companheira de Michel, pois este quem sabe o teria avisado por carta.

Lucie deve ter reconhecido o porto do Rio de Janeiro quando atracou naquele dia 26 de janeiro de 1845. Talvez, ao rever o cais, ela tenha se lembrado da primeira vez em que havia pisado naquelas terras, no mês de dezembro de 1841, com todos os demais franceses societários. Mas desta vez, se o destino fosse complacente, talvez haveria o dr. Mure no cais para ajudá-la. Quem sabe, ela teria que contar apenas com ela mesma. De toda maneira, Lucie encontrou forças para continuar e começar uma nova jornada, agora totalmente sozinha e com os dois

⁵⁹³VIDAL, L., *op. cit.*, p. 271.

meninos. Com ou sem o dr. Mure, com ou sem os seus conterrâneos, naquela situação, a única coisa certa é que ela precisava encontrar um teto e um trabalho.

Ao chegar no Rio de Janeiro, Lucie e os pequenos devem ter ido ao encontro do dr. Mure. Se o Mure e Derrion haviam trocado alguma carta acerca da viagem de sua família, não se pode provar. Entretanto, a instalação de Lucie e o trabalho que ela passou a desenvolver dão indícios de que os dois antigos inimigos se comunicaram. Isso quer dizer que, o doutor devia estar encarregado de arranjar uma casa e/ou um trabalho para a companheira do agora novamente amigo societário que ainda se encontrava no Sahy. Lucie e os meninos foram instalados na Praça do Castelo, número 17. Como se sabe, o dr. Mure promovia consultas gratuitas no Morro do Castelo desde o ano de 1844 e o seu escritório estava localizado na rua São José, arredores do Morro. Isso quer dizer que ele conhecia muito bem a região. Com os atributos de médico e contatos, não lhe seria difícil conseguir um aluguel mais apropriado para Lucie e os meninos durante a ausência de Michel Derrion. Esse apoio convida a refletir: por que ele escolheu a região do Morro, sabendo que o local era pouco salubre para se morar, sobretudo, com duas crianças? A resposta é bastante simples e, sem dúvida alguma, relacionava-se às intenções do doutor.

Ao arranjar um local para alojar Lucie e os pequenos, no alto do Morro do Castelo, o doutor poderia contar com o trabalho desta nos dias em que houvesse consulta gratuita e, até mesmo, na organização dos banquetes em homenagem ao Mestre que ocorriam naquela região desde 1845. Assim, a companheira de Derrion deve ter aceito a proposta do doutor, pois, além de possuir um trabalho que lhe permitisse cuidar das crianças, ela também teria um tempo livre para se dedicar aos seus próprios afazeres. Se isto foi realmente o que aconteceu, seja uma simples troca de favores ou apenas uma ajuda, a situação se estendeu até a chegada de Michel Derrion, em janeiro de 1846. Neste ano, ele assumiu o posto de « *directeur de la Maison de Sante Homeopathique* »⁵⁹⁴ na rua São José. Mesmo que a *Union Industrielle* e a Colônia do Sahy não tenham dado os sonhados frutos, os franceses, de uma certa maneira, constituíram uma relação em que a amizade, a camaradagem ou até mesmo a simples troca de favores lhes permitia amenizar as mazelas da vida neste lado de cá do Atlântico.

O tempo que Lucie morou com as crianças no Morro do Castelo só pode ser pensado a partir de hipóteses. Nenhum documento, até o momento, foi encontrado. Os meninos, que já contavam com seis e oito anos, não devem ter frequentado a escola no Brasil. Possivelmente, eles aprendeream as primeiras letras, em francês, com a mãe ou com os demais franceses que

⁵⁹⁴Journal le Democratie Pacifique, Paris, 24 mai 1846. BNF.

compunham o círculo do dr. Mure no Rio de Janeiro, como por exemplo o sr. Huger. No entanto, é de se acreditar que os pequenos sabiam falar o português, pois brincar na rua com as demais crianças era algo que eles deviam fazer. Logo, os meninos devem ter vivido a experiência de falar o francês dentro de casa e o português na rua. Lucie devia se orgulhar dos seus filhos.

Gustave e seu irmão nasceram em Paris, mas desde muito pequenos viveram em terras brasileiras. Seus corpos deviam ter se habituado a algumas doenças tropicais e a uma alimentação, principalmente no Sahy, baseada na farinha de mandioca, arroz, feijão, milho, palmito e demais frutas. No Rio de Janeiro, as ceias não devem ter sido muito diferentes das que tinham no Sahy, mas havia diferenças. Enquanto na Colônia eles tinham algumas plantações que forneciam um pouco de alimento e até era possível efetuar trocas de mantimentos com os naturais da região, no Rio de Janeiro a vida era um pouco mais dura. Morando no Morro do Castelo, provavelmente numa casa coletiva, os rendimentos de Lucie não deviam ser suficientes e tampouco se pode saber se Michel Derrion enviava alguma quantia para auxiliar nas necessidades da casa e da família. Com relação à saúde, tanto no Sahy quanto na cidade haviam riscos.

As enfermidades que existiam na cidade do Rio de Janeiro, naqueles idos de 1845, estavam, quase sempre, ligadas à questão salubridade. As casas, além de serem coladas umas às outras, não muito arejadas. As roupas pesadas, que não permitiam o corpo respirar no verão, o calor, a humidade, os insetos e o mar, sendo considerado um banheiro público, não ajudavam a diminuir os problemas de saúde. As doenças proliferam, principalmente, no verão⁵⁹⁵. O Morro do Castelo e seus habitantes deviam aprender a conviver com tais dificuldades e, ainda, com a falta de água. No tempo que Lucie viveu com Gustave e seu irmão, na Praça do Morro do Castelo, todos estes problemas devem ter afetado a família. Com a chegada de Michel Derrion as coisas não parecem ter mudado. Todos continuavam morando no mesmo endereço. No entanto, no mês de dezembro de 1846 algo alterou o cotidiano de Lucie, Michel e os meninos. Gustave, o segundo filho do casal e que havia chego ainda bebê no Sahy, faleceu no dia 19 de dezembro de 1846. O motivo do falecimento não consta na certidão de óbito, que foi declarado no dia 22 de dezembro pelo pai. Era verão, a falta de água frequente e as doenças eram frequentes. Talvez tivesse sido alguma destas inúmeras doenças que abriu a porta da casa de Lucie e Michel para levar, do seio da família falansteriana, um dos meninos. Quem sabe, ainda, o pequeno Gustave tenha apenas se machucado numa das brincadeiras de rua com as demais

⁵⁹⁵O tema da saúde e suas adversidades no Rio de Janeiro serão abordados nas páginas seguintes deste mesmo capítulo.

crianças e, infelizmente, falecido de uma infecção. Em qualquer uma das duas suposições, é de se questionar se o casal procurou o dr. Mure ou se foram até a Santa Casa da Misericórdia para tratar da moléstia que deixou Gustave longe das brincadeiras. A morte do segundo filho, certamente, desequilibrou a vida da família. Os quatro, que haviam atravessado o Atlântico e sobrevivido às adversidades da natureza do Sahy, infelizmente, não conseguiram vencer as dificuldades da cidade. Lucie e Michel, muito provavelmente, decidiram se distanciar do Morro e da casa onde moravam. O desaparecimento de Gustave deve tê-los aproximado de seus conterrâneos. Assim, um mês após o falecimento do filho, mais precisamente em janeiro de 1847, a família se mudou para o nº17 da rua São José. Ao que tudo indica, aquele foi um momento de recomeços.

As poucas cartas escritas pela « Vve. Derrion »⁵⁹⁶, como Lucie passou a se identificar quando retornou para a França, no final de 1850, foram todas endereçadas aos *frères* fourieristas de Paris. As missivas, além de agradecerem a atenção dada a ela e ao filho, também insistem que o jornal *La Democratie Pacifique* publique quaisquer palavras acerca da morte de Michel Derrion, lembrando a fidelidade irrestrita de seu companheiro para com o grupo durante os anos em que viveu no Brasil. Se o jornal que Michel Derrion tanto se esforçou para vender e distribuir nas terras cariocas não mencionou a sua morte, mesmo com a insistência de Lucie, o *Almanach Phalansterien*, por sua vez, publicou um pequeno texto em 1852:

« Le 12 mai 1850 est mort à Rio de Janeiro (Brésil) notre excellent ami Derrion, enlevé par l'épidémie qui ravageait cette ville. Il était né à Lyon en 1802. Il consacra ses efforts à propager dans cette ville le principe de l'association, et y forma des établissements dans ce but. Choisi par ses amis, pour diriger au Brésil, il se voua à cette œuvre avec une ardeur religieuse et une ténacité infatigable. Sa perte a laissé de profonds regrets dans la ville qu'il s'était donnée comme seconde patrie »⁵⁹⁷.

Esquecimento por parte dos editores do *La Democratie Pacifique* ou mera indiferença em relação ao *frère*?

O sr. Huger, amigo da família, enviou uma carta, no dia 24 de março de 1850⁵⁹⁸, comunicando os redatores do jornal o desaparecimento de Derrion. De Paris, uma resposta foi enviada, pois existe uma anotação no lado esquerdo do documento de Huger em que se lê « *répondu le 30 mai 1850* ». Entretanto, nestas trocas atlânticas, o que não deve ter ficado evidente

⁵⁹⁶Lettre de Vve. Derrion à Monsieur Allyre Bureau, Paris, 19 février 1851. ANF.

⁵⁹⁷Almanach phalanstérien pour 1851. p.175. Disponível: <<http://premierssocialismes.edel.univ-poitiers.fr/document/fd4533-1851/viewer>> p.175 Acesso: julho de 2018.

⁵⁹⁸Lettre de M. Huger aux editeurs du Democratie Pacifique, Rio de Janeiro, 24 mars 1850. ANF.

é que *Le Démocratie Pacifique* sofria intensas perseguições devido as notas publicadas acerca de algumas práticas políticas implementadas por Louis-Napoléon Bonaparte. Os fourieristas, que participaram da *journée du 13 juin 1849*⁵⁹⁹, foram caçados e seu líder, Victor Considerant, eleito deputado, foi obrigado a se exilar na Bélgica. Em meio a tais repressões, os editores foram obrigados a manter uma circulação mínima do periódico até abril de 1850. No mês de maio, as repressões se tornaram mais intensas e o jornal deixou de circular até os primeiros meses do ano de 1851. Todo este impasse político foi, muito provavelmente, o motivo pelo qual não houve uma única menção ao falecimento de Derrion nas páginas do *La Démocratie*. Infelizmente, a sua morte ocorreu no momento em que o movimento fourierista encontrava-se em plena dispersão na Europa. Nas palavras do sr. Huger:

« O Destinée, que tu es bizarre ! »⁶⁰⁰.

Uma justa homenagem a Michel Derrion pode não ter sido publicada nas páginas dos jornais falansterianos. No entanto, Lucie Dominget foi quem buscou enaltecer a memória do militante. Mesmo se este não tenha deixado um só rastro, elogio ou uma simples palavra acerca daquela que lhe acompanhou em todas as decisões fourieristas, foi ela quem esteve até o fim ao seu lado. Lucie Dominget não teve seu nome escrito nas listas dos societários fourieristas, que ela apoiou por acreditar no engajamento de seu Michel. Asua data e local de nascimento são desconhecidos. Acerca de sua vida após a morte de Michel e o destino de seu filho, também não existem rastros. No entanto, é preciso lembrar que esses silêncios também falam. Não se conhece a história de Lucie porque ela ficou à margem da vida de Michel Derrion. Porém, quiçá um dia a sua vida seja contada a partir das diversas mulheres que constituíram o movimento fourierista e que, por alguma razão, foram quase esquecidas⁶⁰¹. Segundo Huger, o único que falou de Lucie, ela foi uma « *femme toute phalansterienne* ! »⁶⁰².

**

⁵⁹⁹No mesmo ano em que foi eleito deputado, Victor Considerant se envolve na rebelião contra Napoleão III. Nas páginas do Jornal *La Démocratie Pacifique*, o responsável dos fourieristas públicas notas dizendo que o rei havia violado a Constituição francesa e a resolução que impedia o corpo de expedicionários de atacar Roma e se envolver nas questões acerca da Igreja Católica. Cf. CORDILLOT, Miche. *Utopistas et exilés du Nouveau Monde*. Paris: Vendémiaire. 2013. p.87-102.; DESANTI, Dominique. *Les socialistes de l'utopie*. Paris: Petite bibliothèque Payot. 1970. p.201-208.

⁶⁰⁰Lettre de Huger aux Rédacteurs du Journal *La Démocratie Pacifique*, Rio de Janeiro, 24 mars 1850. ANF.

⁶⁰¹PERROT, M., *op. cit.*.

⁶⁰²Lettre de Huger aux Rédacteurs du Journal *La Démocratie Pacifique*, Rio de Janeiro, 24 mars 1850. ANF.

3.3. Derrion: « Au nom de Fourier qui m'entend »⁶⁰³

A vida no Rio de Janeiro não tinha a mesma dinâmica daquela vivida por Michel Derrion nas terras do Sahy. Na capital do Império, os dias pareciam ser constituídos de encontros que ocorriam por entre as ruas das freguesias. Pela rua São José, ele podia passar pela administração da « *maison de santé homéopathique*⁶⁰⁴ », onde se encontrava o dr. Mure e os demais médicos brasileiros, aproveitar para fazer uma pequena visita ao francês Huger e conversar um pouco com os editores do *Le Nouvelliste*. No caminho do porto, em alguma das inúmeras empresas que administravam as importações, ele podia retirar as suas correspondências, os seus livros e os jornais que recebia da França. Nestes dias de encomendas, é de se supor que Michel Derrion passasse algumas horas sozinho só para atualizar as suas leituras acerca das atividades fourieristas nos Estados Unidos e na França. Já na parte norte da freguesia da Candelária, mais precisamente na rua do Hospício, talvez ele se dirigisse somente para trocar algumas palavras com o sr. Taunay ou cumprimentar os diretores da *Société française de bienfaisance*. Nestes hipotéticos itinerários é possível, ainda, supor que Michel Derrion tenha visto a cidade do Rio de Janeiro como um grande palco para a realização da sociedade de Charles Fourier. Logo, para ele que tinha a convicção de uma « *sublime philosophie que celle qui donne la clé de tous les problèmes humanitaires (...) fait connaître à l'homme sa véritable destinée, jette des éclairs d'une éblouissante lumière dans les profondeurs de vie passé et future*⁶⁰⁵ », era preciso propagar a sua crença entre a nova geração e ignorar a indiferença das mentes cansadas. Num destes prováveis percursos, em que tantas pessoas ordinárias cruzaram o seu caminho, é de se considerar que ele tenha encontrado ao menos uma alma com quem pode compartilhar as suas ideias fouriersitas e, até mesmo, o seu velho discurso, oriundo do tempo de Croix-Rousse, acerca « *organisation pacifique de l'industrie et du commerce* »⁶⁰⁶. Seja qual tenha sido a sua predicação ou o número de pessoas com quem partilhou, o fato é que a cidade do Rio de Janeiro propôs um novo ritmo a sua vida. Ali, naquele novo universo, o discurso « *nous efforts ne seront pas perdus* »⁶⁰⁷ havia ganhado um novo sentido.

⁶⁰³*Le banquet Rio-Janeiro (Brésil)*, La Démocratie Pacifique, Paris, 19 juillet 1846.

⁶⁰⁴Cf. MURE, Benoit-Jules, *Doctrine de l'Ecole de Rio de Janeiro et pathogénèse brésilienne*, Paris, Institute homéopathique, 1949.

⁶⁰⁵*Le banquet Rio-Janeiro (Brésil)*, La Démocratie Pacifique, Paris, 19 juillet 1846.

⁶⁰⁶DERRION, M., *op. cit.*, p.12

⁶⁰⁷Lettre de Michel Derrion à un ami, Rio de Janeiro, 16 janvier 1850. ANF.

Michel Derrion e Huger se encontraram, muito provavelmente, por intermédio do dr. Mure. Acerca do engajamento deste último, quando e como ele começou, se na França ou no Rio de Janeiro, nada se pode dizer. No entanto, é possível de supor que Huger tenha se aproximado das ideias do Mestre a partir da relação que estabeleceu com o doutor e das leituras que circulavam no jornal *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*⁶⁰⁸.

O periódico *O Socialista da Província* foi um jornal totalmente escrito em português. Dividido em quatro páginas com três colunas cada uma, os textos que não eram de responsabilidade dos editores apareciam assinados com as letras « X, Y, R ». Na primeira folha de cada edição, o leitor tinha acesso aos artigos que abordavam a homeopatia no mundo e quaisquer traduções, fragmentadas e sem autoria, dos jornais *La Démocratie Pacifique*, *La Phalanx de NewYork*, *O Globo* e parágrafos dos textos de Charles Fourier. Na demais páginas se encontravam as publicidades da « Botica Central Homeopática », de propriedade do dr. Mure, e que estava situada no nº59 da rua São José; notas sobre as votações dos deputados na Assembleia; anúncios de venda de utensílios e animais; e, até mesmo, a divulgação dos « estatutos da companhia Prosperidade seguradora da vida dos escravos na província do Rio de Janeiro »⁶⁰⁹. De toda esta gama de informações que circularam no *O Socialista*, o mais importante de se observar são os detalhes que ele revela acerca das relações francesas constituídas na rua São José, bem como o papel do dr. Mure e de Michel Derrion naquele meio.

O jornal *O Socialista da Província do Rio de Janeiro* começou a circular em meados de 1845. Tido como uma continuação do periódico *O Correio da Província*, ambos foram editados pelo sr. Manoel Gaspar de Siqueira Rego⁶¹⁰. Dos dois jornais, o primeiro foi mantido exclusivamente pelo próprio editor. Meses após iniciar a sua publicação, o sr. Siqueira Rego tinha dificuldades para assegurar a continuidade da impressão de seu jornal. Logo, vendo-se obrigado a buscar apoios financeiros, cujo título era pouco comum na Corte, o sr. R pareceu ter procurado o dr. Mure e solicitado o auxílio necessário. Como se sabe, o doutor era um personagem consideravelmente conhecido no Rio de Janeiro. A sua atuação enquanto médico homeopata, a grande cena ocorrida para receber os imigrantes franceses no Rio de Janeiro e as inúmeras notas publicadas jornal *O Comércio*, fizeram dele um homem singular. Sendo assim, o sr. Rego sabia que se fosse possível estabelecer um acordo com o doutor, parte de seus problemas estariam resolvidos. Como e quando foi estabelecida a negociação entre os dois

⁶⁰⁸Cf. GALLO, Ivone C., *O socialista da província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX*. In.: *Anais do XIX Encontro Regional de História*, ANPUH, São Paulo, 8 à 12 de setembro de 2008.

⁶⁰⁹*Folhinha Homeopática para 1846*, Jornal o Socialista da Província do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1845. BNRJ.

⁶¹⁰GALLO, Ivone, *op. cit.*.

homens, não se pode saber. De toda esta silenciosa trama, o fato é que no segundo semestre de 1845, o jornal vendia assinaturas no endereço da Casa homeopática do dr. Mure, na rua São José, nº59. Além deste pequenino detalhe e dos textos fourieristas e homeopáticos, que ocupavam as páginas do periódico, também era possível de encontrar convites aos leitores socialistas, para que participassem das comemorações e banquetes organizados em homenagem a Fourier.

« Fourierismo.

Os Socialistas residentes nesta corte tendo por costume celebrar os aniversários do nascimento e da morte de seu mestre, assistirão no dia 10 de outubro próximos futuro a missa de finados por alma de Carlos Fourier, que será celebrada na antiga Sé (mosteiro dos capuchinhos no morro do Castelo). No dia 13 haverá um banquete societário para os que irão subscrever com 2\$000 na rua São José, nº59 »⁶¹¹.

Ao que tudo indica, o jornal havia se tornado um órgão de difusão para o dr. Mure, o Instituto Homeopático do Rio de Janeiro e os socialistas fourieristas. No entanto, será que Michel Derrion chegou a contribuir com algum texto para o jornal?

Depois de setembro de 1844, é sabido que Michel Derrion e o dr. Mure mantiveram troca de correspondências. Entretanto, essa comunicação não comprova a participação do lionês em qualquer texto publicado nas páginas do *Socialista*. É preciso destacar que durante todo o ano de 1845, Michel Derrion encontrava-se como administrador da Colônia do Sahy. Todo o trabalho que ele desenvolvia naquelas terras exigiam, sem dúvida nenhuma, muito tempo e dedicação. Além deste desafio, o lionês possuía uma certa característica de escrita que o perseguia desde os tempos da Croix-Rousse. Quer dizer, seus textos, quase sempre apresentavam expressões exageradas da sua devoção e a sua ligação com o ideal industrial, tais como: « *à vous de coeur; le siècle de paix et de bonheur; frères; l'industrie est l'avenir* ». Nos artigos publicados no jornal *O Socialista* acerca do fourierismo, em contrapartida, não apresentam estes pequenos detalhes da escrita de Michel Derrion. É claro que, num contexto em que o autor não é fluente numa língua e alguém fazia a tradução, sem dúvida alguma, haveria alterações nos textos originais. Mesmo imaginando o pior cenário de tradução, as palavras que eram importantes para o lionês, tais como *industrielle* e *frères*, obrigatoriamente, deviam aparecer em algum momento. No entanto, nem mesmo estas foram encontradas nos textos publicados pelo jornal. No ano seguinte, em 1846, quando Michel Derrion se encontrava na capital do Império, ele poderia contribuir com *O Socialista*, publicando seus longos discursos.

⁶¹¹*Fourierismo*, O Socialista da Província do Rio de Janeiro, Niterói, 17 de setembro de 1845. BNRJ.

Porém, naquele mesmo ano, o editor havia reduzido, consideravelmente, a circulação dos artigos homeopáticos e socialistas para dar mais espaço as discussões políticas da Assembleia. Isso quer dizer que a participação de Michel Derrion no jornal *O Socialista da Província do Rio de Janeiro* deve ser analisada como uma não-presença devido aos diversos contratempos ocorridos na sua vida entre os anos de 1845 e 1846, entre o Sahy e no Rio de Janeiro. Em contrapartida, as páginas do jornal evidenciam o papel do doutor no pequeno grupo de franceses da rua São José.

O prédio que abrigava o Instituto Homeopático não era apenas um lugar concebido para as consultas e os estudos homeopáticos. Naquele ano de 1845, ele também havia se tornado um espaço em que os franceses, agora sob a alcunha socialista, encontravam-se para constituir novos projetos e estabelecer possíveis contatos. O principal responsável de toda esta cena era, sem dúvida alguma, o dr. Mure. Personagem conhecido na corte, ele devia passar uma importante parte do seu tempo tentando convencer algumas pessoas da importância da Homeopatia e, quem sabe, das ideias de Fourier para a sociedade.

Benoit-Jules Mure era um fourierista e, como tal, sabia que difundir as obras dos *frères* era algo importante. Esta prática, bastante comum entre os seguidores de Fourier, tinha o objetivo de torná-los socialmente visíveis. Na França, o movimento contava com importantes apoiadores e ainda possuía o escritório do jornal *La Démocratie Pacifique*. Já no Brasil, a circulação de jornais e revistas era dispendiosa e em se tratando de efetuar traduções, os custos eram mais elevados. No círculo fourierista do dr. Mure, composto basicamente pelos franceses da rua São José, não deveria existir alguém que dominasse o português para produzir uma boa tradução dos pensamentos do *Maître*. Logo, em meio a tal impasse, é de supor que doutor tenha encorajado apenas a publicação dos livros homeopáticos, tal como: *O médico homeopático dos meninos*, escrito pelo dr. Hartlanb⁶¹². Quanto ao pensamento do Mestre, ele limitou-se ao básico e o difundindo nas páginas de *O Socialista*. Idolatrias à homeopatia e os textos de Fourier quase esquecidos. E se o dr. Mure era o homem da homeopatia-fourierista no Rio de Janeiro, o ano de 1846, com a chegada de Michel Derrion, promoveriam mudanças.

O ano de 1845 aportou bons frutos para o dr. Mure e o pequeno grupo fourierista do Rio de Janeiro. O jornal *O Socialista* lhes possibilitou certa visibilidade, divulgando algumas traduções dos jornais fourieristas franceses e alguns textos homeopáticos. Em 1846, o editor geral do jornal, sr. Rego, que havia perdido os direitos de publicar as discussões dos deputados

⁶¹²*O médico homeopático dos meninos*, *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*, Niterói, 30 março 1846. BNRJ.

da Assembleia Provincial em 1844, reconquistou a sua concessão em março de 1846⁶¹³. Tendo que dedicar mais espaço aos debates políticos, o periódico pouco a pouco diminuiu as notas sobre a homeopatia e artigos fourieristas. Assim, é de se supor que o dr. Mure e o Instituto tenham reduzido os auxílios financeiros ao jornal. Neste mesmo período, nas páginas do jornal *do Comércio do Rio de Janeiro*, as notas acerca do Instituto de Homeopatia e as correspondências do dr. Mure também se tornaram mais raras⁶¹⁴. Foi em meio a estas dificuldades que Michel Derrion encontrou o dr. Mure e os demais compatriotas. Mesmo trabalhando ao lado do doutor, como diretor do Instituto, o lionês sabia que era preciso pensar num novo caminho para divulgar as ideias e promover as ações fourieristas. O doutor Mure podia se dedicar a sua homeopatia, mas Michel Derrion tinha um novo *frère* que o ajudaria, o sr. Huger.

*« (...) l'occasion de causer de ces choses se présente si rarement, et j'en ai été privé si longtemps, que je suis pardonnable d'en abuser un peu »*⁶¹⁵.

No dia 7 de abril de 1846, o dr. Mure e o sr. Huger organizaram a comemoração ao aniversário de nascimento de Charles Fourier. Enquanto este último fazia as honras como presidente, o segundo foi quem iniciou as atividades com um brinde ao Mestre. Todos os demais presentes, *« nous ne sommes ici qu'une poignée »*⁶¹⁶, também tiveram o seu momento para saudar o homem que os havia iluminado. Quanto a Michel Derrion, é de se acreditar que, alguns dias antes da festividade, ele tenha se sentado em frente à uma janela da casa onde morava, ou no seu espaço do seu trabalho, e escrito o seu discurso. Na sua velha Lyon, uma das poucas maneiras de se obter luminosidade para escrever era instalar-se bem em frente da janela principal da casa. Talvez Michel Derrion tenha guardado este hábito para compor seus textos e reflexões. De toda forma, o discurso existiu e foi pronunciado a todos os homens e mulheres presentes naquela ocasião.

O texto de Michel Derrion foi, quase todo, reproduzido nas páginas do jornal *La Démocratie Pacifique*⁶¹⁷ três meses após o evento. Ao longo das linhas, é possível ler as designações « socialistas » e « socialistas falansterianos ». Esta foi uma das poucas vezes, senão a primeira, em que Michel Derrion utilizou tais termos para identificar os seguidores de Fourier. O que teria levado Derrion, o militante, a empregar tais termos após tantos anos escrevendo

⁶¹³GALLO, I. C., *op.cit.*, 2008.

⁶¹⁴*Homeopatia e Fourierismo*, Jornal O Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 26 abril 1846. BNRJ.

⁶¹⁵*Banquet Rio-Janeiro (Brésil)*, La Démocratie Pacifique, Paris, 24 mai 1846. BML.

⁶¹⁶*Le banquet Rio-Janeiro (Brésil)*, La Démocratie Pacifique, Paris, 19 juillet 1846. BML.

⁶¹⁷*Banquet Rio-Janeiro (Brésil)*, La Démocratie Pacifique, Paris, 24 mai 1846. BML.

unioniste-societário-falansteriano-fourierista? Ora, o lionês era um leitor das páginas do *La Démocratie*. Logo, é de se supor que ele tenha observado esta denominação em algumas das colunas do periódico e passado a utilizá-la. Outro detalhe importante no discurso de M. Derrion é que, ao se referir aos socialistas, ele muito brevemente fez referência ao movimento nos Estados Unidos⁶¹⁸. A troca de correspondências entre os franceses fourieristas no Brasil com o bureau da França ocorria de modo regular, mesmo sabendo que as notícias chegavam com alguns meses de atraso nos dois lados do Atlântico. Se Michel Derrion citou o movimento falansteriano nos Estados Unidos e o jornal *O Socialista* também chegou a fazer uma breve menção, isso não quer dizer que entre o Brasil e os Estados Unidos tenha ocorrido uma comunicação ou, até mesmo, uma correspondência triangular entre os três países. Infelizmente, até o momento, nenhum indício foi encontrado para que se possa ampliar este debate acerca de um movimento fourierista triangular Atlântico. A provável explicação para a alusão aos Estados Unidos, feita por M. Derrion e o jornal *O Socialista*, pode ser simples reprodução de textos publicados originalmente nas páginas do jornal *La Démocratie Pacifique*. É sabido que este periódico trazia, com certa frequência, relatos dos fourieristas pelo mundo. É claro que, em todo o discurso de Michel Derrion, nem tudo era uma duplicata. Nele, também se pode encontrar frases repletas do sentimento militante. Ou seja, doses exageradas de convencimento e parágrafos salpicados de ambição, a escrita característica de Michel Derrion. Acerca dos temas abordados no seu discurso, não é preciso dizer que o lionês começou a sua fala contando um pouco da história da Colônia do Sahy e, em seguida, usou toda sua eloquência narrando a teoria de l' « *Unité Universelle* », de l'« *organisation du travail et de l'éducation nouvelle* »⁶¹⁹ e da importância de todas estas para a sociedade e a juventude brasileiras.

Ao começar o seu discurso com a experiência do Sahy, bem na ocasião do aniversário de Charles Fourier, Michel Derrion deu certa importância às ações fourieristas realizadas no Brasil. É de se imaginar que tal fala também suscitou boas e más lembranças. No entanto, naquele dia 7 de abril, no Rio de Janeiro, no momento que aqueles poucos socialistas brindavam, Michel Derrion deve ter pensado que as suas palavras seriam lidas por inúmeros outros *frères* da França. Logo, ele sabia que seu discurso devia enaltecer e encorajar os tantos outros socialistas falansterianos do globo a, talvez, virem para o Sahy.

« (...) *la Colonie sociétaire du Sahy est debout... une et indivisible !*
 (...) *ce n'est encore qu'au Brésil, Colonie do Sahy, qu'existe un vaste domaine*
de deux lieux carrés, parfaitement situe et prêt à recevoir toutes les tentatives

⁶¹⁸*Idem.*

⁶¹⁹*Ibidem.*

*plus ou moins intégrales que les hommes avides de pratique voudront réaliser »*⁶²⁰.

Aparentemente, Michel Derrion estava cumprindo o que havia escrito em sua carta enviada ao Presidente da Província de Santa Catarina, em agosto de 1845. Ele dizia que a sua viagem para ao Rio de Janeiro tinha o objetivo de estabelecer contatos que pudessem lhe fornecer novos imigrantes para a Colônia. A comemoração do aniversário do Mestre e o seu bravo relato foram, sem dúvida alguma, uma boa desculpa para propagar o Sahy nas páginas dos jornais fourieristas na França. Além da imagem da « *une et indivisible* » da Colônia, Michel Derrion também fez questão de mostrar que entre ele, o dr. Mure e a todos os demais falansterianos, que se dedicaram a erigir o Sahy, viviam em perfeita harmonia. As palavras escolhidas para reverenciar a todos, mas principalmente o dr. Mure, não podiam ser mais vibrantes: « *vous avez apporté [dr. Mure] votre part de travail à l'œuvre du siècle* »⁶²¹.

A segunda parte do discurso de Michel Derrion é um pouco mais densa e a sua maneira de escrever, falar, remete ao tempo dos artigos publicados no *l'Indicateur* de Lyon. Com uma linguagem centrada nos jargões fourieristas e explicando « l'oeuvre sociale » a partir da teoria de « *l'Unité Universelle* », uma leitura recentemente adquirida, o lionês propõe uma vasta divulgação do iluminado conhecimento do Mestre.

*« Combien doit être intéressant pour les économistes, le système rationnel qui réalisera la richesse générale (...) Quelle sublime philosophie que celle qui donne la clef de tous les problèmes humanitaires (...) Connaissant la nullité des prétendues améliorations obtenues par les moyens révolutionnaires, nous nous bornons à enseigner comment on peut harmoniser les intérêts par l'association intégrale »*⁶²².

Todavia, nos parágrafos seguintes, a sua ideia de difusão, outrora centrada nas publicações de jornais e livros, tomou uma outra direção. Ali, entre uma linha e outra, Michel Derrion propõe a ideia de se conceber uma educação regular para as crianças e jovens. Este ensino, baseado nos estudos da « *l'organisation du travail et de l'éducation nouvelle* !⁶²³ », seria a « *bussole pour guider* » toda uma futura geração de homens cujo lema seria a harmonia.

« Mais la jeune génération tout entière, qui a besoin de croire et d'aimer et qui, ne trouvant rien autour d'elle, se consume dans le vide. Oh !! Elle ne sera pas longtemps indifférente (...) donnons-lui donc ce qui lui manque, un but

⁶²⁰Banquet Rio-Janeiro (Brésil), La Démocratie Pacifique, Paris, le 24 mai 1846. BML.

⁶²¹Idem.

⁶²²Ibidem.

⁶²³Ibidem.

*noble, une tâche digne d'elle. Préparons-la aux grandes destinées qui l'attendent, car c'est elle qui est dépositaire de l'avenir »*⁶²⁴.

Talvez, a reflexão sobre a educação tenha sido despertada, em Michel Derrion, quando ele chegou ao Rio de Janeiro e teve acesso a outras leituras, tal como a obra « *l'Unité Universelle* ». Quem sabe ainda, aliado a estes dois detalhes, a companhia do novo *frère*, Huget, que exercia a função de professor, também lhe fez conceber um novo caminho para a realização de uma sociedade societária, que não estivesse centrada apenas numa colônia industrial. Com tantas novidades surgindo e outras pessoas fazendo parte de seu contexto, não é de se duvidar que Michel Derrion tenha se permitido conceber um novo projeto. O momento para anunciar tal ideia não podia ser outro senão na comemoração do aniversário de Fourier, no Rio de Janeiro, junto aos seus. Naquele dia, mesmo que os dados fornecidos tenham sido vagos, os franceses falansterianos da capital anunciaram, na voz de Michel Derrion, o nascimento de uma futura geração de fourieristas concebida a partir da educação. As palavras finais do discurso de Michel Derrion não deixam dúvida:

*« A nous donc à combiner l'organisation d'un enseignement régulier de notre Science bienfaisance. Ce n'est pas l'instant d'entrer dans des détails à ce sujet ; nous choisirons pour cela un moment plus opportun »*⁶²⁵.

Agora, se Michel Derrion e Huger estavam, realmente, pensando em abrir uma escola societária, como eles fariam para financiar uma tal estrutura?

Ao fazer um discurso a respeito da educação para a juventude, Michel Derrion deixou transparecer a clara intenção de conceber uma escola fourierista nas terras do Rio de Janeiro. Não é nenhuma novidade que o lionês possuía um considerável conhecimento das leituras de Fourier como também, não era nenhum segredo que Huger atuava como professore de francês, matemática, contabilidade comercial e artes, num prédio de dois andares na rua São José, nº47, e que fora registrado como « colégio francês ». Espaço e registro não lhes faltavam, quanto ao quadro das disciplinas necessárias para compor a escola, aparentemente, elas também não seriam um problema. Segundo os escritos deixados pelo Mestre, a Escola societária era destinada a crianças e jovens e devia ser estruturada numa « *l'analogie universelle* »⁶²⁶ onde o

⁶²⁴Banquet Rio-Janeiro (Brésil), La Démocratie Pacifique, Paris, 24 mai 1846. BML.

⁶²⁵Idem.

⁶²⁶GIRAUD, Jules. La pédagogie de Charles Fourier. In : *Institut français de l'éducation*. Disponível: <http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/document.php?id=2746> Acesso: junho 2018.

ensino ocorreria a partir de « *un lien entre toutes les harmonies* »⁶²⁷. Ou seja, as aulas seriam compostas por pequenos ateliers de música e de práticas manuais, em que este último seria destinado a construção de jogos de madeira. O objetivo de toda esta estrutura era o de « *amorces industrielles* tout indiquées pour leur faire prendre goût au travail et provoquer l'éclosion des vocations »⁶²⁸. Os franceses da rua São José pareciam ter o necessário em suas mãos, entretanto, o que lhes faltava era um pequeno apoio financeiro para constituir as salas de canto e de jogos com livros e demais utensílios. Aqui, é preciso lembrar que quase todos os fourieristas da capital eram « *pauvres en fortune, mais riches en convictions* »⁶²⁹. Com a ideia em mente, Michel Derrion, certamente, se apressou em escrever para os seus *frères* de Paris e Lyon solicitando apoio. Infelizmente, a contribuição fourierista francesa não foi imediata. Nas listas de importação do porto do Rio de Janeiro, no ano de 1846 não há nenhum registro em nome de Michel Derrion. Em 1847, apenas uma caixa lhe foi destinada. Já nos dois anos seguintes, 1848 e 1849, cerca de quatro importações foram registradas em seu nome. O atraso no envio do material não foi proposital ou causado por uma desatenção por parte dos *frères* de Paris e Lyon. Além do tempo que levava para se estabelecer uma comunicação entre os dois lados do Atlântico e os possíveis imprevistos no transporte, *l'Ecole Sociétaire de Paris* estava administrando uma disputa política-eleitoral que duraria quase três anos, ou seja, de 1846 à 1849. Justamente no período em que Michel Derrion e, aparentemente, Huger tentavam implementar uma escola.

Em 1846, a Monarquia de Julho já dava sinais de sua decadência⁶³⁰. O alto preço da farinha e o número considerável de desempregados provocou um descontentamento popular que, conseqüentemente, dividia as posturas políticas dos grupos conservadores, liberais e republicanos. Victor Considerant, que até então não havia se envolvido em questões de governo, tomou a decisão de expor a sua posição nas páginas do jornal *La Démocratie Pacifique* nos idos de 1846 e 1847. Colocando-se como um republicano reformista pacifista, a favor da reforma eleitoral francesa e propondo que « *le riche aide le pauvre pour éviter de cruelles extrémités* »⁶³¹, a sede do jornal *La Démocratie* acabou se tornando um verdadeiro comitê eleitoral para eleger Considerant na Constituinte. Pela primeira vez, os fourieristas participavam ativamente de uma eleição. Assim, em 1848, Victor Considerant se torna deputado na « *l'Assemblée Constituante dans le département du Loiret* » e, em 1849, ele é eleito « *à l'Assemblée*

⁶²⁷*Idem.*

⁶²⁸*Ibidem.*

⁶²⁹*Banquet Rio-Janeiro (Brésil)*, *La Démocratie Pacifique*, Paris, 24 mai 1846. BML.

⁶³⁰CARPENTIER, Jean; LEBRUN, François (dir.), *op. cit.*; GRIBAUDI, Maurizio, *op. cit.*.

⁶³¹Cf. CORDILLOT, M., *op. cit.*, p.87-102; DESANTI, D. *op. cit.*, p.201-208.

Législative dans le département de la Seine ». Durante seu mandato, ele solicitou a criação de um « *ministère du progrès et de l'expérience* » destinado a apoiar financeiramente a construção de Falanstérios, « *Colonies Icariennes et une banque du peuple proudhonienne* »⁶³². Os seus projetos não obtiveram os votos necessários para sair do papel. No entanto, Victor Considerant não desistiu de suas convicções fourieristas. Em 1849, defendendo a Constituição francesa e criticando a atuação política do futuro Napoleão III, ele se envolveu na *journée* du 13 juin. Em tal disputa, Victor Considerant foi considerado um inimigo do governo. Sendo obrigado a se esconder na França até o final de 1849, no ano seguinte ele se consegue se exilar na Bélgica. Em 1852, ele atravessou o Atlântico rumo aos Estados Unidos para constituir o falanstério nas terras do Texas. Não é preciso dizer que a ausência de líder fourierista causou uma desordem na união de todos os socialistas do globo.

Toda esta contenta eleitoral e política na França ocorrida entre os anos de 1847 e 1849, certamente, atingiu Michel Derrion e os demais socialistas falansterianos do Rio de Janeiro. O desejo destes em erigir a Escola Societária também foi afetado. Entretanto, mesmo com a dificuldade de estabelecer contatos e as disputas políticas impossibilitando a ampliação de projetos fourieristas nos dois lados do Atlântico, os franceses dos trópicos não deixaram de se preocupar com organizar com os seus compatriotas.

Em meados de junho de 1848 os « MM. Piel, Charles Leclerc, Gilbert, Jamain, Huger, Derrion » se reuniram para constituir uma « *Souscription française* »⁶³³. O grupo contou com o apoio do Consul da França no Brasil, sr. Taunay, e teve notas publicadas no *Jornal do Comércio*, que solicitavam a todos os « *généreuses ou sympathiques chez lesquelles on ne s'est point présente* »⁶³⁴ uma simples contribuição para os franceses feridos na revolução de 1848⁶³⁵. A notícia, bem como os nomes nela presentes, deixam transparecer dois importantes detalhes. O primeiro, é clara relação que foi estabelecida entre franceses do Sahy com o sr. Taunay. Mesmo com todos os problemas ocorridos na colônia societária, aparentemente, Michel Derrion mantinha um bom relacionamento com o Consul e o seu gabinete. O segundo ponto é a presença de Jamain na lista de 1848. Pela primeira vez, depois de 1844, os dois societários são citados lado a lado. Quem sabe, além das ideias da revolução de 1848 modificarem a maneira de conceber a política no meio fourierista, elas também serviram para reconciliar os dois *frères*

⁶³²BREMAND, Nathalie. Victor Considerant (1808-1893). In.: *Les premiers socialismes - Bibliothèque virtuelle de l'Université de Poitiers*, 2009. Disponível: <<http://premierssocialismes.edel.univ-poitiers.fr/collection/victorconsiderant>>. Acesso: julho de 2018.

⁶³³*Souscription Française*, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 28 de julho de 1848. BNRJ.

⁶³⁴*Idem*.

⁶³⁵*Ibidem*.

que haviam deixado de lutar juntos por divergências ocorridas no Sahy. Neste difícil momento, tanto um quanto o outro possuíam parentes na França, sejam eles de sangue ou de militância. Logo, unir-se em nome daqueles que se ama seria um bom motivo para se reconstruir a confiança perdida e, quem sabe, novamente empenhar-se pela causa societária. Naqueles anos difíceis, em que o Atlântico aportava notícias que podiam aproximar e afastar os socialistas falansterianos do globo, as ruas do Rio de Janeiro se tornaram um espaço de reencontros em que o lema era a resistência.

A rua São José, nº47, tornou-se um local importante para os socialistas falansterianos. A casa de dois andares em que Huger, trabalhava e morava, funcionou, certamente, como um colégio. Portanto, atrás da denominação « collegio francez » havia um projeto de escola baseada na teoria de Charles Fourier. Michel Derrion foi um dos responsáveis do empreendimento. A ideia de conceber tal estabelecimento já havia sido mencionada em 1842 pelo societário Jamain, em uma de suas cartas enviadas ao Presidente da Província de Santa Catarina⁶³⁶. Ele foi o primeiro a evocar uma educação industrial societária para a juventude que vivia nos arredores de São Francisco do Sul e Sahy. Infelizmente, o anseio de Jamain não chegou a sair do papel. Em contrapartida, o seu compatriota, quase quatro anos depois, no Rio de Janeiro, tentou estruturar uma Escola Societária contando com o apoio de alguns novos franceses e do bureau de Paris. Nesta primeira etapa de resistência formada na rua São José, com um pequeno grupo fourierista se constituindo, dos societários chegados em 1841, apenas Michel Derrion parecia ser o mais ativo. De Jamain, tudo o que se pode descobrir, é que sua residência estava localizada nos arredores do Morro Santo Antônio⁶³⁷. A amizade societária entre os dois franceses do Sahy, aparentemente, ainda mantinha as suas feridas abertas. Mesmo se a revolução na França, em 1848, os aproximou, tudo não passou de um pequeno e rápido momento de resistência. Quanto o modelo de Escola Societária proposto por Fourier e pensado por Michel Derrion e os demais *frères* do Rio de Janeiro, tudo o que se sabe é que ela não chegou a ser realmente constituída. As poucas condições existentes para estruturar o estabelecimento e o delicado contexto político-eleitoral-revolucionário, para os fourieristas franceses, alterou os caminhos da educação societária no Brasil. Mesmo nestas tantas desventuras, Michel-Marie Derrion encontrou forças para continuar tentando.

**

⁶³⁶Lettre de Jamain au Président de la Province, São Francisco do Sul, 12 avril 1842. AHJ.

⁶³⁷VIDAL, L., *op. cit.*, p. 275-284.

3. 4. Epitáfio:

*« Une épidémie épouvantable domine depuis un mois la population de Rio de Janeiro. Les médecins l'ont qualifié de fièvre jaune, mais des symptômes de cholera se sont rencontrés dans beaucoup de victimes ... »*⁶³⁸

Lucie e o filho estiveram doentes no mesmo momento que Michel Derrion. Ela soube da morte do seu companheiro quando ainda estava enferma. Ele, que lutou durante sete dias, faleceu em 12 de março de 1850, às 11h da noite. Huger e Trisse se ocuparam de relatar o falecimento do amigo. Era desta maneira que aquele primeiro se referia a Michel Derrion. Lucie havia sido transferida para a casa de campo da proprietária do imóvel em que a família morava, na rua São José. O menino, contrariamente a seus pais, se reestabeleceu em poucos dias. Segundo Huger, o filho de Michel Derrion era o único que conseguia aportar um pouco de consolo para Lucie.

Não houve enterro.

**

⁶³⁸Lettre de Huger aux Rédacteurs du Journal La Démocratie Pacifique, Rio de Janeiro, 24 mars 1850. ANF.

3.5. *Deus qui non mortem:*

« Cupim, mofo e insetos, pululando em muito maior quantidade e variedade do que na Europa, atacavam os moveis, os livros, as roupas e os homens. Disseminadas pela mosquitada e as chuvas de verão, as febres alastravam-se pelo centro do Rio, já bastante povoado e com poços contaminados (...) »⁶³⁹.

No verão de 1849 – 1850, um personagem bastante peculiar dançaria pelas ruas do Rio. Uma senhora, nada charmosa, vestida de negro e carregando uma foice, nomeada como « A Grande Ceifeira », trabalhou exaustivamente para levar consigo todos os infortunados que cruzassem o seu caminho. No momento em que o balét da morte era representado e o desespero atingia uma considerável parte da população, a fé foi um dos caminhos encontrados para pedir aos céus a proteção divina e, se possível, a cura. Para afrontar a força da morte, que segundo certos cristãos fora acordada devido a ofensa feita a São Benedito, devoto dos negros, que não pode figurar na Procissão das cinzas de 1849, pois, « branco não carrega negro nas costas, mesmo que seja Santo⁶⁴⁰ », São Sebastião, o protetor da cidade do Rio de Janeiro, foi chamado. Num evidente discurso em que os escravos e negros são representados como desejosos de vingança e, portanto, decidem punir com a peste os homens brancos livres⁶⁴¹, o fato é que nem Santo nem cor da pele podiam operar curas ou milagres. A epidemia que atacou a todos na cidade, deixando cerca de 266 mil doentes e outros 4160 mortos⁶⁴², não era oriunda de uma praga religiosa.

Em janeiro de 1850, o dr. Lallemant, médico alemão, radicado no Brasil, e responsável pela enfermaria de estrangeiros da Santa Casa da Misericórdia relatou, numa sessão

⁶³⁹ ALENCASTRO, L. F., *op. cit.*, p.67.

⁶⁴⁰ COARACY, Vivaldi. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jose Olympio. 1965. p.323 apud RODRIGUES, Claudia, *Lugares mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Secretaria municipal de cultura, Departamento geral de documentação e informação cultural, Divisão de editoração, 1997. p. 43.

⁶⁴¹ Segundo Claudia Rodrigues, a representação deste fato nas mentes de alguns habitantes da cidade provavelmente foi reforçada diante da resistência dos escravos à febre amarela. No ano de 1850, do total de mortos registrados no livro de óbitos da freguesia do Santíssimo Sacramento e que tiveram mencionada sua condição social, 71.3% eram livres, 8.1% forros e 20.6% escravos. Cf. RODRIGUES, C., *op. cit.*, p. 41-47.

⁶⁴² Cf. RODRIGUES, C., *op. cit.*, p. 38. ; CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p. 61.

extraordinária da Academia Imperial de Medicina, o desenvolvimento de uma febre grave que havia atacado os marinheiros, recentemente atracados no porto da capital, oriundos da Bahia:

« (...) foram recolhidos à Santa Casa no dia 27 do mesmo mês [dezembro 1849], quatro indivíduos que com eles moravam na taberna de Frank na rua da Misericórdia no qual adoeceram também a mulher do mesmo, e o caixeiro alemão Lenschau »⁶⁴³.

Em comunicação com o porto da Bahia, as autoridades do Rio de Janeiro souberam que casos semelhantes foram registrados alguns meses antes e que, infelizmente, a grande maioria das vítimas não haviam sobrevivido. Por acreditarem que a doença atacava, especialmente, « os homens do mar », os poderes das cidades da Bahia e Rio de Janeiro decidiram que as ocorrências não eram dignas de temor. Assim, as medidas sanitárias necessárias para isolar e estudar os casos ocorridos, nos dois portos, não foram tomadas imediatamente. A Corte e os poderes locais da Bahia, de uma certa maneira, buscavam « (...) enganar a si mesmos tranquilizando as populações »⁶⁴⁴. Com os números de casos aumentando, principalmente na zona portuária, em janeiro de 1850, finalmente, a Corte decidiu analisar os registros das Santas Casas e das Paróquias com os dados dos doentes e mortos. A Academia de Medicina, que fez parte da ação, num primeiro momento, anunciou que os números das ocorrências não eram o suficiente para apontar, com toda a certeza, a existência de uma epidemia de febre amarela. Com a resposta dos médicos, as autoridades da capital do Império decidiram criar um « lazareto – edifício para quarentena dos indivíduos suspeitos de contágio – na ilha do Bom Jesus »⁶⁴⁵. Apoiando-se, ainda, nos conselhos médicos de Gomes dos Santos, Torres Homem e Pereira Rego⁶⁴⁶, os Ministros e demais responsáveis municipais solicitaram aos jornais que publicassem notas e recomendações que acalmassem e informassem a população. Conselhos sobre higiene, manipulação de alimentos e de maneiras apropriadas para se vestir, passaram a circular nas páginas dos periódicos. Acerca da cozinha, as indicações se centravam no bom cozimento dos produtos e na não ingestão de frutas cítricas. Era desaconselhável ingerir bebidas alcoólicas⁶⁴⁷ e, sobretudo, devido ao forte calor, para não perder água do corpo, era

⁶⁴³LALLEMANT, Roberto. *Observações acerca da epidemia de febre amarela no ano de 1850 no Rio de Janeiro: colhidas nos hospitais e na policlínica*. Rio de Janeiro: Typ de J. Villeneuve & Comp. 1851 apud, RODRIGUES, C. *op. cit.*, p. 34-36.

⁶⁴⁴RODRIGUES, C., *op. cit.*, p. 35-36.

⁶⁴⁵*Idem*,

⁶⁴⁶ALENCASTRO, L. F., *op. cit.*, p. 78.

⁶⁴⁷CHALHOUB, S., *op. cit.*, p.86.

aconselhável utilizar vestimentas leves e folgadas⁶⁴⁸. A remediação encontrada, sem dúvida nenhuma, não deu resultados. No final de janeiro, a administração do Misericórdia já havia criado enfermarias provisórias para receber os inúmeros pacientes oriundos das freguesias da capital, bem como, estrangeiros e viajantes. Com uma ocupação desordenada e a falta de uma política metódica de limpeza pública, aliada às características climáticas daquele verão e a geografia da cidade, a febre encontrou o cenário propício para adentrar rapidamente o interior da cidade. A situação, que se agravava a cada dia, mostrou que o Império não tinha a menor condição de gerir situações de risco. Assim, na primeira semana de fevereiro, a Academia de Medicina novamente se reuniu a pedido do Ministério e, com base nas novas estatísticas, declarou a existência da epidemia de febre amarela na Corte. Sem tardar, os poderes da Bahia também tomaram a mesma decisão. Se entre o momento da descoberta da febre e a sua propagação os poderes políticos da Corte se mostraram um tanto lerdos, na segunda semana do mês de fevereiro, as ações de combate a epidemia tornaram-se a principal preocupação.

No dia 14 de fevereiro o Ministério do Império e a Câmara municipal publicaram uma portaria contendo as instruções de prevenção e combate à febre amarela. Mais tarde, algumas das regras estabelecidas por este documento tornaram-se posturas municipais. Já no dia 4 de março, um regulamento sanitário detalhado contendo dispositivos de controle do espaço da cidade e da vida dos indivíduos, visando claramente combater de vez a epidemia, foi instituído. Foi neste momento de controle da epidemia que as autoridades públicas e os médicos tentaram demonstrar para a população da Corte, já bastante abatida com o número de mortes e doentes, que havia uma eficácia nas normas de saúde pública. Assim, um órgão dirigente de saúde pública, especializado em epidemias, foi instituído. Comissões de saúde, constituídas a partir da divisão da cidade em Paroquias, estabeleceram-se. Igualmente, um serviço de assistência aos menos favorecidos foi concebido para que as pessoas, em áreas de risco e sem condições, pudessem obter tratamento e remédios gratuitamente. Inspeções sanitárias periódicas passaram a ser obrigatórias em todos os cantos, bares, teatros, casas, comércios, das freguesias. Com base nestes controles e dos relatórios oriundos das comissões, o Ministério do Império e a Câmara municipal puderam conhecer o provável ponto de origem, os grupos mais atingidos e o andamento da epidemia na Corte. Segundo os dados analisados pelo médico alemão, o foco inicial tinha sido na região que compreendia a rua da Misericórdia:

« A princípio caminhava muito devagar, porém caminhava com passo certo, quase de uma casa para outra, de uma travessa para outra, e nas casas e nas

⁶⁴⁸CHALHOUB, S., *op. cit.*, p.86.

tavernas atacando uma pessoa após a outra. De repente a sua marcha torna-se mais rápida. Sem cerimônias ataca tudo, prostra tudo sobre o leito dos sofrimentos; há casos em que nenhum indivíduo fica inato; nenhuma idade, nenhum estado, nenhum sexo, dá um privilégio, uma isenção (...) Como um raio sobre o céu azul, caía em geral a febre amarela sobre o povo. Quando os marinheiros estavam carregando seus navios, quando os negociantes iam a praça do Comércio, quando os oficiais seguiam seu trabalho e os pretos puxavam as carroças e levavam o café, pelas ruas, neste instante mesmo, de repente, aparecia uma horripilação, mais ou menos forte, um frio e a febre se manifestava ... »⁶⁴⁹.

Dentre as pessoas, as mais suscetíveis à febre estavam as mulheres grávidas e « europeus, como os africanos oriundos das áreas do Continente Negro onde não existia a doença »⁶⁵⁰. Quanto ao desenvolvimento da epidemia de 1850, os médicos notaram que alguns dos sintomas do cólera estava presente em quaisquer doentes. Estes que eram, sobretudo, de origem mais « modestas, mal instaladas: escravos e os proletários portugueses (...) »⁶⁵¹, como aconselhado pelo Ministério e a Câmara, tinham a possibilidade de serem tratados nos locais gratuitos estabelecidos a partir das Paróquias de cada freguesia. Todo este arranjo causou, inevitavelmente, o deslocamento de uma parte da sociedade que vivia no interior, principalmente escravos e escravos libertos, para a Corte. Estes homens, mulheres e crianças que vinham em busca de intervenção médica, despertaram na classe mais favorecida um certo inconveniente⁶⁵². Talvez, por desinformação ou, quem sabe, por uma mera falta de intelecto, esta parte nobre da sociedade acreditava que a epidemia se proliferava devido a presença destes desafortunados. Com a febre e o cólera pululando nas ruas da capital, uma parte da população supondo que tudo fora obra do castigo de São Benedito e uma pequena elite difundindo disparates, o Império, mesmo contando com a Academia de Medicina e as Irmandades, se viu obrigado a solicitar o apoio das agremiações e entidades constituídas na capital. O pedido era bastante simples, que as ditas sociedades estabelecessem uma rede de auxílio aos doentes fornecendo, desde que possível, médicos e medicamentos. Atendendo prontamente ao pedido, no mês de março, a *Société Française de Bienfaisance*, sabendo que os imigrantes formavam um dos principais grupos de risco, iniciou a sua atuação em meio a comunidade francesa existente no Rio.

Fundada em 1836, na rua da Ajuda, nº17, a *Société* foi concebida em comitês eleitos uma vez por ano, entre os meses de junho e julho. A participação nas reuniões, com voz e voto,

⁶⁴⁹LALLEMANT, R., *op. cit.*

⁶⁵⁰ALENCASTRO, L. F. de, *op. cit.*, p. 78.

⁶⁵¹Cf. O sapato e o sanitismo imperial, In ALENCASTRO, L. F. de, *op. cit.*, p. 78.

⁶⁵²*Idem.*

era permitida a todos que pagassem a inscrição. Nas palavras do primeiro diretor a função da *Société* era:

« *Eloignes de notre patrie, nous avons senti la nécessité de nous réunir, de nous former en corps, afin de nous entraider : de là est née notre Société de Bienfaisance. Le but de cette institution est non seulement de secourir nos compatriotes dans les besoins, mais encore de les consoler dans leurs afflictions et de les empêcher de tomber dans le désespoir quand le malheur les atteint* »⁶⁵³.

Devido à falta de documentos nos arquivos da atual instituição, infelizmente, não se pode saber quantos franceses estiveram inscritos e tão pouco o valor estipulado para a participação na Sociedade. As poucas informações que chegaram aos nossos dias, dos primeiros anos de sua existência, foram encontradas nas páginas do *Jornal do Comércio*. Neste, foi possível catalogar alguns dos dados financeiros da entidade desde a sua fundação até o ano de 1842. Após este ano, as notícias se limitam a anunciar as convocações para as reuniões e a divulgação de peças de teatro em favor da agremiação. A provável explicação para estas mudanças pode estar ligada ao fato da *Société* ter mudado de endereço e ter se estabelecido junto ao Consulado Francês, na rua do Hospício. Durante o período em que Consulado e *Société* partilhavam o mesmo imóvel, não era raro de observar um trabalho de assistencialismo compartilhado. Por exemplo, uma destas ações foi o auxílio aos franceses societários do Sahy que, em 1842, encontravam-se em disputa com os diretores da Colônia. Foi exatamente naquele momento que Michel Derrion conheceu as duas entidades e os seus responsáveis. Nos anos em que viveu no Rio de Janeiro, o lionês passou a participar ativamente das reuniões da *Société* ocorridas no Consulado. No entanto, não se pode saber qual foi a sua forma de contribuição ou, até mesmo, quanto ele pagou para poder participar.

A *Société* era financiada, basicamente, pelas contribuições de todos os membros participantes. Na contabilidade publicada no *Jornal do Comércio*, em 1842, ela faz referência à algumas apolices e « (...) de produit de représentations théâtrales, de produits divers, des dons volontaires et le loyer d'une négresse »⁶⁵⁴ também auxiliavam a manter o seu saldo positivo. No entanto, no ano de 1847, certas alterações no seu estatuto, principalmente no que tange a aceitação de novos sócios e as suas contribuições, foram propostas por um membro à direção

⁶⁵³Séance générale de la Société Française Bienfaisance, Jornal O Comércio, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1842. BNRJ.

⁶⁵⁴Idem.

geral⁶⁵⁵. Quem sabe, tal sugestão foi aconselhada pelo próprio Michel Derrion, já que, em Lyon, ele atuava como contador e, ao que tudo indica, a entidade passava por alguns problemas financeiros. Logo, a maneira mais simples de resolver o desgaste das finanças era de ampliar a participação dos compatriotas no interior da mesma. Tal modificação, portanto, não assegurava a eleição dos novos participantes para a diretoria geral da *Société*. Para chegar a esta, certamente, haviam alguns outros critérios mais refinados que deviam ser respeitados. De toda maneira, no que diz respeito aos debates do estatuto, naquele ano de 1847, não houveram avanços. No ano seguinte, enquanto a França vivia a Revolução de 1848, cuja atuação de Michel Derrion e dos demais falansterianos foi a constituição de uma « *Souscription française en faveur des veuves, orphelins et blésés des journées de février 1848* », o Secretário da *Société* publicou:

« MM. les membres de la Société Française de Bienfaisance sont invités à se réunir au Consulat français, le vendredi 28 courant à 6 heures du soir, pour discuter quelques modifications aux statuts de la société, proposées par un membre à l'assemblée générale annuelle du 7 juin dernier. Rio de Janeiro, 24 juillet 1848. – le secrétaire du comité, C.A. Delphin »⁶⁵⁶.

Qual é a relação desta nota publicada pela entidade e a « *souscription* » criada por Michel Derrion? Ora, certamente, que o lionês tinha a intenção de fazer parte da diretoria geral da *Société*. Para que isso ocorresse, além de possuir uma rede de relações no interior do Consulado onde a *Société* estava estabelecida, ele também devia fazer um discurso e ter atuação que dialogassem com o propósito daquela. Quer dizer, Michel Derrion devia provar ao grupo da *Société* que ele era alguém de engajado na política assistencialista, tal como propunha o discurso do Presidente da *Société* no ano de 1842 - « *afin de nous entraider*⁶⁵⁷ » e « *secourir nos compatriotes dans les besoins, mais encore de les consoler dans leurs afflictions* »⁶⁵⁸. É claro que o lionês, ao propor a sua « *souscription* » mostrava-se inquieto com a situação dos seus *frères* na França. No entanto, não se pode negar que havia, por sua parte, um interesse de ser eleito para algum dos cargos da diretoria geral e, é claro, dar uma outra visibilidade ao grupo socialista falansteriano do Rio. Afinal, a alteração do estatuto foi realizada em dezembro de 1848. Nos meses seguintes, sem nenhuma surpresa, Michel Derrion foi eleito membro executivo da

⁶⁵⁵Séance générale de la Société Française de Bienfaisance, Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 17 août 1847. BNRJ

⁶⁵⁶Séance générale de la Société Française de Bienfaisance, Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 28 juillet 1848. BNRJ

⁶⁵⁷Séance générale de la Société Française Bienfaisance, Jornal O Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1842. BNRJ

⁶⁵⁸*Idem*.

diretoria geral. Infelizmente, todo o seu trabalho para chegar até a diretoria da *Société*, seria drasticamente interrompido.

« Sociedade Francesa de Beneficiencia
1849-1850
Presidente Honorario. Cavalheiro de S. Georges,
Presidente. A. Delphin, r. da Direita, 39
Secretario. F. Daguerre, r. d'Alfandega, 34
Tesoureiro. Ed. Castel, r. d'Ourives, 48
Membros. Derrion, r. S. José, 17 (...) »⁶⁵⁹

Em março de 1850, a entidade foi chamada para auxiliar o Império a combater a epidemia. Assim, os seus diretores gerais tinham o dever de trabalhar arduamente para garantir aos compatriotas atingidos toda a assistência necessária. Durante os meses de março e abril, é possível de acompanhar a atuação da *Société* e de seus diretores gerais a partir das notas de jornais. No dia 7 de março, por exemplo, a entidade anuncia que o comitê responsável, dirigido pelo médico dr. Level, « (...) *a ouvert dans la maison de Santé du Sacco d'Alferes, n° 233, une salle où tous les malades recevront gratuitement les secours médicaux* »⁶⁶⁰. Cinco dias depois, o mesmo comitê anuncia uma encenação teatral, organizada pelos artistas da *Compagnie Dramatique Française*, para o dia 14 de março⁶⁶¹, em que toda a renda do espetáculo seria encaminhada para o pagamento de medicamentos. As notas seguintes datam de 23 e 28 de março e em ambas são anunciadas que todos os franceses doentes « *qui ne peuvent se procurer les médicaments qui leur sont ordonnés, que M. Soullié, pharmacien, rue d'Ouvidor n.146, remplira toutes les ordonnances qui lui seront envoyées, portant en tête Société Française de Bienfaisance, et le nom du malade, quel que soit le médecin qui les ait signées* »⁶⁶². Estas notícias portam um evidente tom de preocupação, por parte do presidente e do comitê, em relação aos franceses doentes. Muito provavelmente, o número de compatriotas acometidos pela febre deve ter ultrapassado as expectativas da entidade. Todos os esforços dependidos para auxiliar, uma sala para acolhe-los na casa de saúde Saco dos Alferes e medicamentos, parece não ter sido o suficiente. Até o momento, não foi possível estabelecer o número de franceses mortos e os acometidos pela febre durante a epidemia no Rio em 1850. Entre todos os homens, mulheres e crianças desconhecidos e conhecidos, Michel Derrion, o lionês societário que

⁶⁵⁹*Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo Laemmert. 1850. p.273.

⁶⁶⁰Declarações, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 7 de março de 1850. BNRJ.

⁶⁶¹Publicação a pedido *Société Française de Bienfaisance*, *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 11 mars 1850. BNRJ.

⁶⁶²*Société Française de Bienfaisance*, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 23 et 28 mars 1850. BNRJ.

atravessou o Atlântico, estava entre os mortos. Sua companheira e seu único filho conseguiram sobreviver graças « les soins de l'amitié » dados « par une femme que la traite plutôt em soeur qu'em amie »⁶⁶³. Quanto a *Société Française de Bienfaisance*, após auxiliar no combate a epidemia, teve que reorganizar a sua atuação em meio aquele novo grupo de franceses que se constituiu na Corte.

A febre havia deixado suas marcas em muitas famílias. Por volta de 1851, os diretores gerais e demais sócios de la Société decidiram conceber um Asilo para crianças francesas órfãs e todas as demais cujos os pais não possuíam condição financeiras. A administração seria em parceria com as Irmãs de Caridade de Paris⁶⁶⁴. A ideia de partilhar a ensino das crianças do Asilo com religiosas, oriundas da França, causou uma divergência política interna. Segundo alguns franceses, que tinham confiado seus filhos para serem educados por aquela instituição, a Société não devia permitir que as religiosas se ocupassem das aulas ministradas. Tal embate, causou uma cisão e, em 1856, foi fundada a Sociedade Francesa de Socorros Mútuos⁶⁶⁵ pelos dissidentes. No entanto, não seria apenas a Société Française de Bienfaisance que sofreu transformações naquele desafortunado verão de 1850.

A epidemia de 1850, na cidade do Rio de Janeiro, mostrou alguns dos diversos pontos fracos da atuação política da Monarquia. Entre eles, pode-se citar a falta de políticas sanitárias que alterava drasticamente a saúde dos habitantes. Outro ponto importante, foi a atuação dos médicos durante todo o período em que a febre esteve presente. Após o controle da epidemia, em setembro daquele ano, a Academia de Medicina juntamente com os Ministros e a Câmara municipal passaram a pensar o espaço urbano da cidade de forma a prevenir futuras epidemias. Quer dizer, a ideia de uma medicina social dava os seus primeiros passos para chegar, no início do século XX, a se transformar numa prática higienista que seria apoiada pela República em 1889.

Se o ano de 1850 foi severo com os habitantes do Rio de Janeiro, as Irmandades, para solicitar a proteção de todas as almas, decidiram organizar no mês de abril uma procissão da penitência. Nela, além dos Ministros da Guerra, da Fazenda e da Justiça estarem presentes, o próprio Imperador, em pessoa, juntou-se a todos os habitantes. Segundo Lallemant, a epidemia de 1850 não observou origens e, muito menos, cor da pele. A sua presença, nas palavras do

⁶⁶³Lettre de M. Huger aux éditeurs du *Démocratie Pacifique*, Rio de Janeiro, 24 mars 1850. ANF.

⁶⁶⁴CANELAS, Leticia Gregório. *Franceses 'Quarante-huitards' no Império dos trópicos (1848-1862)*, Dissertação de mestrado em história, São Paulo, Universidade estadual de Campinas, 2007. p.116-131.

⁶⁶⁵*Idem*.

médico alemão, exerceu « (...) o socialismo mais genuíno, (...) sua companheira formidável, a morte, é muito mais eclética, muito mais caprichosa »⁶⁶⁶.

**

⁶⁶⁶LALLEMANT, R. *op. cit.*, p. 38-39.

3.6. Petuante decadência:

Nos primeiros dias de agosto de 1849, a barca francesa *Industriel* – oriunda da cidade do Havre - aportou no cais da Alfandega. Além de passageiros e encomendas de tecidos, alimentos e demais produtos comerciais, ela trazia uma caixa destinada ao sr. Derrion⁶⁶⁷. Alguns meses mais tarde, em dezembro, a galera francesa *Amelie* aportava com mais uma caixa⁶⁶⁸. O conteúdo das duas encomendas em nenhum momento é especificado pelo jornal. No entanto, sabendo que Michel Derrion se comunicava com o bureau de Paris e eles lhe enviavam o material necessário para os cursos, os livros e periódicos para a divulgação, não é difícil de saber o seu conteúdo. As encomendas não deviam ser nada leves, logo, o sr. Derrion precisava de ajuda para retirá-las e levá-las até a rua São José. Será que o professor de música alugou alguma pequena charrete ou, simplesmente, solicitou o trabalho dos escravos de ganho que rondavam o porto? Entre a primeira e a segunda hipótese, é de se acreditar que a charrete tenha sido a sua escolha. Mesmo que ele não tenha deixado nenhum traço escrito acerca da escravidão no Rio de Janeiro, isso não quer dizer que ele era favorável ou que participaria da exploração dos serviços daqueles homens e mulheres.

Da rua em que morava com a família até o cais do porto, Michel Derrion podia escolher no mínimo três caminhos. O primeiro - talvez o menos procurado devido a distância - passava pela rua do Carmo, seguia a rua do Cano e descia até a Alfandega. O segundo - mais rápido - correspondia ao caminho que percorria toda a rua Dom Manoel, passando o Hotel Pharoux e chegando no largo. No entanto, como o verão de 1850 estava sendo injusto com todos os habitantes do Rio de Janeiro, é bem provável que ele tenha escolhido o caminho menos tortuoso, devido ao intenso calor. Assim, ele deve ter preferido descer a rua São José até a Igreja, seguir pela rua da Direita até chegar à praça Dom Pedro II e, depois, rumar em direção à Alfandega. O precioso conteúdo das caixas, que lhe fizera atravessar a cidade em meio à paisagem de fogo do verão de 1849 e 1850, tinha um destino certo: a Escola, as livrarias e tipografias da região urbana da cidade.

No mês seguinte a sua ida até a Alfandega, o Império anunciou a existência de uma epidemia na cidade. A notícia deve ter inquietado Michel Derrion e sua família pois, segundo

⁶⁶⁷*Alfandega*, Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1849. BNRJ

⁶⁶⁸*Importações*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1849. BNRJ.

o comunicado, as regiões em que a doença se desenvolvia com maior rapidez eram o entorno da rua da Misericórdia, São José, Cotovelo e, é claro, o Morro do Castelo⁶⁶⁹. Para agravar um pouco mais a situação, Michel Derrion deve ter sido chamado para participar de uma reunião de emergência na sede do Consulado. O comitê da *Société Française de Bienfaisance* devia discutir, após o pedido de auxílio do Império, as ações a serem realizadas para acompanhar os compatriotas atingidos pela epidemia. Se Michel Derrion fez parte deste grupo, é de se acreditar que aqueles dias de forte calor e pouca chuva, entre os meses de fevereiro e março, não tenham sido nada fáceis para ele. Entre o trabalho, a casa e o comitê, é de supor que ele se tenha se deslocado de uma freguesia a outra com certa frequência. Isso quer dizer que, além de se expor cotidianamente aos « ares insalubres », o lionês exigia muito do seu próprio corpo que, de certa maneira, ainda não estava adaptado aos inconvenientes do calor e da seca excessivos. Ao mesmo tempo que a cidade vivia seu caos, muito discretamente, Michel Derrion começava a sentir o peso dos anos fouriersitas em seus ombros. O Sahy havia fracassado, o projeto de Escola societária caminhava muito lentamente; a venda dos livros sobre a teoria de Fourier era baixíssima e as correspondências trocadas com a França haviam diminuído depois que Victor Considerant foi considerado foragido pelo governo francês. Mesmo tendo Huger e a sua família ao seu lado para manter o tom do discurso de força e encorajamento, algo parecia ter mudado na alma do militante Derrion.

Em janeiro de 1850, um pouco antes de ficar doente, Michel Derrion recebeu a visita do médico francês, Maximilien Lallour, que se encontrava atracado no Rio de Janeiro. Foi o amigo M. Dore que, a bordo do Gasserdi, havia enviado o cirurgião da marinha para conversar com o lionês. A troca de palavras deve ter acontecido na sede da Escola ou na casa de Michel Derrion e o tema abordado foi, certamente, o « *sentiment phalansterien* »⁶⁷⁰ que ambos reconheciam em suas vidas. Na ocasião do encontro, o M. Lallour pediu, então, que Michel Derrion escrevesse uma carta. O cirurgião, aparentemente, garantiu que a mesma seria entregue nas mãos dos *frères* à Paris. A carta possuía um único destinatário, Victor Hennequin, que era o segundo responsável do jornal *La Démocratie Pacifique*. As poucas linhas escritas por Michel Derrion são quase sem vida e não abordam em nenhum momento as atividades do grupo na capital carioca. O único momento que se pode ver um pouco do homem militante, mas muito vagamente, é quando ele termina a correspondência com as palavras « Croyez que nous nous fécondons ici le plus qu'il nous est possible et que nos efforts ne seront pas perdus »⁶⁷¹. Fato

⁶⁶⁹FRANCO, Odair. *História da febre-amarela no Brasil*. Rio de Janeiro: GB, 1969. p.45-52.

⁶⁷⁰Lettre de Michel Derrion à Hennequin, Rio de Janeiro, 16 janvier 1850. ANF.

⁶⁷¹*Idem*.

nada habitual para o homem engajado que passava uma considerável parte de seu tempo a escrever discursos e cartas repletos de dizeres emotivos e contemplativos. O contexto daquele ano, certamente, não era um dos melhores para Michel Derrion. Talvez, fora neste momento que a doença tenha lhe estendido a mão. Mesmo que ele tenha dito a Huger, em seus minutos finais, que acreditava no futuro e em Fourier, seu corpo e sua alma já estavam cansados de tanta luta.

O momento do encontro entre Michel Derrion com a febre ocorreu no final do mês de fevereiro. Se ele adquiriu a doença ao caminhar pelas ruas da região da Misericórdia até o porto, em sua casa ou trabalhando com o comitê da *Société*, que auxiliava os compatriotas atingidos, não se pode afirmar. Tão pouco pode ser saber se ele havia seguido as recomendações de saúde publicadas nos jornais e os conselhos dos médicos do comitê. De toda maneira, ele e Lucie foram afetados quase no mesmo momento e, é de se supor, que ambos adquiriam a doença na ocasião em que se deslocavam, a trabalho, numa das regiões consideradas de risco. Quanto ao único filho do casal, mesmo tendo ficado doente, não se pode afirmar com toda certeza que ele tenha adquirido a febre, pois, o período em que ficou de cama, segundo a descrição de Huger, fora de apenas três dias. Seus pais, contrariamente, lutaram por pouco mais de duas semanas. Acerca do tratamento que Michel e Lucie receberam, é de se acreditar que ambos foram atendidos ou na Santa Casa da Misericórdia, que era o local mais próximo de onde moravam e no qual havia uma sala destinada aos estrangeiros. Entretanto, é de se supor, ainda, que Michel Derrion tenha sido encaminhado para a ala de doentes, que fora disponibilizada pela *Société*, na Casa de Saúde Saco dos Alferes, do outro lado da cidade. Se isso realmente aconteceu, separados pela doença, é quase impossível de se imaginar o desespero que abateu Lucie, após a notícia do falecimento de seu companheiro. A mulher que havia acompanhado, desde 1838, o engajamento de Michel Derrion, deve ter se visto sem rumo ou mesmo paz para continuar naquelas terras. Sem Michel, não havia mais motivos para ficar.

Michel Derrion havia partido. Lucie e o filho deixaram o Rio de Janeiro no dia 22 de outubro de 1850⁶⁷². Com eles estavam os livros e os quadros que Michel Derrion utilizou para ensinar a música e o canto para as crianças e adolescentes na Escola. Huger foi o último a ver Michel Derrion com vida. Ele acompanhou o amigo nas suas horas derradeiras. As palavras que o socialista falansteriano pronunciou, em meio aos delírios causados pela doença, foram para evocar a importância de Victor Considerant, Coignet e a cidade de Lyon em sua vida. Huger,

⁶⁷²*Pessoas despachadas*, Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1850. BNRJ.

como um verdadeiro *frère*, escutou tudo e, quem sabe, para ele, todos aqueles homens citados pelo amigo moribundo não passavam de nomes sem face.

*

3.6.1. Puzzle: algumas peças a mais

« (...) *patience, il faut bien semer avant de recueillir* »⁶⁷³.

A semana de trabalho de Michel Derrion começava no domingo às 8h, na rua São José nº47. Neste endereço ele leciona música vocal « *d'après le méthode de M. Wilhem, fondateur de l'Orphéon*⁶⁷⁴ » na « *classe du collège français* ». As aulas regulares haviam começado, oficialmente, no dia 9 de janeiro de 1848. O número de alunos que frequentavam o seu curso nos domingos é desconhecido. Entretanto, é de se suspeitar que uma boa parte dos estudantes que seguiam o seu curso a esta hora eram de origem francesa. E preciso considerar o fato que nos domingos pela manhã, uma boa parte da sociedade, que era extremamente católica, se dirigia para as Igrejas das freguesias afim de assistir a missa matinal. Para muitos brasileiros, os domingos eram sagrados.

Nas segundas-feiras, seu destino era a sede do Consulado, que ficava na rua do Hospício, nº69, para assistir as reuniões da *Société Française de Bienfaisance* ocorriam entre as 18 horas e 19 horas. Ao atravessar as freguesias de São José e a Candelária, certamente, Michel Derrion via as escravas que vendiam seus quitutes com as crianças agarradas em seus corpos, os imigrantes portugueses na rua da Quitanda, os inúmeros trabalhadores e trabalhadoras, de origens diversas, que subiam e desciam o Morro para a labuta diária e, até mesmo, alguns

⁶⁷³Lettre de Michel Derrion à Victor Considerant, Rio de Janeiro, 31 novembre 1847. ANF.

⁶⁷⁴*Annonce*, Le Nouvelliste, Rio de Janeiro, 18 décembre 1847.: *Annonce*, Le Nouvelliste, 25 décembre 1847.; *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1848. BNRJ.

franceses e brasileiros que pronunciavam algumas palavras na sua língua pela conhecida rua do Ouvidor. Neste trajeto de alguns minutos, onde todos estes personagens cruzavam o seu caminho, será que em nenhum momento lhe despertara qualquer sentimento de injustiça? O homem militante não sentia as palavras do Mestre surgirem em sua mente acerca da ideia da escravidão, seja pela cor da pele ou pelo trabalho? Em meio a tal cotidiano, que lhe permitia discutir as ideias de Fourier e escrever textos e discursos, por que Derrion nunca escreveu sobre tais assuntos nas cartas que enviou para o bureau do *La Démocratie Pacifique* e a Victor Considerant? Por que ele nunca dedicou quaisquer palavras ou proposições, como fizera em Lyon na ocasião da *Révolte de Canuts*, para aqueles inúmeros desafortunados que caminhavam pelas ruas do Rio de Janeiro? Era ele assim tão indiferente?

Michel Derrion não deixou quase vestígios de suas relações com os brasileiros. Isso não quer dizer que ele tenha sido alheio a tudo que vira. Ele, certamente, via as disparidades da sociedade brasileira e as injustiças. No entanto, é preciso lembrar que a sua decisão de vir para o Brasil foi baseada numa postura de engajamento prático da teoria de Fourier. Isso quer dizer que, pouco importava a forma de governo, a religião ou os problemas sociais que o país enfrentava, o objetivo era o de conceber uma sociedade societária. Esta ideia, de não se vincular com políticas ou governos, era bastante recorrente no meio fourierista. Mesmo se Victor Considerant tenha decidido se tornar deputado, em 1849, o seu objetivo era o de possibilitar, a partir de financiamentos públicos, a realização dos ideais falansterianos na França. Do outro lado do Atlântico, mesmo com o Império do Brasil financiando a instalação de uma Colônia Societária, os ideais societários não deviam se entrelaçar com as políticas. Assim, ao se instalar no Rio de Janeiro, Michel Derrion, além de conviver com os problemas estruturais da cidade e com uma sociedade que portava, em si, as reminiscências da antiga Colônia, também teve que aprender a lutar com os fracassos que compuseram uma parte da sua vida de militante. Isso quer dizer que a sua indiferença e/ou o seu silêncio em relação ao Brasil e aos brasileiros, não se tratava de mera insensibilidade. Na verdade, adotar tanto um como outro fora a forma que ele encontrou para se adaptar àquele complexo meio em que vivia e, sem dúvida alguma, fazer com que os seus ideais falansterianos pudessem sobreviver nele e na sociedade. Naquela cidade, ostentar as suas convicções de sua vida seria um ato de resistência. Não é preciso dizer que tal ação, de resistir, exigiam que escolhas fossem feitas. Logo, as linhas que o lionês escrevia para os seus conterrâneos, do outro lado do Atlântico, deviam, sem hesitar, enaltecer os trabalhos realizados em nome do Mestre e do socialismo falansteriano para mostrar o quão cada alma, «

*dans ces mers lointains*⁶⁷⁵ », era devota. Ao Brasil e seu povo, Michel Derrion consagrou muito pouco de suas palavras. Sempre discreto e escrevendo na língua em que nasceu, o ex-diretor falansteriano soube, exatamente, o momento que devia render a sua gratidão:

« *Je ne négligerai dont rien pour que l'année qui commence ne se passe pas sans mettre en rigueur des mesures que nous permettrons de témoigner toute notre gratitude pour le Brésil* »⁶⁷⁶.

As ruas das freguesias da cidade e todas aquelas pessoas podiam não ser o suficiente para despertar as palavras de Michel Derrion. No entanto, isso não quer dizer que os quase 20 minutos de caminhada, feitos da sua casa até o Consulado, fossem momentos desperdiçados ou infrutíferos. Com as reuniões da *Société* começando às 18 horas, nada impedia que o lionês deixasse a sua casa um pouco mais cedo, nas segundas, e aproveitasse aqueles minutos para visitar alguns conterrâneos que moravam e trabalhavam nas ruas da freguesia da Candelária. Talvez, num ato mais engajado, Michel Derrion tenha decidido promover a « *Société de propagande et realisation* »⁶⁷⁷ distribuindo os livros e as brochuras em algumas das tipografias e livrarias da capital. O grupo, concebido em 1846, na ocasião do banquete em homenagem ao aniversário do Mestre, tinha como presidente o sr. Huger. Acerca de sua existência, seu estatuto e seus associados, nada se conhece. A prova de sua existência vem de uma única linha publicada no *L'Echo de l'Industrie*:

« (...), ils se sont constitués en société de propaganda et de réalisation (...) »⁶⁷⁸.

Se os dados mais simples desta Sociedade são desconhecidos, o motivo pelo qual Michel Derrion passou a publicar anúncios, no ano de 1848, fora devidamente esclarecido.

O lionês, certamente, fazia parte do grupo de propaganda e realização. O seu papel devia ser o de divulgar e vender os livros e brochuras da teoria societária, que chegavam depois de 1847, de Paris. Os fourieristas sempre souberam utilizar, muito bem, os jornais para divulgar as suas ideias. Na França e nos Estados Unidos, por exemplo, os falansterianos possuíam os seus próprios jornais. Ali, no Rio de Janeiro, Michel Derrion havia começado a produzir quaisquer « *échantillons, 4 prospectus, catalogues dont j'ai fait imprimer un mille et que je*

⁶⁷⁵Lettre de Michel Derrion à Hennequin, Rio de Janeiro, 16 janvier 1850. ANF.

⁶⁷⁶Lettre de Michel Derrion au Président la Province de Santa Catarina, Sahy, 30 décembre 1844. AHJ

⁶⁷⁷*Variétés*, L'Echo de l'Industrie, Lyon, 22 août, 1846. BML.

⁶⁷⁸*Idem*.

*répands autant que je peux*⁶⁷⁹ » somente no final do ano de 1847. Acerca destas publicações, infelizmente, nenhuma chegou aos arquivos o que impede de saber o teor dos textos, das leituras propostas e, é claro, a língua utilizada para difundir as ideias. Sobre este último ponto, é importante destacar que, pela primeira vez, os anúncios publicados por Michel Derrion passaram a ser em língua portuguesa, o que denota uma certa intenção de chamar a atenção de alguns brasileiros. Quanto à circulação dos tais anúncios⁶⁸⁰, eles se encontravam nas folhas do *Jornal do Comércio* na área destinada aos anúncios gerais e apareceram, geralmente, nos domingos e durante os meses de fevereiro a maio de 1848. No mês de junho, as notas em português perderiam seu espaço para o francês e o anúncio da venda das assinaturas trimestrais do jornal *La Démocratie Pacifique*⁶⁸¹ apareceram. Enquanto este último se encontrava disponível no endereço de « M. Derrion, rua do S. José, n.17 »⁶⁸², aqueles primeiros, os interessados deviam se dirigir à « Derrion, professor, rua São José, n. 17 », aos « Garnier Irmãos, livreiros, rua do Ouvidor, n.67 », a « Bintot, dito, rua do Sabão, n.70 » ou « Teixeira e Comp., dito, rua dos Ourives, n.21 »⁶⁸³. Os custos para manter tais anúncios no *Jornal do Comércio* não deviam ser nada baratos. Segundo o próprio Michel Derrion, numa carta enviada à Victor Considerant:

« Je fais de temps en temps des annonces sur le journal tant cela compte assez cher et report peu jusqu'à présente »⁶⁸⁴.

Isso quer dizer que a venda dos livros e brochuras não era o suficiente para pagar os custos dos anúncios. Certamente, este não retorno, foi a razão que levou Michel Derrion e Huger a desistir dos anúncios no jornal. Mesmo se a tentativa de difundir a teoria de Fourier tenha custado caro e rendido poucos adeptos, Michel Derrion ainda podia contar com as suas caminhadas a cada segunda-feira e, quem sabe, nos encontros ao acaso que pudessem encorajá-lo a dividir suas convicções.

Quando as quartas-feiras chegavam, entre 18 e 19 horas, Michel Derrion voltava para a sala de aula⁶⁸⁵. Talvez, o número de alunos neste dia da semana fosse um pouco mais elevado que os de domingo e, sobretudo, um pouco mais variado em termos de nacionalidade. Nos outros dias, terça, quinta, sexta e sábado, é bem provável que Michel Derrion se dirigisse até a

⁶⁷⁹Lettre de Michel Derrion à Victor Considerant, Rio de Janeiro, 30 novembre 1847. ANF.

⁶⁸⁰*Theoria Societaria*, Jornal O Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 27, 28, 29 février et 9 mai 1848. BNRJ.

⁶⁸¹*La Démocratie Pacifique*, Jornal O Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 6 juin 1848. BNRJ.

⁶⁸²*Theoria Societaria*, Jornal O Comércio do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 27, 28, 29 février et 9 mai 1848. BNRJ.

⁶⁸³*Idem*.

⁶⁸⁴Lettre de Michel Derrion à Victor Considerant, Rio de Janeiro, 30 novembre 1847. ANF.

⁶⁸⁵*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 07 janvier 1848. BNRJ.

uma das salas de consulta⁶⁸⁶, onde o dr. Mure trabalhava, para se ocupar da administração. Um dos gabinetes estava estabelecido no alto do Morro do Castelo « *dans l'endroit le plus aéré (...)*⁶⁸⁷ » e com um « *(...) professeur d'homéopathie est toujours dans cet établissement pour satisfaire de nuit et de jour aux soins que peuvent réclamer les malades*⁶⁸⁸ » e o outro, era a própria sede da Casa de saúde homeopática na rua São José, nº59.

A agenda de trabalho de Michel Derrion era, de uma certa maneira, bastante movimentada. Se foi possível esboçá-la a partir dos poucos documentos encontrados e compreender que seus dias eram repletos de responsabilidades, que se centravam na divulgação, nos estudos para as aulas de música e na administração da Casa de saúde, o mesmo não se pode dizer acerca do tempo dedicado a seu filho e a Lucie. Sobre a presença da família em sua vida, apenas o verbo imaginar pode garantir quaisquer linhas.

Com Lucie, talvez, numa tentativa de criar um momento romântico, é de se imaginar que Michel tenha a acompanhado nas peças de teatro que foram organizadas pela *Société Française de Bienfaisance*. Nestas encenações, além de agradar a sua companheira, é de se acreditar que Michel Derrion também buscasse se fazer presente nas ações do comitê e, porque não, conhecer novas pessoas que, talvez, se interessassem pelos debates societários. Quem sabe ainda, numa manhã de sábado, ele simplesmente se dirigisse até o mercado no Paço, com o filho, só para comprar algumas frutas exóticas e compor o café da manhã da família. De seu filho, que já devia contar doze anos, é de supor que o jovem passasse uma parte do seu tempo com a mãe e, a outra, na Escola assistindo os cursos do sr. Huger. Entre um intervalo e outro, é de se pressupor que Derrion tenha ensinado, ao garoto, quaisquer conceitos oriundos de Fourier. Afinal, era preciso acreditar que o futuro societário pertencia ao seu filho já que, o pai e o Mestre não haviam conseguido realizar o sonho. Já Lucie, ela devia se ocupar da organização da casa, eles não tinham escravos ou empregados. Ela também se consagrava as suas costuras que, de algum modo, podiam render algumas moedas. Se lhe sobrasse tempo, ela acompanharia Michel Derrion até o alto do Morro do Castelo para trabalhar nas consultas homeopáticas. Quanto a Huger, bom, ele era um *frère*.

⁶⁸⁶ *Annonces*, Le Nouveliste, Rio de Janeiro, le 18 décembre 1847. BNRJ

⁶⁸⁷ *Idem*.

⁶⁸⁸ *Ibidem*.

3.7. Michel-Marie Derrion:

La vie dans la ville de Rio de Janeiro lui a apporté un nouvel espoir. Le petit groupe fouriériste de la rue São José et les activités qu'il a menées dans les environs de Morro do Castelo ont ravivé leur engagement. Là, dans les rues de la capitale, il pourrait parler son français sans avoir quelque problème d'incompréhension ; il pouvait correspondre plus facilement avec les frères de Paris et, sans aucun doute, établir de nouveaux contacts qui pourraient, peut-être, l'aider à réaliser les idéaux fouriéristes. Même si le groupe formé par Michel Derrion était très réduit, composé essentiellement de Français, rien ne l'empêchait de travailler dur chaque nouveau jour. De ses relations d'amitié et de travail, il réussit à distribuer ses petites brochures sur la *Théorie sociétaire*, il essaya de concevoir une école pour les garçons et rejoignit même l'élitiste Société Française de Bienfaisance. Cependant, lorsque la Révolution de 1848 éclate en France, Michel Derrion fait tout ce qu'il peut pour aider ses compatriotes et ses frères. Au Brésil, presque tout ce qu'il faisait était lié à sa vieille patrie. Avait-il, alors, en tête un retour proche en France ? Ou était-il mieux de rester au Brésil et devenir la plus importante référence du mouvement dans ce pays ? En réfléchissant, à Rio de Janeiro, il était l'un des plus importants fouriéristes. A Paris, entre les persécutions et les querelles politiques après 1848, il en serait un de plus au sein du groupe. Quoi qu'il en soit, la fatigue de ses journées consacrées aux idéaux est arrivée au moment où le Brésil souffrait d'épidémies.

Dans ce dernier chapitre qui est aussi les derniers moments de Michel Derrion, ses frustrations sont légèrement présentées, ainsi que les limites de l'homme engagé. À la fin, tout ce que nous pouvons savoir, c'est que Michel Derrion pourrait très bien reconnaître les sentiments de phalanstériens et utiliser les beaux mots pour les décrire. Cependant, au cours de ses quatre années à Rio de Janeiro, il n'a jamais parlé des esclaves, les ouvriers de Morro do Castelo, n'a pas établi de rapports avec les Brésiliens et il n'a même pas appris à écrire en portugais. Son sentiment Phalanstérien était-il aussi composé d'une certaine indifférence envers le peuple et le gouvernement brésiliens ou il n'a pas su construire quelques échanges culturels ?

CONCLUSÃO

Michel e Eu: uma conclusão

« Quand un éléphant sent que son heure est arrivée, il s'éloigne du troupeau, mais pas seule, il choisit un compagnon et ils partent ensemble (...) et ils vont ainsi, peut-être des kilomètres et des kilomètres, jusqu'à ce que le moribond décide que c'est le bon endroit de mourir, il fait alors un cercle, car il sait que le moment de mourir est arrivée, il port la mort en lui, mais il a besoin de la situer dans l'espace, (...) il s'agit d'un cercle imaginaire et il est seule à pouvoir entrer dans ce cercle, car la mort est privée (...) à ce moment-là il dit à son compagnon de le laisser, adieu et mille mercis (...) »⁶⁸⁹.

Durante um bom tempo, Michel Derrion caminhou comigo. Os três capítulos escritos nesta tese abordam um pouco desta jornada. A sua vida em Lyon, alguns dos seus poucos rastros na capital francesa, uma memória perdida nas terras do Sahy e outra construída em Lyon e, por último, os traços de algumas relações estabelecidas com um pequeno grupo francês no Rio de Janeiro, foi o que tentamos construir juntos. Neste itinerário, reconstruído quase 163 anos depois da sua morte e a partir de confrontações entre as fontes e as leituras teóricas, o maior desafio foi compreender o limite existente na relação estabelecida entre o biógrafo e o biografado. É claro que a ausência de fontes e os silêncios deixados pelo personagem interferiram diretamente nos caminhos da pesquisa. Acerca destes dilemas, a decisão mais sensata era, além de respeitar os hiatos, o de tentar compor os contextos no qual o personagem se encontrou e criar hipóteses. Como por exemplo, nos capítulos onde as cidades Le Havre e Rio de Janeiro se tornam o centro da narrativa e compõem os possíveis lugares onde Michel Derrion transitou e estabeleceu relações. Todavia, a questão do embate existente entre autor e obra, ou melhor, aquele que observa a vida e o que a viveu, é algo que se constrói num limite entre uma aproximação pessoal entre os dois envolvidos e um afastamento, o olhar científico. Este tema, que já foi abordado por certos pesquisadores, alguns deles já citados na introdução desta tese, como Jacques Le Goff⁶⁹⁰, gera uma perturbação que instiga os caminhos da pesquisa biográfica. Quer dizer, o pesquisador deve aprender a viver num constante confronto entre o lidar com as fontes e a perturbação instigante. No caso da biografia de Michel Derrion, este processo, ou esta relação, se apresentou ao longo de toda a pesquisa. Entretanto, existiram dois momentos distintos que este saber exigiu um pouco mais paciência e atenção de minha parte.

⁶⁸⁹TABUCCHI, Antonio. *Tristano meurt*. Paris: Gallimard, 2009, p.14-15.

⁶⁹⁰LE GOFF, J., *op. cit.*.

O primeiro foi o encontro com o personagem e as suas consequências na pesquisa. O segundo é a sua presença na sociedade carioca entre os anos de 1846 a 1850.

*

A primeira vez que escutei o nome de Michel Derrion foi numa conferência na escola onde eu estudava. Um senhor, memorialista da Colônia do Sahy, havia aceito o convite para narrar a história dos franceses socialistas. De todas as palavras ditas por ele, apenas a narrativa acerca de Derrion me chamou a atenção devido à repetição dos termos « operário lionês e dissidente ». Estas designações, que certamente criaram um imaginário acerca do personagem em minha memória, devia ser desconstruída no instante em que decidi escrever a sua história de vida, uma aproximação pessoal. Assim, para seguir a ideia do afastamento, do olhar científico, foi necessário conhecer um pouco do contexto local onde Michel Derrion nasceu e viveu, sobretudo, em Lyon.

Durante o processo de pesquisa, as fontes e as leituras realizadas auxiliaram a desenhar um pouco do personagem, sua vida pessoal, o meio social, as relações estabelecidas na Croix-Rousse e fora dela, e o motivo que o levou a se engajar nos movimentos saint-simonianos e fourierista. De posse destes dados, foi possível compreender que o lionês dissidente do Sahy, outrora descrito como operário pelas palavras de um memorialista, não era um *Canut* e tão pouco a sua história, na França, era narrada a partir de sua dissidência no Sahy. Na primeira metade do século XX, Michel Derrion havia se tornado a imagem do movimento cooperativista de Lyon devido a sua proposta de *épicerie social*. Duas memórias, duas histórias e um homem. Um confronto que, infelizmente, não foi abordado em todas as páginas da tese. Talvez, um outro momento em que o conceito de memória seja o foco, este debate seja retomado partindo das designações que lhe foram dadas nos dois lados do Atlântico. Um projeto para o futuro. Todavia, mais do que refletir sobre novas perspectivas de pesquisa acerca de sua vida, também é importante de abordar os outros limites.

A primeira parte da tese, consagrada a vida de Michel Derrion em Lyon, na Croix-Rousse, inicia-se a partir do momento em que o personagem se encontra em meio aos movimentos saint-simonianos e fourieristas de Lyon. Isso quer dizer que Michel Derrion já

tinha 28 anos. Os detalhes da sua vida antes destes eventos, que influenciaram as suas decisões futuras, são repletos de silêncios. É claro que existia a possibilidade de encontrá-lo a partir dos outros personagens que se relacionavam com a sua família ou, utilizando a experiência de Alan Corbin com Pinagot⁶⁹¹, reconstruindo detalhadamente o espaço urbano em que ele viveu e todos os demais contextos sociais e políticos possíveis. Entretanto, para esta pesquisa, que foi centrada no engajamento de Michel Derrion influenciou e mudou a sua vida, a escolha foi de iniciar a sua biografia quando ele se encontra no meio das doutrinas em Lyon. Acerca dos anos de sua infância e juventude um outro trabalho poderá ser desenvolvido e, quem sabe, detalhes que passaram despercebidos na sua história de militante poderão ressurgir. Deste momento adormecido de sua vida, uma das questões que sempre me veio à mente, sobretudo quando estive nos arquivos de Lyon, foi a relação de Michel Derrion com a escola e a igreja. Será que ele frequentava a Igreja com a família? Sobre a escola, ela era próxima de sua casa ou ele tinha que caminhar uma distância considerável, percorrer um ou dois bairros até chegar o seu destino? Muitas questões e novos desafios. No contexto pessoal do personagem, até o final da escritura desta tese, eu me coloquei a questão sobre a relação que o lionês estabeleceu com as mulheres que passaram em sua vida. Por exemplo, ele não esteve presente no enterro da sua primeira filha, Silvie, e tão pouco o pagou. A mãe da pequena, da qual Michel Derrion se separou ainda quando estava grávida, morreu sozinha no hospital alguns meses depois de dar a luz. Sendo o único responsável pela criança, o pai, ele se manteve, no entanto, afastado da filha. O que o levou a tomar tal decisão? Ou exemplo, um pouco mais perturbador que este primeiro, é a relação que ele manteve com a sua última companheira e filhos. Aparentemente, eles lhes eram importantes e em todo o seu tempo ao lado deles, Michel Derrion não lhes consagrou uma só palavra. A ausência de dados pessoais de militantes é algo bastante comum, sobretudo quando se aborda homens ordinários da primeira metade do século XIX. No entanto, a doutrina de Charles Fourier e Saint-Simon descreviam o papel da mulher. Então, por que este silêncio? Talvez, algumas destas respostas serão encontradas a partir do momento que um estudo mais aprofundado sobre a presença das mulheres nestes movimentos utópicos seja mais levado a cabo. Para além desta ausência que é presente, um outro detalhe, que passou despercebidos por os demais estudiosos da vida de Michel Derrion, e que me chamou a atenção, foi a relação que mantinha com os operários em sua velha Lyon. Neste outro contexto, em que o lionês abriu uma *épicerie sociale* para propor uma nova forma de comércio, mais justo, e baseado num fundo social, Michel Derrion chegou a processar um ex-funcionário por uma dívida que era

⁶⁹¹CORBIN, Alan, *op. cit.*.

dele. Além deste fato, em suas palavras, muito bem escritas na brochura, o engajado homem que defende toda a família humana, deixa claro que a sua relação com os operários era delicada devido à falta de conhecimento dos trabalhadores. Michel Derrion evidencia que ele era o detentor de uma proposta, de uma ideia, e mesmo que estes homens não compreendessem, ele as realizaria. No entanto, quando se observa a lista de *souscription* da *épicerie*, são estes mesmos desconhecedores que lhe apoiaram e investiram as suas parcas reservas. Aqui, é de se pensar a que ponto Michel Derrion se colocava enquanto transformador da sociedade, se ele mesmo tentou se distinguir dos operários a partir da sua produção e trabalho. Será que ele foi um homem que vivia em confronto com suas ideias ou, simplesmente, um cego devoto das doutrinas? Quem sabe...

Silêncio, ausências, questões pessoais não esclarecidas, conflito de ideias e vida real, tudo isso, que foi narrado no primeiro capítulo desta tese, foi composto a partir da complexa fronteira do aproximar-se e afastar-se. O olhar científico, mesmo que ele tenha se baseado num encontro pessoal da biografa com o biografado, constituiu, de certa forma, a primeira cena do puzzle da vida de Michel-Marie Derrion. Algumas peças ainda faltam e, talvez, sempre faltarão, pois, numa vida, não se precisa guardar tudo.

*

O segundo ponto e talvez o mais difícil de aprender a gerir foi a relação que Michel Derrion estabeleceu com a sociedade brasileira durante seus quase nove anos naquelas terras. Trata-se de um ponto delicado, não porque seja meu país de origem, uma clara relação pessoal que possuo, mas, pela quase indiferença demonstrada frente aos problemas existentes no Brasil.

A imigração para o Brasil de Michel Derrion não foi como as grandes ondas italianas e alemãs no Brasil que se seguiram na segunda metade do século XIX. A sua vinda para o Brasil teve um objetivo e recebeu o apoio do Império para que uma Colônia Industrial se instalasse nas terras do Sahy. O papel de Michel Derrion em todo o processo, aqui deve-se compreender a concepção do primeiro estatuto, a busca de financiamento que começou ainda nos primeiros meses de 1841 e a chegada dos primeiros franceses em dezembro deste mesmo ano, foi um tanto eclipsado. A sua atuação só pode ser realmente notada quando o Dr. Mure e Jamain não

se encontravam mais nas terras do Sahy, em 1844. Isso quer dizer que, durante quase três anos vividos na Colônia francesa, muito pouco pode-se dizer sobre seu cotidiano, suas escolhas, suas relações e até mesmo qual tipo de trabalho exercia. Neste período, os seus rastros só podem ser encontrados quando se permite aos outros personagens contarem as suas próprias histórias. Por exemplo, é a partir das cartas e quaisquer dados deixados pelo *frère* Jamain que se sabe da ausência de Michel Derrion durante os primeiros meses de instalação da Colônia. Nesta mesma perspectiva, é também a partir dos dados fornecidos pelo francês Leclerc que se conhece o local onde o lionês estava instalado com a sua família em 1843, na região do Palmital e junto a outros franceses. Quando ele finalmente entra em cena, no segundo semestre de 1844, seu nome aparece como diretor responsável da Colônia. É a partir deste momento que Michel Derrion passa a se comunicar, com alguma frequência, com os poderes locais para solicitar o reconhecimento de seu trabalho quanto diretor. Se ele tinha esta decisão em mente, a sua persistência durou até o mês de setembro de 1845. Para o Império e a Província, a Colônia francesa já não existia mais desde setembro 1844. No entanto, entre o tempo das solicitações e a decisão do Império, um período de espera, o único indício de seu trabalho na região foi a concepção de um estatuto que regulamentava os valores dos aluguéis das terras e os preços dos produtos vendidos. Do seu trabalho diário, na terra ou na venda de qualquer produto produzido pelos poucos franceses, nada se sabe. Também não se sabe quais foram as relações que ele estabeleceu com os brasileiros que viviam na vila de São Francisco do Sul ou no Sahy. No entanto, na sua última carta enviada ao Presidente da Província, ele diz que o Brasil havia se tornado a sua pátria e a Colônia não devia ser reduzido a simples agricultores, mas a industriais operários franceses.

Já no Rio de Janeiro, vivendo no centro da capital e trabalhando no alto do Morro do Castelo, Michel Derrion viu e conviveu com escravos, trabalhadores de ganho e demais imigrantes. Neste meio, que ele certamente devia falar português, seu tempo ao lado destes tantos outros homens e mulheres ordinários não durou muito. O lionês logo estabeleceu relações com um pequeno grupo de franceses na região da rua de São José e depois com todos os demais que se reuniam na *Société française*. De todo este meio social vivido no Brasil, em suas raras cartas enviadas aos amigos fourieristas da França, não é possível de encontrar uma só referência. O único detalhe que sugere algo é quando ele fala do árduo trabalho de divulgação das ideias societárias. Ao mesmo tempo, se observarmos as relações que ele construiu, praticamente entre os franceses da rua São José e da *Société*, e a forma como ele escolheu difundi-las, em língua francesa, as ideias de Charles Fourier ficariam limitadas a um público específico. Em todo caso, mesmo se o Brasil o acolheu, num contexto de colonização, a relação

que Michel Derrion estabeleceu com esta sociedade é um tanto ambígua. Ou seja, mesmo se ele enaltece as terras brasileiras e o governo, em suas cartas no Sahy, ao chegar no Rio de Janeiro, ele se estabelece num meio francês. Ora, seria ele um homem que vivia a partir de intenções ou a construção de um círculo de compatriotas era uma forma de se manter próximo dos seus e dos ideais que acreditava? Em todo o caso, aqui eu me apoio em suas próprias palavras, Michel Derrion tinha « *un sentiment phalansterien* ».

*

Michel Derrion e eu caminhamos juntos. O momento da separação é inevitável. Porém, em toda esta trajetória, que é repleta de anedotas entre o personagem e eu, o olhar que construí, para tentar me aproximar e me afastar da sua história, permitiu que eu compreendesse a complexa relação que existe entre ser um estrangeiro e as diversas formas que alguns destes homens e mulheres buscaram encontrar para poder viver em outras terras. Nesta experiência, Sanjay Subrahmanyam utilizou o termo « impostor » para se referir aos estrangeiros e suas experiências; Natalie Zemon Davis preferiu a ideia de « evolução do homem nas sociedades »⁶⁹². No caso de Michel Derrion, eu ousou dizer que ele foi um homem fiel aos seus ideais e estrangeiro por um acaso.

⁶⁹²SUBRAHMANYAN, Sanjay. *Comment être un étranger : Goa-Isphn-Venise - XVIe-XVIIIe siècles*. Paris: Alma éditeurs. 2013. DAVIS, N. Z., *op. cit.*, 2014.

BIBLIOGRAFIA

1. Manuscritos - França

1.1 Archives municipales de Lyon

Registres paroissiaux et d'état civil

Acte de naissance de Michel-Marie Derrion, n°503 du 10 germinal an XI

Acte de naissance de Sylvie Derrion, n°1830 du 22/05/1835

Acte de naissance de Lucie Derrion, n°167 du 14/01/1837

Acte de naissance de Léonie Derrion, n°2224 du 21/05/1838

Dossier DERRION, Michel-Marie, Cote 3C 341

Dossier RIVIÈRE, C., Cote AMLI2 46A Pièce 59

Dossier Police Politique I2, Rapport 1831-1832

1.2 Archives départementales du Rhône, Lyon

Recensement de la ville de Lyon (1836)

1.3 Bibliothèque de l'Arsenal (BNF), Paris

Fonds Enfantin

Lettre de Michel Derrion à Enfantin, Lyon, 19/12/1831, Ms.7602

Lettre de Peiffer à Péreire, Lyon, 08/11/1831, Ms.7606

Lettre de Peiffer à Péreire, Lyon, 10/1831, Ms.7606

Lettre de Cognat à Enfantin, Lyon, 06/08/1832, Ms.7602

Lettre de Michel Derrion à Enfantin, Lyon, 27/06/1834, Ms.7626

Lettre de Michel Chevalier à Arlès-Dufour, Ménilmontant, 24/10/1832, tome IV

Lettre de Michel Chevalier à Hoart, Ménilmontant, 28/10/1832, tome IV

Lettre de Michel Chevalier à Arlès-Dufour, Ménilmontant, 04/11/1832, tome IV

Lettre de Michel Chevalier à Cognat, Ménilmontant, 11/1832, tome IV

Lettre de Michel Chevalier à Arlès-Dufour, Ménilmontant, 10/11/1832, tome IV

1.4 Archives nationales, Pierrefitte-sur-Seine

Fonds Charles Fourier et Victor Considerant (1796-1899), Cote 10AS

Lettre de Michel Derrion à Victor Considérant, Rio de Janeiro, 21/10/1847, 10AS/37 - Dossier 7.

Lettre de Michel Derrion à Hannequin, Rio de Janeiro, 16/01/1850, 10AS/37 - Dossier 7.

Vve. Derrion, Paris, 19/02/1851, 10AS/37 - Dossier 7.

Lettre de C. Huger aux rédacteurs de la Démocratie pacifique, 31/03/1850, 10AS/31 - Dossier 5

1.5 Centre d'études, de documentation, d'information et d'actions sociales (CEDIAS)

Dossier Jean Gaumont - CC 283 V8

2. Manuscritos - Brasil

2.1 Associação de Magistrados do Estado (AMAE), Rio de Janeiro

Acte de décès de Michel Derrion, AMAE, Estado Civil, Rio de Janeiro, 12/03/1850, (livre 9).
Disponível: <http://www.genfrancesa.com/>

Acte de décès de Gustave Derrion, AMAE, Estado Civil, Rio de Janeiro, 1846, (livre 7 - parte 2). Disponível: <http://www.genfrancesa.com/>

2.2 Arquivos da Cúria de Joinville

Nascimentos e batismos (1840-1850), São Francisco do Sul.

2.3 Arquivo Municipal de Joinville

Colônia do Sahy, Fundo Carlos Ficker

2.4 Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

Ofícios dos Presidentes da Província (1842-1845)

2.5 Acervo Particular Família Ledoux, São Francisco do Sul.

Falanstério do Sahy, Fundo Aurélio Alves Ledoux

2.6 Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Cartografia

FRAGOSO, João da Rocha. *Mappa architectural da cidade do Rio de Janeiro: parte commercial, Rio de Janeiro*. 1874. 1 planta em 4 seções, col, 142 x 122cm., cada seção 71 x 61.

FRAGOSO, João da Rocha. *Mappa architectural da cidade do Rio de Janeiro: parte commercial. Rio de Janeiro*. Genaro e Guilherme Rodrigues. 1971. 1 mapa em 4 seções, col. facsimil, 142 x 122cm, cada seção 71 x 61cm + 1 folheto(19p.).

RODRIGUZ, Eugenio. *Pianta della citá di. S. Sebastiano di Rio de Janeiro*. [Nápoles, Itália], Real Litografia Militare. 1844. 1 mapa, col., 42 x 64.

GAMA, Carlos José dos Reis; LEAO, Manuel Vieira. *Plano e terreno da cidade do Rio de Janeiro*. 1779.

2.7 Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

Ministério da Justiça e Negócios Interiores (1840 - 1848)

Grupo de Identificação de Fundos Internos - GIFI - (1845-1850) - Mesa do Desembargo do Paço; Ministérios da Agricultura, Indústria e Comércio; Ministério dos Negócios do Reino; Alfândega do Rio de Janeiro (Ministério da Fazenda); Inspetoria Geral de Terras e Colonização. Estrangeiros no Império e naturalização de Estrangeiros - Cote 5F, 5C, 5J, 4H

Série Interior - Estrangeiros, polícia, legitimação e passaportes - Cote IJJ7
 Série Interior - Negócios Provinciais - Cote IJJ9-28, Santa Catarina (1841-1847)
 Série Interior - Negócios Provinciais - Cote IJJ9-28, Rio de Janeiro (1846-1850)
 Série Interior - Nacionalidades - Cote IJJ6 e IA6 153, Santa Catarina e Rio de Janeiro.

3. Documentos Impressos

BOISSER, Gaston. *Saint-Simon*. Paris: Librairie Hachette et Cio. 1892.

BOUDOT, François. « Michel Derrion et le Saint-Simonisme ». In.: *Revue des études coopératives*, janvier-mars, 1955.

BOUGIN, Georges, « L'histoire de la coopération française de Jean Gaumont », In.: *Revue des études coopératives*, 1921.

_____, « Les rapports du préfet et du procureur royal de Lyon sur le Commerce Véridique et Social de Derrion (1836) », In.: *Revue des études coopératives*, janvier-mars, 1924.

BUFFENOIR, Maximilien, « Les Saint-Simoniens à Lyon », In.: *Revue politique littéraire (Revue bleue)*, n°18, septembre, 1909.

_____, « Le Fouriérisme à Lyon ». In.: *Revue d'Histoire de Lyon*. 1913. Disponivel: <http://archive.org/stream/revuedhistoire07unkngoog#page/n454/mode/2up>

CARVALHO, Hippolyte. *Études sur le Brésil au point de vue de l'émigration et du commerce français*. Paris: Garnier frères. 1858.

DERRION, Michel. *Constitution de l'industrie et organisation pacifique du commerce et du travail, ou tentative d'un fabricant de Lyon pour terminer d'une manière définitive la tourmente sociale*. Lyon: Chez Mme Durval Librairie. 1834.

_____. *Manifeste et Statuts de l'Union Industrielle*. Paris: au siège de la Société. 1841.

FESTY, Octave. « Le commerce véridique et social à Lyon et les pouvoirs publics (1836) », In.: *Revue d'histoire de Lyon*, 1909.

FOURIER, Charles M.. *Le nouveau monde amoureux*. Paris: Anthropos. 1967.

_____. *Le Nouveau monde industriel et sociétaire ou invention du procédé d'industrie attrayante et naturelle, distribuée en séries passionnées*. Paris: Bossange père. 1829.

_____. « Théorie de l'unité universelle ». In.: *Œuvres complètes de Charles Fourier*. Paris: Société pour la propagation et la réalisation de la théorie de Charles Fourier, tome deuxième, 1843.

FLOTARD, Eugène. *Le mouvement coopératif à Lyon et dans le midi de la France*. Paris. 1867.

GAUMONT, Jean. *Le commerce Véridique et Social (1835-1838) et son fondateur Michel Marie Derrion*. Amiens: Imprimerie Nouvelle. 1935.

_____. « Les fouriéristes et le mouvement coopératif. Les associations pour la vie à bon marché ». In.: *Revue d'économie politique*. Paris. 1926.

_____. « Les origines de la coopération française : La première coopérative de consommation et les premiers coopérateurs ». In.: *Floréal : l'hebdomadaire illustré du monde du travail*. Paris, n°17, avril. 1921.

_____. *Le mouvement ouvrier d'association et de coopération à Lyon, Monographies Coopératives*. Lyon: Édité par L'Avenir Régional, Société coopérative Fédérale de Fusion. 1921.

_____. *Histoire générale de la coopération en France : Les idées et les faits, les hommes et les œuvres*. Paris: Fédération Nationale des Coopératives de Consommation. 1924.

GODART, Justin. « Les origines de la coopération lyonnaise ». In.: *Revue d'histoire de Lyon*. 1904.

LAMBERT, Paul. « La contribution des penseurs de la langue française à l'essor de la doctrine coopérative ». In.: *Revue des études coopératives*. Paris: XLIIe, n°130, 1962 [1950].

REYNIER, Joseph. *La crise ouvrière. Travail et capital, dédié aux chambres syndicales, Vendu au profit des ouvriers sans travail*, 1879.

_____. *Mémoires - Ancien Tisseur*. Lyon. 1898.

SAINT-SIMON, Claude-Henri de Rouvroy de. *L'industrie ou discussions politiques, morales et philosophiques, dans l'intérêt de tous les hommes livrés à des travaux utiles et indépendants*. Paris. 1817.

_____. *Le système industriel*, 1822.

_____. *Le catéchisme des industriels*. 1823-1824.

4. Journaux

4.1 França

Almanach Social pour l'année 1841.

Disponivel: <http://premierssocialismes.edel.univ-poitiers.fr/document/fd4533-1846/viewer>

Almanach Phalanstérien pour l'année 1852.

Disponivel: <http://premierssocialismes.edel.univ-poitiers.fr/document/fd4533-1846/viewer>

Bulletin phalanstérien (1846-1850), n°3, 15/02/1847

Bulletin phalanstérien (1846-1850), n°5, 20/10/1847

Disponivel: <http://premierssocialismes.edel.univ-poitiers.fr/document/fd303-3/notice>

Démocratie Pacifique, 04/05/1847

Démocratie Pacifique, 19/07/1847

Disponivel: <https://archive.org/>

Correspondance Harmonienne, 01/10/1837

Correspondance Harmonienne, 01/09/1837

Correspondance Harmonienne, 05/12/1837

Correspondance Harmonienne, 01/04/1838 et supplément.

Correspondance Harmonienne, 02/02/1840

Bibliothèque National de France

Correspondance Phalanstérienne, 1843

Bibliothèque National de France

Journal populaire de la science sociale, 1839-1841 et 1843-1844
Bibliothèque National de France

L'Indicateur, 20/12/1834
L'Indicateur, 28/12/1834
L'Indicateur, 04/01/1835
L'Indicateur, 11/01/1835
L'Indicateur, 18/01/1835
L'Indicateur, 25/01/1835
L'Indicateur, 15/02/1835
L'Indicateur, 22/02/1835
L'Indicateur, 15/03/1835
L'Indicateur, 12/04/1835
Disponivel: <http://numelyo.bm-lyon.fr/>

La Phalange : Journal de la science sociale : politique, industrie, sciences, art et littérature (1836-1849)
Disponivel: <http://gallica.bnf.fr/>

La Tribune Prolétaire, 26/04/1833
Disponivel: <http://numelyo.bm-lyon.fr/>

L'Écho de la Fabrique (1831-1835), 23/02/1834
Disponivel: <http://echo-fabrique.ens-lyon.fr/index.php>

L'Écho de l'Industrie, 22/08/1846
Disponivel: <http://numelyo.bm-lyon.fr/>

Le Nouveau Monde, 15/07/1839
Le Nouveau Monde, 11/09/1839
Le Nouveau Monde, 21/03/1840
Le Nouveau Monde, 01/06/1841
Le Nouveau Monde, 01/10/1841
Le Nouveau Monde, 01/07/1843
Le Nouveau Monde, 01/02/1843

Bibliothèque National de France.
Le Précurseur, 16/04/1831
Le Précurseur, 29/04/1831
Le Précurseur, 06/05/1831
Le Précurseur, 9, 10, 22/05/1831
Le Précurseur, 31/10/1831
Disponivel: <http://numelyo.bm-lyon.fr/>

4.2 Brasil

Almanak Laemmert 1850
Disponivel: <http://www-apps.crl.edu/brazil/almanak>

Diário do Rio de Janeiro, 23/12/1841

Diário do Rio de Janeiro, 02/03/1842
 Diário do Rio de Janeiro, 09/03/1843
 Diário do Rio de Janeiro, 07/01/1848
 Diário do Rio de Janeiro, 23/10/1850
 Disponível: <https://www.bn.br/>

Gazeta Oficial do Império do Brasil, 20 de maio de 1847
 Disponível: <https://www.bn.br/>

Jornal do Comércio Rio de Janeiro, 17/12/1840
 Jornal do Comércio Rio de Janeiro, 27/03/1841
 Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 10/04/1841
 Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 03/11/1841
 Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 28/11/1841
 Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 29/11/1841
 Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 11/12/1841
 Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 16/12/1841
 Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 21/12/1841
 Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 21/12/1841
 Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 24/12/1841
 Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 31/12/1841
 Fonte: Microfilme PR SPR 1 (18) (19), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Le Nouvelliste, 25/12/1847
 Le Nouvelliste, 22/01/1848
 Disponível: <https://www.bn.br/>

Sciencia, 17/06/1848
 Sciencia, 24/06/1847
 Disponível: <https://www.bn.br/>

5. Publicações

ABRAMSON, Pierre-Luc, « Michel Derrion ». In.: *Charles Fourier : Le site de l'Association d'études fouriéristes et des Cahiers Charles Fourier*, 2010.

AGULHON, Maurice. *Marianne au combat : l'imagerie et la symbolique républicaines 1789-1880*. Paris: Flammarion. 1979.

ALENCASTRO, Luiz Felipe (coord.). *Historia da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, vol.2. 1997.

ATTIAS-DONFUT, Claudine; DAVEAU, Philippe. « Autour du mot Génération ». In.: *Recherche et Formation*. n°45. 2004.

BARRE, Josette. *La colline de la Croix-Rousse: Histoire et géographie urbaines*. Lyon: Éditions lyonnaises d'Art et Histoire. 1993.

BAYON, Denis. *Le commerce véridique et social de Michel-Marie Derrion, Lyon 1835-1838*. Lyon: Atelier de création libertaire. 2002.

BEECHER, Jonathan. *Fourier: Le visionnaire et son monde*. Paris: Fayard. 1993.

BENJAMIN, Walter. *Œuvres I*. Paris: Gallimard, 2000.

BERTHO-LAVENIR, Catherine, « La biographie en histoire culturelle ». In.: *Globe : revue internationale d'études québécoises*, vol. 15, n°1-2. 2012.

BEZUCHA, Robert. *The Lyon Uprising of 1834: Social and Political Conflict in the Early July Monarchy*. Harvard University Press. 1974

BLOCH, Marc, « Plans parcellaires, document d'histoire ». In.: *Annales d'histoire économique et social*, 1929.

BOITEUX, Henrique. « O Falanstério do Saí ». In.: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, vol. XII, 1º semestre 1944.

BOURDIEU, Pierre. « L'illusion biographique ». In.: *Actes de la recherche en sciences sociales*. vol. 62-63, juin 1986.

BOISSIER, Gaston, Saint-Simon, Paris, Librairie Hachette et Cio, 1892.

BRUHAT, Jean. *Histoire du mouvement ouvrier français*. Tome I : Des origines à la révolte des Canuts. Paris: Éditions sociales. 1952.

BRZOZWSKI, Jerzy. *Rêve exotique. Images du Brésil dans la littérature française, 1822-1888*. Cracovie: Abrys. 2001.

CANDIDO, Antônio. *Um funcionário na monarquia: Ensaio sobre o segundo escalão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2007.

CARPENTIER, Jean; LEBRUN, François (dir.). *Histoire de France*. Paris: Editions du Seuil. 2000.

CORBIN, Alain. *Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot : Sur les traces d'un inconnu (1798-1876)*. Paris: Champs Histoire. 2008.

COSSART, Brice, « Global lives: Whriting Global History with biographal approach ». In.: *Entremons*, UPF Journal of World History. Barcelona: Universita Pompeu Fabra. n.5, 2013.

CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da cidade*. São Paulo: José Olympio. 1949.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da, *Álbum Cartográfico (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1971.

CUNHA, Rogério Pereira da. *Juízes, policiais e administradores: elites locais, juiz municipal e centralização provincial na formação do Estado no Brasil - São Francisco do Sul, província de Santa Catarina (1832-1850)*. Curitiba, Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, 2011.

DEBAT-CANTON, Jacques. *Un homme d'affaires lyonnais : Arlès-Dufour (1797-1872)*. Lyon, thèse de doctorat, Université Lumière Lyon 2, 2000.

DEL-PRIORE, Mary. « Biografia: quando o indivíduo encontra a história ». In.: *Topoi*, vol. 10, n°19, jul-dez. 2009.

DESANTI, Dominique. *Les socialistes de l'utopie*. Paris: Payot. 1971.

DESROCHE, Henri. *La société festive: du fouriérisme écrit au fouriérisme pratiqué*. Paris: Seuil. 1975.

DOSSE, François. *Le pari biographique. Écrire une vie*. Paris: La Découverte. 2005.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*. Brasília: Senado Federal. 2000.

ELEY, Geoff. *A Crooked Line: From Cultural History to the History of Society*. Ann Arbor: University of Michigan Press. 2005.

ESPADA, Henrique. *A Micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

EXPILLY, Charles. *Le Brésil tel qu'il est*. Paris: Chalmieu et Huillery. 1863.

FERREIRA, Roberto Guedes. *Na pia batismal: Família e Compadrio entre escravos na freguesia de São José do Rio de Janeiro (primeira metade do século XIX)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade federal Fluminense, Niterói, 2000.

FICKER, Carlos. *História de Joinville: Subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*, 1965.

FINDLEY, Eleide Abril Gordon. « O litígio judicial em terras no nordeste de Santa Catarina no século XIX : O processo cominatório e embargo a primeira ». In.: CHAMBOULEYRON, Rafael; ARENZ, Karl-Heinz (dir.). *Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Terra e império: os direitos de propriedade na América portuguesa em perspectiva comparada*. Belém: Editora Açaí, vol. 2, 2014.

FRANCA, Jean Marcel Carvalho (dir.). *Visões do Rio de Janeiro Colonial*. Rio de Janeiro: EDUERJ/José Olympio. 1999.

FROBERT, Ludovic (dir.). *L'Écho de la Fabrique: Naissance de la presse ouvrière à Lyon*. Lyon: ENS Éditions, Institut d'histoire du livre. 2007.

_____. *Les canuts, ou la démocratie turbulente, Lyon 1831-1834*. Tallandier, 2009.

_____. « Vivre en travaillant ou mourir en combattant - Les révoltes des canuts (1831, 1834) ». In.: *Histoire des mouvements sociaux en France, de 1814 à nos jours*. La Découverte, 2014.

GALLO, Ivone C. D.. *A aurora do socialismo: Fourierismo e o Falanstério do Saí (1839-1850)*. São Paulo: Tese de Doutorado, UNICAMP, 2002.

GAMES, Alison. « Teaching Atlantic history ». In.: *Itinerario*, 23-2, 1999.

GINZBURG, Carlo. *Le fromage et les vers: l'univers d'un meunier du XVI^e siècle*. Traduit par Monique Aymard. Paris: Aubier, 2009.

PETRE-GRENOUILLEAU, Olivier. *Saint-Simon: l'utopie ou la raison en actes*. Paris: Payot & Rivages. 2001.

GRIBAUDI, Maurizio. *Paris, Ville ouvrière - Une histoire occultée 1789-1848*. Paris: la Découverte. 2014.

GRUZINKI, Serge. *Histoire de Mexico*. Paris: Fayard. 1996.

GUTLER, Antônio Carlos. *A Colonização do Saí (1842-1844). Esperança de Falansterianos expectativa de um governo*. Florianópolis, Dissertação de Mestrado em História, UFSC, 1994.
_____. *Derrion no Brasil: As colônias do Saí e do Palmital*, 2002.

IRIYE, Akira. « Réflexions sur l'histoire globale et transnationale ». In.: *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique*, n°121, 2013.

ISABELLE, Asène. *Emigração e Colonização (1850)*. Rio de Janeiro: Ed. Souza. 1950.

JABLONKA, Ivan. *Les vérités inavouables de Jean Genet*. Paris: Éditions du Seuil. 2014.

JEANMICHEL, Lucien. *Arlès-Dufour: Un Saint-Simonien à Lyon*. Lyon: Éd. Lyonnaises d'Art et d'Histoire, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O Preço da Leitura: Leis e Números Por Detrás das Letras*. São Paulo: Editora Ática. 2000.

LEQUIN, Yves. *Les ouvriers de la région lyonnaise (1848-1914)*. Presses Universitaires de Lyon, 1977.

LE GOFF, Jacques. « Comment écrire une biographie aujourd'hui ? ». In.: *Le Débat*, n°54, mars-avril, 1989.
_____. *Saint Louis*. Paris: Gallimard. 2013.

LEVI, Giovanni. « Les usages de la biographie ». In.: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*. 44^e année, n°6. 1989.
_____. *Le pouvoir au village. Histoire d'un exorcisme dans le Piémont du XVII^e siècle*. Paris: Gallimard. 1989.

LEAO, Andréa Borges. *Brasil em Imaginação – livros, impressos e leituras infantis (1890 a 1915)*, Tese de doutorado, USP, 2002.

LORIGA, Sabrina. *Le petit X : de la biographie à l'histoire*. Paris: Éditions du Seuil. 2010.

MACEDO, Joaquim Manuel. *Memórias da rua do Ouvidor*. Brasília: Ed. UNB. 1988.

MAUPEAU, Emmanuele Carvalheira. *Louis-Léger Vauthier: un ingénieur fouriériste entre France et Brésil. Histoire et mémoire*. Thèse de doctorat, Université de Toulouse, 2015.

MAURO, Frédéric. *La vie quotidienne au Brésil au temps de Pedro Segundo*. Paris: Hachette, 1980.

MERCKLE, Pierre. *Le socialisme, l'utopie ou la science ? La « science sociale » de Charles Fourier et les expérimentations sociales de l'École sociétaire au XIXe siècle*, Lyon, Thèse doctoral, Université Lyon 2, Faculté d'Anthropologie et de sociologie, 2001.

MOISSONNIER, Maurice. *Les Canuts*. Paris: Ed. Sociales Messidor. 1988.

MOLLIER, Jean-Yves. *L'argent et les Lettres – Histoire du Capitalisme. D'édition 1880 – 1920*. Librairie Arthème Fayard. 1988.

MORAES, Fernando. *Chatô: O rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras. 1994.

MUSSO, Pierre. « La distinction saint-simonienne entre réseaux "matériels" et "spirituels" ». In.: *Quaderni*, n°39, Automne 1999.

NASCIMENTO, Antonio R., « Os franceses em Santa Catarina ». In.: *Blumenau em Cadernos*. n°1, janeiro de 1992.

NORA, Pierre (dir.). *Les Lieux de mémoire - Tome I: La République*. Paris: Gallimard. 1984.

OLIVEIRA, Ricardo Costa. « “Homens Bons” da Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco: Uma “Elite Senhorial” do Brasil Meridional nos séculos XVIII e XIX ». In.: *Revista do Arquivo Histórico de Joinville*, vol. 1, n°1, 2007.

OSORIO, Ligia. « Propaganda e realidade: a imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX ». In.: *Revista Theomai*, n°3, 2001.

OSTERHAMMEL, Jürgen. *The transformation of the word: A global history of the nineteenth century*. Princeton: Princeton University Press. 2014.

PASSERON, Jean-Claude. « Biographies, flux, itinéraires, trajectoires ». In.: *Revue française de sociologie*, XXXI, 1990.

PENNETIER, Claude (dir.). *La part des hommes*. Éditions de l'Atelier.

PEREIRA, Renata de Faria. *A transformação da paisagem da Rua do Ouvidor (1874-1988)*, Dissertação de Mestrado, Bahia, UFBA, 1988.

PERRET, Raphaël. *Les ouvriers ne seront plus des oranges outangs : paroles ouvrières de Canuts*, Clermont-Ferrand, Editions CNT-RP, 2015.

PETITFILS, Jean-Christian. *Les socialistes utopiques*. Presses Universitaires de France, 1977.

PERROT, Michelle. *Mélancolie ouvrière*. Paris: Editions Grasset & Fasquelle, 2012.

PIKETTI, Guillaume. « La biographie comme genre historique? Étude de cas ». In.: *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. n°63, juillet-septembre 1999.

POTELET, Jeanine. *Le Brésil vu par les voyageurs français, 1816-1840 : témoignages et images*. Paris: L'Harmattan. 1993.

RANCIERE, Jacques; FAURE, Alain. *La parole ouvrière*. La Fabrique, 2007.

RANCIERE, Jacques. *La nuit des prolétaires. Archives du rêve ouvrier*, Paris: Pluriel. 2012.

REIS, João José. *Domingos Sodré um sacerdote africano - Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. Rio de Janeiro: Cia das Letras. 2008.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos; CARVALHO, Marcus Joaquim. *O alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro (1822-1853)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

REVIRON, Floriane, « Orlando de Virginia Woolf : une réponse à Eminent Victorians ? ». In.: REGARD, Frédéric (dir.). *La biographie littéraire en Angleterre (XVIIe-XXe siècle)*, Saint-Étienne. 1999.

RICOEUR, Paul. « L'idéologie et l'utopie : deux expressions de l'imaginaire social ». In.: _____. *Du texte à action. Essais d'herméneutique II*. Paris: Seuil. 1986.

RODRIGUES, José Honório. *Os franceses residentes no Rio de Janeiro (1808-1820)*. Rio de Janeiro. 1960.

RUDE, Fernand. *Les Révoltes des canuts, 1831-1834*. Paris: Maspero. 1982.

SANTOS, Claudia Andrade dos. *Les voyageurs et les débats autour de la fin l'esclavage au Brésil (1850-1899)*, Thèse de doctorat, Paris IV–Sorbonne, 1999.

SAUNIER, Pierre-Yves. *L'esprit lyonnais : XIXe-XXe siècle : genèse d'une représentation sociale*. CNRS. 1995.

SARCEY-RIOT, Michèle. *Le réel de l'utopie. Essai sur le politique au XIXème siècle*. Paris: Albin Michel. 1998.

_____, « Histoire et autobiographie : Le Vrai Livre des femmes d'Eugénie Niboyet ». In.: *Romantisme: Images de soi - autobiographie et autoportrait au XIXème siècle*. n°56. 1987.

SHERIDAN, George. « Esprit de quartier et formes de solidarité dans les mouvements sociaux et politiques des ouvriers en soie de Lyon, 1830-1880 ». In.: *Monde Alpin et Rhodanien*. avril-septembre. 1991.

_____. *The Social and Economic Foundations of Association among the Silk Weavers of Lyon, 1852-1870*. New York: Arno Press. 1981.

SCHWARCZ, Lilian M.; STARLING, Heloísa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

SCHWOB, Marcel. *Vies imaginaires*. 2011 [1896].

S-THIAGO, Raquel. *Fourier: esperança e utopia na península do Saí*. Blumenau: ed. FURB.1995.

SUBRAHMANYAN, Sanjay. *Comment être un étranger. Goa, Ispahan, Venise (XVIe-XVIIIe siècle)*. Paris: Alma éditeur. 2013.

_____. *Vasco de Gama, légende et tribulations du vice-roi des Indes*. Trad. Myrian Dennehy. Paris: Éditions Alma. 2012.

TABUCCHI, Antonio. *Tristano meurt*. Paris: Gallimard. 2004.

TRIVELATTO, Francesca. *The Familiarity of Strangers: The Sephardic Diaspora, Livorno, and Cross-cultural Trade in the Early Modern Period*. Yale University Press. 2009.

TOUSSAINT, Adèle. *Une Parisienne au Brésil*. Paris: Paul Ollendorff éditeur. 1883.

VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (dir.). *Les Français au Brésil (XIXe-XXe siècles)*. Paris: Rivages des Xantons. 2011.

VIDAL, Laurent; MUSSET, Alain; VIDAL, Dominique. « Sociétés, mobilités, déplacements : les territoires de l'attente. : Le cas des mondes américains (d'hier à aujourd'hui) ». In.: *Confins - Revue franco-brésilienne de géographie*, 2011

VIDAL, Laurent. *Ils ont rêvé d'un autre monde*. Paris: Flammarion. 2014.

VIDAL, Cécile. « Pour une histoire globale du monde atlantique ou des histoires connectées dans et au-delà du monde atlantique ». In.: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 67e année, 2012/2.

VIDALENC, Jean. « Les techniques de la propagande saint-simonienne à la fin de 1831 ». In.: *Archives de sociologies des religions*, n°10, 1960.

VIEIRA, Gleidson. *Os referenciais filosóficos de Educação a partir de Saint-Simon e do Movimento Saint-Simon*. Blumenau, Dissertação de Mestrado, FURB, 2010.

VILLERBU, Tangi. « Une histoire culturelle du missionnaire : Julien Moulin, du diocèse de Rennes au Nord-Ouest canadien, 1830-1878 ». In.: *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*. n°114-3. 2007.

WOLIKOW, Serge (dir.). *Écrire des vies. Biographie et mouvement ouvrier, XIXe-XXe siècles*, Dijon: Éditions universitaires de Dijon. 1994.

YOURCEMAR, Marguerite. *Archives du Nord*. Paris: Gallimard. 1977.

ZEMMON DAVIS, Natalie. *Women on the Margins: Three Seventeenth-Century Lives*. Cambridge (MA): Harvard University Press. 1995.

_____. *The Return of Martin Guerre*. Cambridge (MA): Harvard University Press. 1983.

_____. *Léon l'Africain : un voyageur entre deux mondes*. Paris: Payot & Rivages. 2014.

6. Internet

Falas do presidente da província de Santa Catarina, Cidade do Desterro (1842-1844)

Disponível: <http://www.crl.edu/brazil/provincial>

Atas do Conselho de Estado do Brasil Império, Terceiro Conselho de Estado (1842-1850)

Disponível: http://www.senado.gov.br/publicacoes/anais/asp/AT_AtasDoConselhoDeEstado.asp

Anais do Império (1840-1850)

Disponível: http://www.senado.gov.br/publicacoes/anais/asp/IP_AnaisImperio.asp

Coleção das Leis do Império do Brasil (1830-1850), Biblioteca da Câmara dos deputados, Tomo IV, parte I, 1842. Disponível: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio>